

DEUS GOVERNA OS POVOS

(O segundo discurso de Moisés — continuação)

Os Caminhos de Deus para com as Nações

"Quando o SENHOR, teu Deus, te tiver introduzido na terra, a qual passas a possuir, e tiver lançado fora muitas nações de diante de ti [...] sete nações mais numerosas e mais poderosas do que tu; o SENHOR, teu Deus, as tiver dado diante de ti, para as ferir, totalmente as destruirás; não farás com elas concerto, nem terás piedade delas."

Ao ler o relato dos atos de Deus com as nações, em ligação com o Seu povo Israel, vêm-nos à memória as primeiras palavras do Salmo 101. "Cantarei a misericórdia e o juízo." Vemos a manifestação da misericórdia para com o Seu povo, em cumprimento do Seu concerto com Abraão, Isaque e Jacó; e vemos também a execução do juízo sobre as nações, em consequência dos seus caminhos pecaminosos. No primeiro caso vemos a soberania divina, no último a justiça divina; em ambos resplandece a glória divina. Todos os caminhos de Deus, quer em misericórdia, quer em juízo, falam em louvores e provocam a homenagem do Seu povo para sempre. "Grandes e maravilhosas são as tuas obras, Senhor, Deus Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos ⁽¹⁾. Quem te não temerá, ó Senhor, e não magnificará o teu nome? Porque só tu és santo; por isso, todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus juízos são manifestos" (Ap 15:3-4).

⁽¹⁾ Muitas versões reproduzem "nações". Cristo nunca é chamado "Rei dos santos".

Este é o verdadeiro espírito em que devem contemplar-se os atos do governo de Deus. Algumas pessoas, deixando-se influenciar por mórbidos sentimentos e falso sentimentalismo, em vez de um juízo esclarecido, encontram dificuldades quanto às instruções dadas a Israel a respeito dos cananeus, no começo do nosso capítulo. Afigura-se-lhes inconsistente com um Ser benevolente ordenar ao Seu povo que fira os seus semelhantes e não lhes mostre misericórdia. Não podem compreender como um Deus misericordioso pôde mandar o Seu povo matar mulheres e crianças à ponta da espada.

É bem claro que tais pessoas não podem adotar a linguagem do Apocalipse 15:3-4. Não estão preparadas para dizer: "Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos santos." Não podem justificar Deus em *todos* os Seus caminhos; antes, pelo contrário, sentam-se para O julgar. Atrevem-se a medir os atos do governo

divino pelo padrão dos seus próprios pensamentos frívolos—e esquadriñar o infinito pelo finito. Em suma, medem Deus por si mesmos.

Isto é um erro fatal. Nós não somos competentes para formar um juízo sobre os caminhos de Deus, e por isso é o cúmulo da presunção em pobres mortais ignorantes e curtos de vista tentarem fazê-lo. Lemos no sétimo capítulo de Lucas que "A sabedoria é justificada por *todos* os seus filhos". Lembremos isto, e imponha- mos silêncio a todos os nossos argumentos pecaminosos. "Seja Deus verdadeiro, e todo homem mentiroso, como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras e venças quando fores julgado" (Rm 3:4).

O leitor sente-se perturbado com dificuldades a este respeito? Se assim é, queremos citar uma passagem que poderá auxiliá-lo muito: "Louvai ao SENHOR, porque ele é bom; porque a sua benignidade é para sempre. [...] *Que feriu o Egito nos seus primogênitos*; porque a sua benignidade é para sempre. E tirou a Israel do meio deles; porque a sua benignidade é para sempre. Com mão forte, e com braço estendido; porque a sua benignidade é para sempre. Aquele que dividiu o mar Vermelho em duas partes; porque a sua benignidade é para sempre. E fez passar Israel pelo meio dele; porque a sua benignidade é para sempre. Mas *derribou a Faraó com o seu exército* no mar Vermelho; porque a sua benignidade é para sempre. [...]

Aquele que *feriu os grandes reis*; porque a sua benignidade é para sempre. [...] Sehon, rei dos amorreus; porque a sua benignidade é para sempre [...] E O que, rei de Basã; porque a sua benignidade é para sempre. E deu a terra deles em herança; porque a sua benignidade é para sempre. Sim, em herança a Israel, seu servo; porque a sua benignidade é para sempre" (SI 136).

Aqui vemos que ferir os primogênitos do Egito, e a libertação de Israel; a passagem pelo Mar Vermelho e a destruição do exército do Faraó; a matança dos cananeus e a dádiva das suas terras a Israel; tudo demonstra da mesma maneira a misericórdia eterna do Senhor (1). Assim foi; assim é; e assim será. Tudo há de redundar para glória de Deus. Lembremos isto, e lancemos ao vento todo o nosso néscio raciocínio e os nossos ignorantes argumentos. E nosso privilégio justificar Deus em todos os Seus caminhos, curvar as nossas cabeças em santa adoração em face dos Seus inescrutáveis juízos e descansar em calma certeza de que todos os caminhos de Deus são retos. Não os compreendemos todos; isso seria impossível. O finito não pode compreender o infinito. É nisto que muitos erram. Discutem os atos do governo de Deus, sem considerar que esses atos estão muito além da razão humana, assim como o Criador está além da criatura. Qual a mente humana que poderá desvendar os profundos mistérios da divina providência? Poderemos explicar o fato por que uma cidade povoada de seres humanos, homens, mulheres e crianças fica, numa hora, sepultada debaixo de uma corrente de lava incandescente«?- Absolutamente impossível; e, contudo, isto é apenas um fato

entre milhares que estão registrados nas páginas da história humana, todas elas fora do alcance das maiores inteligências. Ide pelas vielas, pelos becos, travessas e pátios das nossas cidades e vilas; vede os milhares de seres humanos que se amontoam nesses lugares, vivendo em sórdida miséria, pobreza, desgraça e degradação moral. Podemos nós explicar tudo isto? Podemos dizer qual a razão por que Deus o permite? Somos convidados a fazê-lo? Não é perfeitamente claro que não nos pertence discutir tais questões? E se nós, em nossa ignorância e estúpida idiotice, nos dispomos a argumentar e a especular acerca dos inescrutáveis mistérios da administração divina, que podemos esperar senão completa confusão ou positiva infidelidade?

(1) Muitíssimos cristãos encontram dificuldades em interpretar e aplicar a linguagem de uma grande parte dos Salmos que falam do juízo sobre os ímpios. Uma tal linguagem é, evidentemente, imprópria dos crentes no tempo presente, visto que temos de amar os nossos inimigos, fazer bem aos que nos odeiam, e orar por aqueles que nos maltratam e perseguem.

Porém, devemos recordar que o que é completamente impróprio para a Igreja de Deus, um povo celestial, sob a graça, era e será ainda muito próprio para Israel, um povo terrestre sob o governo. Nenhum crente inteligente poderá pensar nem por um momento em pedir vingança sobre os seus inimigos ou sobre os ímpios. Seria uma grosseira atitude. Somos chamados para ser os expoentes da graça de Deus para o mundo — a andar nas pisadas do manso e humilde Jesus — a sofrer pela justiça, a não resistir ao mal. Deus está atuando agora em longânima misericórdia com o mundo. "Faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos" (Mt 5:45). Isto deve ser o nosso modelo. Devemos ser "perfeitos, como é perfeito nosso Pai celestial". Para um cristão tratar com o mundo sobre o princípio de justiça e juízo, seria não compreender o Seu Pai celestial e deturpar a sua profissão de fé.

Porém, dentro em pouco, quando a Igreja tiver deixado esta cena, Deus tratará com o mundo em justiça; julgará as nações pela maneira como trataram o Seu povo, Israel.

Não vamos citar passagens, mas apenas chamar a atenção do leitor para este princípio, a fim de que ele possa compreender a última aplicação dos salmos proféticos.

Não Deve Haver Misericórdia para com os Cananeus, nem Pacto com Eles

A precedente linha de pensamentos habilitará o leitor a compreender as primeiras linhas do nosso capítulo. Os cananeus não podiam receber misericórdia às mãos de Israel. As suas iniquidades haviam chegado ao ponto culminante, e nada restava senão a inflexível execução do juízo divino. "Totalmente as destruirás; não farás com elas concerto, nem terás piedade delas; nem te aparentarás com elas; não darás as tuas filhas a seus filhos e não tomarás suas filhas para teus filhos; pois fariam desviar teus filhos de mim, para que servissem a outros deuses; e a ira do SENHOR se acenderia contra vós e depressa vos consumiria. Porém assim lhes fareis: Derrubareis os seus altares, quebrareis as suas estátuas cortareis os seus bosques e queimareis a fogo as suas imagens de escultura" (versículos 2 a 5).

Tais foram as instruções dadas pelo Senhor ao Seu povo. Eram claras e explícitas. Não devia haver misericórdia para os cananeus, não podiam fazer concerto com eles, nem unirem-se a eles, nem ter relações de qualquer espécie, mas implacável juízo, intensa separação.

Sabemos, infelizmente, como Israel falhou tão depressa em cumprir tais instruções. Apenas haviam posto os pés na terra de Canaã e já tinham feito um pacto com os gibeonitas. Até mesmo o próprio Josué caiu na cilada. Os vestidos esfarrapados e o pão bolorento desses matreiros iludiram os príncipes da congregação e deram ocasião a que eles atuassem de um modo contrário ao claro mandamento de Deus. Tivessem eles sido guiados pela autoridade da Palavra de Deus e não teriam caído no grave erro de fazer uma aliança com a gente que deviam ter exterminado completamente. Mas eles julgaram segundo a vista de seus olhos e tiveram que sofrer as conseqüências ⁽¹⁾.

(1) E, ao mesmo tempo, instrutivo e uma boa advertência, ver que os vestidos, o pão bolorento, e as palavras plausíveis dos gibeonitas fizeram o que os muros de Jericó não puderam fazer. Os *ardis* de Satanás são mais para temer do que o seu *poder*: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo." Quanto mais atentamente consideramos as diversas partes de toda a armadura de Deus, tanto mais claramente as vemos agrupadas sob estes dois princípios, obediência e dependência. A alma que é realmente governada pela autoridade da Palavra e está em completa dependência do poder do Espírito, está perfeitamente equipada para o conflito. Foi assim que o Homem Cristo Jesus venceu o inimigo. O diabo nada podia fazer com um homem que era perfeitamente obediente e de todo dependente. Estudemos, nisto, como em tudo mais, o nosso grande Exemplo!

Implícita obediência é a grande salvaguarda moral contra as ciladas do inimigo. Sem dúvida a história dos gibeonitas era plausível, e todo o seu aspecto dava um ar de verdade às suas afirmações; mas nenhuma destas coisas deveria ter produzido o menor efeito moral sobre Josué e os príncipes; e não o teriam, se apenas tivessem recordado a Palavra do Senhor. Mas eles falharam neste sentido. Discorreram acerca do que viam, em vez de obedecerem ao que haviam ouvido. A razão não é um guia para o povo de Deus; temos de ser absoluta e completamente guiados e governados pela Palavra de Deus.

Isto é um privilégio da ordem mais elevada, e está ao alcance do mais simples e menos instruído filho de Deus. A Palavra do Pai, a voz do Pai, o olhar do Pai, podem guiar o mais fracos filhos da Sua família. Tudo que precisamos é de um coração humilde e obediente. Não é preciso muito poder intelectual ou habilidade; se fosse assim, que seria da grande maioria dos cristãos?- Se só os ilustrados, os grandes pensadores e os clarividentes fossem capazes de descobrir as ciladas do adversário, então certamente muitos de entre nós teriam de ceder em desespero.

Mas, graças sejam dadas a Deus, não é assim; na verdade, sucede o contrário, pois, encontramos, ao estudar a história do povo de Deus, em todas as épocas, que a sabedoria humana, a instrução humana, a destreza humana, se não forem mantidas no seu próprio lugar, demonstram ser verdadeiras ciladas, e tornam os seus possuidores instrumentos eficientes nas mãos do inimigo. Por quem tem sido introduzida na Igreja a maior parte senão todas as heresias de século para século? Não têm sido os simples e incultos, mas os instruídos intelectuais. E na passagem a

que nos acabamos de referir, no livro de Josué, quem foi que fez um concerto com os gibeonitas? O povo? Pelo contrário, foram os príncipes da congregação. Sem dúvida, todos foram envolvidos no engano; mas foram os príncipes quem tomou a iniciativa. Os chefes e condutores da assembléia caíram nas ciladas do diabo devido à indiferença quanto à Palavra clara de Deus. "Não farás com elas concerto." Podia haver alguma coisa mais clara do que isto? Os vestidos esfarrapados, os sapatos velhos e o pão bolorento dos gibeonitas podiam alterar o significado do mandamento divino ou anular a necessidade urgente de rigorosa obediência por parte da congregação? Não, certamente. Nada pode justificar o mínimo rebaixamento do padrão de obediência à Palavra de Deus. Se existem dificuldades no caminho, se se apresentam diante de nós circunstâncias que causam perplexidade, se aparecem coisas para as quais não estamos preparados, e quanto às quais somos incapazes de formar juízo, que havemos de fazer? Raciocinar? Tirar precipitadas conclusões? Agir segundo o nosso próprio critério ou segundo qualquer juízo humano? Certamente que não. Então que fazer? Esperar em Deus; esperar com paciência, com humildade e com fé; e certamente Ele nos aconselhará e guiará. "Guiará os mansos retamente; e aos mansos ensinará o seu caminho" (Salmo 25:9). Tivessem Josué e os príncipes atuado assim e nunca teriam feito um pacto com os gibeonitas; e se o leitor atuar assim, será libertado de toda a obra má e guardado para o reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Israel, um Povo Santo

Em versículo 6 do nosso capítulo Moisés expõe ante o povo o fundamento moral da linha de conduta que deviam adotar a respeito dos cananeus—separação rígida e implacável juízo. "Porque *povo santo és ao SENHOR, teu Deus*; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que sobre a terra há."

O princípio aqui estabelecido é de um caráter importantíssimo. Por que devia o povo manter a mais clara separação dos cananeus?— Por que deviam recuar firmemente fazer qualquer concerto ou formar qualquer aliança matrimonial com eles? Por que deveriam demolir os seus altares, quebrar as suas estátuas e abater os seus bosques? Simplesmente porque eram um povo santo. E quem os havia constituído em povo santo? O Senhor. Ele tinha-os escolhido e amado; havia-os remido e separado para Si mesmo; e por isso era de Sua competência e Sua prerrogativa prescrever o que eles deviam ser e como deveriam atuar. "Sede santos, por que eu sou santo."

Não era de modo nenhum sobre o princípio "Não te chegues a mim, pois sou mais santo que tu." Isto é evidente pelo que se segue. "O SENHOR não tomou prazer em vós, nem vos escolheu, porque a vossa multidão era mais do que a de todos os outros povos; mas porque o SENHOR vos amava; e, para guardar o juramento que

jurara a vossos pais, o SENHOR vos tirou com mão forte e vos resgatou da casa da servidão, da mão de Faraó, rei do Egito" (versículos 7 e 8).

Palavras oportunas para Israel! Salutares e necessárias! Deviam recordar que toda a sua dignidade, todos os seus privilégios, todas as suas bênçãos, não os deviam a si próprios, a qualquer coisa que neles houvesse, à sua bondade ou grandeza, mas simplesmente ao fato de o Senhor Se haver identificado com eles em Sua infinita bondade e graça soberana, e em virtude do Seu concerto com seus pais — "Um concerto ordenado em tudo e firme." Isto, ao mesmo tempo que proporcionava um divino antídoto contra a complacência e a própria confiança, formava a base da sua felicidade e segurança moral. Tudo descansava sobre a eterna estabilidade da graça de Deus, e portanto ficava excluída toda a jactância humana. "A minha alma se gloriará no SENHOR" (SI 34:2). É propósito firme de Deus que "nenhuma carne se gloriará na sua presença." Toda a pretensão humana deve ser posta de lado. Ele afastará do homem a soberba. Israel devia aprender a recordar a sua origem e o seu verdadeiro estado—"escravo do Egito" — "O menor de todos os povos." Não havia lugar para vaidade ou orgulho. Não eram, de modo nenhum, melhores do que as nações circunvizinhas; e, portanto, se fossem convidados a dar conta da sua superior elevação ou grandeza moral, tinham simplesmente de atribuir tudo ao amor de Deus e à Sua fidelidade ao Seu concerto. "Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua benignidade e da tua verdade" (SI 115:1).

"Saberás, pois, que o SENHOR, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda o concerto e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos; e dá o pago em sua cara a qualquer dos que o aborrecem, fazendo-o perecer; não será remisso para quem o aborrece; em sua face lho pagará (versículos 9 e 10).

Aqui nos são apresentados dois fatos importantíssimos: um cheio de rico conforto e consolação para todo o que ama verdadeiramente a Deus; o outro repleto da mais profunda solenidade para todo o que aborrece a Deus. Todos os que amam realmente a Deus e guardam os Seus mandamentos podem contar com a Sua infalível fidelidade e terna misericórdia, em todo o tempo e em todas as circunstâncias. "*Todas as coisas* contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (Rm 8:28). Se, por graça infinita, temos o amor de Deus em nossos corações, e o temor do Seu nome diante dos nossos olhos, podemos avançar com bom ânimo e alegre confiança, certos de que tudo correrá bem—deve correr bem. "Amados, se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus; e qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista" (1 Jo 3:21- 22). Isto é uma grande e eterna verdade—uma verdade para Israel, uma verdade para a Igreja. As dispensações não fazem

diferença alguma quanto a isto. Quer estudemos o capítulo 7 de Deuteronômio, ou o 3 de 1 João, aprendemos a mesma verdade prática: Deus deleita-Se naqueles que O temem e O amam e guardam os Seus mandamentos.

Há nisto alguma coisa de legalismo? Nem por sombras. O amor e o legalismo nada têm em comum; estão tão afastados quanto o podem estar dois pólos. "Porque esta é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados" (1 Jo 5:3). O espírito e o talento, o fundamento e caráter da nossa obediência, tudo tende a provar que é o contrário da legalidade. É nossa íntima e firme convicção de que as pessoas que estão sempre dispostas a exclamar "lícito! lícito!" sempre que são instadas à obediência, estão lamentavelmente erradas. Se realmente fosse ensinado que devemos alcançar por nossos esforços a alta posição e parentesco de filhos de Deus, então o cargo do legalismo podia na verdade ser-nos imposto. Mas lançar tal epíteto sobre a obediência cristã é, repetimos, um erro moral muito grave. A obediência nunca poderá preceder a filiação, mas a filiação deve ser sempre seguida pela obediência.

O Governo de Deus sobre Aqueles que o Aborrecem

E enquanto estamos tratando deste assunto, devemos chamar a atenção do leitor para duas ou três passagens das Escrituras do Novo Testamento acerca das quais existe uma falta de compreensão em muitas pessoas. Em capítulo 5 de Mateus lemos: "Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizeis os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos suas bênçãos, não os deviam a si próprios, a qualquer coisa que neles houvesse, à sua bondade ou grandeza, mas simplesmente ao fato de o Senhor Se haver identificado com eles em Sua infinita bondade e graça soberana, e em virtude do Seu concerto com seus pais—"Um concerto ordenado em tudo e firme." Isto, ao mesmo tempo que proporcionava um divino antídoto contra a complacência e a própria confiança, formava a base da sua felicidade e segurança moral. Tudo descansava sobre a eterna estabilidade da graça de Deus, e portanto ficava excluída toda a jactância humana. "A minha alma se gloriará no SENHOR" (SI 34:2). É propósito firme de Deus que "nenhuma carne se gloriará na sua presença." Toda a pretensão humana deve ser posta de lado. Ele afastará do homem a soberba. Israel devia aprender a recordar a sua origem e o seu verdadeiro estado—"escravo do Egito" — "O menor de todos os povos." Não havia lugar para vaidade ou orgulho. Não eram, de modo nenhum, melhores do que as nações circunvizinhas; e, portanto, se fossem convidados a dar conta da sua superior elevação ou grandeza moral, tinham simplesmente de atribuir tudo ao amor de Deus e à Sua fidelidade ao Seu concerto. "Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua benignidade e da tua verdade" (SI 115:1).

"Saberás, pois, que o SENHOR, teu Deus, é Deus, o Deus fiel, que guarda o concerto e a misericórdia até mil gerações aos que o amam e guardam os seus mandamentos; e dá o pago em sua cara a qualquer dos que o aborrecem, fazendo-o perecer; não será remisso para quem o aborrece; em sua face lho pagará (versículos 9 e 10).

Aqui nos são apresentados dois fatos importantíssimos: um cheio de rico conforto e consolação para todo o que ama verdadeiramente a Deus; o outro repleto da mais profunda solenidade para todo o que aborrece a Deus. Todos os que amam realmente a Deus e guardam os Seus mandamentos podem contar com a Sua infalível fidelidade e terna misericórdia, em todo o tempo e em todas as circunstâncias. "*Todas as coisas* contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (Rm 8:28). Se, por graça infinita, temos o amor de Deus em nossos corações, e o temor do Seu nome diante dos nossos olhos, podemos avançar com bom ânimo e alegre confiança, certos de que tudo correrá bem—deve correr bem. "Amados, se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus; e qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista" (1 Jo 3:21- 22). Isto é uma grande e eterna verdade—uma verdade para Israel, uma verdade para a Igreja. As dispensações não fazem diferença alguma quanto a isto. Quer estudemos o capítulo 7 de Deuteronômio, ou o 3 de 1 João, aprendemos a mesma verdade prática: Deus deleita-Se naqueles que O temem e O amam e guardam os Seus mandamentos.

Há nisto alguma coisa de legalismo? Nem por sombras. O amor e o legalismo nada têm em comum; estão tão afastados quanto o podem estar dois pólos. "Porque esta é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados" (1 Jo 5:3). O espírito e o talento, o fundamento e caráter da nossa obediência, tudo tende a provar que é o contrário da legalidade. É nossa íntima e firme convicção de que as pessoas que estão sempre dispostas a exclamar "lícito! lícito!" sempre que são instadas à obediência, estão lamentavelmente erradas. Se realmente fosse ensinado que devemos alcançar por nossos esforços a alta posição e parentesco de filhos de Deus, então o cargo do legalismo podia na verdade ser-nos imposto. Mas lançar tal epíteto sobre a obediência cristã é, repetimos, um erro moral muito grave. A obediência nunca poderá preceder a filiação, mas a filiação deve ser sempre seguida pela obediência.

O Governo de Deus sobre Aqueles que o Aborrecem

E enquanto estamos tratando deste assunto, devemos chamar a atenção do leitor para duas ou três passagens das Escrituras do Novo Testamento acerca das quais existe uma falta de compreensão em muitas pessoas. Em capítulo 5 de Mateus lemos: "Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo.

Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais filhos do Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos... sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus" (versículos 43 a 48).

Esta passagem podia, na opinião de alguns, parecer que ensinava que o parentesco dos filhos pode ser conseguido por uma determinada linha de ação; mas não é assim. É uma questão de conformidade com o caráter e os caminhos do nosso Pai. Algumas vezes ouvimos, na vida diária, a expressão: "Você não seria filho de seu pai se procedesse dessa forma." É como se o Senhor tivesse dito: "Se quereis ser filhos de vosso Pai celestial, tereis de agir em graça para com todos; porque isso é o que Ele está fazendo."

Em 2 Coríntios 6 lemos: "Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei; e eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-poderoso" (versículos 17 e 18). Aqui não se trata de uma questão do segredo de parentesco de filhos, formado por operação divina, mas do reconhecimento público da nossa posição ou estado de *filhos* como resultado da nossa separação do mal. Será conveniente que o leitor compreenda bem esta importante diferença. E de grande valor prático. Não nos tornamos filhos pela separação do mundo, "Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus." "Mas a todos quantos o receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome, os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus" (Gl 3:26; Jo 1:12-13). "Segundo a sua vontade, ele nos gerou pela palavra da verdade" (Tg 1:18). Tornamo-nos filhos pelo novo nascimento que, graças a Deus, é uma operação divina, desde o princípio ao fim. Que tivemos nós que ver com o nosso nascimento natural? Nada. E o que temos que ver com o nosso nascimento espiritual? Nada, evidentemente.

Mas temos de concordar que Deus só pode identificar-Se e reconhecer publicamente aqueles que, pela graça, procuram andar de um modo que é digno de Si — uma maneira digna dos filhos e filhas do Senhor Todo-poderoso. Se os nossos caminhos são diferentes do que Ele é, se andamos misturados com toda a sorte de coisas más se nos prendemos a um jugo desigual com os descrentes, como podemos esperar que Deus nos reconheça como Seus filhos? Em Hebreus 11 lemos dos que "confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra", e que "claramente mostraram que buscavam uma cidade"; e a respeito deles está escrito que "*Deus se não envergonha* de se chamar seu Deus". Podia identificar-Se publicamente com eles, e reconhecê-los. Podia reconhecê-los como Seus.

Prezado leitor, apliquemos seriamente os nossos corações à consideração desta grande verdade prática. Ponderemos séria e honestamente os nossos caminhos.

Averiguemos com verdade e integridade de coração se estamos "ligados a um jugo desigual com os infiéis", sobre qualquer pretexto ou para qualquer objetivo. Se assim for, prestemos sincera atenção às palavras: "Saído meio deles, e apartai-vos, e não toqueis nada imundo." Pode ser que para pormos em prática este santo mandamento seja preciso expormo-nos à acusação de fanatismo, estreiteza de critério e intolerância; pode ter o aspecto de orgulho farisaico e própria complacência. Poderá dizer-se que não nos devemos julgar mais santos ou melhores do que os outros.

A toda esta linha de argumentos temos uma resposta simples e conclusiva, isto é, o mandamento é de Deus. Deus diz-nos que nos separemos, manda-nos sair do meio deles, para não tocarmos em coisa alguma imunda; e tudo isto a fim de nos receber e reconhecer como Seus filhos e filhas. Isto deveria ser mais que suficiente para nós. Que as pessoas pensem ou digam o que quiserem de nós, que nos chamem o que entenderem; Deus tratará do assunto com eles, mais cedo ou mais tarde; o nosso dever é separarmo-nos dos incrédulos, se quisermos ser recebidos e reconhecidos por Deus. Se os crentes andam juntos com os incrédulos, como vão ser conhecidos ou distinguidos como filhos e filhas do Senhor Todo-poderoso?

Mas, pode perguntar-se: "Como havemos de conhecer os que são crentes? Todos professam ser cristãos; todos dizem pertencer a Cristo; não estamos rodeados de pagãos ignorantes ou de judeus incrédulos; como havemos então de julgar? Era uma coisa bastante clara nos primeiros dias do cristianismo, quando o apóstolo escreveu a sua epístola à assembléia de Corinto; então a linha de separação era tão clara como os raios do sol; haviam três classes distintas: 'Os judeus' os gentios, 'e a Igreja de Deus'; mas agora tudo mudou; vivemos num país cristão, sob um governo cristão, estamos rodeados por todos os lados de cristãos, e portanto 2 Coríntios 6 não pode ser-nos aplicada; estava tudo muito bem quando a Igreja estava na sua infância, após haver saído do judaísmo, por um lado, e do paganismo, por outro; mas pensar em aplicar um tal princípio nesta avançada época da história da Igreja é de todo impossível."

A todos os que tomam esta atitude queremos fazer uma pergunta bastante clara: É verdade que a Igreja tem alcançado um período da sua história em que já não necessita do Novo Testamento como seu guia e autoridade? Já chegamos para lá dos limites da Sagrada Escritura? Se assim é, que havemos de fazer? Para onde nos devemos voltar em busca de orientação? Se admitirmos, ainda que por um momento, que 2 Coríntios 6 não tem atualmente aplicação aos cristãos, que justificação temos nós para nos apropriarmos de qualquer parte do Novo Testamento?

O fato é que a Escritura está destinada para a Igreja na sua totalidade e para cada membro da Igreja em particular; por isso, enquanto a Igreja estiver na terra, a Escritura será para sua aplicação. Pôr isto em dúvida é flagrante contradição das

palavras do apóstolo inspirado quando nos diz que as Sagradas Escrituras nos podem fazer *sábios para a salvação*, isto é, "*sábios*" para o dia da glória, pois tal é a bendita força da palavra "salvação" em 2 Timóteo 3:15.

Não necessitamos de nova luz nem de uma nova revelação; temos "*toda a verdade*" entre as capas da nossa preciosa Bíblia. Graças a Deus! Não necessitamos da ciência ou da filosofia para nos fazerem sábios. A verdadeira ciência e a sã filosofia em nada alteram o testemunho da Sagrada Escritura; nada lhe podem acrescentar; nem a contradizem: Quando os infieis nos falam do "progresso", do "desenvolvimento", da "luz da ciência", nós apoiamo-nos em santa confiança, e tranqüilidade nessas preciosas palavras, "toda a verdade", "sábio para a salvação". Felizmente não é possível ir mais longe. Que pode acrescentar-se a "toda a verdade"? Que mais nos falta ou pode faltar-nos do que sermos feitos sábios para a vinda do Senhor Jesus Cristo?-

E além disso, lembremos que não há qualquer mudança na posição relativa da Igreja e o mundo. E tão verdade hoje como o era há mil e oitocentos anos, quando nosso Senhor pronunciou as palavras que o Seu povo não é do mundo assim como Ele mesmo não é do mundo (Jo 17). O mundo é ainda o mundo. Pode ter mudado os seus trajes, em certos lugares, mas não o seu caráter; o seu espírito e os seus princípios não mudaram. E por isso que é tão mau hoje os cristãos unirem-se ao jugo desigual com os infieis como o era quando Paulo escreveu a sua epístola à Igreja de Corinto. Não podemos olvidar isto. Não podemos pôr de parte a nossa responsabilidade sobre este assunto. Não poderemos, de modo nenhum, resolver o assunto dizendo: "Não devemos julgar os outros." Somos obrigados a julgar. Se recusamos julgar, recusamos obedecer, e o que é isto senão positiva rebelião? Deus diz: "Saí do meio deles, e apartai-vos"; se replicamos: "Não devemos julgar", onde estamos nós? O fato é que se nos manda concretamente julgar. "Não julgais vós os que estão de dentro? Mas Deus julga os que estão de *fora*" (1 Co 5:12-13).

Mas não prosseguiremos esta linha de argumentos. Queremos crer que o leitor é um dos que reconhecem sem reservas a aplicação direta a si mesmos da passagem que acabamos de citar. E tão clara quanto precisa; convida o povo de Deus a sair e manter-se separado e não tocar no que é imundo. E isto que Deus requer do Seu povo, a fim de os reconhecer como Seus; e certamente deveria ser o profundo e sincero desejo de nossos corações responder à Sua preciosa vontade sobre este assunto, completamente indiferentes ao que o mundo possa pensar de nós. Alguns de entre nós temem muito que os considerem fechados e intolerantes. Mas, ah! Quão pouco importa a um coração verdadeiramente consagrado o que os homens pensam de nós! O pensamento humano perece numa hora. Quando comparecermos diante do tribunal de Cristo, quando estivermos no pleno resplendor da glória, que importará que os homens nos hajam considerado fechados ou abertos, fanáticos ou liberais? E que importância deverá ter isso para

nós?— Nenhuma absolutamente. O nosso principal objetivo deve ser atuar de tal maneira, conduzirmo-nos a nós próprios de tal modo que sejamos agradáveis" Aquele que nos tornou "agradáveis". Que assim seja com o autor destas linhas, com o leitor e com cada membro do corpo de Cristo!

Voltemos, por um momento, à importante e solene verdade que nos é apresentada em versículo 10 do nosso capítulo. "E dá o pago em sua face a qualquer dos que o aborrecem." Se os que amam a Deus são confortados no versículo 9, e de um modo bendito animados a guardarem os Seus mandamentos, os que aborrecem a Deus são convidados a escutar um aviso no versículo 10.

Virá um dia em que Deus tratará, face a face, com os Seus inimigos. Quão terrível é pensar que alguém possa *aborrecer a Deus*—aborrecer Aquele de Quem é dito que é "luz" e "amor"; a própria fonte do bem, o Autor e Dador de todo o dom perfeito, o Pai das luzes; Aquele cuja mão liberal supre as necessidades de todo o ser vivente, que ouve o grasnar dos filhotes dos corvos e mata a sede ao jumento montês; o único infinitamente bom, sábio e perfeitamente santo Deus, o Senhor de todo o poder e força, o Criador dos confins da terra, e O que tem o poder de destruir conjuntamente a alma e o corpo no inferno.

Pensemos apenas nisto, leitor, há quem aborrece a um Ser tal como Deus, e nós sabemos que todo o que não ama a Deus há de necessariamente aborrecê-Lo. As pessoas podem não compreender isto; muitos estarão pouco dispostos a admitir que aborrecem a Deus; mas não existe terreno neutro nesta importante questão; havemos de ser pró ou contra; e, de fato, as pessoas não hesitam em mostrar a sua posição. Acontece por vezes que a profunda inimizade do homem contra Deus é revelada em ódio ao Seu povo, à Sua Palavra, ao Seu culto e ao Seu serviço. Quantas vezes ouvimos expressões como estas: "Detesto as pessoas religiosas"—"Detesto a hipocrisia"—"Odeio os pregadores". A verdade é que é a Deus mesmo que detestam." Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita a lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser" (Rm 8:7); e esta inimizade manifesta-se no tocante a todos e tudo relacionado com Deus. No recôndito de todo o coração inconverso existe a mais positiva inimizade contra Deus. Todo o homem em seu estado natural aborrece a Deus.

Ora, Deus declara, em Deuteronômio 7:10: "E dá o pago em sua face a qualquer dos que o aborrecem, [...] não será remisso para quem o aborrece." É uma verdade muito solene, sobre a qual se devia instar mais com todos aqueles a quem diz respeito. Os homens não gostam de a ouvir; muitos fingem e professam não crer nela. De bom grado se persuadiriam a si próprios e convenceriam os outros de que Deus é demasiadamente bom, demasiadamente benévolo, demasiadamente misericordioso, demasiadamente bondoso para proceder com juízo austero com as Suas criaturas. Esquecem que os caminhos de Deus em Seu governo são tão

perfeitos como os Seus caminhos em graça. Imaginam que o governo de Deus passará por alto ou tratará ligeiramente o mal e os que o praticam.

Isto é um erro fatal e miserável, e os homens descobrirão que é assim para seu pesado e eterno castigo. É verdade, bendito seja Deus, que Ele pode, em Sua rica graça e soberana misericórdia, perdoar-nos os nossos pecados, apagar as nossas transgressões, cancelar a nossa culpa, justificar-nos perfeitamente, e encher os nossos corações do espírito de adoção. Mas isto é uma coisa muito diferente. Isto é graça reinando em justiça para a vida eterna por Jesus Cristo, nosso Senhor. E Deus, em Seu admirável amor, proporcionando justiça para o pobre culpado pecador, merecedor do inferno, que sabe, sente e reconhece que não tem nenhuma justiça própria e que nunca a poderia ter. Deus, em Seu maravilhoso amor, fez provisão de meios mediante os quais pode ser justo e justificador de todo o pecador abatido e contrito de coração, que simplesmente crê no Senhor Jesus.

Mas, podemos perguntar, como foi feito tudo isto? Foi passando por sobre o pecado, como se ele nada fosse? Foi afrouxando os direitos do governo divino, rebaixando o padrão da santidade divina, ou cercando, de qualquer modo, a dignidade, severidade e majestade da Lei? Não; graças e louvor ao amor redentor, foi precisamente o contrário. Nunca houve ou pôde haver uma expressão mais terrível do ódio de Deus ao pecado, ou do Seu implacável propósito de o condenar completamente e punir eternamente; nunca houve ou pôde haver uma mais gloriosa justificação do governo divino, uma mais perfeita defesa do padrão de santidade divina, verdade e justiça; nunca a lei foi mais gloriosamente defendida ou mais completamente estabelecida do que por esse gloriosíssimo plano de redenção, traçado, executado e revelado pelo Eterno Deus Trinitário—projetado pelo Pai, executado pelo Filho, e revelado pelo Espírito Santo.

Se queremos ter um sentido justo da espantosa realidade do governo de Deus, da Sua ira contra o pecado e do verdadeiro caráter da Sua santidade, devemos contemplar a cruz; devemos prestar atenção a este brado doloroso que emanou do coração do Filho de Deus e rasgou as trevas espessas do Calvário: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" Nunca antes havia sido feita uma tal pergunta; nunca desde então se tem feito uma tal pergunta; e nunca, nunca tal pergunta será feita outra vez. Quer consideremos Aquele que a fez, Aquele a Quem foi feita ou a resposta, temos de admitir que a pergunta permanece absolutamente só nos anais da eternidade. A cruz é a medida da aversão de Deus ao pecado, assim como é a medida do Seu amor pelo pecador. E o imperecível fundamento do trono da graça, a base divinamente justa sobre a qual Deus pode perdoar os nossos pecados, e constituir-nos perfeitamente justos em Cristo ressuscitado e glorificado.

Porém, se os homens desprezam tudo isto e persistem no seu aborrecimento a Deus, e contudo dizem que Ele é demasiado bom e demasiado benévolo para castigar os que praticam a iniquidade, que lhes sucederá? "Aquele que não crê no

Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece" (Jo 3:36) (1). Será possível, poderemos nós crer, por um momento, que o Deus justo executasse o juízo sobre o Seu Filho unigênito, o Seu bem-amado, as Suas eternas delícias, por levar os nossos pecados sobre o Seu corpo no madeiro, e permitisse todavia que os pecadores impenitentes escapassem ao castigo? Jesus—o Homem perfeito, imaculado e santo - o único Homem perfeito que jamais pisou esta terra — teve de sofrer pelos pecados, o justo pelos injustos, e os que praticam a iniquidade, incrédulos e aborrecedores de Deus, hão de ser salvos e abençoados e levados para o céu? E tudo isto na verdade porque Deus é demasiado benévolo e demasiado bom para punir os pecadores no inferno para sempre! Deus teve de entregar, abandonar e moer o Seu amado Filho a fim de salvar o Seu povo *dos seus pecados*, e os pecadores ímpios, rejeitadores e rebeldes, serão salvos *nos seus pecados*? Morreu o Senhor Jesus Cristo em vão? Javé expô-Lo à aflição e escondeu o Seu rosto d'Ele sem haver necessidade? Por que razão os horrores do Calvário? Por que motivo as três horas de trevas? Por que o brado amargo "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? Por que razão tudo isto se os pecadores podem chegar ao céu sem isso? Por que toda esta dor inconcebível e todo este sofrimento de nosso Senhor, se Deus é tão benigno e tão gracioso, e tão terno que não pode mandar os pecadores para o inferno ?

Que grande tolice! O que não crerão os homens, desde que não seja a verdade de Deus! A pobre, obscura mente humana acreditará de bom grado o mais monstruoso disparate a fim de obter um motivo para rejeitar o ensino claro da Sagrada Escritura. A própria coisa que os homens nunca pensariam atribuir a um bom governo humano não hesitam em a atribuir ao governo do único sábio, verdadeiro e justo Deus. Que pensaríamos nós de um governo que não pudesse ou não quisesse castigar os que praticam o mal? Gostaríamos de viver sob um tal governo?- Que idéia faríamos do governo da Inglaterra se, por sua Majestade ser tão benévola, tão graciosa, tão terna, não pudesse consentir o castigo dos criminosos segundo a lei?

Prezado leitor, não se vê como o versículo que temos diante de nós destrói completamente todas as teorias e argumentos que os homens na sua loucura e ignorância têm concebido sobre o assunto do governo divino?- "O SENHOR teu Deus, é Deus, o Deus fiel... e dá o pago em sua face a qualquer dos que o aborrecem, fazendo-o perecer; não será remisso para quem o aborrece; em sua face lho pagará."

Oh, se os homens quisessem atender à Palavra de Deus! Se quisessem ser admoestados por suas claras, enfáticas e solenes afirmações quanto à ira vindoura, juízo e castigo eterno! Se, em vez de procurarem persuadir-se a si mesmos e aos outros de que não existe inferno, nem verme que não morre, nem fogo que nunca se apaga, nem tormento eterno, escutassem a voz do aviso, e, antes de ser tarde,

buscassem refúgio na esperança posta diante deles no evangelho! Isto seria para eles verdadeira sabedoria. Deus declara que dará o pago àqueles que O aborrecem. Quão terrível o pensamento deste pago! Quem poderá resistir-lhe? O governo de Deus é perfeito; e porque é assim, é absolutamente impossível que possa consentir que o mal fique sem castigo. Nada pode ser mais claro que isto. Toda a Escritura, desde Gênesis ao Apocalipse, mostra-o em termos tão claros e com força tal que é o cúmulo da loucura quando os homens argumentam contra ele. Quão melhor e mais seguro é fugir da ira que há de vir do que negar que ela se aproxima, e que quando vier será eterna na sua duração. É inteiramente inútil para qualquer pessoa tentar raciocinar em oposição à Palavra de Deus. Toda a Palavra de Deus permanece para sempre. Vemos os atos do Seu governo a respeito do Seu povo Israel e quanto aos cristãos no tempo presente. Passou sobre o mal do Seu antigo povo«?- Não; pelo contrário, visitou-o continuamente com o castigo da Sua vara, e isto, também, precisamente porque era o Seu povo, como lhes disse por intermédio do Seu profeta Amós: "Ouvi esta palavra que o SENHOR fala contra vós, filhos de Israel, contra toda a geração que fiz subir da terra do Egito, dizendo: De todas as famílias da terra a vós somente conheci; portanto, todas as vossas injustiças visitarei sobre vós" (Am 3:1,2).

O Governo de Deus sobre a Sua Própria Casa

Temos o mesmo princípio importante exposto na primeira epístola de Pedro, na sua aplicação aos cristãos no tempo presente. "Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?- E, se o justo apenas se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?" (1 Pe 4:17-18).

Deus castiga os Seus, precisamente porque são Seus, e para não serem condenados com o mundo (1 Co 11). Os filhos deste mundo são autorizados a seguir o seu caminho; mas o seu dia está chegando um dia sombrio e carregado — um dia de juízo e implacável ira.

Os homens podem duvidar, arguir e raciocinar, mas a Escritura é clara e enfática. Deus "tem determinado um dia em que, com justiça, há de julgar o mundo por meio do varão que destinou". O grande dia do ajuste de contas está perto, e Deus recompensará a todo o homem amplamente.

É verdadeiramente edificante notar a maneira como Moisés, o amado e honrado servo de Deus, guiado certamente pelo Espírito de Deus, insistiu nas grandes e solenes realidades do governo divino sobre a consciência da congregação. Ouvi como ele a exorta. "Guarda, pois, os mandamentos, e os estatutos, e os juízos que hoje te mando *fazer*. Será, pois, que, se, *ouvindo* estes juízos, os *guardardes* e *fizerdes*, o SENHOR, teu Deus, te guardará o concerto e a beneficência que jurou a teus pais; e amar-te-á, e abençoar-te-á, e te fará multi-

plicar, e abençoará o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, o teu cereal, e o teu mosto, e o teu azeite, e a criação das tuas vacas, e o rebanho do teu gado miúdo, na terra que jurou a teus pais dar-te. *Bendito* serás mais do que todos os povos; nem macho nem fêmea entre ti haverá estéril, nem entre os teus animais. E o SENHOR de ti desviará toda enfermidade; sobre ti não porá nenhuma das más doenças dos egípcios, que bem sabes; antes, as porá sobre todos os que te aborrecem. Pois consumirás a todos os povos que te der o SENHOR, teu Deus; o teu olho não os poupará; e não servirás a seus deuses, pois isso te seria por laço" (versículos 11 a 16).

Que poderoso apelo! Quão tocante! Note-se os dois grupos de palavras: Israel tinha de "ouvir", "guardar" e "fazer". O Senhor tinha de os *amar*, *abençoar* e *multiplicar*. Mas, ah, Israel falhou tristemente, vergonhosamente, sob a lei e o governo; e por isso, em vez do amor e bênção e a multiplicação, tem caído sobre eles o juízo, a maldição, a esterilidade, dispersão e desolação!

Graça e Misericórdia por parte de Deus

Mas, bendito seja o Deus de Abraão, de Isaque e Jacó, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo; se Israel falhou sob a *lei e o governo*, Ele não falhou na Sua rica e soberana *graça* e preciosa misericórdia. Deus cumprirá o concerto e a misericórdia que jurou a seus pais. Nem um jota ou til cairá jamais das promessas do Seu concerto. Em breve cumprirá tudo. Cumprirá à letra todas as Suas promessas preciosas. Embora não possa fazer isto sobre o fundamento da obediência de Israel, pode fazê-lo e fá-lo-á por meio do sangue do concerto eterno, o sangue precioso de Jesus, o Seu Filho eterno — toda a glória seja dada ao Seu precioso nome!

Sim, prezado leitor, o Deus de Israel não pode consentir que uma das Suas mais simples e preciosas promessas caia por terra. Que seria feito de nós se Ele o fizesse? Que segurança, que descanso, que paz poderíamos nós ter, se o Deus do concerto com Abraão faltasse em um simples ponto? Verdade é que Israel perdeu todos os seus direitos. Se fosse uma questão de descendência carnal, Ismael e Esaú tinham o direito à prioridade. Se fosse um caso de obediência legal, o bezerro de ouro e as tábuas de pedra quebrantadas poderiam contar a sua triste história. Se for uma questão de governo com base no concerto de Moabe, então não têm um simples argumento a alegar.

Mas Deus será Deus apesar da lamentável infidelidade de Israel. "A chamada e os dons de Deus são sem arrependimento", e por isso, "todo o Israel será salvo". Deus honrará certamente o Seu juramento a Abraão, apesar de toda a ruína dos descendentes de Abraão. Devemos manter isto com firmeza, em face de todo o pensamento contrário, sentimento ou opinião. Israel será restaurado, e abençoado, e multiplicado na sua própria terra amada e santa. Tirarão as suas harpas dos

salgueiros e, pacificamente, à sombra das suas videiras e figueiras, cantarão os louvores do seu Deus e benigno Salvador, durante esse brilhante sábado milenial que os aguarda. Tal é o testemunho inegável da Escritura, desde o princípio ao fim, o qual deve ser mantido em sua integridade e cumprido em todos os pormenores, para glória de Deus, e sobre a base do Seu concerto eterno.

Mas devemos prosseguir com o nosso capítulo, cujos versículos finais requerem a nossa especial atenção. É muito comovedor e belo notar o modo como Moisés procura encorajar o povo a respeito das temidas nações de Canaan. Penetra e antecipa os seus mais íntimos pensamentos e sentimentos.

"Se disseres *no teu coração*: Estas nações são mais numerosas do que eu; como as poderei lançar fora? Delas não tenhas temor; não deixes de te lembrar do que o SENHOR, teu Deus, fez a Faraó e a todos os egípcios; das grandes provas que viram os teus olhos, e dos sinais, e maravilhas, e mão forte, e braço estendido, com que o SENHOR, teu Deus, te tirou; *assim* fará o SENHOR, teu Deus, com todos os povos, diante dos quais tu temes. E mais, o Senhor teu Deus entre eles mandará vespões, até que pereçam os que ficarem e se escondam de diante de ti. Não te espantes diante deles; porque *o SENHOR, teu Deus; está no meio de ti, Deus grande e terrível*. E o SENHOR, teu Deus, lançará fora estas nações, pouco a pouco, de diante de ti; não poderás destruí-las todas de pronto, para que as feras do campo se não multipliquem contra ti. E o SENHOR tas dará diante de ti, e as fará pasmar com grande pasmo, até que sejam destruídas. Também os seus reis te entregará na mão, para que desfaças os seus nomes de debaixo dos céus; nenhum homem parará diante de ti, até que os destruas. As imagens de escultura de seus deuses queimarás a fogo; a prata e o ouro que estão sobre elas não cobiçarás, nem os tomarás para ti, para que te não enlaces neles; pois abominação é ao SENHOR, teu Deus. Não meterás, pois, *abominação em tua casa, para que não sejas anátema*, assim como ela; de todo a detestarás e de todo a abominarás, porque anátema é" (versículos 17 a 26).

Se Deus É Por Nós, Quem Será Contra Nós?

O grande remédio para todos os temores de incredulidade consiste em fixar simplesmente os olhos no Deus vivo: desta forma o coração é elevado acima das dificuldades, quaisquer que elas possam ser. De nada serve negar que há dificuldades e influências adversas de toda a espécie. Isto não daria conforto e ânimo ao coração atribulado. Algumas pessoas afetam um certo estilo quando falam de provações e dificuldades que tendem a provar não o seu conhecimento prático de Deus, mas a sua profunda ignorância das duras realidades da vida. De bom grado nos persuadiriam que não deveríamos sentir as provações, dores e dificuldades do caminho. Do mesmo modo nos podiam dizer que não deveríamos ter uma cabeça sobre os nossos ombros ou um coração no nosso peito. Tais pessoas

não sabem como confortar aqueles que estão abatidos. São meramente teóricos visionários completamente incapazes de tratar com as almas que passam por conflitos ou lutam com os fatos da nossa vida diária.

Como foi que Moisés procurou animar os seus irmãos? "Não te espantes", diz ele; mas por que? Era porque não havia inimigos, nem dificuldades, nem perigos? Não, mas "porque o SENHOR teu, Deus, está no meio de ti, Deus grande e terrível". Aqui está o verdadeiro conforto e encorajamento; os inimigos lá estavam, mas Deus é o recurso seguro. Foi assim que Josafá, numa ocasião de provação e aperto, procurou animar-se a si e aos seus irmãos: "Ah! Deus nosso, porventura não os julgarás? Porque em nós não há força perante esta grande multidão que vem contra nós, e não sabemos nós o que faremos; porém *os nossos olhos estão postos em ti*" (2 Cr 20:12).

Tal é o precioso segredo. Os olhos postos em Deus. O Seu poder é introduzido e isto resolve todas as coisas. "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" Moisés enfrenta, por meio do seu precioso ensino, os temores que se levantam no coração de Israel. "Estas nações são mais numerosas do que eu." Sim, mas não são mais do que o "Deus grande e terrível". Quais as gentes que poderiam resistir-lhes? Tinha uma solene controvérsia com essas nações por causa dos seus terríveis pecados; a sua iniquidade havia atingido o mais alto ponto; o dia do ajuste de contas era chegado, e o Deus de Israel expulsá-las-ia diante do Seu povo.

Portanto, Israel não tinha necessidade de temer *o poder* do inimigo. O Senhor tomaria conta disso. Mas havia alguma coisa muito mais a recear do que o poder do inimigo, e isto era o enredo da influência da idolatria. "As imagens de escultura dos seus deuses queimarás a fogo." "O quê?" Poderia o coração dizer, "temos de destruir o ouro e a prata que ornamentam estas imagens? Não poderia dar-se-lhes um melhor destino? Não será uma pena destruir o que é tão valioso em si? É próprio queimar as imagens, mas porque não poupar o ouro e a pratas"

Ah! E precisamente assim que o pobre coração é dado a raciocinar! É assim que muitas vezes nos enganamos a nós próprios quando somos chamados a abandonar o que é mau. Julgamos que é justo manter certa reserva; imaginamos que podemos escolher e fazer qualquer distinção. Estamos prontos a queimar a madeira do ídolo, mas a poupar o ouro e a prata.

Que fatal ilusão! "A prata e o ouro que estão sobre eles não cobiçarás, nem tomarás para ti, *para que te não enlaces neles*, pois abominação é ao SENHOR ,teu Deus." Tudo tinha de ser abandonado, tudo destruído. Reter um átomo do que foi amaldiçoado seria cair nos ardis do diabo, e ligarmo-nos com aquilo que, por muito estimado entre os homens, é abominação aos olhos de Deus.

E notemos e ponderemos os versículos finais do nosso capítulo. Trazer uma abominação para casa é tornar-se como ela! Quão solene! Compreendemos isto

plenamente? Todo o homem que trazia uma abominação para a sua casa tornava-se amaldiçoado como ela!

Leitor, que o Senhor guarde os nossos corações separados de todo o mal e verdadeiros e leais a Si Mesmo!

UMA OLHADA PARA TRÁS

"Todos os mandamentos que hoje vos ordeno guardareis o para os fazer, para que vivais, e vos multipliqueis, e entreis, e possuais a terra que o SENHOR jurou a vossos pais. E te lembrarás de *todo o caminho* pelo qual o SENHOR, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te tentar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias os seus mandamentos ou não" (versículos 1 e 2).

É, ao mesmo tempo, edificante e animador volver os olhos para todo o curso ao longo do qual a mão fiel do nosso Deus nos tem conduzido; traçar os Seus atos sábios e cheios de graça conosco; para nos recordar as Suas muitas maravilhosas intervenções em nosso favor, como nos libertou deste aperto e daquela dificuldade; como, muitas vezes, quando não sabíamos o que havíamos de fazer, Ele veio em nosso socorro e abriu o caminho diante de nós, repreendendo os nossos temores e enchendo os nossos corações com cânticos de louvores e ações de graças.

Não é para nos Orgulharmos de nossos Progressos

Não devemos, de modo nenhum, confundir este agradável exercício com o hábito miserável de olharmos para trás sobre os *nostros* caminhos, os nossos sucessos, o nosso progresso, o nosso serviço, o que temos podido fazer, embora estejamos dispostos a admitir, de um modo geral, que fora apenas pela graça de Deus que pudemos fazer algum trabalho para Ele. Tudo isto conduz apenas a satisfação própria, a qual é destruidora de todo o verdadeiro pensamento espiritual. A retrospectiva pessoal, se nos é permitido empregar tal termo, é tão injuriosa no seu efeito moral como na própria introspecção. Em suma, a ocupação por própria iniciativa, em qualquer das suas múltiplas fases, é a mais perniciosa; é, tanto quanto lhe é permitido operar, o golpe mortal da comunhão. Tudo quanto tende a exaltar perante a mente a personalidade deve ser julgado e recusado, com firme decisão; produz a esterilidade, a obscuridade e a fraqueza. Todo aquele que se detém para rever os seus méritos ou os seus feitos entrega-se à mais miserável ocupação a que alguém pode dedicar-se. Podemos estar certos de que não era a uma tal ocupação que Moisés exortava o povo quando lhe disse: "E te lembrarás de todo o caminho pelo qual o SENHOR, teu Deus, te guiou no deserto."

Aqui podemos recordar, por um momento, as palavras memoráveis do apóstolo em Filipenses 3: "Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, *esquecendo-me das coisas que atrás ficam* e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (versículos 13 e 14).

Ora, a questão é esta, quais eram as "coisas" de que o bem-aventurado apóstolo falou? Esquecera os atos preciosos de Deus com a sua alma através de toda a sua jornada pelo deserto? Impossível; na realidade temos a mais clara e completa evidência do contrário. Escutai as suas palavras tocantes perante Agripa: "Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço, dando testemunho tanto a pequenos como a grandes." Assim também, escrevendo ao seu amado filho e cooperador Timóteo, ele revê o passado e fala das perseguições e aflições que havia sofrido: "E o Senhor de todas me livrou." "Ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desampararam. Que isto lhes não seja imputado. Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que, por mim fosse cumprida a pregação e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão" (2 Tm 3:11; 4:16,17).

Portanto, a que se refere o apóstolo quando fala de "esquecer as coisas que atrás ficam" ? Cremos que se refere a todas aquelas coisas que não tinham relação com Cristo — coisas que podiam atuar como pesos e impedimentos; deviam ser todas esquecidas no ardente prosseguimento dessas gloriosas realidades que estavam diante de si. Não podemos crer que Paulo ou qualquer outro filho de Deus ou servo de Cristo pudesse jamais esquecer uma simples cena ou circunstâncias, em toda a sua carreira, que, de qualquer modo, fosse um exemplo da bondade, benignidade, terna misericórdia e fidelidade de Deus. Pelo contrário, cremos que será sempre uma das mais agradáveis ocupações ter presente a feliz recordação de todos os feitos do nosso Pai conosco durante a nossa passagem por este deserto para o nosso eterno descanso.

Mas não queremos que o sentido das nossas palavras seja mal compreendido. Não desejamos, de modo nenhum, dar apoio ao hábito de pensarmos apenas na nossa própria experiência. Isto é muitas vezes uma fraca tarefa, e transforma-se por si mesma em ocupação pessoal. Devemo-nos guardar contra isto como uma das muitas coisas que tendem a diminuir o nosso tom espiritual e a afastar os nossos corações de Cristo. Mas não devemos nunca ter receio do resultado de manter viva a recordação dos caminhos e atos de Deus para conosco. Isto é um bendito hábito, que tende sempre a elevar-nos acima de nós próprios e nos enche de louvores e ações de graças.

Para Compreender a Misericórdia de Deus

Mas, pode perguntar-se, porque foi recomendado a Israel que recordasse *tudo* o caminho por onde o SENHOR, seu Deus, o havia guiado? Seguramente para induzir os seus corações em louvor pelo passado e fortalecer a sua confiança em Deus quanto ao futuro. Assim deve ser sempre. Nós O louvaremos pelo passado, e confiaremos n'Ele em tudo que está para vir. Possamos nós fazer assim mais e mais! Que possamos avançar, dia a dia, louvando e confiando, confiando e louvando.

Estas são as duas coisas que redundam para glória de Deus e para nossa paz e gozo n'Ele. Quando os olhos descansam sobre os "Ebenézeres" que se acham ao longo do caminho, o coração tem de dar saída aos seus doces "aleluias" Aquele que nos tem ajudado até aqui e que nos ajudará até o fim. *Libertou-nos, liberta-nos, e nos libertará.* Que bendita série! É formada por laços de libertação divina.

E não é somente sobre as assinaladas misericórdias e libertação da mão de nosso Pai que nos devemos manter, com reconhecida gratidão, mas também sobre as "humilhações" e as "provações" do Seu fiel, sábio e santo amor. Todas estas coisas estão repletas das mais ricas bênçãos para as nossas almas. Não são, como algumas vezes são chamadas por muitos, misericórdias disfarçadas, mas misericórdias claras, palpáveis, inconfundíveis pelas quais havemos de louvar o nosso Deus durante os áureos séculos dessa esplendorosa eternidade que está diante de nós.

"E te lembrarás de *todo* o caminho"—de cada etapa da jornada, de cada cena da vida do deserto, de todos os atos de Deus, desde o princípio ao fim, com o especial objetivo de "te humilhar, para te tentar, para *saber o que estava no teu coração.*"

Quão maravilhoso é pensar no cuidado amoroso e paciente graça de Deus com o Seu povo no deserto! Que preciosa instrução para nós! Com que profundo interesse e deleite espiritual nos podemos debruçar sobre o relato dos atos divinos com Israel em todas as suas peregrinações pelo deserto! Quanto podemos aprender dessa maravilhosa história! Nós temos também de ser humilhados e provados para que se possa saber o que está no nosso coração.

Ao empreender a viagem para seguirmos o Senhor, conhecíamos muito pouco das profundezas do mal e da loucura dos nossos corações. Na realidade, conhecíamos tudo de um modo supérfluo. E na proporção que avançamos na nossa carreira prática que começamos a experimentar a realidade das coisas; descobrimos as profundidades do mal em nós próprios, a absoluta falsidade e a nulidade de tudo que há no mundo, e a urgente necessidade da mais completa dependência da graça de Deus, em todo o momento. Tudo isto é muito bom; faz-nos humildes e desconfiados de nós mesmos; livra-nos do orgulho e da suficiência pessoal, e leva-nos a apegar-nos, com a simplicidade de uma criança, Aquele que é o único capaz de evitar de cairmos. Assim, à medida que crescemos em conhecimento do que somos, obtemos um sentido mais profundo da graça, uma mais profunda familiaridade com o maravilhoso amor de Deus, a Sua ternura para conosco, a Sua maravilhosa paciência em suportar todas as nossas fraquezas e faltas, a Sua rica misericórdia em nos haver levantando, o Seu amoroso suprimento de todas as nossas diversas necessidades, as Suas inumeráveis intervenções em nosso favor, as provas pelas quais tem achado bem conduzir-nos para proveito profundo e permanente das nossas almas.

O efeito prático de tudo isto é incalculável; comunica ao caráter profundidade, solidez e maturação; cura-nos de todas as nossas noções errôneas e vãs teorias;

liberta-nos da parcialidade e do fanatismo; torna-nos ternos; torna-nos ternos, ponderados, pacientes e atenciosos com os outros; corrige as nossas duras opiniões e dá-nos o gracioso desejo de encarmos a conduta dos outros do melhor ponto de vista, e prontidão em atribuir os melhores motivos em casos que nos podem parecer duvidosos. Estes são os preciosos frutos da experiência do deserto, os quais todos podemos ardentemente desejar.

"O Homem não Viverá só de Pão"

"E te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecestes, nem teus pais o conheceram, para te dar a entender que o homem não viverá só de pão, mas que de tudo que sai da boca do SENHOR viverá o homem" (versículo 3).

Esta passagem tem especial interesse e importância devido ao fato de ser a primeira passagem do livro de Deuteronômio citada por nosso Senhor em Seu conflito com o adversário no deserto. Consideremos isto profundamente. Requer a nossa mais viva atenção. Porque citou o Senhor uma passagem de Deuteronômio? Porque esse era o livro que, sobre todos os demais, se aplicava de um modo especial ao estado de Israel nesse momento. Israel havia fracassado por completo, e este fato importante lhe é atribuído no livro de Deuteronômio, desde o princípio a fim. Mas apesar do fracasso da nação, o caminho da obediência estava aberto a todo o israelita fiel. Era um privilégio e um dever de todo aquele que amava a Deus apegar-se à Sua Palavra, em todas as circunstâncias e em todo o lugar.

Ora, nosso bendito Senhor foi divinamente fiel à posição do Israel de Deus; Israel segundo a carne havia falhado e perdido tudo, Ele estava ali, no deserto, como o verdadeiro Israel de Deus, para enfrentar o inimigo por meio da simples autoridade da Palavra de Deus. "E Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto. E quarenta dias foi tentado pelo diabo, e, naqueles dias não comeu coisa alguma, e, terminados eles, teve fome. E disse-lhe o diabo: Se tu és o Filho de Deus, dize a esta pedra que se transforme em pão. E Jesus lhe respondeu, dizendo: *Escrito está* que nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra de Deus" (Lc 4:1-4).

Aqui, pois, está alguma coisa digna de consideração para nós. O homem perfeito, o verdadeiro Israel, estava no deserto, rodeado pelas feras, jejuando por espaço de quarenta dias, na presença do grande adversário de Deus, do homem e de Israel. Não havia em toda aquela cena nada que falasse de Deus. Não sucedia com o segundo Homem como sucedeu com o primeiro; não estava rodeado por todas as delícias do Éden, mas de toda a tristeza e desolação do deserto, na solidão e com fome — mas estava ali para Deus!

Sim; bendito seja o Seu nome, e estava ali para o homem; para mostrar ao homem como enfrentar o inimigo em todas as suas variadas tentações; para

mostrar ao homem como devia viver. Não devemos supor, nem por um momento, que nosso adorável Senhor se opôs ao adversário como Deus sobre todos; decerto, era Deus, mas se fosse apenas como tal que Se mantinha do conflito, não podia proporcionar-nos nenhum exemplo. Além disso, era desnecessário dizer-se que Deus era poderoso para dominar e afugentar uma criatura que as Suas próprias mãos haviam formado. Mas ver Um que era, em todos os sentidos, homem, em todas as circunstâncias da humanidade, exceto o pecado; vê-Lo ali em fraqueza, com fome, no meio das conseqüências da queda do homem, e descobrir que Ele triunfa completamente sobre o terrível inimigo, é o que nos dá ânimo, consolação força e coragem.

E como triunfou Ele?- Esta é a grande e importante questão para nós, uma questão que exige a mais profunda atenção de todos os membros da Igreja de Deus; uma questão cuja magnitude e importância é completamente impossível exagerar. Como foi então que o Homem Cristo Jesus venceu Satanás no deserto?- Simplesmente pela palavra de Deus. Venceu não como o Altíssimo Deus, mas como o Homem humilde, dependente, e obediente. Temos diante de nós o magnífico espetáculo de um homem que se mantém firme na presença do diabo e o confunde completamente sem qualquer outra arma senão a Palavra de Deus. Não foi pela demonstração de poder divino, porque esse não podia ser um exemplo para nós; foi simplesmente com a Palavra de Deus em Seu coração e em Seus lábios, que o segundo Homem confundiu o terrível inimigo de Deus e do homem.

E notemos atentamente que nosso bendito Senhor não discute com Satanás. Não apela para quaisquer fatos relacionados Consigo — fatos que o inimigo conhecia bem. O senhor não diz: "Sei que sou o Filho de Deus; os céus abertos, o Espírito descendo, e a voz do Pai deram testemunho do fato de ser eu o Filho de Deus." Não; isto não serviria de nada; não seria e não podia ser um exemplo para nós. O único ponto especial que nos convém notar e do qual devemos aprender é o nosso Grande Exemplo, quando enfrentou todas as tentações do inimigo, usou somente a arma que temos em nosso poder, isto é, a simples e preciosa Palavra de Deus.

Dizemos "todas as tentações" porque nos três casos a resposta invariável do Senhor é: "*Está escrito*". Não diz "Eu sei"; "Eu sinto"; "eu creio" isto ou aquilo; recorre simplesmente à Palavra de Deus escrita—o livro de Deuteronomio em especial, o próprio livro que os infiéis se têm atrevido a insultar, mas que é proeminentemente o livro para todo o homem obediente, em face da total, universal e desesperada ruína.

Isto é de indizível importância para nós, prezado leitor. É como se o nosso Senhor tivesse dito ao adversário; "Se sou ou não o Filho de Deus não é questão para agora, mas de como o *homem* há de viver, e a resposta a esta questão só pode encontrar-se na Sagrada Escritura; e encontra-se nela tão clara como a luz do sol,

independentemente de todas as questões a meu respeito. Quem quer que eu seja, a Escritura é a mesma; nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus."

..Mas de Toda Palavra de Deus

Aqui temos a única atitude verdadeira, segura e ditosa para o homem, isto é, manter-se em sincera dependência de "toda palavra que sai da boca de Deus." Bendita atitude! Bem podemos dizer que não há nada parecido com ela em todo o mundo. Põe a alma em contato direto, vivo e pessoal com o próprio Senhor por meio da Sua Palavra. A Palavra torna-se assim tão essencial para nós, em tudo, que não podemos passar sem ela. Da mesma forma que a vida natural é sustentada com pão, a vida espiritual é sustentada pela Palavra de Deus. Não se trata meramente de recorrer à Bíblia para encontrar nela doutrinas, ou ter as nossas opiniões ou pontos de vista confirmados; é muito mais do que isto; é procurar na Bíblia os elementos essenciais à vida—á vida do novo homem; é procurar nela alimento, luz, direção, conforto, autoridade, força, tudo, numa palavra, que a alma pode necessitar, desde o princípio ao fim.

E notemos especialmente a força e o valor da expressão, "*toda* palavra". Como isto nos mostra plenamente que não podemos dispensar uma simples palavra que tenha procedido da boca de Deus. Necessitamos de todas elas. Não podemos saber qual o momento em que pode surgir qualquer exigência para a qual a Escritura já fez provisão. Poderemos não ter notado especialmente a passagem antes, mas quando se levantar a dificuldade, se estivermos no devido estado de alma, e em verdadeira disposição de coração, o Espírito de Deus nos proporcionará a passagem necessária; e nós veremos então a força, beleza, profundidade e adaptação moral na passagem que nunca antes havíamos visto. A Escritura é um tesouro divino e portanto inesgotável pela qual Deus tem feito ampla provisão para todas as necessidades do Seu povo, e para cada crente em especial. Por isso, devemos estudá-la, meditá-la e guardá-la em nossos corações, pronta para ser usada quando se apresentar a necessidade.

Não há uma só crise ocorrida em toda a história da Igreja de Deus, nem uma só dificuldade em toda a carreira de qualquer crente que não haja sido perfeitamente provida na Bíblia. Temos tudo quanto necessitamos nesse bendito volume; e por isso devemos procurar sempre estar mais e mais familiarizados com o que ele contém, a fim de estarmos assim "inteiramente instruídos" para qualquer coisa que possa levantar-se, quer seja uma tentação do diabo, uma sedução do mundo, ou um desejo carnal; ou, por outro lado, para estarmos equipados para a senda de boas obras, que Deus preparou para que andássemos nelas.

E devemos, além disso, prestar especial atenção à frase: "*Que sai da boca de Deus*". Isto é inefavelmente precioso. Aproxima o Senhor tanto de nós, e nos dá um

tal sentido da realidade de nos alimentarmos de cada uma das Suas palavras, sim, de dependermos delas como de alguma coisa absolutamente essencial e indispensável. Demonstra o fato bendito de que as nossas almas não podem subsistir sem essa palavra assim como os nossos corpos tampouco podem subsistir sem alimento. Em suma, esta passagem nos ensina que o verdadeiro estado do *homem*, a sua própria atitude, o seu único lugar de vigor, segurança, descanso e bênção consiste em permanecer em habitual dependência da palavra de Deus.

Esta é a vida da fé que somos chamados a viver — vida de dependência — vida de obediência — a vida que Jesus viveu perfeitamente. O bendito Senhor não dava um só passo, não articulava uma só Palavra, nem fazia qualquer coisa senão por autoridade da palavra de Deus. Sem dúvida, Ele podia ter transformado as pedras em pão, mas não tinha mandado de Deus para fazer isso; e visto que não tinha mandado, não tinha motivo para atuar. Por isso as tentações de Satanás foram perfeitamente impotentes. Nada podia conseguir de um Homem que só agia sobre a autoridade da Palavra de Deus.

E podemos observar, também, com o maior interesse e proveito, que nosso bendito Senhor não cita a Escritura com o propósito de calar o adversário; mas simplesmente como autoridade para a sua posição e conduta. E aqui que estamos tão dispostos a falhar; não usamos suficientemente a bendita Palavra de Deus desta maneira; é verdade que a citamos, às vezes, mais com ares de vitória sobre o inimigo do que como poder e autoridade para nossas almas. Desta forma ela perde o seu poder em nossos corações. Precisamos de usar a Palavra como um homem faminto usa o pão, ou como o marinheiro usa o seu mapa e a sua bússola; é aquilo de que vivemos e em que nos movemos, em que atuamos, pensamos e falamos. Assim é na realidade e quanto mais experimentarmos que ela é tudo isto para nós, tanto mais conheceremos a sua infinita preciosidade. Quem é que conhece melhor o verdadeiro valor do pão? E um químico? Não; mas um homem faminto. Um químico pode analisá-lo e discutir as suas partes componentes, mas um homem faminto conhece o seu valor. Quem é que conhece melhor o verdadeiro valor de um mapa? E o mestre de navegação? Não; mas o marinheiro à medida que vai navegando ao largo de uma costa desconhecida e perigosa.

Isto são apenas fracas figuras para ilustrar o que a Palavra de Deus é para o verdadeiro cristão. Nada pode passar sem ela. É absolutamente indispensável em todas as relações da vida, em todas as esferas de ação. A sua vida latente é alimentada e mantida por ela; a sua vida prática é guiada por ela; em todas as cenas e circunstâncias da sua vida pessoal e doméstica, no retiro do seu quarto, no seio da sua família, na administração dos seus negócios, ele debruça-se sobre a Palavra de Deus buscando direção e conselho.

E ela nunca falta àqueles que simplesmente a ela se inclinam e nela confiam. Podemos confiar na Escritura sem uma simples sombra de receio. Consultemo-la

sempre que quisermos, e acharemos sempre o que precisamos. Estamos aflitos?- O pobre coração está desolado, abatido e amargurado? O que poderá aliviar-nos e confortar-nos como as palavras consoladoras que o Espírito Santo escreveu para nós? Uma frase da Sagrada Escritura pode fazer mais, no sentido de conforto e consolação, do que todas as cartas de condolências que jamais foram escritas por mãos humanas. Estamos desanimados, sucumbidos e abatidos? A Palavra de Deus nos basta com as suas gloriosas e comovedoras garantias. Estamos em aperto com os tormentos da pobreza? O Espírito Santo segreda aos nossos corações algumas das promessas áureas das páginas de inspiração, recordando-nos Aquele que é "O Possuidor dos céus e da terra", e que, em graça infinita, Se tem comprometido a "suprir todas as *nostras* necessidades segundo as suas riquezas em glória, por Cristo Jesus." Estamos perplexos e fatigados com as opiniões contraditórias dos homens, os dogmas de escolas de divindade opostas, por dificuldades religiosas e teológicas? Algumas passagens da Sagrada Escritura derramarão um dilúvio de luz divina sobre o coração e a consciência dando-nos completa tranqüilidade, respondendo a todas as interrogações, resolvendo todas as dificuldades, removendo todas as dúvidas, desvanecendo toda a nuvem, dando-nos a conhecer a mente de Deus e pondo fim às opiniões contraditórias por meio da única autoridade divinamente competente.

Que dádiva é portanto a Sagrada Escritura! Que tesouro precioso possuímos na Palavra de Deus! Como devemos bendizer o Seu Santo Nome por no-la haver dado! Sim; e louvá-Lo também por tudo quanto tende a dar-nos um conhecimento mais completo da profundidade, plenitude e poder dessas palavras do nosso capítulo, "...o homem não viverá só de pão, mas que de tudo o que sai da boca do SENHOR, viverá o homem."

Verdadeiramente estas palavras são preciosas ao coração do crente! E não o são menos as que as seguem, nas quais o amado e venerável legislador refere com enternecedora afabilidade o terno cuidado do Senhor durante o tempo da peregrinação de Israel pelo deserto. "Nunca se envelheceu o teu vestido sobre ti", diz ele, "nem se inchou o teu pé nestes quarenta anos."

Nada faltou durante estes Quarenta Anos

Que graça maravilhosa brilha nessas palavras! Pense-se em Javé cuidando do Seu Povo, de maneira que os seus vestidos se não envelhecessem e se não inchassem os seus pés! Não somente os alimentou, mas vestiu-os e cuidou deles de todas as maneiras. Até Se debruçou para cuidar dos seus pés, para que a areia do deserto os não pudesse magoar! Assim, por quarenta anos, velou por eles com toda a delicada ternura do coração de um pai. O que não empreenderá o amor em favor do objeto amado? O Senhor amava o Seu povo e este bendito fato assegurava tudo em seu favor, se apenas o tivessem compreendido. Não havia uma única coisa dentro dos limites das necessidades de Israel, desde o Egito a Canaã, que não

tivesse assegurada para eles e incluída no fato de que o Senhor havia proposto realizá-la por eles. Com amor infinito e poder onipotente a sua favor, que poderia faltar-lhes?

Mas, como sabemos, o amor reveste-se de várias formas. Tem mais alguma coisa a fazer do que prover alimento e vestuário para o objeto amado. Não só tem de atender às suas necessidades físicas mas também às necessidades morais e espirituais. O legislador não deixa de recordar isto ao povo. "Confessa, pois", diz ele, "*no teu coração que* "—a única maneira verdadeira e eficaz de considerar— "como um homem castiga o seu filho, assim te castiga o SENHOR, teu Deus."

Ora nós não gostamos de ser castigados; não é agradável, mas doloroso. Está tudo muito bem quando um filho recebe alimento e vestuário da mão de seu pai, e todas as suas necessidades são satisfeitas pelo cuidadoso amor de seu pai; mas não lhe agrada ver o pai pegar na vara. E, todavia, essa temida vara pode ser a coisa mais conveniente para o filho; pode ser para ele o que os benefícios materiais ou o bem-estar terreno não podem conseguir; pode corrigir qualquer mau hábito ou livrá-lo de alguma má inclinação, ou salvá-lo de alguma má influência, e ser assim uma grande bênção moral e espiritual pela qual ele terá de ser agradecido para sempre. O ponto importante para o filho é ver o amor e cuidado do pai na disciplina e castigo tão claramente como nos diversos benefícios materiais que são espelhados pelo seu caminho, dia a dia.

E aqui precisamente onde nós falhamos muito a respeito dos atos disciplinares de nosso Pai. Regozijamo-nos com os Seus benefícios e bênçãos; estamos cheios de louvor e gratidão à medida que recebemos, dia a dia, da Sua mão liberal, o rico suprimento de todas as nossas necessidades; deleitamo-nos em meditar sobre as Suas maravilhosas intervenções a nosso favor em tempos de aperto e dificuldade; é um precioso exercício volver os olhos para o caminho pelo qual a Sua benigna mão nos tem conduzido, e marcar os "Ebenezers" que nos falam do precioso auxílio que nos tem dado ao longo de todo o caminho.

Tudo isto é muito bom, muito justo e precioso; mas então existe o grande perigo de descansarmos nas misericórdias, nas bênçãos e benefícios que emanam, em tão rica profusão, do coração amantíssimo de nosso Pai e da Sua bondosa mão. Estamos dispostos a descansar nestas coisas e a dizer como o salmista: "*Eu dizia na minha prosperidade: Não vacilarei jamais. Tu, SENHOR, pelo teu favor fizeste forte a minha montanha*" (SI 30:6-7). Verdade é que é "pelo teu favor", mas contudo somos propensos a estar ocupados com a *nossa* montanha e a *nossa* prosperidade; permitimos que estas coisas se interponham entre os nossos corações e o Senhor e deste modo convertem-se numa cilada para nós. Daí a necessidade de castigo. Nosso Pai em seu fiel amor e cuidado vela por nós; vê o perigo e manda a provação, de uma ou outra forma. Pode vir um telegrama a comunicar a morte de um filho querido, ou a queda de um banco envolvendo a perda de todos os nossos interesses

terrenos. Ou pode suceder estarmos de cama com dores e enfermidade, ou obrigados a velar junto do leito de um enfermo querido.

Em suma, somos obrigados a atravessar águas profundas que parecem ao nosso pobre e covarde coração absolutamente esmagadoras. O inimigo sugere a pergunta: "É isto amor?" A fé responde, sem hesitação e sem reserva: "Sim!" E tudo amor, perfeito amor; a morte da criança, a perda da fazenda, a enfermidade triste, lenta e penosa, toda a dor, toda a ansiedade, as águas profundas e as negras sombras—tudo, tudo é amor—perfeito amor e infalível sabedoria. Estou seguro disso, até mesmo neste momento; não espero até o saber mais tarde, quando, desde a plena luz da glória, voverei os olhos para todo o caminho; sei-o agora mesmo, e alegro-me em o reconhecer para louvor daquela graça infinita que me tirou do profundo da minha ruína, e se encarregou de tudo que me diz respeito, e que se digna ocupar-se das minhas falhas, loucuras e pecados, a fim de me livrar deles, para me fazer participante da santidade divina e conforme a imagem d'Aquele bendito Senhor que "me amou e se entregou a si mesmo por mim".

Leitor cristão, este é o modo de responder a Satanás e aplacar os escuros argumentos que possam surgir em nossos corações. Devemos justificar sempre Deus. Devemos encarar os Seus atos judiciários à luz do Seu amor. "Confessa pois no teu coração que, *como um homem castiga a seu filho*, assim te castiga o SENHOR". Certamente, não nos queremos ver sem a bendita garantia e prova de filiação. *filho meu*, não desprezes a correção do Senhor, e não desmaies quando, por ele, fores repreendido; porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho. Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque que filho há a quem o pai não corrija? Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois, então, bastardos e não filhos. Além do que, tivemos nossos pais segundo a carne, para nos corrigirem, e nós os reverenciamos; não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos? Porque aqueles, na verdade, por um pouco de tempo, nos corrigiam como bem lhes parecia; mas este, para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade. E, na verdade, toda correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas, depois, produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela. Portanto, tornai a levantar as mãos cansadas e os joelhos desconjuntados, e fazei veredas direitas para os vossos pés, para que o que manqueja se não desvie inteiramente; antes, seja sarado" (Hb 12:5-13).

E, ao mesmo tempo, interessante e proveitoso notar a maneira como Moisés insta com a congregação para que não esqueça os diversos motivos de obediência no passado, no presente e no futuro. Tudo é apresentado com o fim de avivar e profundar o seu sentido dos direitos do Senhor sobre eles. Deviam *recordar* o passado, *considerar* o presente, e *antecipar* o futuro; e tudo isto devia atuar sobre

os seus corações, e guiá-los em santa obediência Aquele bendito Senhor que havia feito, estava fazendo e ainda havia de fazer tão grandes coisas por eles.

O leitor atento dificilmente pode deixar de observar nesta constante exposição de motivos morais uma característica especial deste encantador livro de Deuteronomio e uma notável prova de que não se trata de intentar uma repetição do que temos em Êxodo; mas, pelo contrário, de que o nosso livro tem um alcance, um fim e um desígnio inteiramente próprios. Falar de mera repetição é absurdo; falar de contradição é irreverente.

"E guarda os mandamentos do SENHOR, teu Deus, para o temeres e andar nos seus caminhos." A partícula "e" tem força retrospectiva e prospectiva. Era destinada a guiar o coração sobre os atos do Senhor no passado e a apontar-lhe o futuro. Deviam pensar na maravilha história desses quarenta anos no deserto: o ensino, a humilhação, a provação, o cuidado vigilante, o ministério gracioso, o amplo suprimento de todas as suas necessidades, o maná do céu, a corrente da rocha ferida pela vara, o cuidado dos seus vestidos e dos seus pés, a disciplina salutar para o seu bem moral. Que poderosos motivos morais estavam aqui para a obediência de Israel!

Mas isto não era tudo; deviam olhar também para o futuro; deviam antecipar a brilhante perspectiva que estava diante deles; deviam achar no futuro, assim como no passado e no presente, a base sólida dos direitos do Senhor sobre a sua reverente e sincera obediência.

" O SENHOR, teu Deus, te mete numa boa terra"

"Porque o SENHOR, teu Deus, te mete numa boa terra, terra de ribeiros de águas, de fontes e de abismos, que saem dos vales e das montanhas; terra de trigo e cevada, de vides, figueiras, e romeiras; terra de oliveiras, abundante de azeite e mel; terra em que comerás o pão sem escassez e nada te faltará nela; terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes tu cavarás o cobre" (versículos 7 a 9).

Que bela perspectiva! Que esplendorosa visão! Que notável contraste com o Egito por trás deles e o deserto por onde haviam passado! A terra do Senhor estendia-se diante deles em toda a sua beleza e verdura, os seus outeiros cobertos de vinhedos e planícies melíferas, as suas fontes impetuosas e correntes caudalosas. Como era animador pensar na videira, na figueira, na tamareira e na oliveira! Como era diferente dos porros, cebolas e alhos do Egito! Sim, tudo tão diferente! Era a própria terra do Senhor: isto era bastante. Produzia e continha tudo que podiam possivelmente precisar. Acima da sua superfície rica profusão; abaixo dela riquezas incontáveis, tesouros inesgotáveis.

Que perspectiva! Quão impaciente estaria o israelita fiel por entrar nela! — impaciente por trocar a areia do deserto por essa brilhante herança! Decerto, o deserto tinha as suas profundas e benditas experiências, as suas santas lições, as

suas preciosas recordações. Ali haviam conhecido o Senhor de um modo como não O podiam conhecer nem mesmo em Canaã; tudo isto era muito verdadeiro, e nós podemos compreendê-lo plenamente; mas ainda assim o deserto não era Canaã, e todo o verdadeiro israelita ansiava pôr os seus pés na terra da promessa, e nós podemos verdadeiramente dizer que Moisés apresenta a terra, na passagem que acabamos de citar, de uma maneira eminentemente calculada para atrair o coração. "Terra", diz ele, "em que comerás o pão sem escassez, e *nada te faltará nela*". Que mais podia dizer-se? Aqui estava o grande fato a respeito daquela boa terra em que a mão do concerto de amor os ia introduzir. Todas as suas necessidades seriam divinamente satisfeitas. A fome e a sede nunca seriam ali conhecidas. Saúde e abundância, gozo e alegria, paz e bênção deveriam ser a porção assegurada do Israel de Deus nessa formosa herança em que estavam prestes a entrar. Todo o inimigo seria vencido; todo o obstáculo afastado; "a terra deleitável" ia produzir as suas riquezas para seu uso; regada continuamente pelas chuvas do céu, e aquecida pela luz do sol, havia de produzir, em rica abundância, tudo quanto o coração podia desejar.

Que terra! Que herança! Que lar! Evidentemente, nós encaramo-la agora desde o ponto de vista divino; encaramo-la segundo o que ela era na mente de Deus e o que ela será, certamente, durante essa esplendorosa época milenial que os aguarda. Teríamos na verdade apenas uma idéia muito infeliz da terra do Senhor se pensássemos nela meramente como foi possuída por Israel no passado, até mesmo nos dias mais refulgentes da sua história tal como nos aparece entre os esplendores do reinado de Salomão. Devemos antever "os tempos da restituição de todas as coisas" para podermos ter uma idéia verdadeiramente aproximada do que a terra de Canaã será ainda para o Israel de Deus.

Ora Moisés fala da terra segundo a idéia divina acerca dela. Apresenta-a como dada por Deus. E não como foi possuída por Israel. Isto faz toda a diferença. Segundo a sua encantadora descrição, não havia nem inimigo nem mal algum: nada senão fertilidade e bênção de um extremo ao outro. E o que teria sido, o que deveria ser e o que será, dentro em pouco, para a semente de Abraão, em cumprimento do concerto com seus pais—o novo, o eterno concerto baseado na graça soberana de Deus e retificado pelo sangue da cruz. Nenhum poder na terra ou no inferno pode impedir o propósito da promessa de Deus. "Diria ele e não o faria?-" Deus cumprirá à letra toda a Sua palavra, não obstante toda a oposição do inimigo e o lamentável fracasso do Seu povo. Embora a descendência de Abraão tenha falhado inteiramente tanto debaixo da lei como sob o governo, contudo o Deus de Abraão dará graça e glória, porque os Seus dons e promessas são sem arrependimento.

Moisés compreendeu tudo isto plenamente. Sabia como correriam as coisas com aqueles que estavam diante de si, e com os seus filhos depois deles, por muitas

gerações; e anteviu esse esplendoroso futuro em que o Deus do concerto exporá à vista de todas as inteligências criadas os triunfos da Sua graça em Seus atos com a descendência de Seu amigo Abraão.

No entanto, o fiel servo do Senhor, fiel ao objetivo que tinha ante a sua mente, em todos esses maravilhosos discursos em que começa o nosso livro, procede com o desenvolvimento, perante a congregação, da verdade a respeito da maneira de atuar na boa terra em que estavam prestes a pôr os seus pés. Assim como havia falado do passado e do presente, assim faria quanto ao futuro; faria com que tudo contribuísse no seu santo esforço para incitar o povo ao seu inequívoco e sagrado dever. Aquele bendito Senhor que tão bondosa e ternamente havia cuidado deles durante toda a sua jornada, e que ia introduzi-los e estabelecê-los no monte da Sua herança. Escutemos a sua comovedora e poderosa exortação.

"Quando, pois, tiveres comido e fores farto, louvarás ao SENHOR, teu Deus, pela boa terra que te deu." Quão simples! Quão formoso! Quão moralmente apropriado! Saciados com o fruto da bondade do Senhor, deviam bendizer e louvar o Seu santo Nome. E Seu deleite fazer-se rodear de corações transbordantes do doce sentimento da Sua bondade e que se derramam em salmos e ações de graças. Habita entre os louvores do Seu povo, "Aquele que oferece sacrifício de louvor me glorificará" (SI 50:23). Anota mais fraca de um coração agradecido sobe como fragrante incenso ao trono e ao coração de Deus.

Prezado Leitor, recordemos isto. E tão verdadeiro para nós, sem dúvida, como era para Israel, que o louvor é formoso. A nossa primeira ocupação deve ser louvar o Senhor. O nosso próprio alento deve ser um aleluia. O Espírito Santo exorta-nos em múltiplas passagens a este bendito e santo privilégio. "Portanto, ofereçamos sempre por ele a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome" (Hb 13:15). Devemos recordar sempre que nada é tão agradável ao coração do nosso Deus e nada glorifica tanto o Seu nome como um espírito de adoração e gratidão por parte do Seu povo. Bom é fazer o bem e comunicar com as necessidades dos santos. Com tais sacrifícios Deus Se agrada. É nosso alto privilégio, enquanto temos oportunidade, fazer bem a todos os homens, e especialmente aos domésticos da fé. Somos chamados para sermos canais de bênção entre o coração amoroso de nosso Pai e toda sorte de necessidade humana que se nos apresente na nossa vida diária. Tudo isto é ditosamente verdadeiro, mas não devemos esquecer nunca que o mais elevado lugar está destinado ao louvor. É isto que ocupará as nossas energias resgatadas através dos séculos áureos da eternidade, quando os sacrifícios de ativa benevolência já não serão necessários.

Porém o fiel legislador conhecia muito bem a lamentável tendência do coração humano para esquecer tudo isto, para perder de vista o bondoso Dador e descansar em Suas dádivas. Por isso dirige as seguintes palavras de advertência à congregação — palavras salutares, na verdade, para eles e para nós. Possamos nós inclinar os

nossos ouvidos e os nossos corações perante elas, em santa reverência e com espírito desejoso de aprender!

"Não esqueças do SENHOR, teu Deus"

"Guarda-te para que te não esqueças do SENHOR, teu Deus, não guardando os seus mandamentos, e os seus juízos, e os seus estatutos que hoje te ordeno; para que, porventura, *havendo tu comido, e estando farto*, e havendo edificado boas casas, e habitando-as, e se tiverem aumentado as tuas vacas e as tuas ovelhas, e se acrescentar a prata e o ouro, e se multiplicar tudo quanto tens, se não eleve o teu coração, e te não esqueças do SENHOR, teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão; que te guiou por aquele grande e terrível deserto de serpentes ardentes, e de escorpiões, e de secura, em que não havia água; e tirou água para ti da rocha do seixal; que no deserto te sustentou com o maná, que teus pais não conheceram; para te humilhar, e para te provar, *e para, no teu fim, te fazer bem*-, e não digas no teu coração: A minha força, e a fortaleza do meu braço me adquiriram este poder. Antes te lembrarás do SENHOR, teu Deus, que ele é o que te dá força para adquirires poder; para confirmar o seu concerto, que jurou a teus pais; como se vê neste dia. Será, porém, que, se, de qualquer sorte, te esqueceres do SENHOR, teu Deus, e se ouvires outros deuses, e os servires, e te inclinares perante eles, hoje eu protesto contra vós que certamente perecereis. Como as gentes que o SENHOR destruiu diante de vós, assim vós perecereis *porquanto não quisestes obedecer à voz do SENHOR, VOSSO Deus*" (versículos 11 a 20).

Aqui há alguma coisa para nossa profunda meditação. Tem certamente uma palavra para nós, como a teve para Israel. Talvez nos sintamos dispostos a estranhar a repetição freqüente da nota de prevenção e admoestação, os constantes apelos ao coração e à consciência do povo quanto ao seu dever sagrado de obedecer, em tudo, à Palavra de Deus; a repetição constante dos grandes e comovedores fatos relacionados com a sua libertação do Egito e a jornada através do deserto.

Mas por que motivo nos admiramos? Em primeiro lugar, não sentimos profundamente e não admitimos plenamente a nossa urgente necessidade de aviso, admoestação e exortação? Não necessitamos de linha após linha, das citadas, preceito após preceitos, e isto continuamente?- Não estamos sempre dispostos a esquecer o Senhor, nosso Deus, para nos apoiarmos nas Suas dádivas em vez de n'Ele mesmo?- Ah, não podemos negá-lo! Sentamo-nos junto à corrente, em vez de irmos à Fonte. Convertemos as próprias misericórdias, bênçãos e benefícios que juncam o nosso caminho em rica profusão em um motivo de satisfação e congratulação, em vez de encontrarmos neles o bendito fundamento de contínuo louvor a Deus e ações de graças.

Por conseqüência, quanto aos fatos importantes que Moisés recorda continuamente ao povo, podiam perder a sua importância moral, poder ou preciosidade? Decerto que não. Israel podia esquecer e deixar de apreciar esses fatos, mas os fatos permaneciam os mesmos. As terríveis pragas do Egito, a noite da páscoa, a sua libertação da terra das trevas, escravatura e degradação, a sua passagem maravilhosa através do Mar Vermelho, a descida desse alimento misterioso do céu, manhã após manhã, a corrente refrescante brotando da rocha do seixal — como poderiam tais fatos perder o seu poder sobre um coração que tivesse uma centelha do verdadeiro amor de Deus? E por que havemos de estranhar ao ver Moisés apelar, repetidas vezes, para eles e empregá-los como a mais poderosa alavanca para mover os corações do povo? O próprio Moisés sentiu a poderosa influência moral destas coisas, e de bom grado levaria outros a senti-la também. Eram preciosas além de toda a expressão para ele, e ansiava fazer com que seus irmãos sentissem a sua preciosidade assim como ele a sentia. Era seu único fim pôr diante deles, por todos os modos possíveis, os poderosos direitos do Senhor sobre a sua cordial e ilimitada obediência.

Isto, prezado leitor, será a razão de que poderia parecer a um leitor pouco espiritual, de inteligência limitada e precipitado, demasiado freqüente a repetição de cenas do passado nesses famosos discursos de Moisés. Ocorre-nos, à medida que as lemos, as encantadoras palavras de Pedro, em sua segunda epístola: "Pelo que não deixarei de exortar-vos *sempre acerca destas coisas*, ainda que bem as saibais e estejais confirmados na presente verdade. E tenho por justo, enquanto estiver neste tabernáculo, despertar-vos com admoestações, sabendo que brevemente hei de deixar este meu tabernáculo, como também nosso Senhor Jesus Cristo já mo tem revelado. Mas também eu procurei, *em toda a ocasião*, que depois da minha morte *tenhais lembrança destas coisas*" (2 Pe 1:12 a 15).

Quão notável é a unidade de espírito e propósito nestes dois amados e veneráveis servos de Deus! Conheciam, tanto um como outro, a tendência do pobre coração humano para esquecer as coisas de Deus, do céu e da eternidade; e sentiam a suprema importância e infinito valor das coisas de que falavam. Daí o seu ardente desejo de as manter continuamente ante os seus corações e de um modo permanente na memória do amado povo do Senhor. A inquieta e incrédula natureza humana podia dizer a Moisés ou a Pedro: "Não tendes nada novo para nos contar? Por que estais discorrendo sobre os mesmos temas antigos? Conhecemos tudo que tendes para nos dizer- têmo-lo ouvido repetidas vezes. Por que não abordar qualquer novo campo de idéias? Não seria conveniente procurar estar ao corrente da ciência atual? Se estivermos perpetuamente ocupados com esses temas antiquados, ficaremos à margem enquanto a corrente da civilização corre em frente. Por favor dai-nos alguma coisa nova."

Assim poderia discorrer a pobre inteligência incrédula e o coração humano raciocinar; mas a fé conhece a resposta a tais miseráveis sugestões. Podemos muito bem crer bem tanto Moisés como Pedro teriam prestado pouca atenção a tais argumentos. E assim devemos nós fazer. Sabemos de onde emanam, para que fim contribuem e o que valem; e devemos ter, se não em nossos lábios, ao menos no recôndito dos nossos corações uma resposta pronta— uma resposta perfeitamente satisfatória para nós, por mais desprezível que possa parecer aos homens deste mundo. Poderia um verdadeiro israelita aborrecer-se de ouvir o que o Senhor havia feito por ele no Egito, no Mar Vermelho e no deserto? Nunca! Esses temas eram sempre novos, sempre bem recebidos em seu coração. Acontece precisamente o mesmo com o cristão; poderá ele cansar-se da cruz e de todas as grandes e gloriosas realidades que se agrupam em redor dela 4- Pode aborrecer-se de Cristo, das Suas glórias sem par e inescrutáveis riquezas— a Sua pessoa, a Sua obra, Suas ocupações? Nunca! Não, nunca pelos séculos brilhantes da eternidade. Suspira por alguma coisa nova? A ciência pode aperfeiçoar Cristo?- Pode o saber humano acrescentar alguma coisa ao grande mistério da divindade que tem por fundamento Deus manifestado em carne e por pináculo um Homem glorificado no céu*? Poderemos ir além disto? Não, prezado leitor, não poderíamos se quiséssemos e não o faríamos se pudéssemos.

E se quiséssemos, ainda que fosse por um momento, descer a um terreno mais baixo, e ver as obras de Deus na criação, perguntamos, cansamo-nos de ver o sol? O sol não é novo; vem derramando os seus raios sobre este mundo por quase seis mil anos, e todavia esses raios são tão novos e tão bem vindos hoje como o eram quando foram criados. Aborrecemo-nos do mar? Não é novo; a sua maré tem estado em fluxo durante quase seis mil anos, mas as suas ondas são tão vigorosas e tão bem recebidas como sempre. Verdade é que o sol é muitas vezes demasiado brilhante para a fraca visão do homem, e o mar muitas vezes traga num momento as obras do homem, contudo, o sol e o mar nunca perdem o seu poder, a sua frescura, o seu encanto. Alguma vez nos cansamos dos chuviscos que caem com poder refrescante sobre os nossos jardins e campos? Aborrece- nos alguma vez o perfume que emana dos arbustos da nossa propriedade? Já alguma vez nos aborrecemos das notas do rouxinol e do tordo?

E o que é tudo isto quando comparado com as glórias que se agrupam em redor da pessoa e da cruz de Cristo? O que são estas coisas quando postas em contraste com as grandes realidades da eternidade que está diante de nós?

Leitor, tenhamos cuidado com a maneira como prestamos atenção a tais sugestões, quer venham de fora ou brotem das profundidades dos nossos corações pecaminosos, para que não sejamos achados como Israel segundo a carne enfatiados do maná celestial e desdenhando da terra deleitável; ou como Demas que desamparou o bem-aventurado apóstolo, amando o presente século; ou como

aqueles de que lemos em João 6, que, escandalizados com o ensino preciso e pungente de nosso Senhor, "tornaram para trás, e já não andavam com ele". Que o Senhor guarde os nossos corações fiéis a Si, vigorosos e zelosos na Sua bendita causa, até que Ele venha!

_ CAPÍTULO 9 —

OUVE, Ó ISRAEL

As Dificuldades e os Inimigos que os Esperam na Entrada do País

"Ouve, ó Israel, hoje passarás o Jordão, para entrares a possuir nações maiores e mais fortes do que tu; cidades grandes e muradas até aos céus; um povo grande e alto, filhos de gigantes, que tu conheces e de que já ouviste: Quem pararia diante dos filhos dos gigantes

Este capítulo começa com a mesma importante frase do Deuteronomio: "Ouve, ó Israel". Esta é, podemos dizer, a nota tônica deste bendito livro, e especialmente desses primeiros discursos que têm ocupado a nossa atenção. Mas o capítulo que está agora aberto diante de nós apresenta matéria de imenso valor e importância. Em primeiro lugar, o legislador põe diante da congregação, em termos da mais profunda solenidade, o que os espera à sua entrada na terra. Não esconde deles o fato que havia sérias dificuldades e formidáveis inimigos. Faz isto, desnecessário é dizer, não para os desanimar, mas para que pudessem estar armados e preparados. O que era essa preparação, veremos imediatamente; contudo o fiel servo de Deus sentia a retidão, sim, a necessidade urgente de pôr a verdadeira situação do caso diante dos seus irmãos.

Há duas maneiras de encarar as dificuldades: podemos encará-las sob o ponto de vista humano, ou sob o ponto de vista divino; podemos considerá-las com espírito de incredulidade ou na tranquilidade e quietude da confiança no Deus vivo. Temos um exemplo da primeira no relato dos espias incrédulos, em Números 13; temos um exemplo da última no princípio do presente capítulo.

Não é da competência nem segundo a conduta da fé negar que há dificuldades a enfrentar pelo povo de Deus; seria o cúmulo da insensatez negá-lo, visto que há dificuldades, e seria temeridade louca, fanatismo ou entusiasmo carnal negá-lo. E sempre conveniente que as pessoas saibam o que têm a fazer, e se não precipitem cegamente num caminho para o qual não estão preparadas. Um madraço incrédulo pode dizer: "Está um leão no caminho"; um cego entusiasta pode dizer: "Não há tal coisa"; o homem de fé dirá: "Ainda que houvesse mil leões no caminho, Deus pode depressa dar conta deles."

Mas, como um grande princípio da aplicação geral, é muito importante para todo o povo do Senhor considerar atenta e calmamente aquilo a que está exposto, antes de entrar em qualquer senda especial de serviço ou linha de ação. Se se prestasse mais atenção a isto não presenciáramos tantos fracassos morais e espirituais em redor de nós. Que significam essas solenes, perscrutadoras palavras dirigidas por nosso Senhor à multidão que se atropelava em redor d'Ele em Lucas 14? "E, voltando-se, disse-lhe: Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e

mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não levar a sua cruz e não vier após mim não pode ser meu discípulo. Pois qual de vós, querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabará Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: "Este homem começou a edificar e não pôde acabar "(versículos 25 a 30).

São palavras solenes e muito oportunas para o coração. Quantas obras vemos por terminar, quando olhamos para o vasto campo da profissão cristã, as quais dão uma triste ocasião para escárnio aos espectadores! Quantos há que empreendem a carreira de discipulado debaixo de qualquer repentino impulso, ou sob a pressão da influência humana, sem o devido conhecimento ou a devida consideração por tudo que está envolvido nessa decisão; e então quando sobrevêm as dificuldades, quando aparecem as provações, e se dão conta de que o caminho é estreito, escabroso, solitário e impopular, abandonam-no, provando deste modo que não haviam realmente calculado o custo e que não haviam tomado o caminho em comunhão com Deus — que nunca compreenderam o que estavam a fazer.

Ora, tais casos são muito tristes; fazem opróbrio à causa de Cristo dão ocasião ao adversário para blasfemar e desanimam grandemente os que buscam a glória de Deus e o bem das almas. É muito melhor não se tomar essa decisão do que, tomando-a, abandoná-la em escura incredulidade e decisão mundana.

Por isso, podemos perceber a sabedoria e fidelidade das palavras com que abre o nosso capítulo. Moisés fala abertamente ao povo do que está diante deles; não, certamente, para os desanimar, mas para os livrar da confiança própria que é mais do que certo ceder no momento de provação; e para os induzir a que confiem no Deus vivo que nunca desampara o coração que n'Ele confia.

"Sabe, pois hoje, que o SENHOR, teu Deus, Passa diante de ti"

"Sabe, pois, hoje, que o SENHOR, teu Deus, que passa diante de ti, é um fogo que consome, e os destruirá, e os derrubará de diante de ti; e tu os lançarás fora e cedo os desfarás, como o SENHOR te tem dito" (versículo 3).

Aqui, pois, está a resposta divina a todas as dificuldades, por muito grandes que sejam. Que eram nações poderosas, grandes cidades, muralhas fortificadas na presença do Senhor? Simplesmente como palha diante do furacão. "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" As próprias coisas que amedrontam e embaraçam o coração cobarde proporcionam ocasião para a manifestação do poder de Deus e do magnífico triunfo da fé. A fé diz: "Concedam-me apenas isto, que Deus está diante de mim e comigo, e eu posso ir seja aonde for." Assim a única coisa em todo este mundo que realmente glorifica Deus é a fé que pode confiar n'Ele, O emprega e O

louva. E visto que a fé é a única coisa que glorifica Deus, é também a única coisa que dá ao homem o seu próprio lugar de completa dependência de Deus, e isto garante vitória e inspira louvor - louvor incessante.

Mas não devemos esquecer que há perigo moral no próprio momento de vitória — perigo que provém do que somos em nós próprios. Existe o perigo de auto-congratulação—uma terrível cilada para todos nós, pobres mortais. Na hora do conflito, sentimos a nossa fraqueza, nulidade e necessidade. Isto é bom e moralmente seguro. É bom ser-se levado às profundezas do *ego* e tudo que lhe pertence, porque ali encontramos Deus em toda a plenitude e bem-aventurança do que Ele é, e isto é vitória certa, segura e conseqüente louvor.

Não é por Causa de tua Justiça que Entrarás no País

Porém, os nossos corações traiçoeiros e enganosos estão sempre dispostos a esquecer de onde vem a força e a vitória. Daí a força moral, valor e oportunidade das seguintes palavras de advertência dirigidas pelo fiel ministro de Deus aos corações e consciências dos seus irmãos. "Não fales *no teu coração*" — é aqui que o mal sempre começa—"por causa da minha justiça é que o SENHOR me trouxe a esta terra para a possuir, porque, pela impiedade destas nações, é que o SENHOR as lança fora, diante de ti."

Ah, de que matéria somos formados! Que ignorância dos nossos próprios corações! Que sentimento tão superficial do verdadeiro caráter dos nossos caminhos! Quão terrível é pensar que somos capazes de dizer em nossos corações tais como: "Por causa da minha justiça"! Sim, prezado leitor, somos muito capazes de uma tão grande loucura; pois assim como Israel era capaz disso, assim o somos nós, visto que somos feitos do mesmíssimo material; e que eles eram capazes disso é evidente pelo fato de serem advertidos a guardarem-se de tal pensamento; certamente o Espírito de Deus não admoesta ninguém contra perigos visionários ou tentações imaginárias. Somos muito capazes de converter os atos de Deus em nosso favor em uma ocasião de auto-complacência; em vez de vermos nesses atos de graça um motivo para sincero louvor a Deus, empregamo-los como base para própria exaltação.

Portanto, faríamos bem em ponderar as palavras de fiel advertência dirigidas por Moisés aos corações e consciências do povo; são um salutar antídoto para a auto-justiça tão natural em nós como em

Israel "Não é por causa da tua justiça, nem pela retidão do teu coração que entras a possuir a sua terra, mas, pela impiedade destas nações, o SENHOR, teu Deus, as lança fora, de diante de ti; e para confirmar a palavra que o SENHOR, teu Deus, jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó. Sabe, pois, que não é por causa da tua justiça que o SENHOR, teu Deus, te dá esta boa terra para possuí-la, pois tu és povo obstinado. Lembra-te e não te esqueças de que muito provocaste a ira do SENHOR,

teu Deus, no deserto; desde o dia em que saístes do Egito até que chegastes a esse lugar, rebeldes fostes contra o SENHOR" (versículos 5 a 7).

Este parágrafo estabelece dois princípios importantes, os quais, se forem plenamente compreendidos, devem pôr o coração em uma reta atitude moral. Em primeiro lugar, recordava-se ao povo que a posse da terra de Canaã era simplesmente conseqüência da promessa de Deus aos seus pais. Isto era colocar o assunto em uma base sólida —uma base que nada podia jamais abalar.

Quanto às sete nações que iam ser desalojadas, era com base na sua impiedade que Deus, no exercício da Sua justa administração, ia expulsá-las. Todo o proprietário tem o perfeito direito de expulsar os arrendatários; e as nações de Canaã não somente haviam deixado de pagar a sua renda como, podemos dizer, haviam danificado e contaminado a propriedade a tal ponto que Deus não podia suportá-las por mais tempo; e portanto ia lançá-las fora, independentemente dos futuros arrendatários. Quem quer que obtivesse posse da terra, estes terríveis arrendatários tinham de ser expulsos. A iniquidade dos amorreus tinha atingido o seu mais alto grau, e nada restava senão exercer o juízo. Os homens podiam argumentar e raciocinar quanto à conveniência e consistência de um Ser bondoso destelhar as casas de milhares de famílias e passar os seus habitantes à espada; mas podemos estar certos de que o governo de Deus fará pouco caso de tais argumentos. Deus, bendito seja para sempre o Seu santo nome, sabe como dirigir os Seus próprios negócios, e isto também sem necessidade de pedir a opinião do ornem. Havia suportado a impiedade das sete nações a tal ponto que se avia tornado absolutamente intolerável; a própria terra não podia suportá-lo. Qualquer prolongamento de tolerância teria sido uma ratificação das mais terríveis abominações; e isto era evidentemente uma impossibilidade moral. A glória de Deus requeria de uma maneira absoluta a expulsão dos cananeus.

Sim; e podíamos acrescentar que a glória de Deus exigia a introdução dos descendentes de Abraão na posse da propriedade para a possuírem, como arrendatários para sempre sob o Senhor, Deus Todo-poderoso, o Deus Altíssimo, Possuidor dos céus e da terra. Assim se apresentava o assunto a Israel, se eles apenas assim o tivessem compreendido. A posse da terra por eles e a manutenção da glória divina estavam tão intimamente ligadas que não era possível tocar numa coisa sem tocar na outra. Deus havia prometido dar a terra de Canaã à descendência de Abraão, em possessão eterna. Não tinha Ele o direito de assim fazer? Querirão os infiéis pôr em dúvida o direito de Deus fazer com os Seus como melhor lhe apraz? Querirão recusar ao Criador e Governador do universo um direito que reclamam para si? A terra era do Senhor, e Ele deu-a a Abraão, Seu amigo, para sempre; e embora isto fosse verdadeiro, contudo os cananeus não foram incomodados na posse da propriedade até que a sua impiedade se tornou absolutamente intolerável.

Desta maneira vemos que a glória de Deus estava envolvida na questão tanto dos arrendatários que saíam como dos que vinham. Essa glória exigia que os cananeus fossem expulsos por causa dos seus maus caminhos, e que Israel entrasse na posse por causa da promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó.

A Recordação do Bezerro de Ouro

Mas, em segundo lugar, Israel não tinha base para a complacência própria, visto que Moisés clara e fielmente os instruíra. Repete aos seus ouvidos, da maneira mais impressionante e comovedora, todas as principais cenas da sua história desde Horebe a Cades- barbeia; alude ao bezerro de ouro, às tábuas do concerto quebradas, a Tabela e a Massá, e a Quibrote-Hataavá; e resume tudo, em versículo 24, com estas palavras acerbas e humilhantes: "Rebeldes fostes contra o SENHOR, desde o dia em que vos conheci."

Isto era franco tratamento com o coração e a consciência. A revisão solene de toda a sua carreira estava eminentemente calculada para corrigir todas as falsas noções acerca de si próprios; cada cena e circunstância na sua história, quando considerada sob o ponto de vista apropriado, apenas trazia à luz o fato humilhante do que eles eram, e de quão perto haviam estado, repetidas vezes, da completa destruição. Com que poder estonteante devem ter ecoado aos seus ouvidos as seguintes palavras: "Levanta-te, desce depressa daqui, porque o teu povo, que tiraste do Egito, já se tem corrompido; cedo se desviou do caminho que eu lhe tinha ordenado; imagem de fundição para si fez. Falou-me mais o SENHOR, dizendo: Atentei para este povo, e eis que ele é povo obstinado. *Deixa-me que os destrua* e apague o seu nome de debaixo dos céus; e te faça a ti nação mais poderosa e mais numerosa do que esta" (versículos 12 a 14).

Quão fulminante era tudo isto para a sua natural vaidade, orgulho e justiça própria! Como os seus corações se devem ter sentido excitados até ao mais profundo recôndito com essas tremendas palavras: "Deixa-me que os destrua!" Como é solene ponderar o fato que estas palavras revelavam — a sua aterradora proximidade de ruína nacional e destruição! Quão ignorantes haviam estado de tudo que se havia passado entre o Senhor e Moisés no cume do monte Horebe! Havia estado à beira de um terrível precipício. Um momento mais poderia precipitá-los. A intercessão de Moisés tinha-os salvo, o próprio homem que eles haviam acusado de tomar sobre eles autoridade que lhe não haviam dado! Ah, como se haviam enganado e como o julgaram mal! Quão errados haviam estado em todos os seus pensamentos! Ora o próprio homem que haviam acusado de egoísmo e desejar agir como príncipe sobre eles, havia, com efeito, recusado uma oportunidade que lhe era divinamente da de se tornar o chefe de uma nação maior e mais poderosa do que eles! Sim, este mesmo homem havia pedido sinceramente

que se eles não podiam ser perdoados e introduzidos na terra, o seu nome fosse riscado do livro do Senhor.

Quão admirável era tudo isto! Como a sua própria conduta se voltava contra eles! Como se devem ter sentido excessivamente pequenos perante todos estes fatos maravilhosos! Sem dúvida, à medida que passavam em revista estes fatos, podiam bem ver a completa loucura das palavras: "Por causa da minha justiça é que o SENHOR me trouxe a esta terra para a possuir." Como podiam os artífices de uma imagem de fundição empregar uma tal linguagem? Não deveriam antes ver, sentir e reconhecer que não eram melhores do que as nações que estavam a ponto de ser expulsas da sua presença? Pois, o que era que os fazia diferir? A graça soberana e o amor de eleição do Deus do pacto. E a que deviam a sua libertação do Egito, a sua manutenção no deserto e a sua entrada na terra de Canaã? Simplesmente à eterna estabilidade do concerto feito com seus pais "Um concerto eterno,... em tudo bem ordenado e guardado" (2 Sm 23:5), um concerto ratificado e estabelecido pelo sangue do Cordeiro, em virtude do qual Israel será ainda salvo e abençoado na sua própria terra.

Moisés, o Intercessor

Mas devemos citar para o leitor o esplêndido parágrafo que encerra o nosso capítulo—um parágrafo eminentemente apropriado para abrir os olhos de Israel para a absoluta loucura de todos os seus pensamentos acerca de Moisés, dos seus pensamentos a respeito deles mesmos, e os pensamentos que alimentavam a respeito do bendito Senhor que tão maravilhosamente os havia suportado em toda a sua negra incredulidade e atrevida rebelião.

"E prostrei-me perante o SENHOR aqueles quarenta dias e quarenta noites em que estava prostrado; porquanto o SENHOR dissera que vos queria destruir. E orei ao SENHOR, dizendo: SENHOR DEUS, não destruas *o teu povo e a tua herança*, que resgataste com a tua grandeza, que tiraste do Egito com mão forte. Lembra-te dos teus servos Abraão, Isaque e Jacó; *não atentes para a dureza deste povo, nem para a sua impiedade, nem para o seu pecado*, para que o povo da terra donde nos tiraste não diga: Porquanto o SENHOR OS não pôde introduzir na terra de que lhes tinha falado e porque os aborrecia, os tirou para os matar no deserto. *Todavia, são eles o teu povo e a tua herança* que tu tiraste com a tua grande força e com teu braço estendido (versículos 25 a 29).

Que maravilhosas palavras para serem dirigidas por um ser humano ao Deus vivo! Que súplicas poderosas em favor de Israel! Que abnegação! Moisés recusa a dignidade que se lhe oferecia de ser o fundador de uma nação mais poderosa do que Israel. Desejava apenas que o Senhor fosse glorificado e Israel perdoado, abençoado e introduzido na terra prometida. Não podia suportar o pensamento de que esse nome tão querido ao seu coração fosse de maneira alguma censurado; nem

tampouco podia presenciar a destruição de Israel. Estas eram as duas coisas que ele temia; e quanto à sua própria exaltação, isso era precisamente o que menos o preocupava. Este amado e honrado servo de Deus preocupava-se somente com a glória de Deus e a salvação do Seu povo; e quanto a si próprio, as suas esperanças, os seus interesses, tudo, em suma, podia descansar, com perfeita tranqüilidade, na certeza de que a sua bênção individual e a glória divina estavam ligadas entre si por um laço que nunca poderia ser quebrado.

E, oh, como tudo isto deve ter sido grato ao coração de Deus! Quão refrescantes eram para o Seu Espírito as ardentes e amorosas súplicas do Seu servo! Como estavam muito mais em harmonia com Sua mente do que a intercessão de Elias contra Israel, séculos depois! Como elas nos fazem lembrar o bendito ministério do nosso grande Sumo Sacerdote que vive sempre para interceder pelo Seu povo e cuja intervenção ativa em nosso favor nunca cessa nem um só momento!

E então quão comovedor e belo é observar o modo como Moisés insiste no fato de que o povo era a herança do Senhor e que Ele os havia tirado do Egito. O Senhor disse: "*O teu povo, que tiraste do Egito.*" Mas Moisés diz: "*O teu povo e a tua herança, que resgataste com a tua grandeza.*" Isto é admirável. Na realidade toda esta cena está cheia do maior interesse.

AS NOVAS TÁBUAS DE PEDRA

"Naquele mesmo tempo, me disse o SENHOR: Alisa duas tábuas de pedra, como as primeiras, e sobe a mim a este monte, e fazes uma arca de madeira. E, naquelas tábuas, escreverei as palavras que estavam nas primeiras tábuas que quebraste, e as porás na arca. Assim, fiz uma arca de madeira de cetim, e alisei duas tábuas de pedra, como as primeiras, e subi o monte com as duas tábuas na minha mão. Então, escreveu-o nas tábuas, conforme a primeira escritura, os dez mandamentos, que o SENHOR vos falara no dia da congregação, no monte, do meio do fogo; e o SENHOR mas deu a mim. E virei-me, e desci do monte, e pus as tábuas na arca que fizera; e ali estão, como o SENHOR me ordenou" (versículos 1 a 5).

O amado e venerado servo de Deus parecia nunca se cansar de repetir aos ouvidos do povo as mesmas interessantes, importantes e significativas frases do passado. Para ele eram sempre frescas, preciosas. O seu coração deleitava-se nelas. Nunca poderiam perder o seu encanto aos seus olhos; encontrava nelas um tesouro inesgotável para o seu próprio coração e uma poderosa alavanca com que mover o coração de Israel.

Estes poderosos e profundamente comovedores discursos recordam-nos constantemente as palavras do apóstolo inspirado aos seus amados Filipenses: "Não me aborreço de escrever-vos as mesmas coisas, e é segurança para vós" (Fp 3:1). O pobre coração inconstante e vadio podia ansiar por qualquer novo tema; mas o fiel apóstolo encontrou o seu mais intenso e infalível deleite em desenvolver e insistir sobre esses preciosos assuntos que se acumulavam, em exuberância, em redor da Pessoa e da cruz de nosso adorável Senhor e Salvador Jesus Cristo. Tinha achado em Cristo tudo quanto necessitava para o tempo e a eternidade. A glória da Sua Pessoa havia eclipsado completamente todas as glórias da terra e da natureza. Podia dizer: "O que *para mim era ganho reputei-o perda por Cristo*. E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo" (Fp 3:7-8).

Esta é a linguagem de um verdadeiro cristão, de alguém que havia achado em Cristo um objetivo absorvente e dominante. Que poderia o mundo oferecer a uma tal pessoa? Que podia fazer por ele? Desejava as suas riquezas, suas honras, distinções e prazeres? Considerava-as como esterco. Como era isto? Porque havia achado Cristo. Havia visto n'Ele um objetivo que atraía de tal modo o seu coração que ganhá-Lo, e conhecê-Lo e ser achatado d'Ele era o desejo predominante da sua vida. Se alguém tivesse falado a Paulo de qualquer coisa nova, qual teria sido a sua resposta? Se alguém lhe tivesse sugerido a idéia de triunfar no mundo ou de

procurar fazer fortuna, qual teria sido a sua resposta? Simplesmente esta: "Achei tudo quanto preciso em Cristo; nada mais preciso. Encontrei n'Ele *riquezas inescrutáveis* — riquezas *duráveis* e justiça. N'Ele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência. Que necessidade tenho eu das riquezas deste mundo, da sua sabedoria ou cultural. Estas coisas passam todas como os vapores da manhã; e até mesmo enquanto duram, são absolutamente inadequadas para satisfazer os desejos e aspirações de um espírito imortal. Cristo é um objetivo eterno, o centro do céu, o deleite do coração de Deus; bastar-me-á durante os incontáveis séculos da esplendorosa eternidade que está diante de mim; e certamente se Ele pode satisfazer o meu coração para sempre, pode satisfazer-me no tempo presente. Devo voltar-me para os miseráveis farrapos deste mundo, as suas ocupações, os seus prazeres, divertimentos, teatros, concertos, as suas riquezas ou honras como um suplemento da minha porção em Cristo? Não o permitia Deus! Tais coisas seriam simplesmente intoleráveis para mim. Cristo é o meu tudo, em tudo, agora e para sempre."

Tal, podemos muito bem crer, teria sido a terminante resposta verbal do bem-aventurado apóstolo; tal foi a resposta clara de toda a sua vida; e tal, prezado leitor, deve ser também a nossa. Quão deplorável, quão profundamente humilhante é ver um crente procurar no mundo alegria, recreio e passatempo! Demonstra simplesmente que ele não tem encontrado em Cristo a Sua porção satisfatória. Podemos estabelecer como princípio imutável que o coração que está cheio de Cristo não tem lugar para nada mais. Não se trata de uma questão de coisas boas ou más; o coração não as quer; encontrou a sua parte e o seu descanso atuais e ternos n'Aquele bendito Senhor que enche o coração de Deus e encherá o vasto universo com os raios da Sua glória através de todos os séculos eternos.

A esta linha de pensamentos nos tem levado o fato interessante da incansável repetição feita por Moisés de todos os grandes acontecimentos da história maravilhosa de Israel desde o Egito até à fronteira da terra prometida. Para ele eram motivo de uma perpétua festa; e não só encontrava o seu intenso deleite contemplando-os como sentia a imensa importância de os expor perante toda a congregação. Para ele não era, com certeza, incômodo, mas para eles era certo. Quão grato para ele, e quão útil e necessário para eles apresentar os fatos relacionados com os dois pares de tábuas — o primeiro par partido em pedaços ao pé do monte e o segundo par encerrado na arca!

Que linguagem humana pode, de algum modo, desenvolver o profundo significado e importância moral de tais fatos? As tábuas quebradas! Quão tocante! Quão repleto de instrução salutar para o povo! Haverá alguém que se atreva a dizer que temos uma repetição fútil dos fatos mencionados em Êxodo? Não será, certamente, quem crê na inspiração do Pentateuco.

Não, leitor, o capítulo 10 de Deuteronômio preenche um vácuo e faz uma obra propriamente sua. Nele o legislador mostra aos corações do povo cenas passadas e circunstâncias de forma tal que dir-se-ia querer gravá-las nas próprias tábuas da alma. Permite-lhes ouvir a conversa entre o SENHOR e ele próprio; conta-lhes o que tivera lugar durante esses misteriosos quarenta dias sobre o cume do monte envolto numa nuvem. Deixa que ouçam as alusões do Senhor às tábuas quebradas—expressão apropriada e poderosa da completa inutilidade do concerto do homem. Pois porque foram essas tábuas partidas? Porque eles haviam falhado vergonhosamente. Aqueles fragmentos espalhados contavam a história humilhante da sua irremediável ruína com base na lei. Tudo estava perdido. Tal era o significado claro do fato. Era espantoso, impressionante, inequívoco. Como uma coluna quebrada sobre um túmulo, a qual explica, ao primeiro golpe de vista, que o apoio e suporte da família jaz abaixo na terra convertendo-se em pó. Não há necessidade de nenhuma inscrição porque nenhuma linguagem humana pode falar com tal eloqüência ao coração como esse expressivo emblema. De igual modo as tábuas quebradas estavam calculadas para transmitir ao coração de Israel o tremendo fato, tanto quanto dizia respeito ao seu concerto, que estavam inteiramente arruinados, irremediavelmente perdidos; estavam falidos sob o ponto de vista da justiça da lei (Rm 8:3-4).

As Segundas Tábuas Postas na Arca

E depois o segundo jogo de tábuas! Que dizer delas? Graças a Deus, encerram uma história muito diferente. Não foram quebradas. Deus tomou cuidado delas. "E virei-me e desci do monte, e pus as tábuas na arca que fizera; e *ali estão*, como o SENHOR me ordenou" (versículo 5).

Bendito fato! "Ali estão." Sim, guardadas nessa arca que nos fala de Cristo, o bendito Senhor que engrandeceu a lei e a tornou honorífica, que a cumpriu integralmente para glória de Deus e bênção eterna do Seu povo. Assim, enquanto os fragmentos das primeiras tábuas proclamavam a triste e humilhante história do completo fracasso e ruína de Israel, as segundas, encerradas intactas na arca, mostram a gloriosa verdade que Cristo é o fim da lei para justiça de todo aquele que crê, primeiro do judeu, e também do gentio.

Não queremos dizer, evidentemente, com isto que Israel compreendeu o profundo significado e largo alcance que tinham em sua aplicação esses fatos maravilhosos que Moisés repetia aos seus ouvidos. Como nação não puderam certamente compreendê-los então, ainda que, pela soberana misericórdia de Deus, os entenderão dentro em pouco. Alguns de entre eles puderam e sem dúvida entraram em parte no seu significado. Mas a questão não é esta por agora. A nossa responsabilidade é entender e fazer nossa a verdade exposta nesses dois jogos de tábuas, isto é, o fracasso de Israel nas mãos do homem, e a eterna estabilidade do

concerto do Deus de graça, ratificado pelo sangue de Cristo e para ser exposto, dentro em pouco, em todos os seus gloriosos resultados, no reino, quando o Filho de Davi reinar desde mar a mar e desde o rio aos confins da terra; quando a descendência de Abraão possuir, segundo o dom divino, a terra da promessa; e quando todas as nações da terra se regozijarem sob o reinado benéfico do Príncipe da paz.

Brilhante e gloriosa perspectiva para a terra de Israel, agora assolada, e este nosso mundo de lamentos! O Rei da justiça e da paz fará então com que tudo siga o caminho que Lhe apraz. Todo o mal será abatido com mão poderosa. Não haverá fraqueza naquele governo. A nenhuma língua rebelde será permitido tagarelar com acentos de insolente sedição contra os seus decretos e mandamentos. A nenhum rude e insensato demagogo será permitido perturbar a paz do povo ou insultar a majestade do trono. Todo o abuso será suprimido, todo o elemento perturbador será neutralizado, toda a pedra de tropeço removida e toda a raiz de amargura arrancada. Os pobres e os necessitados serão bem tratados; sim, todos serão divinamente atendidos; a fadiga, dor, pobreza e desolação serão desconhecidas, os montes e os lugares solitários reflorescerão, e o deserto se regozijará e reflorescerá como a rosa. " Reinará um rei com justiça e dominarão os príncipes segundo o juízo. E será aquele varão como um esconderijo contra o vento, e como um refúgio contra a tempestade, e como ribeiros de águas em lugares secos, e como a sombra de uma grande rocha em terra sedenta" (Is 32:1- 2).

Prezado leitor, que cenas gloriosas serão ainda representadas neste pobre e triste mundo agitado pelo pecado e escravizado por Satanás! Quão consolador é pensar nelas! Que alívio para o coração no meio das misérias mentais, moral degradação e vileza de que nos vemos rodeados por todos os lados! Graças a Deus, o dia aproxima-se rapidamente em que o príncipe deste mundo será tirado do seu trono e enviado para o abismo, e o Príncipe do céu, o glorioso Emanuel, estenderá o Seu cetro bendito sobre o imenso universo de Deus, e o céu e a terra andarão à luz do Seu real semblante. Bem podemos exclamar, ó Senhor apressa esse tempo!

A morte de Arão e a Eleição e Exaltação de Levi

"E partiram os filhos de Israel de Beerote-Benê-Jaacã a Mosera. Ali, faleceu Arão, e ali foi sepultado. E Eleazar, seu filho, administrou o sacerdócio em seu lugar. Dali partiram a Gudgoda, e de Gudgoda a Jotbata, terra de ribeiros de águas. No mesmo tempo, o SENHOR separou a tribo de Levi para levar a arca do concerto do SENHOR, para estar diante do SENHOR, para o servir e para abençoar em seu nome até ao dia de hoje. Pelo que Levi, com seus irmãos, não tem parte na herança; o SENHOR é a sua herança, como o SENHOR , teu Deus, lhe tem dito" (versículos 6 a 9).

O leitor não deve permitir que a sua mente seja perturbada por qualquer dúvida de sucessão histórica na precedente passagem. Trata-se simplesmente de um parêntesis em que o legislador agrupa, de uma maneira surpreendente e eficaz, as circunstâncias selecionadas, com santa destreza, da história do povo, como exemplos, ao mesmo tempo, do governo e graça de Deus. A morte de Arão é um exemplo do primeiro; a eleição e elevação de Levi representa a última. São mencionados em conjunto não com vista à cronologia, mas com o importante fim moral que estava sempre presente na mente do legislador—um fim que está muito além do alcance da razão infiel, mas que se recomenda por si mesmo ao coração e entendimento do estudante devoto da Escritura.

Quão desprezíveis são as sutilezas dos infiéis quando encaradas à luz brilhante da inspiração divina! Quão miserável o estado da inteligência que pode ocupar-se com minúcias de cronologia a fim de encontrar, de algum modo, uma falha no volume divino,

em vez de aprender o verdadeiro fim e objetivo do autor inspirado!

Mas por que introduz Moisés, à maneira de parêntesis e em forma aparentemente abrupta, esses dois acontecimentos especiais na história de Israel? Simplesmente para guiar o coração do povo para o ponto importante de obediência. Com este fim ele escolhe e reúne em grupo segundo a sabedoria que lhe é dada. Esperamos encontrar neste servo de Deus, divinamente ensinado, a precisão de um simples copista? Os infiéis podem aparentar crer assim; mas os verdadeiros cristãos estão muito melhor informados. Um simples escriba pode copiar acontecimentos conforme a sua ordem cronológica; um verdadeiro profeta, porém, descreverá aqueles eventos de tal modo que movam o coração e a consciência. Desta forma, enquanto o pobre infiel iludido anda às apalpadelas por entre as sombras da sua própria imaginação, o estudante piedoso compraz-se nas glórias morais desse volume incomparável que permanece como uma rocha contra a qual as ondas do pensamento infiel se desfazem com desprezível impotência.

Não tencionamos deter-nos sobre as circunstâncias referidas no anterior parêntesis; já têm sido expostas em outras partes dos nossos comentários, e portanto só julgamos necessário agora indicar ao leitor o que poderíamos chamar o alcance dos fatos mencionados em Deuteronômio — o emprego que o legislador faz delas para robustecer o fundamento do seu apelo final ao coração e consciência do povo para dar força e poder à sua exortação, à medida que insistia com eles sobre a necessidade absoluta de implícita obediência aos estatutos e juízos do Deus do concerto. Tal foi a razão que teve para se referir ao fato solene da morte de Arão. Deviam recordar que, apesar da elevada posição de Arão, como sumo sacerdote de Israel, ele era despojado das suas vestes e privado da sua vida por desobediência à palavra do Senhor. Quão importante, portanto, era que prestassem atenção à sua conduta! Não deviam tratar com leviandade o governo de Deus, e o

próprio fato do alto cargo de Arão só servia para tornar mais necessário que o seu pecado fosse tratado de tal maneira que os outros pudessem temer.

E por outro lado deviam recordar o tratamento de Deus com Levi, no qual a graça brilha com tão maravilhoso esplendor. O violento, cruel e voluntarioso Levi fora levantado das profundezas da sua ruína moral e colocado junto de Deus "para levar a arca do concerto do SENHOR, para estar diante do SENHOR, para o servir e para abençoar em seu nome."

Mas porque havia este relato sobre Levi de ser ligado com a morte de Arão?- Simplesmente para expor as benditas conseqüências de obediência, a elevação de Levi ilustra o fruto precioso da obediência. Ouçamos o que o profeta Malaquias diz sobre este ponto: "Então, sabereis que eu vos enviei este *mandamento*, para que o meu concerto seja com Levi, diz o SENHOR dos Exércitos. Meu concerto com Levi foi de vida e de paz, e *eu lhas dei para que me temesse, e me temeu e assombrou-se por causa do meu nome*. A lei da verdade esteve na sua boca, e a iniquidade não se achou nos seus lábios; andou comigo em paz e em retidão e apartou a muitos da iniquidade" (Mq 2:4-6).

Esta passagem é deveras notável e lança muita luz sobre o assunto que estamos considerando. Diz-nos claramente que o Senhor deu o Seu concerto de vida e paz a Levi, o qual O temeu na terrível ocasião do bezerro de ouro que Arão (levita também na ordem mais elevada) fez. Porque foi Arão julgado?- Por causa da sua rebelião nas águas de Meribá (Nm 20:24). Por que foi Levi abençoado?- Por sua reverente obediência ao pé do monte Horebe (Êx 22). Por que são ambos agrupados em Deuteronômio 1 (K Com o fim de imprimir sobre o coração e a consciência da congregação a urgente necessidade de implícita obediência aos mandamentos do seu Deus. Quão perfeita é a Escritura em todas as suas partes! Quão formosamente se harmoniza! E quão evidente é para o devoto leitor o fato de que o belo livro de Deuteronômio tem o seu próprio nicho divino para encher, a sua própria obra a fazer, a sua própria esfera, terna e objetivo! Como é evidente que a quinta parte do Pentateuco não é nem uma contradição nem uma repetição mas uma aplicação divina das partes divinamente inspiradas que a precedem! E, por fim, não podemos deixar de acrescentar quão convincente é a evidência de que os escritores infiéis não sabem o que dizem nem o que afirmam quando se atrevem a insultar os oráculos de Deus - sim, que eram grandemente não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus (1)!

(1) Nos escritos humanos temos numerosos exemplos da forma como os infiéis objetam da mesma maneira sobre Deuteronômio 10:6 a 9. Suponhamos um homem ansioso por chamar a atenção do país para algum princípio importante de economia política ou qualquer assunto de importância nacional; não hesitará em escolher fatos, por mais distanciados que estejam uns dos outros nas páginas da história, e em os agrupar a fim de exemplificar o seu assunto. Os infiéis têm alguma coisa a opor a isto? Não; não o fazem quando isso se encontra nas obras dos homens. E só quando isso ocorre na Escritura, porque odeiam a Palavra de Deus, e não podem admitir a idéia de que Ele desse as Suas criaturas um livro que é a revelação

da Sua mente. Bendito seja o Seu orne. Ele no-lo deu contudo, e nós temo-lo em toda a sua infinita preciosidade e divina autoridade para conforto dos nossos corações e guia da nossa carreira por entre as trevas e confusão desta cena pela qual estamos passando de caminho Para o nosso lar na glória.

Ó Israel, o que o SENHOR, teu Deus, Pede de ti?

Em versículo 10 do nosso capítulo Moisés volta a tratar do assunto do seu discurso. "E eu estive no monte, como nos dias primeiros, quarenta dias e quarenta noites; e o SENHOR me ouviu ainda por esta vez; não quis o SENHOR destruir-te. Porém; o SENHOR me disse: Levanta-te, põe-te a caminho diante do povo, para que entre, e possua a terra que jurei a seus pais dar-lhes."

O Senhor cumprirá a Sua promessa feita aos pais apesar de todo o impedimento. Porá Israel em plena posse da terra acerca da qual jurou a Abrão, Isaque e Jacó que a daria à sua descendência em possessão perpétua.

"Agora, pois, ó Israel, que é o que o SENHOR, *teu Deus* pede de ti, senão que temas o SENHOR, teu Deus, e que andes *em todos os seus caminhos*, e o ames, e sirvas ao SENHOR, *teu Deus*, com todo o teu coração e com toda a tua alma, para guardares os mandamentos do SENHOR e os seus estatutos, que hoje te ordeno, *para o teu bem?*" Era para seu verdadeiro bem-estar, profunda, plena bênção andar no caminho dos mandamentos divinos. A senda da obediência de todo o coração é o único caminho da verdadeira felicidade; e bendito seja Deus, este caminho poder ser sempre trilhado por todos os que amam o Senhor.

Isto é um conforto inefável em todo o tempo. Deus nos deu a Sua preciosa palavra, a perfeita revelação da Sua mente; e deu-nos o que Israel não tinha, a saber, o Seu Santo Espírito para habitar em nossos corações a fim de podermos entender e apreciar a Sua palavra. Por isso as nossas obrigações são infinitamente mais elevadas do que as de Israel. Estamos ligados a uma vida de obediência por todos os argumentos que podem aduzir-se para influenciar o coração e o entendimento.

E certamente é para nosso bem sermos obedientes. Há na verdade "grande galardão" em guardar os mandamentos do nosso amoroso Pai. Todo o pensamento d'Ele e dos Seus caminhos em graça, toda a referência aos Seus maravilhosos atos conosco—o Seu amoroso ministério, cuidado terno e atento amor—deveriam ligar os nossos corações em afetuosa devoção por Ele e despertar os nossos passos no trilho da senda de amorosa obediência. Para onde quer que volvemos os olhos encontramos a mais poderosa evidência dos Seus direitos aos afetos do nosso coração e todas as energias do nosso ser resgatado. E, bendito seja o Seu nome, quanto mais capacitados estamos pela Sua graça para responder aos Seus preciosos direitos mais brilhante e feliz será a nossa carreira. Nada há em todo este mundo mais abençoado do que a senda e a porção de uma alma obediente. "Muita paz têm os que amam a tua lei, e para eles não há tropeço" (SI 119:165). O discípulo humilde, que acha a sua comida e bebida em fazer a vontade do seu amado Senhor

e Mestre, possui uma paz que o mundo não pode dar nem tirar. Decerto poderá ser mal compreendido e mal interpretado; poderá ser apelidado de fechado e fanático, e coisas que tais; mas nenhuma destas coisas o poderá demover. Um só sorriso de aprovação do seu Senhor é mais do que uma ampla recompensa para todo o opróbrio que os homens possam acumular sobre ele. Sabe como há de apreciar o próprio valor dos pensamentos dos homens; são para ele como a praga que o vento leva. A profunda linguagem do seu coração, à medida que avança firmemente ao longo do caminho sagrado de obediência, é de absoluto descanso no amor do seu Senhor.

Nos versículos finais do nosso capítulo o legislador parece elevar-se cada vez mais alto na apresentação dos motivos morais para a obediência, e aproximar-se mais e mais dos corações do povo. "Eis", *diz* ele, "que os céus e os céus dos céus são do SENHOR, teu Deus, a terra e tudo que nela há. Tão-somente o SENHOR tomou prazer em teus pais para os amar; e a vós, semente deles, escolheu depois deles, de todos os povos, como neste dia se vê." Que maravilhoso privilégio ser escolhido e amado pelo Possuidor dos céus e da terra! Que honra ser chamado para O servir e Lhe obedecer! Seguramente nada pode haver em todo este mundo melhor ou mais elevado. Serem identificados e associados com o Deus Altíssimo, serem chamados pelo Seu nome, serem o Seu povo peculiar, a Sua possessão especial, o povo da Sua escolha, serem separados de todas as nações da terra para serem servos de Javé e Suas testemunhas. O quê, podemos perguntar, poderá exceder isto, a menos que aquilo a que são chamados a Igreja de Deus e o crente individualmente?-

Certamente, os nossos privilégios são mais elevados, visto que conhecemos a Deus de uma maneira mais elevada, profunda, íntima, do que a nação de Israel jamais O conheceu. Conhecemo-Lo como o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo e nosso Deus e Pai. Temos o Espírito Santo que habita em nós, e derramou o amor de Deus em nossos corações, e nos levou a clamar, Abba, Pai. Tudo isto está muito mais além de tudo que o povo terrestre de Deus conheceu ou pôde conhecer; e, visto que os nossos privilégios são mais elevados, os Seus direitos sobre a nossa cordial e absoluta obediência são também mais elevados. Todo o apelo feito ao coração de Israel deveria ter maior poder sobre os nossos corações, prezado leitor; todas as exortações que lhes foram dirigidas, deveriam falar de um modo mais poderoso às nossas almas. Ocupamos o plano mais elevado em que qualquer criatura pode estar. Nem a descendência de Abraão na terra, nem os anjos de Deus nos céus, podem dizer o que nós podemos ou conhecer o que conhecemos. Estamos ligados e eternamente associados com o Filho de Deus ressuscitado e glorificado. Podemos adotar como nossa a linguagem maravilhosa de 1 João 4:17, e dizer: "Qual ele é, somos nós também neste mundo." O que pode haver superior a isto quanto a privilégios e dignidade? Nada seguramente, salvo sermos, em corpo,

alma e espírito, conformados à Sua adorável imagem, como seremos, dentro de pouco, pela graça infinita de Deus.

Ora bem, lembremos sempre — sim, recordemos no profundo dos nossos corações—o conceito que segundo os nossos privilégios assim são as nossas obrigações. Não desprezemos a palavra salutar "obrigações" como se ela estivesse rodeada de um som legal. Longe disso; seria completamente impossível conceber qualquer coisa mais afastada de todo o pensamento de legalidade que as obrigações que emanam da posição cristã. É um erro muito grave levantar continuamente o grito "Legal! Legal!" sempre que as sagradas responsabilidades da nossa posição nos oprimem. Cremos que todo o verdadeiro crente piedoso terá prazer em todos os apelos e exortações que o Espírito Santo nos dirige pelo que toca às nossas responsabilidades, visto que são todas baseadas sobre privilégios que nos são conferidos pela graça soberana de Deus, pelo precioso sangue de Cristo e cumpridos em nós pelo Espírito Santo.

O Pai dos Órfãos e o Juiz das Viúvas

Mas continuemos a escutar os apelos comoventes de Moisés. São verdadeiramente proveitosos para nós, com a maior luz, conhecimento e privilégios que temos.

"Circuncidai, pois, o *prefácio do vosso coração* e não mais endureçais a vossa cerviz. Pois o SENHOR, VOSSO Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e terrível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita recompensas; que faz justiça ao órfão, e à viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestido" (versículos 16 a 18).

Aqui Moisés não fala simplesmente dos atos e procedimento de Deus, mas de Deus mesmo, do que Ele é. Está acima de todos, o Deus grande, poderoso e terrível. Mas tem um coação para a viúva e os órfãos—esses seres desamparados, privados de todo o apoio natural e terno, a pobre viúva quebrantada de coração, e o desolado órfão. Deus pensa nos tais e cuida deles de uma maneira muito especial; têm direito ao Seu coração amoroso e poderosa mão. "Pai de órfãos e juiz de viúvas é Deus no seu lugar santo" (SI 68:5). "Ora a que é verdadeiramente viúva e desamparada espera em Deus e persevera de noite e de dia em rogos e orações" (1 Tm 5:5). "Deixa os teus órfãos • eu os guardarei em vida; e as tuas viúvas confiarão em mim" (Jr 49:11).

Que rica provisão há aqui para as viúvas e os órfãos! Quão maravilhoso o cuidado de Deus por eles! Quantas viúvas estão em melhores condições do que quando tinham os seus maridos! Quantos órfãos são mais bem tratados e alimentados do que quando tinham seus pais! Deus tem cuidado deles! Isto é bastante. Milhares de maridos e milhentos pais são muito piores do que nenhuns;

mas Deus nunca falta àqueles que n'Ele confiam. E sempre fiel ao Seu nome, seja qual for o parentesco que adote.

Que todas as viúvas e órfãos lembrem isto para seu conforto e ânimo.

O Estrangeiro

E depois o pobre estrangeiro! Não é esquecido. "E ama o estrangeiro, dando-lhe pão e vestido." Como isto é precioso! O nosso Deus cuida de todos os que se vêem privados de apoio terreno, esperança humana e confiança na criatura. Todos eles têm sobre Ele um direito especial a que Ele seguramente responde segundo todo o amor do Seu coração. A viúva, o órfão e o estrangeiro são objetos especiais do Seu eterno cuidado, e todos têm apenas que olhar para Ele em todas as suas variadas necessidades para serem atendidos com Seus inesgotáveis recursos.

Mas Deus tem de ser conhecido para poder confiar-se n'Ele. "Em ti confiarão os que conhecem o teu nome; porque tu, SENHOR, nunca desamparaste os que te buscam" (SI 9:10). Os que não conhecem Deus preferem muito mais uma apólice de seguros ou uma renda vitalícia à Sua promessa. Mas o verdadeiro crente encontra nessa promessa o infalível apoio do seu coração, porque conhece, confia e ama Aquele que prometeu. Acha prazer no pensamento de contar absolutamente com Deus, de ser inteiramente dependente d'Ele. Não quereria, por nada deste mundo, estar noutra situação. Aquilo que faria quase perder o juízo a um incrédulo é para o crente — o homem de fé—motivo do mais profundo gozo do seu coração. A linguagem de um tal será sempre: "O minha alma, espera *somente* em Deus, porque dele vem a minha esperança. *Só* ele é a minha rocha" (SI 62:5-6). Bendita situação! Feliz porção! Que o leitor a conheça como uma realidade divina, um poder vivo, em seu coração, pelo poderoso ministério do Espírito Santo! Então estará em condições de sentir-se livre das coisas terrenas. Será capaz de dizer ao mundo que é independente dele, tendo achado tudo quanto precisa para o tempo e a eternidade no Deus vivo e em Cristo.

Mas notemos especialmente a provisão que Deus faz para o estrangeiro. E muito simples — "pão e vestido". Isto é bastante para um verdadeiro estrangeiro, como o bem-aventurado apóstolo diz a seu filho Timóteo: "Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes (1 Tm 6:7-8)".

Leitor cristão, consideremos isto. Que remédio para a impaciente ambição temos aqui! Que antídoto contra a avareza! Que bendita libertação da excitação febril da vida comercial, do espírito cobiçoso do século em que caiu a nossa sorte! Se apenas nos contentássemos com a porção divinamente estipulada para o estrangeiro, que história tão diferente teríamos para contar! Quão tranquilo e suave seria o curso da nossa vida diária! Quão simples os nossos hábitos e gostos! Quão indiferente ao mundo seria o nosso espírito e maneira de viver! Que moral

elevação sobre a indulgência pessoal e o fausto tão predominante entre os cristãos professos! Comeríamos e beberíamos unicamente para glória de Deus e para manter o corpo em bom funcionamento. Transpor estes limites, quer em comer quer em beber, é transigir com "as concupiscências carnis que combatem contra a alma" (1 Pe 2:11).

Mas, infelizmente, quanto disto existe, especialmente com respeito à bebida! É simplesmente espantoso pensar no consumo de bebidas alcoólicas entre os cristãos professos! Estamos plenamente convencidos de que o diabo tem conseguido arruinar o testemunho de centenas, e dado lugar a que hajam naufragado na fé e uma boa consciência por meio do uso de estimulantes. Milhares arruinam as suas fortunas, as suas famílias, a saúde, e as suas almas por meio do desejo insensato, vil e maldito dos estimulantes.

Não vamos pregar uma cruzada contra os estimulantes ou narcóticos. O mal não está precisamente neles mas no uso desconhecido e mau que fazemos deles. Sucede freqüentemente que pessoas que caem sob o horrível domínio da bebida procuram deitar a culpa ao seu médico; mas é evidente que nenhum médico propriamente dito aconselhará o seu doente a *entregar-se* ao uso dos estimulantes. Poderá aconselhar o uso de "um *pouco* de vinho por causa do seu estômago e das suas freqüentes enfermidades", e tem toda a autoridade para o fazer; mas por que há de isto levar alguém a tornar-se um beberrão? - Cada qual tem o dever de andar no temor de Deus a respeito tanto do comer como do beber. Se o médico receita um pouco de alimento nutritivo ao seu doente, deve culpar-se se o doente se torna glutão? Decerto que não; o mal não está na receita do médico, ou no estimulante, ou no alimento, mas no miserável desejo do coração.

Estamos persuadidos de que é aqui que está a raiz do mal; e o remédio encontra-se naquela preciosa graça de Deus que, enquanto traz salvação a todos os homens, ensina os que são salvos a "viver, neste presente século, *sóbria*, justa e piamente" (Tt 2:12). E note-se que "viver piamente" quer dizer muito mais do que temperança em comer e beber; quer dizer isto certamente, mas inclui também o conjunto de domínio próprio — o domínio dos pensamentos, do temperamento, da língua. A graça que nos salva não só nos *diz* como viver, mas *ensina-nos* como fazê-lo, e se seguirmos o seu ensino estaremos muito contentes com as provisões de Deus para o estrangeiro.

E, ao mesmo tempo, interessante e edificante notar o modo como Moisés mostra o exemplo divino perante o povo como modelo. O Senhor "ama o estrangeiro, dando-lhe pão e veste. Pelo que amareis o estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito". Isto é muito tocante, não só deviam ter ante seus olhos o modelo divino, mas lembrar também a sua própria história e experiência, a fim de que os seus corações pudessem ser despertados em simpatia e compaixão para com o pobre estrangeiro sem lar. Era dever e elevado privilégio do Israel de

Deus colocar-se nas circunstâncias e penetrar nos sentimentos dos outros. Deviam ser os representantes morais daquele bendito Senhor cujo povo eles eram, e por cujo nome eram chamados. Deviam imitá-Lo no cumprimento e suprimento das necessidades e alegrar os corações dos órfãos, das viúvas e dos estrangeiros. E se o antigo povo de Deus na terra foi chamado para este formoso curso de ação, quanto mais o somos nós que fomos "abençoados com todas as bênçãos espirituais, nos lugares celestiais, em Cristo." Possamos nós permanecer mais na Sua presença e beber mais do Seu Espírito, para que assim possamos mais fielmente refletir as Suas glórias morais sobre todos aqueles com quem entramos em contato!

Os versículos finais do nosso capítulo dão-nos um formoso sumário do ensino prático que tem vindo a ocupar a nossa atenção. "Ao SENHOR, teu Deus, temerás; a ele servirás, e a ele te chegarás, e pelo seu nome jurarás. Ele é o teu louvor e o teu Deus, que te fez estas grandes e terríveis coisas que os teus olhos têm visto. Com setenta almas teus pais desceram ao Egito; e, agora, o SENHOR, teu Deus, te pôs como as estrelas dos céus em multidão" (versículos 20 a 22).

Quão estimulante é tudo isto para o ser moral! Esta união do coração ao Senhor mesmo por meio de tudo que Ele é e todos os Seus atos maravilhosos. Tudo isto é inefavelmente precioso. E, podemos dizer, o secreto manancial de toda a verdadeira devoção. Permita Deus que o autor e o leitor destas linhas realizem continuamente o seu eficaz poder!

RETROSPECTIVA E FUTURO

A Recordação das Obras do SENHOR

"Amarás, pois, o, SENHOR , teu Deus, e guardarás a sua observância, e os seus estatutos, e os seus juízos, e os seus mandamentos, todos os dias. E hoje sabereis que falo, não com os vossos filhos, que o não sabem e não viram a instrução do SENHOR ,vosso Deus, a sua grandeza, a sua mão forte e o seu braço estendido; nem tampouco os seus sinais, nem os seus feitos, que fez no meio do Egito a Faraó, rei do Egito, e a toda a sua terra; nem o que fez ao exército dos egípcios, aos seus cavalos e aos seus carros, fazendo passar sobre eles as águas do mar Vermelho, quando vos perseguiam, e o SENHOR OS destruiu até ao dia de hoje; nem o que vos fez no deserto, até que chegastes a este lugar; e o que faz a Datã e a Abirão, filhos de Eliabe, filho de Rúben; como a terra abriu a sua boca e os tragou com as suas casas e com as suas tendas, como também tudo o que subsistia e lhes pertencia, no meio de todo o Israel; porquanto os vossos olhos são os que viram toda a grande obra que fez o SENHOR" (versículos 1 a 7).

Moisés sentia que era da maior importância que todos os poderosos atos do Senhor fossem salientados de um modo proeminente ante os corações do povo e profundamente gravados na sua memória. A pobre mente humana é flutuante e o coração inconstante; e, não obstante tudo que Israel havia visto por meio dos juízos solenes de Deus sobre o Egito e Faraó, corria o perigo de os esquecer e de perder a impressão que eram destinados a produzir.

Pode ser que nos maravilhemos de como Israel podia chegar a esquecer as cenas impressionantes da sua história no Egito desde o começo ao fim — a descida dos seus pais para ali em número insignificante, o seu rápido crescimento e progresso, como povo, apesar de todas as formidáveis dificuldades e impedimentos, de forma que de aquele insignificante punhado de almas havia chegado a ser pela boa mão de Deus sobre eles como as estrelas do céu em multidão.

E depois aquelas dez pragas sobre a terra do Egito! Quão plenas de terrível solenidade! Como eram eminentemente calculadas para impressionar o coração com o sentimento do poder vigoroso de Deus, a completa impotência e insignificância do homem, em toda a sua alardeada sabedoria, força e glória, e a sua monstruosa loucura em intentar levantar-se contra o Deus Todo-poderoso! O que era todo o poder do Faraó e do Egito na presença do Senhor ,Deus de Israel? Numa hora ficou submerso em irreparável ruína e destruição. Todos os carros do Egito, toda a pompa e glória, o valor e poder dessa antiga e famosa nação—tudo foi submergido nas profundezas do mar.

E por quê? Porque ousaram intrometer-se com o Israel de Deus; ousaram opor-se ao eterno propósito e desígnio do Altíssimo. Procuraram destruir aqueles a quem Deus amava. Deus havia jurado abençoar a descendência de Abraão, e nenhum poder da terra ou do inferno podia, de nenhum modo, invalidar o Seu juramento. Faraó, em seu orgulho e dureza de coração, tentou contrariar os atos divinos, mas intrometeu-se apenas para sua própria destruição. A sua terra foi abalada até o seu próprio centro e ele próprio e o seu poderoso exército foram sepultados no mar Vermelho, exemplo solene para todos os que tentam opor-se aos propósitos de Javé para abençoar a descendência de Abraão, Seu amigo.

Nem tampouco era apenas o que o Senhor havia feito ao Egito e a Faraó que o povo devia lembrar, mas também o que havia feito entre eles próprios. Quão aterrador fora o juízo sobre Datã e Abirão e as suas famílias! Como é terrível pensar na terra abrindo a sua boca para os engolir! E por quê? Por causa da sua rebelião contra o decreto divino. Na história descrita em Números, Coré, o levita, é o caráter proeminente; mas aqui é omitido, e os dois rubenitas são mencionados—dois membros da congregação, porque Moisés procura atuar sobre o conjunto do corpo pondo perante eles as terríveis conseqüências de obstinação em dois de seus membros — dois membros ordinários, como nós diríamos, e não apenas um levita privilegiado.

Em suma, pois, quer a atenção fosse despertada para os atos divinos, fora ou dentro da congregação, era com o propósito de impressionar os seus corações e inteligências com o sentimento profundo da importância moral de obediência. Este era o grande propósito de todas as citações e exortações do fiel servo de Deus, que ia ser tão depressa tirado do meio deles. Por isso, ele estende-se sobre toda a sua história durante séculos, selecionando, agrupando, comentando, mencionando este fato e omitindo aquele, à medida que era guiado pelo Espírito de Deus. A descida para o Egito, a longa permanência ali, os duros castigos infligidos ao obstinado Faraó, o êxodo, a passagem pelo mar, as cenas do deserto e, especialmente, o terrível fim dos dois rubenitas rebeldes — tudo é referido com maravilhosa energia e clareza à consciência do povo, de forma a fortalecer a base do direito do Senhor à sua implícita obediência aos Seus santos mandamentos.

Guardai todos os Mandamentos

"Guardai, pois, *todos os mandamentos* que eu vos ordeno hoje, *para que vos esforceis*, e entreis, e possuais a terra que passais a possuir; e para que prolongueis os dias na terra que o Senhor jurou a vossos pais dá-la a eles e à sua semente, terra que mana leite e mel."

Note o leitor o formoso vínculo moral entre estas duas cláusulas: "Guardai todos os mandamentos [...] para que vos esforceis." Obtém-se muita força pela obediência sem reservas à Palavra de Deus. De nada serve escolher esta ou aquela

passagem. Somos propensos a fazer isto ou aquilo, propensos a escolher determinados mandamentos e preceitos que nos agradam; mas isto é realmente obstinação. Que direito temos nós de escolher tais e quais preceitos da Palavra e desprezar outros? Absolutamente nenhum. Fazê-lo é, em princípio, simplesmente rebelião e vontade própria. Que direito tem um servo de decidir a qual dos mandamentos do seu senhor deve obedecerá Nenhum, certamente; todo o mandamento está revestido da autoridade do amo, e portanto requer a atenção do servo; e, podemos acrescentar, quanto mais implicitamente o servo obedece, tanto mais presta a sua atenção respeitosa a todos os mandamentos do seu amo, por triviais que eles sejam, e tanto mais de se fortalece no seu cargo e cresce na confiança e estima do amo. Todo o amo quer e aprecia um servo obediente e aplicado. Todos conhecemos a satisfação que proporciona um servo em quem podemos confiar — alguém que se alegre em satisfazer os nossos desejos e que não precise de ser vigiado constantemente, mas que sabe qual é o seu dever e o cumpre.

Ora, não devemos nós procurar alegrar o coração do nosso Mestre pela obediência amorosa a todos os Seus mandamentos?— Pensemos no privilégio que nos é concedido de alegrar o coração d'Aquele bendito Senhor que nos amou e Se entregou a Si mesmo por nós. É alguma coisa verdadeiramente maravilhosa que pobres criaturas como nós possamos de certo modo alegrar o coração de Jesus; e, contudo, assim é, bendito seja o Seu nome! Compraz-Se em que guardemos os Seus mandamentos; e decerto este pensamento deveria despertar o nosso ser mortal e levar-nos a estudar a Sua palavra a fim de descobrirmos cada vez mais o que são os Seus mandamentos para os cumprir.

As palavras de Moisés que havemos citado fazem-nos lembrar a oração do apóstolo pelos "santos e irmãos fiéis em Cristo, que estão em Colossos". "Por esta razão, nós, também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual; para que possais andar dignamente diante do Senhor, *agradando-lhe em tudo*, frutificando em toda boa obra e *crescendo no conhecimento de Deus; corroborados em toda a fortaleza*, segundo a força da sua glória, em toda a paciência e longanimidade, com gozo; dando graças ao Pai, que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz. Ele nos tirou da potestade das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor, em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados" (Cl 1:9 a 14).

Admitida a diferença que existe entre o terreno e o celestial, entre Israel e a Igreja, existe uma notável semelhança entre as palavras do legislador e as do apóstolo. Ambas são eminentemente próprias para mostrar a beleza e preciosidade de uma terna e sincera obediência. É preciosa para o Pai, preciosa para Cristo, preciosa para o Espírito Santo; e isto deveria, seguramente, ser o bastante para criar

e fortalecer em nossos corações o desejo de serem cheios do conhecimento da Sua vontade, para assim podermos andar dignamente diante do Senhor, frutificando em *toda a boa obra* e crescendo no conhecimento de Deus. Deveria levar-nos a um estudo mais diligente da Palavra de Deus, a fim de que pudéssemos sempre descobrir mais e mais da mente e vontade do Senhor, e aprender o que Lhe é agradável e esperar d'Ele graça para o conseguir. Só desta maneira os nossos corações estarão mais perto d'Ele e nós encontraremos um interesse cada vez mais profundo em examinar as Escrituras, não apenas para crescer no conhecimento da verdade, mas no conhecimento de Deus, o conhecimento de Cristo — o conhecimento profundo, pessoal, experimental, de tudo que está entesourado n'Aquele em que habita corporalmente toda a plenitude da Divindade. Oh! que o Espírito de Deus, pelo Seu preciosíssimo e poderoso ministério desperte em nós um desejo mais intenso de conhecer e fazer a vontade de nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo, para que, desse modo, possamos dar alegria ao Seu terno coração e agradar-Lhe em tudo!

A Terra Prometida

Devemos agora prosseguir, por um momento, com a encantadora descrição da terra prometida que Moisés faz perante os olhos do povo. "Porque a terra que entras a possuir não é como a terra do Egito, donde saíste, em que semeavas a tua semente e a regavas com o teu pé, como a uma horta. Mas a terra que passais a possuir é terra de montes e de vales; da chuva dos céus beberá as águas; terra de que o SENHOR, Teu Deus, tem cuidado: os olhos do SENHOR, teu Deus, estão sobre ela continuamente, desde o princípio até ao fim do ano"

(versículos 10 a 12).

Que vivido contraste entre o Egito e Canaã! O Egito não tinha chuva dos céus. Ali tudo era esforço humano. Não era assim na terra do Senhor; o pé humano nada podia fazer ali, nem havia qualquer necessidade, porque a bendita chuva dos céus caía sobre ela; o Senhor mesmo cuidava dela e a regava com as primeiras e últimas chuvas. A terra do Egito estava dependente dos seus recursos; a terra de Canaã dependia inteiramente de Deus — do que descia do céu. "O meu rio é meu", era a linguagem do Egito. "O rio de Deus" era a esperança de Canaã. O costume do Egito era regar com os pés; o hábito em Canaã era levantar os olhos ao céu.

No Salmo 65 temos uma encantadora descrição do estado de coisas na terra do Senhor, vistas pelos olhos da fé. "Tu visitas a terra e a refrescas; tu a enriqueces grandemente com o rio de Deus, que está cheio de água; tu lhe dás o trigo, quando assim a tens preparada; tu enches de água os seus sulcos, regulando a sua altura; tu a amoleces com a muita chuva; tu abençoa as suas novidades; tu coroas o ano da tua bondade, e as tuas vereadas destilam gordura; destilam sobre os pastos do

deserto, e os outeiros cingem-se de alegria. Os campos cobrem-se de rebanhos e os vales vestem-se de trigo; por isso, eles se regozijam e cantam" (versículos 9 a 13).

Quão perfeitamente belo! Pense-se por um momento em Deus refrescando a terra e enchendo de água os seus sulcos! Pense-se na Sua condescendência em fazer o trabalho de um lavrador para o Seu povo! Sim, e fazendo-o com agrado! Era o gozo do Seu coração derramar os Seus raios de sol e refrescantes chuvas sobre "os outeiros" e "os vales" do Seu amado povo! Era consolador para o Seu Espírito, assim como era para louvor do Seu nome ver a videira, a figueira e a oliveira florescendo, os vales cobertos de dourados cereais e as ricas pastagens cobertas de rebanhos de ovelhas.

Se Obedecerdes... Eu Darei!

Assim deveria ter sido sempre e assim teria sido, se Israel tivesse andado em simples obediência à santa lei de Deus. "E será que, se diligentemente obedecerdes a meus mandamentos que hoje te ordeno, de amar ao SENHOR, teu Deus, e de o servir de todo o teu coração e de toda a tua lama, então, darei a chuva da vossa terra a seu tempo, a temporã e a serôdia, para que recolhas mosto, e o teu azeite. E darei erva no teu campo aos teus gados, e comerás e fartar-te-ás" (versículos 13-15).

Assim o assunto ficava entre o Deus de Israel e o Israel de Deus. Nada podia ser mais simples, nada mais abençoado. Para Israel era um elevado e santo privilégio amar e servir o Senhor; era prerrogativa de Javé abençoar e fazer prosperar Israel. A felicidade e a fertilidade deviam certamente acompanhar a obediência. O povo e a sua terra estavam inteiramente dependentes de Deus; todos os seus suprimentos deviam descer do céu, e por isso, enquanto andavam em obediência, as chuvas copiosas caíam sobre os seus campos e vinhedos; os céus destilavam o orvalho e a terra respondia com fertilidade e bênção.

Mas, por outro lado, quando Israel esqueceu o Senhor e desprezou os Seus preciosos mandamentos, o céu tornou-se bronze e a terra de ferro; a esterilidade, desolação, fome e miséria eram os tristes resultados da desobediência. Como poderia ser de outro modo?- "Se quiserdes e ouvirdes, comereis o bem desta terra. Mas se recusardes e fordes rebeldes, sereis devorados à espada; porque a boca do SENHOR O disse" (Is 1:19-20).

Ora, em tudo isto há uma profunda instrução prática para a Igreja de Deus. Apesar de não estarmos debaixo da lei, somos chamados à obediência, e na medida em que somos capazes pela graça de render terna e cordial obediência somos abençoados no nosso estado espiritual, as nossas almas são encorajadas, animadas e fortalecidas e nós produzimos frutos de justiça, que são por Jesus para glória e louvor de Deus.

O leitor verificará com muito proveito, em relação com este assunto prático, o princípio do capítulo 15 de João—uma passagem preciosa da Escritura, que exige a mais sincera atenção de todo o verdadeiro filho de Deus. "Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda vara em mim que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, *para que dê mais fruto*. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado. Estai em mim, e eu, em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim. Eu sou a videira, vós, as varas; quem está em mim, e eu nele, este dá muito fruto, porque sem mim nada podereis fazer. Se alguém não estiver em mim, será lançado fora, como a vara, e secará; e os colhem e lançam no fogo, e ardem. Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai: que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos. Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci no meu amor. *Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor*, do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor" (versículos 1 a 10).

Esta importante passagem da Escritura tem sofrido bastante com a controvérsia teológica e a luta religiosa. E tão clara como prática e só necessita de ser aceita tal como está, em sua simplicidade divina. Se procurarmos introduzir-lhe o que não lhe pertence, manchamos a sua integridade e perdemos a sua verdadeira aplicação. Nela temos Cristo, a videira verdadeira, tomando o lugar de Israel, que se havia tornado para o Senhor na degenerada planta de uma videira estranha. A cena da parábola é, evidentemente, a terra e não o céu; não podemos imaginar uma videira e um lavrador no céu. Além disso, o Senhor disse: "*Eu sou a videira verdadeira*". A figura é muito clara. Não é a Cabeça e os membros, mas uma árvore e as suas varas. Além disso, o assunto da parábola é tão distinto quanto a própria parábola; não se trata de vida eterna, mas de dar fruto. Se isto fosse tomado em conta contribuiria, grandemente, para a compreensão desta passagem da Escritura tão mal entendida.

Numa palavra, aprendemos desta figura da videira e das varas que o verdadeiro segredo de dar fruto e permanecer em Cristo, e o modo de permanecer em Cristo é guardar os Seus preciosos mandamentos. "Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor, do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor." Isto torna tudo tão simples. O meio de dar fruto a seu tempo é permanecer no amor de Cristo, e a maneira de demonstrar esta permanência é entesourar os Seus mandamentos em nossos corações e render amorosa obediência a todos eles. Não correndo de um lado para outro na mera energia da natureza; não é a excitação do simples zelo carnal manifestando-se em esforços espasmódicos de devoção. Não; é qualquer coisa muito diferente de tudo isto; é a obediência calma e santa do coração—obediência amorosa ao nosso amado Senhor que alegra o Seu coração e glorifica o Seu nome.

Prezado leitor, apliquemos os nossos corações a este importante assunto de dar fruto. Possamos nós compreender melhor em que ele consiste. Somos tão propensos a cometer erros a este respeito. É de recear que muitíssimo daquilo que passa por ser fruto não é tido por tal na presença divina. Deus não pode reconhecer como fruto o que não é o resultado direto de permanecer em Cristo. Podemos gozar de fama de muito zelo, energia e devoção entre os nossos companheiros, em todas as atribuições da obra; podemos viajar muito como grandes pregadores, obreiros consagrados na vinha, filantropos e reformadores morais; podemos despendar uma fortuna principesca em fomentar todos os grandes objetivos de beneficência cristã, e ao mesmo tempo não produzir uma simples amostra de fruto aceitável ao coração do Pai.

E, por outro lado, pode ser nossa sorte passar o tempo da nossa curta permanência no mundo em obscuridade e sem admiração humana; podemos ser tidos em pouca conta pelo mundo e a igreja professante; poderá parecer que deixamos uma marca insignificante na areia do tempo; mas se permanecermos em Cristo, se permanecermos no Seu amor, se entesourarmos as Suas palavras em nossos corações, e nos rendermos a uma obediência santa e amorosa aos Seus mandamentos, daremos fruto no tempo próprio, o nosso pai será glorificado, e nós cresceremos no conhecimento prático de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Vamos considerar por um momento o que resta do nosso capítulo, em que Moisés, com palavras de intensa solicitude, insta com a congregação para que sinta a urgente necessidade de vigilância e atenção a respeito de todos os estatutos e mandamentos do Senhor, seu Deus. O amado e fiel servo de Deus, e verdadeiro amigo o povo, era incansável nos seus esforços para os levar àquela obediência cordial que ele sabia ser, ao mesmo tempo, a fonte da sua cidade e abundância; e assim como nosso bendito Senhor adverte os Seus discípulos pondo diante deles o solene juízo da vara infrutífera, assim também Moisés avisa o povo quanto às conseqüências certas e terríveis da desobediência.

"Que o Vosso Coração não se Engane"

"Guardai-vos que *o vosso coração não se engane*, e vos desvieis, e sirvais a outros deuses, e vos inclineis perante eles." Triste retrocesso! O coração enganado. Este é o princípio de toda a decadência. "E vos desvieis." E certo que os pés seguirão o coração. Daí a profunda necessidade de guardar diligentemente o coração; é a cidadela de conjunto moral e enquanto for guardado para o Senhor, o inimigo não poderá obter vantagem; mas logo que se entrega, tudo está realmente perdido; então há o desvio; o desvio secreto do coração é demonstrado por seus caminhos práticos; "outros deuses" são então servidos e adorados. A descida ao longo do plano inclinado é terrivelmente rápida.

"E" — note-se as conseqüências solenes e certas — "a ira do SENHOR se acenda contra *vós, e feche ele os céus*, e não haja água, e a terra não dê a sua novidade, e cedo pereçais da boa terra que o SENHOR vos dá. "Que aridez e desolação deve haver quando o céu é fechado! Não descem as chuvas, não há orvalho, não existe comunicação entre o céu e a terra. Ah! Quantas vezes teve Israel de experimentar a terrível realidade de tudo isto! "Ele converte rios em deserto e nascentes em terra sedenta: a terra frutífera em terreno salgado, pela maldade dos que nela habitam" (SI 107:33-34).

E não podemos nós ver na terra estéril e desolação das montanhas uma apropriada e notável ilustração de uma alma que não está em comunhão devido a desobediência aos preciosos mandamentos de Cristo? Tal alma não está em alegre comunicação com o céu—não descem para ela chuvas do céu — não se descobrem já as preciosidades de Cristo para o coração; já não há o doce ministério de um Espírito não entristecido; a Bíblia parece um livro selado; tudo é escuro, seco e desolado. Oh! Não pode haver nada mais miserável em todo o mundo do que estar neste estado! Oxalá o autor e o leitor nunca cheguem a experimentá-lo! Possamos nós inclinar os ouvidos às fervorosas exortações feitas por Moisés à congregação de

Israel! São oportuniíssimas, muito salutares, e necessárias nestes dias de fria indiferença e obstinação. Põem diante de nós o divino antídoto contra os males particulares a que a Igreja de Deus está exposta nesta hora crítica e solene além de toda a idéia que se possa fazer.

Ponde as minhas Palavras no vosso Coração e na vossa Alma

"Ponde, pois, estas *minhas palavras no vosso coração* e na *vossa alma*, e atai-as por sinal na vossa mão, para que estejam por testeiras entre os vossos olhos, e ensinai-as aos vossos filhos, falando delas assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te; e escreve-as nos umbrais de tua casa e nas tuas portas, para que se multipliquem os vossos dias e os dias de vossos filhos na terra que o SENHOR jurou a vossos pais dar-lhes, como os dias dos céus sobre a terra" (versículos 18 a 21).

Dias felizes! E oh, quão ardentemente o largo e amoroso coração de Moisés desejava que o povo pudesse gozar muitos de tais dias! E quão simples era a condição! Na realidade nada podia ser mais simples nem mais precioso. Não era um jugo pesado que se lhes impunha, mas o doce privilégio de entesourarem os preciosos mandamentos do Senhor, seu Deus, em seus corações, e de respirarem a própria atmosfera da Sua santa palavra. Tudo devia andar e repousar sobre isto mesmo. Todas as bênçãos da terra de Canaã — a boa terra, terra altamente favorecida, uma terra que manava leite e mel, uma terra em que os olhos do Senhor estavam continuamente postos com amoroso interesse e terno cuidado — todos os seus preciosos frutos, todos os seus raros privilégios deviam ser deles em

perpetuidade, com a simples condição de amorosa obediência à Palavra do Deus do Concerto.

Porque, *se diligentemente guardardes estes* mandamentos que vos ordeno para os guardardes, *amando ao SENHOR, VOSSO Deus, andando em todos os seus caminhos, e a ele vos achegardes*, também o SENHOR de diante de vós lançará fora todas estas nações, e possuireis nações maiores e mais poderosas do que vós" (versículos 22 e 23). Em suma, a vitória certa e segura estava diante deles, a mais completa derrota de todos os inimigos e obstáculos, uma marcha triunfal pela herança prometida — tudo estava assegurado sobre a base de afetuosa e reverente obediência aos preciosos estatutos e juízos que jamais haviam sido dirigidos ao coração humano—estatutos e juízos cada um dos quais não era senão a própria voz do seu Libertador cheio de graça.

Os Limites do País

"Todo lugar que pisar a planta do vosso pé será vosso, desde o deserto, desde o Líbano, desde o rio, o rio Eufrates, até ao mar ocidental, será; vosso termo. Ninguém subsistirá diante de vós o Senhor vosso Deus porá sobre toda a terra que pisardes o vosso terror, como já vos tem dito" (versículos 24 e 25).

Aqui estava o lado divino da questão. Toda a terra, em comprimento, largura e plenitude, estava diante deles; eles só tinham que tomar posse dela, como dom gratuito de Deus; eles só tinham de pôr os pés, com fé simples e conquistadora, sobre essa formosa herança que a graça soberana lhes havia outorgado. Tudo isto vemos cumprido no livro de Josué, capítulo 11:23: "Assim, no Josué tomou *toda esta terra* conforme tudo que o SENHOR tinha dito a Moisés; e Josué a deu em herança aos filhos de Israel, conforme às suas divisões, conforme às suas tribos: e a terra repousou da guerra" ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Sem dúvida era por fé que Josué podia tomar toda a terra, mas, com efeito, quanto à sua posse, o capítulo 13: 1 mostra que "ainda muitíssima terra ficou para possuir".

Mas, ah, havia o lado humano da questão bem como o divino! Canaã prometida pelo Senhor e conquistada por fé de Josué era uma coisa; e Canaã possuída por Israel era outra muito diferente. Daí a grande diferença entre Josué e Juízes. Em Josué vemos a fidelidade infalível de Deus à Sua promessa; em Juízes vemos o miserável fracasso do povo logo desde o princípio. Deus empenhou a Sua palavra imutável de que ninguém se lhes poderia opor; a espada de Josué — tipo do grande Capitão da nossa salvação — cumpriu esta garantia sem lhe faltar um jota nem um til, porém, o livro de Juízes relata o triste fato de que Israel falhou em expulsar o inimigo — em tomar posse da concessão divina em toda a sua real magnificência.

E então?— A promessa de Deus ficou sem efeito? Não certamente, mas o fracasso completo do homem é evidente. Em "Gilgal" o padrão da vitória fora desfraldado

acima das doze tribos, com o seu invencível capitão à cabeça. Em "Bochim" os lamentadores tiveram de prantear a lamentável derrota de Israel.

Existe alguma dificuldade em compreender a diferença? Absolutamente nenhuma; vemos ocorrer as duas coisas através de todo o livro divino. O homem não consegue elevar-se à altura da revelação divina—não consegue tomar posse do que a graça lhe outorga. Isto é tão verdadeiro na história da Igreja como o era na história de Israel. No Novo Testamento, assim como no Velho, temos os Juízes e os Josués.

Sim, e na história de cada membro da igreja vemos a mesma coisa. Qual é o cristão abaixo da abóbada do céu que viva à altura dos seus privilégios espirituais? Qual é o filho de Deus que não tenha de deplorar o seu fracasso humilhante em compreender e pôr em prática os elevados e santos privilégios da sua chamada por Deus? Mas acaso isto invalida a verdade de Deus? Não; bendito seja o Seu nome! A sua Palavra mantém-se em toda a sua divina integridade e eterna estabilidade. Assim como no caso de Israel a terra da promessa estava diante deles em todas as suas belas proporções e atrativos divinos, e não somente isto, mas podiam contar com a fidelidade e o poder onipotente de Deus para os fazer entrar e pôr em plena possessão da terra, assim sucede conosco, somos abençoados com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; não existe em absoluto limite para os privilégios relacionados com a nossa posição, e quanto a gozá-los na atualidade é apenas uma questão de tomar posse por fé de tudo que a graça soberana de Deus tem feito para nós em Cristo.

Nunca devemos esquecer que é privilégio do crente viver ao mais alto nível da revelação divina. Não há desculpa para uma baixa experiência ou uma conduta superficial. Não temos direito algum para dizer que não podemos realizar a plenitude da nossa parte em Cristo, que o padrão é demasiado elevado e os privilégios tão vastos que não podemos esperar tais maravilhosas bênçãos e dignidades no nosso imperfeito estado atual.

Tudo isto é perfeita incredulidade, e assim deve ser tratado por todo o verdadeiro cristão. A questão é esta, a graça de Deus tem-nos dado estes privilégios? A morte de Cristo deu-nos direito a eles? E o Espírito Santo tem declarado que eles são a própria parte até do membro mais fraco do corpo de Cristo? Se é assim, e a Escritura assim o declara, porque não os desfrutamos? Não existe nenhum obstáculo do lado divino. E desejo do coração de Deus que entremos na plenitude da nossa porção em Cristo. Escutemos a ardente aspiração do apóstolo inspirado a favor dos santos de Éfeso e de todos os santos. "Pelo que, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus e a vossa caridade para com todos os santos, não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação, tendo

iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro. E sujeitou todas as coisas a seus pés e, sobre todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos"(capítulo 1:15 a 23).

Com esta maravilhosa oração podemos aprender quão vivamente deseja o Espírito Santo que compreendamos e gozemos os privilégios gloriosos da verdadeira posição cristã. Quer sempre, por meio do Seu precioso e poderoso ministério, manter os nossos corações em devida norma; mas, infelizmente, à semelhança de Israel, nós afligimo-Lo com a nossa pecaminosa incredulidade e roubamos às nossas almas incalculáveis bênçãos.

Mas, bendito seja o Deus de toda a graça, o Pai da glória, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Ele cumprirá a Sua preciosíssima verdade, sem lhe faltar um jota ou um til, tanto a respeito do Seu povo terrestre como do celestial. Israel gozará ainda completamente todas as bênçãos que lhe foram asseguradas pelo concerto eterno, e a Igreja entrará ainda no pleno gozo de tudo quanto o amor eterno e os desígnios divinos reservaram para ela em Cristo; e não somente isto mas o bendito Consolador pode e quer conduzir o crente individualmente ao gozo presente da esperança da vocação de Deus e do poder prático dessa esperança, desligando o coração das coisas presentes e separando-o para Deus em verdadeira santidade e viva devoção.

Que os nossos corações, prezado leitor, anelem mais ardentemente a completa realização de tudo isto, para que possamos deste modo viver como aqueles que encontram a sua porção e o seu descanso em um Cristo ressuscitado e glorificado! Que Deus em Sua infinita bondade no-lo conceda em nome de Jesus Cristo e para Sua glória!

A Bênção e a Maldição

Os versículos finais do nosso capítulo encerram a primeira divisão do livro de Deuteronomio, que, como o leitor notará, consiste de uma série de discursos dirigidos por Moisés à congregação de Israel—discursos memoráveis por certo, sob qualquer ponto de vista que se considerem. As expressões finais estão, desnecessário é dizer, em perfeita harmonia com o conjunto, e respiram o mesmo ar de profundo fervor a respeito do assunto de obediência — um assunto que, como temos visto, constituía um peso sobre o coração do amado orador em seus afetuosos discursos de despedida do povo.

"Eis que hoje eu ponho diante de vós a bênção e a maldição: A bênção quando ouvirdes os mandamentos do SENHOR, vosso Deus, que hoje vos mando; porém a maldição, se não ouvirdes os mandamentos do SENHOR, VOSSO Deus, e vos desviardes do caminho que hoje vos ordeno, para seguirdes outros deuses que não conhecestes. E será que, havendo-te o SENHOR, teu Deus introduzido na terra, a que vais para possuí-la, então, pronunciarás a bênção sobre o monte de Gerizim e a maldição sobre o monte de Ebal. Porventura não estão eles daquém do Jordão, junto ao caminho do pôr-do-sol, na terra dos cananeus, que habitam na campina defronte de Gilgal, junto aos carvalhais de Moré? Porque passareis o Jordão para entrardes a possuir a terra que vos dá o SENHOR, vosso Deus; e a possuireis e nela habitareis. Tende, pois, cuidado em fazer todos os estatutos e os juízos que eu hoje vos proponho" (versículos 26 a 32).

Aqui temos todo o resumo da matéria. A bênção está ligada com a obediência; a maldição com a desobediência. O monte Gerizim esta defronte do monte Ebal—fertilidade e esterilidade. Veremos, quando chegarmos ao capítulo 27, que o monte Gerizim e as suas bênçãos são passados por alto. As maldições do monte Ebal caem com terrível clareza aos ouvidos de Israel, enquanto que um silêncio terrível reina no monte Gerizim. "Todos os que são das obras da lei estão sob a maldição." A bênção de Abraão só pode cair sobre os que estão no terreno da fé. Mais adiante insistiremos sobre este ponto.

O LUGAR QUE O SENHOR ESCOLHEU PARA ALI PÔR O SEU NOME

A Autoridade Divina na Escritura

Entramos agora numa parte nova deste maravilhoso livro. Os discursos mencionados nos primeiros onze capítulos estabeleceram o princípio importante de obediência, e agora entramos na aplicação prática do princípio aos costumes e comportamento do povo uma vez posto de posse da terra. "Estes são os estatutos e os juízos que tereis cuidado em fazer na terra que vos deu o SENHOR, Deus de vossos pais, para a possuídes, todos os dias que viverdes sobre a terra."

E de grande importância moral que o coração e a consciência sejam trazidos à verdadeira atitude a respeito da autoridade divina, independentemente de qualquer questão quanto a pormenores. Os pormenores encontrarão o seu devido lugar uma vez que o coração haja aprendido a curvar-se, em completa e absoluta submissão, à autoridade suprema da palavra de Deus.

Ora, segundo temos visto nos nossos estudos sobre os primeiros onze capítulos, o legislador esforça-se sincera e fielmente por conduzir o povo de Israel a este estado absolutamente essencial. Sentia, humanamente falando, que para nada servia entrar em pormenores práticos antes que o grande princípio básico de toda a moralidade estivesse plenamente estabelecido no recôndito da alma. O princípio é este: — apliquemo-lo, nós, os cristãos, a nós próprios — é dever implícito do homem curvar-se implicitamente a autoridade da palavra de Deus. Não importa, de modo nenhum, o que essa palavra impõe ou se não podemos ver motivo desta, dessa ou daquela instituição. O único ponto importante e conclusivo é este: Deus tem falado? Se tem, isso é o bastante. Não há lugar nem necessidade de quaisquer outras interrogações.

Até que este ponto esteja plenamente estabelecido, ou antes, até que o coração seja posto diretamente sob a sua influência moral, não estamos em estado de entrar em pormenores. Se for consentida a operação da vontade própria, se for consentido a cega razão falar, o coração levantará inúmeras interrogações; à medida que cada instituição divina é posta diante de nós, surgirão novas dificuldades como pedras de tropeço no caminho da obediência simples.

O quê? Pode dizer-se, não devemos fazer uso da nossa razão? Se assim é, para que fim nos foi dada? Para isto temos uma dupla resposta. Em primeiro lugar, a

nossa razão não é como era quando Deus a deu. Havemos de recordar que o pecado sobreveio; o homem é um ser caído, a sua razão, o seu juízo, a sua compreensão, o conjunto do seu ser moral é uma completa ruína; e além disso foi a negligência pela Palavra de Deus que causou toda esta miséria e ruína.

Em segundo lugar, temos de ter em conta que se a razão estivesse em estado salutar, demonstraria retidão inclinando-se ante a Palavra de Deus. Mas não é perfeita; está cega e completamente pervertida; não se pode confiar nela, nem um momento, em coisas espirituais, divinas ou celestiais.

Se este simples fato fosse bem compreendido resolveria milhentas questões, solucionaria milhentas dificuldades. E a razão que faz, todos os infiéis. O diabo sussurra aos ouvidos do homem: És dotado de razão; porque não te serves dela? Foi-te dada para ser usada, usada em tudo; não devias dar o teu assentimento a nada que não estivesse ao alcance da tua razão. E teu direito, como homem, submeter tudo à prova da tua razão; é próprio só de um louco ou idiota receber, com cega credulidade, tudo que é posto diante dele.

Qual é a nossa resposta a tão astutas e perigosas sugestões? A mais simples e concludente, a saber: A palavra de Deus está absolutamente acima e além da razão; tanto quanto Deus está acima da criatura ou o céu acima da terra. Por isso, quando Deus fala, todos os argumentos devem ser esquecidos. Se se trata meramente da palavra do homem, da opinião humana, ou do critério do homem, então a razão pode certamente exercer os seus poderes; ou antes, para falar mais corretamente, devemos julgar o que é dito pelo único padrão perfeito, a palavra de Deus. Mas se a razão for posta em ação sobre a palavra de Deus, a alma será inevitavelmente submergida nas densas trevas da infidelidade, das quais a descida para a terrível negrura do ateísmo é apenas um passo.

Em suma, temos de recordar, sim, alimentar no mais profundo do nosso ser moral a idéia de que o único terreno firme para a alma é fé divinamente estabelecida na suprema autoridade, divina majestade, e completa suficiência da Palavra de Deus. Este foi o terreno que Moisés ocupou no tratamento com o coração e a consciência de Israel. O seu grande e único objetivo era levar o povo a uma atitude de profunda e inequívoca sujeição à autoridade divina. Sem isto tudo era inútil. Se cada estatuto, cada juízo, cada preceito, cada instituição deviam ser submetidos à ação da razão humana, então poderíamos dizer adeus a toda a autoridade divina, adeus à Escritura, adeus a toda a certeza, adeus à paz. Mas, por outro lado, quando a alma é levada pelo Espírito de Deus à atividade agradável de absoluta e indiscutível submissão à autoridade da palavra de Deus, então cada um dos Seus juízos, cada um dos Seus mandamentos, cada uma das expressões do Seu bendito livro é recebido como vindo diretamente de Si mesmo; e a mais simples ordenança ou instituição está investida de toda a importância que a Sua autoridade pode comunicar. Podemos não ser capazes de compreender o pleno significado ou

alcance exato de cada estatuto e juízo; não é essa a questão; basta-nos saber que vem de Deus; Deus tem falado; isto é conclusivo. Até que não se haja alcançado este grande princípio, ou antes, até que ele não tenha tomado completa posse da alma, não há nada feito; mas logo que é plenamente compreendido e a ele nos submetemos, é posto o sólido fundamento de toda a verdadeira moralidade.

A precedente linha de pensamento habilitará o leitor a compreender a conexão entre o capítulo que estamos considerando e a parte precedente deste livro; e não apenas isto, mas cremos que também o ajudará a compreender o lugar especial que ocupam os primeiros versículos do capítulo 12.

A Destruição dos Lugares onde as Nações Desalojadas Serviram os seus Deuses

"Totalmente destruireis todos os lugares onde as nações que possuíreis serviram os seus deuses, sobre as altas montanhas, e sobre os outeiros, e debaixo de toda árvore verde; e derribareis os seus altares, e quebrareis as suas estátuas, e os seus bosques queimareis a fogo, e abatereis as imagens esculpidas dos seus deuses, e apagareis o seu nome daquele lugar" (vers 2 e 3).

A terra era do Senhor; eles deviam possuí-la como arrendatários sob o Seu domínio e, portanto, o seu primeiro dever ao entrar na posse dela era demolir todos os vestígios da antiga idolatria. Isto era absolutamente indispensável. Poderia, segundo a razão humana, parecer intolerância agir desta maneira com a religião de outro povo. A isto respondemos, sem hesitação alguma: Sim, era intolerância, pois como poderia o único Deus vivo e verdadeiro ser outra coisa senão intolerante com todos os falsos deuses e o falso culto? Supor, por um momento, que Deus podia permitir o culto de ídolos na Sua terra, seria supor que podia negar-Se a Si mesmo, o que era simplesmente blasfêmia.

Não queremos ser mal compreendidos. Não é que Deus não tenha paciência com o mundo em Sua longânima misericórdia. Parece desnecessário constatar isto com a história de cerca de seis mil anos de divina tolerância perante os nossos olhos. Bendito seja para sempre o Seu nome, tem suportado o mundo de uma maneira maravilhosa desde os dias de Noé, e ainda o suporta, embora o mundo esteja manchado com a culpa de crucificar o Seu amado Filho.

Tudo isto é claro, mas deixa inteiramente de pé o grande princípio estabelecido em nosso capítulo. Israel tinha de aprender que estava a ponto de tomar posse da terra do Senhor; e que, como Seus arrendatários, o seu primeiro dever indispensável era riscar todos os traços de idolatria. Para eles não devia haver mais do que "o Deus uno". O Seu nome era invocado sobre eles. Eram o Seu povo, e Ele não podia permitir que eles tivessem comunhão com os demônios. "Adorarás ao SENHOR, teu Deus, e só a Ele servirás."

Isto podia parecer, na opinião das nações que os rodeavam, muito intolerante, estreito, fanático. Podiam, era verdade, ufanar-se da sua liberdade e gloriar-se na

ampla base do seu culto, que admitia "muitos deuses e muitos senhores". Segundo o Seu modo de pensar, podia argumentar-se com a maior amplitude de critério que manifestavam permitindo a cada qual pensar por si mesmo em matéria de religião, e escolher o seu próprio objeto de adoração e também o seu próprio modo de adorar. Ou, ainda mais, podia pôr-se em evidência um estado mais adiantado de civilização e cultura, como em Roma, um Panteão em que todos os deuses do paganismo podiam encontrar lugar. "Que importava a forma de religião do homem ou o objeto do seu culto, desde que ele próprio fosse sincero? No fim tudo acabaria em bem; o ponto principal para todos era atender ao progresso material, favorecer a prosperidade nacional como o meio mais seguro de assegurar os interesses individuais. Evidentemente, é conveniente que cada qual tenha alguma religião, mas quanto à forma dessa religião é completamente secundária. A questão é o que é cada qual, não o que é a sua religião."

Podemos muito bem compreender como tudo isto seria admiravelmente aceite pela mente carnal, e gozar de popularidade entre as nações incircuncisas. Mas Israel tinha de recordar esta máxima: "O SENHOR teu Deus, é o único Deus." E também: "Não terás outros deuses diante de mim." Esta devia ser a sua religião; a base do seu culto devia ser tão ampla e tão estreita como o único Deus vivo e verdadeiro, o seu Criador e Redentor. Era, certamente, uma base bastante ampla para todo o verdadeiro adorador, todo o membro da assembléia circundada, todos aqueles cujo elevado e santo privilégio era pertencer ao Israel de Deus. Não tinha que se preocupar com as opiniões ou as observações das nações incircuncisas que os rodeavam. Que valor tinham elas? Nenhum. Que podiam elas saber os direitos do Deus de Israel sobre o Seu povo circuncidado? Absolutamente nada. Eram competentes para decidir qual a amplitude da base em que Israel se apoiava? Claro que não; desconheciam completamente o assunto. Por isso os seus pensamentos, o seu raciocínio, argumentos e objeções eram inteiramente desprezíveis, não deviam ser ouvidos nem por um momento. Israel tinha o dever simples e preciso de se inclinar à autoridade suprema e absoluta da Palavra de Deus; e a Palavra de Deus insistia sobre a completa abolição de todos os traços de idolatria dessa boa terra que tinham o privilégio de possuir como arrendatários de Deus.

Mas não só era obrigação de Israel abolir todos os lugares em que os pagãos haviam adorado aos seus deuses—decerto que estavam solenemente obrigados a fazê-lo—mas havia mais alguma coisa a fazer. O coração poderia facilmente conceber o pensamento de acabar com a idolatria nos diversos lugares e levantar o altar do verdadeiro Deus em seu lugar. Isto poderia parecer o curso reto a adotar. Mas Deus pensava de um modo diferente. "Assim não fareis para com o SENHOR, vosso Deus; mas o lugar que o SENHOR, vosso Deus, escolher, de todas as vossas tribos, para ali pôr o seu nome, buscareis *para sua habitação*, e ali vireis. E ali trareis os vossos holocaustos e os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos, e a oferta

alçada da vossa mão, e os vossos votos, e as vossas ofertas voluntárias, e os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas. ? *ali comereis perante o SENHOR, VOSSO Deus*, e vos alegrareis em tudo que poreis a vossa mão, vós e as vossas casas, no que te abençoar o SENHOR, teu Deus" (versículos 4 a 7).

A Busca do Lugar de Culto Estabelecido Unicamente por Deus

Aqui é exposta uma grande verdade à congregação de Israel. Deviam ter um lugar de culto, um lugar designado por Deus e não pelo homem. A sua habitação — o lugar da Sua presença — devia ser o grande centro de Israel; ali deviam vir com os seus sacrifícios e as suas ofertas, e ali deviam prestar o seu culto e encontrar a sua alegria comum.

Isto parece ser exclusivo? Claro que era exclusivo; como poderia ser de outro modo? Se Deus se comprazia em escolher um ponto em que fixar a Sua morada no meio do Seu povo reunido, decerto que ficavam forçosamente limitados a esse ponto como seu lugar de culto. Isto era exclusivismo divino, e toda a alma piedosa se alegraria com ele. Todo o verdadeiro adorador de Javé diria de todo o coração: "SENHOR, eu tenho amado a *habitação da tua casa* e o lugar onde permanece a tua glória" (SI 26:8); e também: "Quão amáveis são os teus tabernáculos, SENHOR dos Exércitos! A minha alma está anelante e desfalece pelos átrios do SENHOR; o meu coração e a minha carne clamam pelo Deus vivo... Bem-aventurados os que habitam em *tua casa*: louvar-te-ão continuamente... Porque vale mais um dia *nos teus átrios* do que, em outra parte, mil. Preferiria estar à porta da *Casa do meu Deus*, a habitar nas tendas da impiedade" (SI 84).

Eis aqui o ponto mais importante. Era o lugar de habitação do Senhor que era querido ao coração de todo o verdadeiro israelita. A inquieta vontade própria podia desejar correr de um lado para outro; o pobre coração inconstante podia aspirar a uma mudança; mas para o coração que amava a Deus, qualquer mudança do lugar da Sua presença, o lugar onde Ele havia posto o Seu bendito nome, só podia resultar numa mudança para pior. O verdadeiro adorador podia achar satisfação e deleite, bênção e repouso somente no lugar da presença divina; e isto com um duplo fundamento, a autoridade da Sua preciosa Palavra, e o poder atraente da Sua presença. Uma tal pessoa nunca pensaria em ir a qualquer outro lugar. A que lugar deveria ir? Só havia um altar, uma habitação, um só Deus, esse era o lugar para todo o israelita sensato e de coração sincero. Pensar em qualquer outro lugar de culto seria, no seu parecer, não só apartar-se da Palavra do Senhor mas afastar-se da Sua santa habitação.

Este princípio importante é largamente salientado em todo o nosso capítulo. Moisés recorda ao povo que desde o momento em que entrassem na terra do Senhor, tinha de se pôr fim a toda a irregularidade e obstinação que os havia caracterizado na planície de Moabe ou no deserto.

"Não fareis conforme tudo o que hoje fazemos aqui, *cada qual tudo o que bem parece aos seus olhos*. Porque até agora não entrastes no descanso e na herança que vos dá o SENHOR, VOSSO Deus. *Mas passareis o Jordão*, e habitareis na terra que vos fará herdar o SENHOR, vosso Deus; e *vos dará repouso de todos os vossos inimigos em redor*, e morareis seguros. Então haverá um *lugar que escolherá o SENHOR, vosso Deus*, para *ali* fazer habitar o seu nome; *ali* trareis tudo o que vos ordeno... Guarda-te, que não ofereças os teus holocaustos *em todo lugar que vives*; mas, no lugar *que o SENHOR escolher* numa das tuas tribos, ali oferecerás os teus holocaustos e ali farás tudo o que te ordeno" (versículos 8 a 14).

Assim, não só no objetivo, mas também no lugar e modo de adorar, Israel estava absolutamente circunscrito ao mandamento do Senhor. Devia pôr-se termo ao gosto próprio, à própria escolha e vontade própria em tudo que dizia respeito ao culto de Deus, logo que atravessassem o rio da morte, e, como povo redimido, pusessem pé na herança que lhes era divinamente concedida. Uma vez ali, no gozo da terra do Senhor, e do repouso que a terra lhes proporcionava, a obediência à Sua palavra devia ser o seu serviço racional e inteligente. No deserto podia passar-se por alto muitas coisas que não podiam ser permitidas em Canã. Quanto mais elevado o alcance do privilégio, tanto mais elevada a responsabilidade do padrão de ação.

Ora, pode ser que os nossos pensadores de amplo critério e aqueles que contendem por liberdade de vontade e de ação, pelo direito de juízo privado em matéria religiosa, por liberdade de mente e catolicidade de espírito, estejam prontos a declarar tudo isto, que tem ocupado a nossa atenção, extremamente estreito e inteiramente impróprio para este século iluminado, e para homens de inteligência e cultura.

Qual é a nossa resposta a todos os que adotam esta forma de linguagem?- Uma resposta muito simples e conclusiva; a saber: Não tem Deus o direito de prescrever o modo em que o Seu povo deve adorá-Lo? Não tinha absoluto direito de fixar o lugar onde devia reunir o Seu povo Israel?- Sem sombra de dúvidas, ou havemos de negar a Sua existência ou admitir o Seu direito absoluto e indiscutível de expor a Sua vontade quanto ao modo como, quando e onde o Seu povo deve aproximar-se d'Ele. Quererá alguém, por muito ilustrado e culto que seja, negar isto? É uma prova de alta cultura, cortesia, largueza de inteligência ou universalidade de espírito negar a Deus os Seus direitos?

Se, portanto, Deus tem direito a mandar, será estreiteza ou beatice se o Seu povo obedecer?- Este é precisamente o ponto. É, segundo o nosso parecer, tão simples quanto qualquer coisa o pode ser. Estamos inteiramente convencidos que a única largueza de vistas, grandeza de coração e universalidade de espírito, é obedecer aos mandamentos de Deus. Por isso, quando se ordenou a Israel que fosse a determinado lugar e ali oferecesse os seus sacrifícios, isso não era

certamente fanatismo nem estreiteza da sua parte ir ali e recusar com santa decisão ir a qualquer outro lugar. Os gentios incircuncisos podiam ir aonde quisessem; o Israel de Deus devia ir *só* ao lugar indicado por Ele.

Um Único Lugar, um só Centro

Oh, que inefável privilégio para todos os que amavam a Deus e se amavam uns aos outros reunirem-se no lugar onde habitava o Seu nome! E que tocante graça brilha no fato de desejar reunir o Seu povo em redor de Si mesmo, de vez em quando! Acaso esse fato infringia os seus direitos pessoais e privilégios domésticos? Pelo contrário, realçava-os imensamente. Deus, em Sua infinita bondade, teve o cuidado disto. Era Seu prazer prover a tudo para alegria e bênção do Seu povo, privativa, social e publicamente. Por isso lemos: "Quando o SENHOR, teu Deus, dilatar os teus termos, como te disse, e disseres: Comerei carne, porquanto a tua alma tem desejo de comer carne; conforme todo o desejo da tua alma, comerás carne. Se estiver longe de ti o lugar que o SENHOR, teu Deus, escolher para ali pôr o seu nome, então, degolarás das tuas vacas e tuas ovelhas, *que o SENHOR te tiver dado*, como te tenho ordenado; e comerás dentro das tuas portas, conforme todo o desejo da tua alma. Porém, como se come o corço e o veado, assim comerás, o imundo e o limpo juntamente comerão delas" (versículos 20 a 22).

Aqui vemos que se concede, certamente, pela bondade e terna misericórdia de Deus, uma larga margem para a mais plena ordem de gozo pessoal e familiar. A única restrição dizia respeito ao sangue. "Somente esforça-te para que não comas o sangue, *pois o sangue é a vida*, pelo que não comerás a vida com a carne. Não o comerás; na terra o derramarás como água. Não o comerás, para que bem te suceda a ti, e a teus filhos, depois de ti, quando fizeres o que for reto aos olhos do SENHOR" (versículos 23 a 25).

Isto era um princípio fundamental debaixo da lei, ao qual fizemos já referência nos nossos "Estudos sobre o Livro de Levítico". A questão não é de saber até que ponto Israel o compreendeu; deviam obedecer para que tudo lhes corresse bem, e a seus filhos depois deles. Deviam reconhecer, neste assunto, os direitos soberanos de Deus.

Havendo feito esta exceção a respeito dos hábitos pessoais e de família, o legislador volta a tratar do assunto importantíssimo do culto público. "Porém, as tuas coisas santas que tiveres e os teus votos tomarás *e virás ao lugar que o SENHOR escolher*. E oferecerás os teus holocaustos, *a carne e o sangue* sobre o altar do SENHOR, teu Deus; e o sangue dos teus sacrifícios se derramará sobre o altar do SENHOR, teu Deus; porém, a carne comerás" (versículos 26 e 27).

Se à razão ou ao capricho fosse permitido falar, poderia dizer: Por que havemos todos de ir a este único lugar? Não podemos ter um altar em casa? - Ou, pelo menos, um altar em cada cidade importante ou no centro de cada tribo? A resposta

concludente é: Deus tem disposto as coisas de outro modo, e isto deve ser o bastante para cada verdadeiro israelita. Ainda que não possamos ser capazes, por motivo da nossa ignorância, de ver por que ou como a simples obediência é o nosso sagrado dever. Pode ser, contudo, que, à medida que vamos andando alegremente no caminho da obediência, a luz apareça às nossas almas quanto à razão e então encontraremos abundante bênção em fazer o que é do agrado do Senhor nosso Deus.

Sim, prezado leitor, este é o método próprio de responder a todos os argumentos e dúvidas da mente carnal, que não é sujeita à lei de Deus, nem na verdade o pode ser. É certo que a luz penetrará em nossas almas à medida que vamos andando com espírito humilde pela sagrada vereda de obediência; e não somente isso, mas indivisíveis bênçãos afluirão ao nosso coração nessa consciente aproximação de Deus que é só conhecida de aqueles que guardam amorosamente os Seus preciosíssimos mandamentos. Temos de expor aos impugnadores carnis e infiéis as nossas razões para atuar neste ou naquele sentido? Certamente que não, isso não faz parte do nosso dever; seria perder tempo e trabalho, visto que os impugnadores e racionadores são inteiramente incapazes de compreender ou apreciar as nossas razões.

Por exemplo, no assunto que estamos considerando, pode a mente carnal, um incrédulo, um simples filho da natureza, compreender por que se ordenou às doze tribos de Israel que adorassem ante um só altar — que se reunissem em *um* lugar — para se agruparem em redor de *um* centro? — De modo nenhum. A grande moral de uma tão bela instituição está muito longe do seu alcance.

Mas para a mente espiritual tudo é tão claro como belo. O Senhor queria reunir o Seu amado povo em redor de Si, de vez em quando, a fim de que pudessem ter o Seu próprio prazer neles. Não era isto precioso? Seguramente que o era para todos os que realmente amavam o Senhor.

Sem dúvida, se o coração era indiferente e descuidado para com Deus pouco importava o lugar e de culto; todos os lugares seriam iguais. Mas podemos estabelecer como princípio seguro que todo o coração leal e amoroso, desde Dã até Berseba, se regozijaria em reunir-se no lugar em que o Senhor tinha posto o Seu nome para estar entre o Seu povo. "Alegrei-me quando me disseram: Vamos à Casa do SENHOR. OS nossos pés estão dentro das tuas portas" [O centro de Deus para Israel]. "Jerusalém está edificada como uma cidade *bem sólida*, aonde sobem as tribos, as tribos do SENHOR, *como testemunho de Israel*, para darem graças ao nome do SENHOR. Pois *ali*" — e em nenhuma outra parte — "estão os tronos do juízo, os tronos da casa de Davi. Orai pela paz de Jerusalém: Prosperarão aqueles que te amam. haja paz dentro de teus muros e prosperidade dentro dos teus palácios. *Por causa dos meus irmãos e amigos*, direi: Haja paz em ti! Por causa da Casa do SENHOR, nosso Deus, buscarei o teu bem" (SI 122).

Aqui temos a formosa aspiração de uma alma que amava a habitação do Deus de Israel — o Seu bendito centro — o lugar de reunião das doze tribos de Israel—esse centro sagrado que estava associado na mente de todo o verdadeiro israelita com tudo que era brilhante e alegre em relação com o culto do Senhor e a comunhão do Seu povo. Teremos ocasião de voltar a este deleitável tema quando chegarmos ao estudo do capítulo 16 do nosso livro, e terminaremos esta parte citando o último parágrafo do capítulo que temos perante nós.

"Nada lhe acrescentarás nem diminuirás!"

"Quando o SENHOR, teu Deus, desarraigai de diante de ti as nações, aonde vais a possuí-las, e as possuíres e habitares na sua terra, guarda-te, que te não enlaces após elas, depois que forem destruídas diante de ti; e que não perguntes acerca dos seus deuses, dizendo: Assim como serviram estas nações os seus deuses, do mesmo modo também farei eu. Assim não farás ao SENHOR, teu Deus, porque tudo o que é abominável ao SENHOR e que ele aborrece fizeram eles aos seus deuses, pois até seus filhos e suas filhas queimaram com fogo aos seus deuses. *Tudo o que eu te ordeno, observarás; nada lhe acrescentarás nem diminuirás*" (versículos 29 a 32).

A preciosa palavra de Deus deveria formar um sagrado recinto em redor do Seu povo, dentro do qual eles podiam gozar a Sua presença e deleitar-se na abundância da Sua misericórdia e bondade; e na qual deviam separar-se inteiramente de tudo que podia ofendê-Lo, cuja presença devia ser, ao mesmo tempo, a sua glória, o seu gozo e sua grande moral salvaguarda contra todo o laço e toda a abominação.

Mas, desgraçadamente, eles não permaneceram dentro desse recinto; depressa deitaram abaixo as suas muralhas, e desviaram-se dos santos mandamentos de Deus. Fizeram precisamente as coisas que se lhes havia dito não fizessem, e tiveram de colher as terríveis conseqüências. Mas dentro em pouco falaremos disto e do seu futuro.

SINAIS, PRODÍGIOS E FALSAS DOUTRINAS

Falso Profeta, ou Sonhador de Sonhos

Este capítulo abunda em princípios muito importantes. Consiste de três partes distintas, cada uma das quais requer a nossa maior atenção. Não devemos tentar enfraquecer a força de advertência de uma tal Escritura, ou esquivarmo-nos aos seus agudos fios dizendo que não se aplica aos cristãos; que é meramente judaica em seu alcance e aplicação. Não há dúvida que foi em primeiro lugar dirigida a Israel; isto é tão claro que não admite dúvidas. Mas não esqueçamos que foi escrita "para nosso ensino"; e não só isso, mas quanto mais atentamente a estudarmos, tanto mais veremos que o seu ensino é de importância universal.

"Quando profeta ou sonhador de sonhos se levantar no meio de ti e te der um sinal ou prodígio, e suceder o tal sinal ou prodígio, de que te houver falado, dizendo: Vamos após outros deuses, que não conhecestes e sirvamo-los, não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos, porquanto o SENHOR, VOSSO Deus, vos prova, para saber se amais o SENHOR, vosso Deus, com todo o vosso coração e com toda a vossa alma. Após o SENHOR, vosso Deus, andareis, e a ele temereis, e os seus mandamentos guardareis, e a sua voz ouvireis, e a ele servireis, e a ele vos achegareis. E aquele profeta ou sonhador de sonhos morrerá, pois falou rebeldia contra o SENHOR, vosso Deus, que vos tirou da terra do Egito e vos resgatou da casa da servidão, para vos apartar do caminho que vos ordenou o SENHOR, vosso Deus, para andardes nele; assim, tirarás o mal do meio de ti" (versículos 1 a 5).

Aqui temos a precaução divina para todos os casos de falso ensino e falsa influência religiosa. Todos sabemos com quanta facilidade o pobre coração humano é extraviado por qualquer coisa que tenha o aspecto de um sinal ou de um milagre e especialmente quando tais coisas estão relacionadas com a religião. Isto não era exclusivo da nação de Israel; vêmo-lo em toda a parte e em todas as épocas. Qualquer coisa sobrenatural, qualquer coisa que envolva infração do que normalmente se chama as leis da natureza é quase certo atuar poderosamente sobre a mente humana. Um profeta que se levantasse no meio do povo e confirmasse o seu ensino por sinais e maravilhas, era quase certo receber atenção e lograr influência.

Deste modo Satanás tem trabalhado em todos os tempos e atuará ainda mais poderosamente no final deste presente século a fim de enganar e levar à sua eterna destruição aqueles que não quiserão atender a preciosa verdade do evangelho. "O mistério da injustiça" que tem estado em ação na igreja professante durante dezoito

séculos "será revelado *no iníquo*, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca e aniquilará pelo esplendor da sua vinda; a esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o *poder, e sinais, e prodígios* de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o *amor da verdade* para se salvarem. E, por isso, Deus lhes enviará a operação do erro para que creiam a mentira, para que sejam julgados todos *os que não creram a verdade*; antes, tiveram prazer na iniquidade" (2 Ts 2:8 -12).

Assim também em capítulo 24 de Mateus o Senhor adverte os seus discípulos contra o mesmo gênero de influência. "Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui ou ali, não lhe deis crédito, porque surgirão falsos cristos e falsos profetas e *farão tão grandes sinais e prodígios*, que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que eu vo-lo tenho predito" (Mt 24:23 a 25).

Também em Apocalipse 13 lemos da segunda besta subir da terra, o grande falso profeta, o anticristo, que "faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens. E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida de espada e vivia."

Ora, cada uma das três passagens reproduzidas da Sagrada Escritura faz referência a cenas que serão representadas depois de a Igreja ter sido arrebatada deste mundo; mas sobre isto não nos detemos, visto que o nosso objetivo reproduzindo-as é que o leitor veja até que ponto o diabo pode chegar quanto a sinais e prodígios a fim de apartar as pessoas da verdade, e também pôr diante de si a única salvaguarda divina e portanto perfeita contra todo o poder enganador do inimigo das nossas almas.

O coração humano não tem nenhuma possibilidade de resistir à influência de "sinais e prodígios" feitos a favor do mais mortífero erro. Não há mais que uma coisa para fortalecer o coração e lhe dar possibilidade de resistir ao diabo e a todos os seus erros mortais, esta é a Palavra de Deus. Ter a verdade preciosa de Deus guardada no coração é o segredo divino para preservação de todo o erro, ainda que apoiado pelos mais estranhos milagres.

Por isso, na primeira daquelas passagens vemos a razão por que o povo será enganado pelos sinais e prodígios "do iníquo" — "porque não receberam o amor da verdade para se salvarem". É o amor da verdade que preserva do erro, por muito persuasivo, por fascinador, por mais forte que seja o seu apoio na evidência poderosa de "sinais e prodígios". Não é a destreza, o poder intelectual, o alcance metal, ou a extensa cultura; todas estas coisas são perfeitamente impotentes em presença dos ardis e maquinações de Satanás. O mais gigantesco intelecto humano tem de cair como presa fácil na astúcia da serpente.

Mas, bendito seja Deus, a astúcia, a sutileza, os sinais e prodígios, todos os recursos de Satanás, todas as maquinações do inferno são completamente impotentes com o coração que é governado pelo amor da verdade. Um pequenino que conhece e crê e ama a verdade está ditosamente escutado, abrigado e divinamente preservado do poder enganador daquele iníquo. Se dez mil falsos profetas se levantassem e efetuassem os mais extraordinários milagres que jamais houvessem presenciado olhos humanos com o fim de provar que a Bíblia não é a Palavra inspirada de Deus ou que nosso Senhor Jesus Cristo não é Deus sobre todas as coisas, bendito eternamente, ou para desmentir a gloriosa verdade de que o sangue de Jesus Cristo, Filho de Deus, purifica de todo o pecado, ou qualquer outra verdade preciosa revelada na Sagrada Escritura, não produziriam o menor efeito no mais simples crente em Cristo cujo coração é dirigido pela Palavra de Deus. Sim, se um anjo do céu descesse e pregasse alguma coisa contrária ao que nos é ensinado na Palavra de Deus, temos autorização divina para o declarar anátema, sem mais discussão ou argumento algum.

Isto é uma graça indizível. Coloca o mais simples e indouto filho de Deus na mais bem-aventurada posição—uma situação não só de segurança moral, mas do mais doce descanso. Não somos chamados para analisar a falsa doutrina ou pesar a evidência apresentada em favor dela; rejeitamos com firme decisão tanto uma como a outra simplesmente porque temos a certeza da verdade e o amor por ela está em nossos corações. "Não ouvirás as palavras daquele profeta ou sonhador de sonhos"; ainda que o sinal ou o prodígio haja acontecido —"porquanto o SENHOR, VOSSO Deus, vos prova para saber se amais o SENHOR, vosso Deus, com todo o vosso coração e com toda a vossa alma."

Este era, prezado leitor, o ponto importante para Israel; e é o mesmo para nós. Então, agora, e sempre, a segurança moral está em ter o coração fortificado com o amor da verdade, o que é apenas outra forma de expressar o amor de Deus. O israelita fiel que amava ao Senhor de todo o seu coração e com toda a sua alma teria uma resposta pronta e convincente para todos os falsos profetas e sonhadores que pudessem aparecer—um método completamente eficaz de tratar com eles. *Não os ouvirás*. Se o inimigo não é ouvido, dificilmente consegue chegar ao coração. As ovelhas seguem o pastor "porque conhecem a sua voz". "Mas de modo nenhum seguirão o estranho" — ainda que ele mostre sinais e prodígios — "antes *fugirão dele*". Por quê? E porque são capazes de discutir, argumentar e analisar?— Não; graças e louvores a Deus! Mas porque "não conhecem a voz dos estranhos". O simples fato de não conhecerem a voz é razão suficiente para não seguirem o que fala.

Tudo isto é pleno de alento e consolação para os amados cordeiros e ovelhas do rebanho de Cristo. Podem ouvir a voz do seu adorável e fiel pastor; podem reunir-se em redor d'Ele e achar na Sua presença verdadeiro descanso e perfeita

segurança. Ele os faz deitar em verdes pastos e leva-os às águas tranquilas do Seu amor. Isto é suficiente. Podem ser muito fracos em si mesmos; mas isto não é um obstáculo à sua tranquilidade e bênção. Pelo contrário, Ele fá-los depender mais do seu eterno poder. Não devemos temer nunca a nossa fraqueza; é a força imaginária que temos de temer, a vã confiança na nossa própria sabedoria; a nossa própria inteligência, o nosso conhecimento da Escritura, os nossos conhecimentos espirituais: estas são as coisas que temos de temer; mas quanto à nossa completa fraqueza, quanto mais profundamente a sentimos tanto melhor, porque o poder do nosso Pastor se aperfeiçoa em fraqueza, e a sua preciosa graça é amplamente suficiente para todas as necessidades do Seu amado rebanho, adquirido pelo Seu sangue, coletivamente, e para cada membro em particular. Mantenhamo-nos tão-somente junto d'Ele com o permanente sentimento da nossa completa fraqueza e nulidade; guardemos a Sua preciosa palavra em nossos corações; alimentemo-nos dela, como o próprio sustento das nossas almas, dia a dia, elemento principal das nossas vidas, o pão vivo para fortalecimento do homem interior. Desta maneira seremos guardados de todas as vozes estranhas, de todos os falsos profetas, de todas as ciladas do diabo, todas as influências que tendem a afastar-nos do caminho de obediência e confissão prática do nome de Cristo.

Os Afetos Naturais e o Compromisso com a Verdade

Citaremos agora o segundo parágrafo do nosso capítulo em que o povo do Senhor é advertido contra outra cilada do diabo. Oh, quantos e variados são os seus ardis e ciladas! Quão múltiplos são os perigos do povo de Deus! Mas, bendito seja o Seu santo nome, há amplo provimento para todos na Sua Palavra!

"Quando te incitar teu irmão, *filho da tua mãe*"—mais próximo, mais querido e mais terno do que o filho de teu pai — "ou teu filho, ou tua filha, ou a mulher do teu amor, ou teu amigo, que te é como a tua alma, dizendo-te em segredo: Vamos e sirvamos a outros deuses«*que não conheceste*, nem tu nem teus pais, dentre os deuses dos povos que estão em redor de vós, perto ou longe de ti, desde uma extremidade da terra à outra extremidade, não consentirás com ele, nem o ouvirás; nem o teu olho o poupará, nem terás piedade dele, nem o esconderás, mas certamente o matarás; a tua mão será a primeira contra ele, para o matar; e depois a mão de todo o povo. E com pedras o apedrejarás, até que morra, pois te procurou apartar do SENHOR, teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão. Para que todo o Israel o ouça e o tema, e não se torne a fazer segundo esta coisa má no meio de ti" (versículos 6 a 11).

Aqui temos, pois, alguma coisa muito diferente de falso profeta ou sonhador de sonhos. Milhares podiam permanecer firmes contra a influência deste e contudo sucumbir ante o poder sedutor do afeto natural. E muito difícil resistir à ação deste último. Exige um elevado tom de devoção, grande simplicidade no olhar, e firme

propósito de coração para tratar com fidelidade com aqueles que vivem no recôndito das afeições do nosso coração. A prova de alguns se oporem e rejeitarem um profeta ou um sonhador com quem não havia parentesco pessoal, nenhum laço de terno amor familiar, nada seria em comparação de terem de tratar com firme e severa decisão a própria mulher, o irmão amado ou a irmã, o amigo íntimo e ternamente amado.

Mas quando os direitos de Deus, de Cristo, da verdade estão em jogo, não deve haver hesitação. Se alguém intentasse fazer uso dos laços de afeto natural com o propósito de nos afastar de nossa fidelidade a Cristo, teríamos de resistir com firme decisão. "Se alguém vier a mim e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo" (Lc 14:26).

Procuremos compreender este aspecto da verdade e dar-lhe também o seu próprio lugar. Se a pobre e cega razão for escutada, é mais que certo que apresentará à mente a mais hedionda perversão deste tema de grande importância prática. Sempre que a razão intenta exercer as suas faculdades nas coisas de Deus, é certo que se portará como agente eficiente e ativo do diabo em oposição à verdade. Em coisas humanas e terrenas, a razão pode admitir-se pelo que vale; mas em coisas divinas e celestiais, não só não tem valor algum como é positivamente nociva.

Qual, pois, podemos perguntar, a verdadeira força moral de Lucas 14:26 e Deuteronômio 13:8 a 10? Seguramente, não significa que devemos ser sem "afetos naturais", o que é um dos característicos especiais da apostasia dos últimos dias. Isto é perfeitamente claro. Deus mesmo tem estabelecido o nosso parentesco natural, e cada um dos graus desse parentesco tem os seus efeitos característicos cujo exercício e manifestação estão em formosa harmonia com a mente de Deus. O cristianismo não interfere com o nosso parentesco em natureza, mas introduz um poder pelo qual as responsabilidades inerentes a esse parentesco podem ser devidamente cumpridas para glória de Deus. E não é só isso, mas nas diversas epístolas o Espírito Santo tem dado as mais precisas instruções aos maridos e esposas, filhos e pais, senhores e servos, demonstrando assim, da maneira mais completa e bendita, a divina sanção a essas relações familiares e aos afetos que lhes pertencem.

Tudo isto é perfeitamente claro; contudo temos ainda de perguntar como corresponde a Lucas 14 e Deuteronômio 13? - A resposta é simplesmente esta: a harmonia é perfeitamente divina. Essas passagens aplicam-se unicamente a casos em que as nossas relações naturais e seus afetos estão em conflito com os direitos de Deus e de Cristo. Quando atuam desta maneira devem ser ignoradas e mortificadas. Se ousam intrometer-se no domínio que é inteiramente divino, a sentença de morte deve ser pronunciada sobre elas.

Ao contemplar a vida do único homem perfeito que jamais trilhou esta nossa terra, podemos ver como Ele ajustou da maneira mais formosa os vários direitos que, como homem e servo, teve de cumprir. Podia dizer a Sua mãe: "Mulher, que tenho eu contigo? E, todavia, no momento oportuno, podia, com delicada ternura, encomendar essa mãe ao cuidado do discípulo a quem amava. Podia dizer a Seus pais: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?" e, ao mesmo tempo, ir com eles para casa e sujeitar-Se docemente à autoridade paterna. Desta forma os ensinamentos da Sagrada Escritura e a conduta perfeita de Cristo vivo coligam-se para nos ensinar como devemos cumprir retamente os direitos da natureza e os direitos de Deus.

A Justiça segundo a Lei e segundo a Graça

Mas pode ser que o leitor ache considerável dificuldade a respeito da linha de ação imposta em Deuterônimo 13:9 e 10. Poderá parecer-lhe difícil conciliá-la com o Deus de amor e com a graça, afabilidade e ternura reveladas nas Escrituras do Novo Testamento. Aqui também devemos exercer grande vigilância sobre a razão. Esta presume sempre encontrar amplo campo de ação para as suas energias nas rígidas atuações do governo divino; mas, na realidade, só demonstra a sua cegueira e loucura. Contudo, apesar de não podermos dar lugar, nem por um momento, à razão incrédula, queremos sinceramente auxiliar toda a alma sincera que não possa orientar-se nesta questão.

Tivemos ocasião, durante os nossos estudos sobre os primeiros capítulos deste livro, de referir o importante assunto dos atos de Deus em seu governo, tanto com Israel como com as nações; mas, em aditamento ao que já temos visto, devemos recordar a diferença entre as duas economias da lei e da graça. Se isto não for claramente compreendido, encontraremos grande dificuldade em passagens como Deuterônimo 13:9 a 10. O grande princípio característico da economia judaica era a *justiça*; o princípio característico do cristianismo é a graça pura, incomparável graça.

Quando este é plenamente compreendido, toda a dificuldade se desvanece. Era perfeitamente justo, compatível e de harmonia com a mente de Deus, Israel matar os seus inimigos. Deus ordenou-lhes que o fizessem. E, de igual modo, era justo e compatível com essa ordem que eles executassem o justo juízo, até mesmo a morte, sobre qualquer membro da congregação que procurasse desviá-los para os deuses estranhos, conforme a passagem de que tratamos. Fazê-lo estava em plena harmonia moral com o grande princípio do governo e da lei, sob o qual eles estavam colocados, de acordo com a sabedoria de Deus naquela dispensação.

Tudo isto é perfeitamente claro. Vê-se através de todo o cânone do Velho Testamento. O governo de Deus em Israel, e o Seu governo do mundo, em relação com Israel, baseava-se no princípio estrito de justiça. E assim como

era no passado, assim será no futuro. "Eis aí está que reinará um Rei com justiça e dominarão os príncipes segundo o juízo" (Is 32:1).

Mas no cristianismo vemos alguma coisa muito diferente. Logo que abrimos as páginas do novo Testamento e ouvimos os ensinamentos e observamos os atos do Filho de Deus, achamo-nos em terreno inteiramente novo e numa nova atmosfera. Numa palavra, estamos na atmosfera e no terreno de pura graça soberana.

Assim, como um exemplo desse ensino, tome-se uma passagem ou duas do chamado "Sermão da Montanha" — esse maravilhoso e precioso compêndio dos princípios do reino do céu. "Ouvistes que foi dito: Olho por olho e dente por dente. *Eu, porém, vos digo* que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo e tirar-te a vestimenta, larga-lhe também a capa; e, se, qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas." "Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo. *Eu, porém, vos digo*: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem, para que sejais *filhos* do Pai que está nos céus; *porque* faz que o seu sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos... Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus" (Mt 5:38 a 48).

Não podemos agora deter-nos com essas benditas expressões; citamo-las apenas para o leitor a fim de que possa ver a grande diferença entre a economia judaica e a cristã. O que era perfeitamente justo para um judeu, podia ser muito mau para um cristão.

Isto é tão claro que até uma criança pode vê-lo; e contudo, por estranho que seja dizer, muitos do amado povo do Senhor parece verem a questão envolta em nuvens. Julgam que é perfeitamente correto um cristão agir em justiça, e fazer a guerra, e exercer poder mundano. Pois bem, se é justo um cristão atuar assim, queremos perguntar simplesmente, onde se ensina tal coisa no Novo Testamento? Onde se encontra uma simples expressão dos lábios de nosso Senhor Jesus Cristo ou da pena do Espírito Santo para apoiar ou sancionar tal coisa?— Como já havemos dito a respeito de outras questões, que se apresentaram durante os nossos estudos sobre este livro, de nada serve dizermos: "*Nós pensamos* desta ou daquela maneira." Os nossos pensamentos nada valem. A grande questão, em todos os casos de fé e moral cristã é: "O que diz o Novo Testamento? Que ensinou nosso Senhor e Mestre, e o que fez Ele? Ensinou que o Seu povo atualmente não deve atuar como agia o Seu antigo povo. *A justiça* era o princípio da antiga economia; *a graça* é o princípio da nova.

O Ensino do Senhor Jesus

Isto foi o que Cristo ensinou, como pode ver-se em numerosas passagens da Escritura. E como agiu Ele? Tratou com o povo em justiça? Fez valer os Seus direitos? Exerceu poder mundano? Recorreu à lei? Defendeu-se, ou vingou-se? Quando os Seus discípulos, com inteira ignorância dos princípios celestiais, que Ele ensinava, e completamente esquecidos da forma como sempre havia atuado, Lhe disseram, numa ocasião em que certa aldeia de samaritanos recusou recebê-Lo, "Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?-" Qual foi a Sua resposta? "Voltando-se, porém, repreendeu-os e disse: Vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do Homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. E foram para outra aldeia" (Lc 9:54 a 56). Era perfeitamente compatível com o espírito e princípio da dispensação de que Elias era o expoente e representante pedir que descesse fogo do céu para consumir os homens enviados por um rei ímpio para o prender. Mas o bendito Senhor era o perfeito Expoente e o divino Representante de outra dispensação inteiramente distinta. A Sua vida foi uma vida de perfeita abnegação desde o princípio ao fim. Nunca reivindicou os Seus direitos. Veio para servir e dar. Veio para representar Deus, para ser a perfeita expressão do Pai em tudo. O caráter do Pai brilhava em todo o Seu olhar, em todas as Suas palavras, em todos os Seus atos e todos os Seus movimentos.

Tal foi o Senhor Jesus Cristo quando aqui andou entre os homens; e tal foi o seu ensino. Fez sempre o que ensinava, e ensinava o que fazia. As Suas palavras eram a expressão do que Ele era, e os Seus atos ilustravam as Suas palavras. Veio para servir e dar; e toda a Sua vida foi assinalada por estas duas coisas, desde a manjedoura até à cruz. Na verdade podemos dizer que nos faltaria o tempo para citar todas as passagens em prova disto mesmo, nem tampouco há necessidade, visto ser uma verdade que dificilmente será posta em dúvida.

Pois bem, não é Ele o nosso grande exemplo em tudo?- Não é por Seu ensino e conduta que há de moldar-se a nossa vida e caráter como cristãos?- Como vamos saber como devemos comportar-nos senão atendendo às Suas benditas palavras e contemplando os Seus atos perfeitos?- Se, como cristãos, vamos ser guiados e governados pelos princípios e os preceitos da economia moisaica, então, certamente, é justo recorrer à lei, contender por nossos direitos, tomar parte na guerra, destruir os nossos inimigos. Mas então de que vale o ensino e exemplo de nosso adorável Senhor e Salvador? Que diremos dos ensinamentos do Espírito Santo E o Novo Testamento? Não parece ao leitor tão claro como a luz do sol que para o cristão fazer tais coisas é agir em flagrante contradição com o ensino e exemplo do seu Senhor?

Contudo, aqui pode fazer-se a antiga pergunta: "Que seria do mundo, que seria das suas instituições, que seria da sociedade, se tais princípios fossem universalmente, admitidos?" O historiador infiel falando dos primitivos cristãos e da sua recusa em se alistarem no exército romano, pergunta desdenhosamente: "Que teria sido do império, rodeado, com efeito, de todos os lados por bárbaros, se todos se tivessem entregado a idéias tão covardes como estas?"

Nós respondemos prontamente: se esses espirituais e celestiais princípios fossem universalmente dominantes, não haveria guerras, nem lutas, e por isso não haveria necessidade de soldados, nem de exércitos e armadas permanentes, nem de polícia; não haveria atos delituosos, nem pleitos sobre propriedade, e por isso não haveria necessidade de tribunais, de juízes ou magistrados. Em suma, o mundo, tal como é agora, teria um fim; os reinos deste mundo se teriam tornado no reino de nosso Senhor e de Cristo.

Mas o fato claro é que esses princípios celestiais de que falamos não são, de modo algum, destinados para o mundo, visto que o mundo não os poderia adotar ou atuar de acordo com eles nem uma só hora; fazer isso envolveria o colapso imediato e completo do atual sistema de coisas, a dissolução de toda a estrutura da sociedade, tal como se apresenta atualmente constituída.

Por isso, a objeção dos infieis desfaz-se debaixo dos nossos pés, assim como tantas outras objeções, interrogações e dificuldades que baseiam sobre elas. Estão desprovidas da mais simples partícula de força moral. Os princípios divinos não são, de nenhum modo, destinados a "este presente século mau"; são destinados à Igreja, que não é do mundo, assim como Jesus não é do mundo. "Se" disse nosso Senhor a Pilatos, "o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos para que eu não fosse entregue aos judeus: mas agora o meu reino não é daqui" (Jo 18:36).

Note-se a palavra "agora". Dentro em pouco, os reinos deste mundo se tornarão no reino de nosso Senhor; mas agora Ele é rejeitado e todos os que Lhe pertencem—a Sua igreja—, o Seu povo, são chamados para partilhar da Sua rejeição, para O seguir fora do arraial, e andarem como estrangeiros e peregrinos aqui no mundo, esperando o momento em que Ele há de vir para os levar para Si mesmo, para que onde Ele estiver, eles estejam também.

Pois bem, é a tentativa de misturar o mundo e a Igreja que produz uma tão terrível confusão. E um ardid especial de Satanás; e tem feito mais para manchar o testemunho da Igreja de Deus e impedir o seu progresso do que a maioria de nós se dá conta. Implica uma completa subversão das coisas, uma confusão de coisas que diferem essencialmente, uma completa negação do verdadeiro caráter da Igreja, da sua posição, da sua conduta e sua esperança. Ouvimos algumas vezes a expressão: "O mundo cristão." O que significa isso?— E simplesmente uma tentativa para unir duas coisas que em origem, natureza e caráter, são tão diferentes como a luz e as

trevas. E um esforço para remendar um pano velho com um pano novo, o que, como nosso Senhor nos diz, apenas faz o rasgão maior.

Não é objetivo de Deus cristianizar o mundo, mas tirar o Seu povo do mundo para ser um povo celestial, governado por princípios celestiais, formado por um objeto celestial, e alentado por uma esperança celestial. Se isto não for claramente compreendido, se a verdade a respeito da verdadeira vocação e curso da Igreja não for realizada como um poder vivo na alma, podemos estar seguros de incorrer nos mais graves erros em nosso trabalho, conduta e serviço. Faremos um uso inteiramente errôneo das Escrituras do Velho Testamento, não só sobre assuntos proféticos, mas a respeito de todo o curso da vida prática; na verdade, seria completamente impossível calcular a perda que deve resultar de não se compreender a inequívoca vocação, posição e esperança da Igreja de Deus, sua associação e identificação—a sua união com um Cristo rejeitado, ressuscitado e glorificado.

Não nos podemos alargar mais sobre este tema precioso e interessantíssimo; mas queremos apenas indicar ao leitor um ou dois exemplos do método do Espírito na citação e aplicação da Escritura do Velho Testamento. Veja-se, por exemplo, as seguintes passagens desse encantador Salmo 34: "A face do SENHOR está contra os que fazem o mal, para desarraigar da terra a memória deles" (versículo 16). Ora note-se a forma como o Espírito Santo cita esta passagem na primeira epístola de Pedro: "O rosto do Senhor é contra os que fazem males" (1 Pe 3:12). Nem uma palavra acerca de os desarraigar. Por que esta diferença? Porque o Senhor não está atuando no tempo presente segundo o princípio da lei; mais tarde atuará de acordo com ela, no reino. Mas atualmente está atuando em graça e em paciente misericórdia. A Sua face está tanto e tão decididamente contra todos os que fazem males como sempre esteve ou estará mas não para cortar agora a memória deles da terra. O exemplo mais flagrante desta maravilhosa graça e tolerância, e da diferença entre os dois princípios de que temos estado a tratar, é vista no fato de que os mesmos homens que, com mãos ímpias, crucificaram o Seu amado Filho unigênito—em vez de serem desarraigados da terra, foram os primeiros a ouvir a mensagem de pleno e livre perdão pelo sangue da cruz.

Ora, poderá parecer a alguém que damos demasiada importância a uma mera omissão de uma simples cláusula da Escritura do Velho Testamento. Não pense o leitor tal coisa. Ainda que não tivéssemos senão este exemplo, seria um grave erro tratá-lo como qualquer coisa que se parecesse com a indiferença. Mas o fato é que há numerosas passagens do mesmo caráter daquele que acabamos de citar, ilustrando todas o contraste entre a dispensação judaica e a cristã, e também entre o cristianismo e o reino vindouro.

Deus está tratando agora com o mundo em graça, e assim deve tratar com ele o Seu povo, se quer ser como Ele é—como na realidade é chamado para ser. "Sede

vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus" (Mt 5:48). "Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave" (Ef 5:1-2).

Este é o nosso modelo. Somos chamados para seguir o exemplo de nosso Pai, a imitá-Lo, Ele não vai entrar em justiça com o mundo; não faz valer os Seus direitos com a mão forte do poder. Em breve o fará; mas por agora, neste dia de graça, derrama as Suas bênçãos e benefícios, em rica profusão, sobre aqueles cuja vida é toda de inimizade e rebelião contra Si.

Tudo isto é perfeitamente maravilhoso; mas assim é, e nós, como cristãos, somos chamados para atuar segundo este princípio moralmente glorioso. Alguns poderão dizer: "Como poderíamos nós ter êxito no mundo, como poderíamos conduzir os nossos negócios segundo um princípio como este? Seríamos roubados e arruinados; pessoas astutas tirariam vantagem de nós se soubessem que não iríamos para a justiça com elas; tomariam as nossas mercadorias ou levariam emprestado o nosso dinheiro, ou ocupariam as nossas casas e recusariam pagar a renda. Em suma, não poderíamos viver num mundo como este, se não afirmássemos os nossos direitos e fizéssemos valer as nossas reclamações por meio da mão forte do poder. Para que serve a lei senão para obrigar o povo a portar-se como é devido? Não são os poderes ordenados por Deus com o fim de manterem a paz e a boa ordem entre nós? Que seria da sociedade se não tivéssemos soldados, polícias, magistrados e juízes? E se Deus ordenou que tais coisas existissem, porque não há de o Seu povo aproveitar-se delas? E quem é mais apropriado para ocupar os lugares de autoridade e poder ou para manejar a espada da justiça que o povo de Deus?"

Existe, sem dúvida, uma grande aparência de força em toda esta linha de argumento. Os poderes que existem são ordenados por Deus. O rei, o governador, o juiz, o magistrado, são, cada um em seu lugar, a expressão do poder de Deus. E Deus quem investe cada um com o poder que exerce; é Deus que tem posto a espada em sua mão para castigo dos malfeitores e louvor dos que obram retamente.

Bendizemos a Deus de todo o nosso coração pelas autoridades constituídas do nosso país. Dia e noite, em público e em particular, nós oramos por elas. E nosso sagrado dever obedecer e submeter-nos a elas, em tudo, contanto que não nos mandem desobedecer a Deus ou tentar violentar a nossa consciência. Se fizerem isto, devemos — o quê? Resistirá Não; sofrer.

Tudo isto é perfeitamente claro. O mundo, tal como hoje está, não poderia continuar nem um só dia se os homens não fossem mantidos em ordem pela mão forte do poder. Não poderíamos viver, ou, pelo menos, a vida seria de todo insuportável, se os malfeitores não fossem mantidos sob o terror da luzente espada da justiça. Até mesmo com as coisas como são por falta de poder moral nos que

ostentam a espada, consente-se à demagogia que incite as paixões depravadas dos homens para resistirem à lei do país, perturbar a paz e ameaçar as vidas e propriedade dos bem intencionados e pacíficos súbitos do governo.

Mas, admitindo tudo isto do modo mais amplo possível, como seguramente o admitirá todo o cristão inteligente, todo o que tem aprendido o ensino da Escritura, isso não afeta de modo algum a questão de como o crente deve andar no mundo. O cristianismo reconhece plenamente as instituições do governo do país. Não faz parte das atribuições do cristão interferir, de qualquer modo, com tais instituições. Onde quer que esteja, seja qual for o princípio ou caráter do governo do país em que vive, é seu dever reconhecer as suas instituições municipais e políticas, pagar impostos, orar pelo governo, honrar os governantes no seu cargo oficial, desejar o melhor êxito ao legislativo e executivo, orar pela paz do país, viver em paz com todos, tanto quanto depende de si.

Vemos tudo isto realizado em perfeição no próprio bendito Mestre, bendito seja o Seu santo nome para sempre! Na memorável resposta que deu aos astutos herodianos, reconhece o princípio de sujeição aos poderes que existem: "Dai a César o que é de César; e a Deus o que é de Deus. E não somente isto, mas vêmo-Lo pagar também o tributo, ainda que, pessoalmente, estava livre dele. Não tinham direito a exigir- Lho, como mostrou, claramente, a Pedro; e podia dizer-se: "Porque não apelou?" Apelar! Não; mostra-nos alguma coisa muito diferente. Ouça-se a Sua delicada resposta ao Seu equivocado apóstolo: "*Mas, para que os não escandalizemos*, vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir e, abrindo-lhe a boca, encontrarás um estáter; toma-o e dá-o por mim e por ti"⁽¹⁾ (Mt. 17:27).

⁽¹⁾ O fato de o dinheiro do tributo se destinar ao templo não altera o princípio estabelecido no texto.

O Caminho do Cristão por este Mundo

E agora retrocedemos, com aumento de força moral, à nossa tese, isto é, a carreira do cristão neste mundo. Qual é? Deve seguir o seu mestre—imitá-Lo em tudo. Ele defendeu os Seu direitos? Apelou para a lei? Procurou melhorar o mundo? Imiscuiu-Se em assuntos municipais ou políticos? Foi um político? Empunhou a espada? Consentiu em ser juiz ou repartidor, até mesmo quando apelaram para Si, para, como diríamos, arbitrar sobre uma propriedade? Não foi toda a Sua vida uma vida de abnegação, desde o princípio ao fim? Não renunciou sempre a Si mesmo até que, na cruz, entregou a Sua preciosa vida em resgate por muitos?

Deixaremos que estas interrogações encontrem a sua resposta no mais profundo do coração do leitor crente, e esperamos que produzam os seus efeitos na sua vida. Esperamos que a precedente linha de verdade o habilite a compreender, convenientemente, passagens tais como Deuteronômio 13:9 a 10. A nossa oposição

à idolatria e separação do mal, em todos os seus traços ou formas, e embora não menos intensa e decidida, sem dúvida, do que no caso do antigo Israel, não é para ser manifestada do mesmo modo. A Igreja é imperativamente convidada a separar-se do mal e dos que o praticam, mas não pelos métodos empregados por Israel. Não entra em seus deveres apedrejar os ídólatras e blasfemos ou queimar as feiticeiras. A igreja de Roma tem atuado sobre este princípio; e até mesmo os protestantes—para vergonha do protestantismo— têm seguido o seu exemplo ⁽²⁾. A Igreja não é, de modo nenhum, chamada a esgrimir a espada temporal; antes, pelo contrário, isso é- lhe positiva e formalmente proibido. E uma negação positiva da sua chamada, caráter e missão fazer tal coisa. Quando Pedro, em ignorante zelo e carnal precipitação, desembainhou a espada em defesa do seu bendito Mestre, foi imediatamente corrigido pela palavra fiel e instruído pelo ato gracioso do seu Senhor: "Mete no seu lugar a tua espada, porque todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão" (Mt 26:52). E havendo assim reprovado o ato do Seu equivocado, ainda que bem intencionado servo, desfez o mal com a Sua graciosa mão. "Porque as armas da nossa milícia"—diz o apóstolo inspirado—"não são carnis, mas, sim, poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo" (2 Co 10:4-5).

⁽²⁾ A queima de Servet, em 1553, devido às suas opiniões teológicas, é uma terrível mancha sobre a Reforma e sobre o homem que sancionou um procedimento tão anticristão. Decerto, as opiniões de Miguel Servet eram fatal e fundamentalmente falsas. Mantinha a heresia Ariana, a qual é simplesmente uma blasfêmia contra o Filho de Deus, Porém, queimá-lo ou a qualquer outro por causa de falsa doutrina foi um flagrante pecado contra o espírito, gênio e princípios do evangelho, fruto deplorável de ignorância quanto à diferença essencial entre o Judaísmo e o Cristianismo.

Uma coisa é a Igreja aprender com a história de Israel e outra muito diferente querer ocupar o lugar de Israel, agir por princípios de Israel e apropriar-se das promessas de Israel. A primeira é dever e privilégio da Igreja; a última tem sido o erro fatal da Igreja.

A igreja professante tem-se afastado completamente desta grande, importantíssima questão. Uniu-se ao mundo e tem procurado fazer avançar a causa de Cristo por meios mundanos e carnis. Tem, por ignorância, procurado manter a fé cristã pela mais vergonhosa negação da prática cristã. A queima dos hereges permanece como uma horrenda mancha moral nas páginas da história da Igreja. Não podemos formar uma idéia adequada das terríveis conseqüências resultantes da noção de que a Igreja foi chamada para tomar o lugar de Israel e atuar segundo os princípios de Israel. Isto falsificou completamente o seu testemunho, despojou-a completamente do seu caráter espiritual e celestial e conduziu-a a uma senda que termina em Apocalipse 17 e 18.0 que lê entenda.

Mas não devemos prosseguir aqui esta ordem de coisas. Cremos que o que tem passado perante nós induzirá aqueles a quem possa interessar a considerarem todo

o assunto à luz do Novo Testemunho, e, assim, pela infinita bondade de Deus, puderem ver o caminho de inteira separação que, como crentes, somos chamados a trilhar, *no* mundo mas não *do* mundo, assim como Cristo nosso Senhor não é do mundo. Isto resolverá milhentas dificuldades, e nos proporcionará um grande princípio moral que pode ser praticamente aplicado a numerosos pormenores.

A Responsabilidade Coletiva das Doze Tribos

Vamos concluir agora o nosso estudo de Deuteronomio 13 lançando um olhar ao seu parágrafo final.

"Quando ouvires dizer de alguma das tuas cidades que o SENHOR, teu Deus, te dá, para ali habitar, ouvires dizer, que uns homens, filhos de Belial, saíram do meio de ti, que incitaram os moradores da sua cidade, dizendo: Vamos, e sirvamos a outros deuses que não conheceste, *então, inquirirás, e informar-te-ás, e com diligência perguntarás*; e eis que, *sendo esse negócio verdade, e certo que se fez uma tal abominação no meio de ti*, então certamente ferirás ao fio da espada os moradores daquela cidade, destruindo ao fio da espada a ela e a tudo o que nela houver, até os animais. E ajuntarás todo o seu despojo no meio da sua praça e a cidade e todo o seu despojo queimarás totalmente *para o SENHOR, teu Deus*, e será montão perpétuo, nunca mais se edificará. Também nada se pegará à tua mão do anátema, para que o SENHOR se aparte do ardor da sua ira, e te faça misericórdia, e tenha piedade de ti, e te multiplique, como jurou a teus pais, quando ouvires a voz do SENHOR, teu Deus, para guardares todos os seus mandamentos, que hoje te ordeno, para fazeres o que for reto aos olhos do SENHOR, teu Deus" (versículos 12 a 18).

Aqui temos instruções do carácter mais solene e importante. Mas o leitor deve lembrar-se de que, solenes e graves como realmente são, estão baseadas numa verdade de valor infável, e esta é a unidade nacional de Israel. Se não vemos isto, perdemos a força real do que significado da passagem citada. Supondo um caso de erro grave em algumas das cidades de Israel; podia suscitar-se, naturalmente, a pergunta: "As cidades de Israel hão-de estar envolvidas no mal de uma delas?".

Com certeza, visto que a nação era uma. As cidades e as tribos não eram independentes; estavam unidas entre si por um sagrado laço. de unidade nacional—unidade que tinha o seu centro no lugar da presença divina. As doze tribos de Israel estavam, indissolivelmente, unidas. Os doze pães na mesa de ouro do santuário constituíam o formoso tipo desta unidade e todo o verdadeiro israelita reconhecia e se regozijava nesta unidade. As doze pedras na banda do rio Jordão; as doze pedras no monte Carmelo, mostram todas a mesma grande verdade—a indissolúvel unidade das doze tribos de Israel. O bom rei Ezequias reconheceu esta verdade quando ordenou que o holocausto e a expiação do pecado fossem feitos por *tudo o Israel* (2 Cr 29:24). O fiel Josias reconheceu-a também e atuou de

conformidade com ela, quando levou as suas reformas a todas as regiões que pertenciam aos filhos de Israel (2 Cr 34:33). Paulo, no seu magnífico discurso perante o rei Agripa, dá testemunho da mesma verdade, quando diz: "A qual *as nossas doze tribos* esperam chegar, servindo a Deus, continuamente, noite e dia"⁽¹⁾ (At 26:7). E quando contemplamos o futuro brilhante, a mesma gloriosa verdade resplandece com fulgor celestial no capítulo 17 de Apocalipse, onde vemos as doze tribos seladas e guardadas para bênção, repouso e glória, em relação com uma multidão inumerável dos gentios. E, por fim, em Apocalipse 21 vemos os nomes das doze tribos gravados nas portas da santa Jerusalém, sede e centro da glória de Deus e do Cordeiro.

⁽¹⁾ O leitor talvez esteja interessado em saber que a palavra traduzida na passagem por "doze tribos" é singular. Dá certamente uma expressão vívida e plena à idéia principal de unidade indissolúvel tão preciosa para Deus, e portanto Preciosa para a fé.

Assim, desde a mesa de ouro no santuário à cidade de ouro, que de Deus desce do céu, temos uma cadeia maravilhosa de evidência em prova da grande verdade da indissolúvel unidade das doze tribos de Israel.

E, então, se for feita a pergunta: onde é vista esta unidade? Ou de que modo a viram Elias, ou Ezequias, ou Josias, ou Paulo? A resposta é muito simples. Viram-na pela fé; olharam para dentro do santuário de Deus, e ali, sobre a mesa de outro, viram os doze pães mostrando a perfeita distinção de cada tribo a par da sua perfeita unidade. Nada pode ser mais belo. A verdade de Deus tem de permanecer para sempre. A unidade de Israel foi vista no passado e será vista no futuro; e embora a unidade mais elevada da Igreja não seja vista no tempo presente, a fé crê-a apesar disso, mantém-na e confessa-a em presença de milhentas influências hostis.

E, agora, vejamos, por um momento, a aplicação prática desta gloriosa verdade, conforme nos é apresentada no parágrafo final de Deuteronômio 13. A uma cidade do extremo norte da terra de Israel, chega a notícia de que em determinada cidade no extremo sul se ensina grave erro—erro mortal, que tende a desviar os habitantes do Deus verdadeiro.

Que deve fazer-se? A lei é tão clara quanto possível; a senda do dever está traçada com tanta clareza que é apenas preciso um olhar sincero para a ver, e um coração consagrado para a trilhar. "Então, inquirirás e informar-te-ás, e com diligência perguntarás." Isto é, seguramente, muito simples.

Mas alguns dos habitantes podiam dizer: "Que temos nós que ver no norte com o erro ensinado no sul? Graças a Deus, não se ensina entre nós nenhum erro; é uma questão inteiramente local; cada cidade é responsável pela manutenção da verdade dentro das suas muralhas. Como poderíamos examinar todos os casos de erro que podem surgir por aqui e por ali em toda a nossa terra! Todo o nosso tempo seria

perdido, de modo que não poderíamos atender os nossos campos, os nossos vinhedos, os nossos olivais, os nossos rebanhos e as nossas manadas. Tudo quanto podemos fazer é manter as nossas fronteiras em ordem. Certamente, condenamos o erro, e se alguém que o mantivesse ou ensinasse viesse aqui, e nós o soubéssemos, fecharíamos resolutamente as portas contra ele. Não cremos que a nossa responsabilidade vá mais além disto."

Ora, podemos perguntar, qual seria a resposta do verdadeiro israelita a toda esta linha de argumento que, na opinião da mera natureza, parece muitíssimo aceitável? Uma resposta muito simples e conclusiva, podemos estar certos. Teria dito que era simplesmente a negação da unidade de Israel. Se cada cidade e cada tribo tomasse uma posição de independência, então, verdadeiramente, o sumo-sacerdote podia tomar os doze pães da mesa de ouro da proposição e espalhá-los por toda a parte; a nossa unidade desapareceu- fragmentamo-nos todos em átomos independentes e não temos um fundamento de ação nacional.

Além disso, o mandamento é bem claro e explícito: "Inquirirás, e informar-te-ás, e com diligência perguntarás." Somos obrigados, portanto, por um fundamento duplo: a unidade da nação e o mandamento claro do nosso Deus. De nada serve dizer que não se ensina erro entre *nós*, a menos que nos queiramos separar da nação; se pertencemos a Israel, então, na verdade, o erro é ensinado entre nós, segundo dizem as palavras — "tal abominação se cometeu *no meio de ti*." Até onde chegava a partícula "ti"? Até às fronteiras da nação. O erro ensinado em Dã afetava os que habitavam em Berseba. Por quê? Por que Israel era una.

E, daí, a palavra é tão clara, tão precisa, tão enfática. Somos obrigados a esquadrihá-la. Não podemos cruzar os braços e sentar-nos em fria indiferença e culpável neutralidade, de contrário seremos envolvidos nas terríveis conseqüências deste mal; sim, estamos envolvidos nele até nos desembaraçarmos dele julgando-o com inflexível decisão e implacável severidade.

Tal seria, prezado leitor, a linguagem de todo o israelita leal, e tal o seu modo de agir quanto ao erro e mal encontrado onde quer que fosse. Falar ou atuar de outro modo, seria simplesmente indiferença a respeito da verdade e glória de Deus, e independência quanto à unidade de Israel. Se alguém dissesse que não era obrigado a atuar segundo as instruções dadas em Deuteronômio 13:12 a 18, renunciava completamente à verdade de Deus e à unidade de Israel. Todos eram obrigados a atuar, de outra maneira seriam envolvidos no juízo dos culpados.

A Unidade do Corpo de Cristo e a Falsa Doutrina

E certamente se tudo isto era verdade entre o antigo Israel, não é menos verdade na Igreja de Deus no tempo presente. Podemos ficar certos que nada como a indiferença, em tudo quanto diz respeito a Cristo, é tão detestável para Deus. É propósito e desígnio eterno de Deus glorificar Seu filho; que todo o joelho se dobre

perante Ele e toda a língua confesse que Ele é Senhor para glória de Deus Pai. "Para que todos honrem o Filho, como honram o Pai."

Por conseguinte, se Cristo é desonrado, se forem ensinadas doutrinas ofensivas à glória da Sua Pessoa, à eficácia da Sua obra ou à virtude do Seu ministério, nós somos obrigados por todos os meios que possam atuar em nossos corações a rejeitar, com austera decisão, tais doutrinas. A indiferença ou neutralidade, no que diz respeito ao Filho de Deus, é alta traição no parecer do supremo tribunal do Céu. Não seríamos indiferentes se se tratasse da nossa reputação, do nosso caráter pessoal, ou dos nossos haveres ou dos haveres da nossa família; estaríamos muito ativos em qualquer coisa que nos afetasse ou aos que nos são queridos. Quanto mais deveríamos sê-lo em tudo que se refere à glória, honra, nome e causa d'Aquele a quem devemos tudo no tempo presente e na eternidade—Aquele que pôs de parte a Sua glória, veio a este miserável mundo, e morreu de morte afrontosa na cruz a fim de nos salvar das chamas eternas do inferno! Podemos ser-Lhe indiferentes? Neutrais no que Lhe diz respeito? Deus, em Sua grande misericórdia, nos livre de tal coisa!

Não, prezado leitor, isto não pode ser. A honra e glória de Cristo devem ser-nos mais caras do que tudo mais—reputação, haveres, família, amigos, tudo deve ser posto de lado se os direitos de Cristo estiverem envolvidos. Não admite isto o leitor crente com toda a energia da sua alma resgatada?— Estamos persuadidos que o reconhece, até mesmo neste momento; e, oh, como nos sentiremos quando estivermos perante a Sua face e na plena luz da Sua glória moral"! Com que sentimentos contemplaremos então a idéia de indiferença ou neutralidade a respeito d'Ele?

E não temos nós razão em declarar que depois da glória do Cabeça está a grande verdade da unidade do Seu corpo, a Igreja? Indiscutivelmente. Se a nação de Israel era uma, quanto mais não será uno também o corpo de Cristo! Essa independência era um mal em Israel, quanto mais não o será na Igreja de Deus! O fato claro é este, a idéia de independência não pode ser mantida nem por um momento à luz do Novo Testamento. Com igual direito podíamos dizer que a mão é independente do pé, ou o olho do ouvido, como dizer que os membros do corpo de Cristo são independentes uns dos outros. "Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, *assim é Cristo também*" — uma afirmação notável, expondo a união íntima de Cristo e a Igreja — "*Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. Se o pé disser: Porque não sou mão, não sou do corpo; não será por isso do corpo? E, se a orelha disser: Porque não sou olho, não sou do corpo; não será por isso do corpo?*" Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido?— Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? Mas, agora,

Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis. E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Agora, pois, há muitos membros, mas um corpo. E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça, aos pés: Não tenho necessidade de vós. Antes, os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são necessários. E os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais; e aos que em nós são menos decorosos damos muito mais honra. Porque os que em nós são mais honestos não têm necessidade disso, mas Deus assim formou o corpo, dando muito mais honra ao que tinha falta dela, *para que não haja divisão no corpo*, mas, antes, tenham os membros igual cuidado uns dos outros. De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele. ORA, VÓS SOIS (O) CORPO DE CRISTO E SEUS MEMBROS EM PARTICULAR" (I Co 12:12 - 27).

Não é nosso intento deter-nos nesta maravilhosa porção da Escritura; mas desejamos sinceramente chamar a atenção do leitor crente para a verdade especial que ela põe diante de nós tão terminantemente — uma verdade que diz respeito tão intimamente a todo o verdadeiro crente à face da terra, isto é, *que é um membro do corpo de Cristo*. E uma grande verdade prática, que envolve, ao mesmo tempo, os mais elevados privilégios e as maiores responsabilidades. Não é meramente uma verdadeira doutrina, um são princípio ou uma opinião ortodoxa; é um fato vivo, destinado a ser um poder divino na alma. O crente já não pode considerar-se a si mesmo como uma pessoa independente, sem associação, sem nenhum vínculo essencial com outros. Está ligado vitalmente com todos os filhos de Deus, todos os verdadeiros crentes, todos os membros do corpo de Cristo à face da terra.

"Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo." A Igreja de Deus não é um simples clube, uma sociedade, uma associação ou uma irmandade; é um corpo unido pelo Espírito Santo à Cabeça, no céu; e todos os seus membros na terra estão indissolivelmente unidos entre si. Sendo assim, segue-se, necessariamente, que todos os membros do corpo são afetados pelo estado e comportamento de cada um deles. "De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele." Isto é, todos os membros do corpo. Se há qualquer coisa que não está bem com o pé, a mão sente-o. Como? Por meio da cabeça. Assim é também na Igreja de Deus, se há qualquer coisa má com qualquer membro, individualmente, todos o sentem por intermédio do Cabeça, com o Qual todos estão relacionados em vida pelo Espírito Santo.

Alguns encontram grande dificuldade em compreender esta verdade. Mas ela está claramente revelada nas páginas inspiradas, não para ser discutida ou submetida, de um modo ou de outro, ao parecer humano, mas, simplesmente, para ser crida. E uma revelação divina. Nenhuma inteligência humana poderia jamais

haver concebido tal pensamento; mas Deus revela-o; a fé crê-o e anda em seu bendito poder.

Talvez que o leitor se sinta inclinado a perguntar: Como pode o estado de um membro afetar aqueles que nada sabem acerca dele? A resposta é: "Se um membro padece, todos os membros padecem com ele." Todos os membros de quê? E meramente de uma assembléia ou companhia que pode conhecer ou estar localmente ligada com a pessoa de quem se tratai Não, mas os membros do corpo, onde quer que estejam. Até mesmo no caso de Israel, onde se tratava apenas de uma questão de unidade nacional, temos visto que se havia mal em qualquer das suas cidades, todos estavam compreendidos nele, dizia respeito a todos, todos eram afetados. Por isso, quando Acã pecou, ainda que havia milhões de pessoas que ignoravam o fato, o Senhor disse: "*Israel* pecou." E toda a assembléia sofreu uma humilhante derrota.

Pode a razão compreender esta importante verdade? Não; mas a fé pode. Se escutarmos a razão não creremos nada; mas, pela graça de Deus, não vamos escutar a razão, mas crer o que Deus diz.

E, oh, prezado leitor, que verdade imensa é esta da unidade do corpo! Que conseqüências práticas derivam dela! Como está eminentemente calculada para ministrar santidade de conduta e de vida! Quão vigilantes nos deveria tornar sobre nós próprios, sobre os nossos hábitos, os nossos passos e toda a nossa condição moral! Quão cuidadosos nos deve tornar para não desonrarmos o Cabeças Quem estamos unidos, ou entristecer o Espírito por Quem estamos unidos, ou para não ofender os membros *com* quem estamos unidos!

Mas devemos encerrar este capítulo, por muito que gostaríamos de nos deter mais largamente sobre uma das verdades mais importantes, mais profundas e de mais positiva eficácia de quantas podem, possivelmente, atrair a nossa atenção. Que o Espírito de Deus faça dela um poder vivo na alma de todo o verdadeiro crente sobre a face da terra!

"FILHOS SOIS DO SENHOR, VOSSO DEUS"

Comportai-vos Coerentemente!

"Filhos sois do SENHOR, VOSSO Deus; não vos dareis golpes, nem poreis calva entre os vossos olhos por causa de algum morto. Porque és povo santo ao SENHOR, teu Deus, e o SENHOR te escolheu de todos os povos que há sobre a face da terra, para lhes seres o seu povo próprio" (versículos 1 e 2).

A cláusula com que começa este capítulo põe diante de nós a base de todos os privilégios e responsabilidades do Israel de Deus. É um pensamento corrente entre nós que temos de ter o parentesco antes de podermos saber os fatos de cumprir os deveres que lhe pertencem. É verdade clara e inegável. Se um homem não é pai, todos os argumentos ou explicações não lhe farão compreender os sentimentos ou afetos do coração de um pai; mas assim que entra nesse parentesco, sabe-os todos.

Assim é com todo o parentesco e posição; e assim é nas coisas de Deus. Não podemos compreender os afetos ou deveres de um filho de Deus até estarmos neste terreno. Temos de ser crentes antes de podermos cumprir os deveres cristãos. Até mesmo quando somos crentes, é somente pelo auxílio da graça do Espírito Santo que podemos andar como tais; mas, evidentemente, se não estamos em terreno cristão, nada podemos saber dos afetos ou deveres cristãos. Isto é tão claro que não são necessários argumentos.

Ora bem, é, evidentemente, prerrogativa de Deus determinar como os Seus Filhos devem conduzir-se, e é elevado privilégio e responsabilidade deles buscar, em todas as coisas, ter a Sua graciosa aprovação. "Filhos *sois* do SENHOR, vosso Deus; não vos dareis golpes. Não eram de si mesmos, pertenciam-Lhe, e portanto não tinham o direito de dar golpes ou desfigurar os seus rostos pelos mortos. A natureza, em seu orgulho e obstinação, podia dizer: Por que não podemos fazer o que fazem os outros? Que mal pode haver em nos golpearmos, ou pôr calva entre os nossos olhos? É apenas uma expressão de dor, um afetuoso tributo aos nossos amados que partiram. Decerto que não pode haver nada moralmente mau em tão apropriadas demonstrações de tristeza.

A tudo isto só havia uma resposta simples e elucidativa: "Filhos sois do SENHOR vosso Deus". Este fato alterava tudo. Os pobres ignorantes e incircuncisos gentios em redor deles podiam golpear-se e desfigurarem-se, visto que não conheciam a Deus, e não estavam em relação com ele. Mas quanto a Israel, estava no elevado e santo terreno de proximidade com Deus, e este fato devia dar tom e caráter a todos os seus hábitos. Não eram chamados para adotar ou evitar qualquer hábito ou costume particular *a fim de serem* filhos de Deus. Isto seria, como dizemos, começar pelo fim; mas *sendo* seus filhos, deviam atuar como tais.

Um Povo Santo

"Filhos *sois* do SENHOR vosso Deus." Não diz: "*Deveis* ser um povo santo." Como poderiam eles jamais converter-se num povo santo, ou um povo especial do Senhor? Era de todo impossível. Se não eram o Seu povo, nenhum esforço seu poderia jamais convertê-los em tal. Mas Deus, Em Sua soberana graça, em cumprimento do Seu concerto com seus pais, tinha *feito* deles Seus filhos, *feito* deles o seu povo peculiar de entre todas as nações da terra. Nisto estava o fundamento sólido do edifício moral de Israel. Todos os seus hábitos e costumes, todos os seus atos e caminhos, o seu alimento e o seu vestuário, o que faziam e o que não faziam — em tudo deviam obedecer a um fato importante, com o qual não tinham mais que ver do que com o seu nascimento natural, isto é, que eram na realidade filhos de Deus, o Seu povo escolhido, povo da Sua própria possessão.

Não podemos deixar de reconhecer que é um privilégio da mais elevada ordem ter o Senhor tão perto de nós, e tão interessado em todos os nossos hábitos e caminhos. Para a mera natureza humana, para aquele que não conhece o Senhor, que não está em relação com Ele a própria idéia da Sua santa presença, ou de aproximação d'Ele, é simplesmente intolerável. Mas para todo o verdadeiro crente, todo aquele que ama realmente a Deus, é um pensamento delicioso tê-Lo perto de si, e saber que Ele Se interessa em todos os mais minuciosos detalhes da nossa história pessoal e da nossa vida privada; que tem conhecimento do que comemos e que vestimos; que cuida de nós de dia e de noite, dormindo e despertando, em casa ou fora dela; em suma, que o Seu interesse e cuidado por nós vão muito além do interesse e cuidado da mais terna e amorosa mão pelo seu filhinho.

Tudo isto é perfeitamente maravilhoso; e por certo que se o realizarmos de um modo mais completo, viveremos uma espécie de vida muito diferente, e teremos uma história diferente para contar. Que santo privilégio, que preciosa realidade saber que o nosso amoroso Senhor está em nosso caminho de dia e junto do nosso leito de noite; que os Seus olhos estão postos em nós quando nos vestimos de manhã, quando nos sentamos para comer, quando nos ocupamos dos nossos negócios, e em toda a nossa convivência desde manhã à noite. Que o sentimento de tudo isto seja um poder vivo e permanente no coração de todo o filho de Deus sobre a face da terra!

Desde o versículo 3 ao versículo 20, temos a lei a respeito dos animais limpos e imundos, peixes e aves. Os princípios fundamentais a respeito de todos estes animais já foram expostos em capítulo 11 de Levítico ⁽¹⁾. Mas existe uma diferença muito importante entre estas duas passagens da Escritura. As instruções em Levítico são dadas primeiramente a Moisés e Aarão; em Deuteronômio são dadas diretamente ao povo. Isto é perfeitamente característico dos dois livros. Levítico pode ser chamado especialmente o livro de guia para os sacerdotes. Em Deuteronômio os sacerdotes não ocupam um lugar de proeminência, enquanto

que o povo é posto em destaque. Isto é aparentemente notável em todo o livro, de forma que não tem o menor fundamento a idéia de que Deuteronômio é uma simples repetição de Levítico. Nada pode estar mais longe da verdade. Cada um desses livros tem um alcance especial, o seu próprio desígnio e a sua própria obra. O estudante piedoso vê e reconhece isto com prazer. Os infiéis estão, obstinadamente, cegos e não podem ver nada.

Em versículo 21 do nosso capítulo é notavelmente apresentada a distinção entre o Israel de Deus e o estrangeiro. "Não comereis nenhum animal morto; *ao estrangeiro*, que está dentro das tuas portas, *o darás a comer*, ou o venderás ao estrangeiro, porquanto és povo santo ao SENHOR, teu Deus." O grande fato do parentesco de Israel com o Senhor distinguia-o de todas as nações abaixo do Sol. Não era que eles, em si mesmos, fossem, nem um fio, melhores ou mais santos do que os outros; mas o Senhor era santo, e eles eram o Seu povo. "Sede santos, porque eu sou santo."

As pessoas do mundo pensam por vezes que os cristãos são farisaicos em se separarem das demais pessoas e em recusarem tomar parte nos prazeres e divertimentos do mundo; mas não entendem realmente a questão. O fato é que, para um crente participar nas vaidades e loucuras de um mundo pecaminoso seria, falando em linguagem figurada, o mesmo que um israelita comer carne de um animal que tivesse morrido. O crente, graças a Deus, tem alguma coisa mais com que alimentar-se que as coisas mortas deste mundo. Tem o pão vivo que desceu do céu, o verdadeiro maná; e não só isso, mas come "do trigo da terra de Canaã do ano antecedente", tipo do Homem ressuscitado e glorificado nos céus. De todas estas preciosíssimas coisas o pobre mundano inconvertido não sabe absolutamente nada; e, por isso, tem de alimentar-se do que o mundo tem para lhe oferecer. Não se trata do que há de mau ou bom nessas coisas quando consideradas em si mesmas. Ninguém poderia, de modo nenhum, ter sabido coisa alguma do mal que havia em comer alguma coisa que tivesse morrido se a Palavra de Deus não tivesse tratado do assunto.

Este é o ponto importante para nós. Não podemos esperar que o mundo veja ou pense como nós em casos de bem e mal. E nosso dever encarar as coisas do ponto de vista divino. Muitas coisas podem ser perfeitamente compatíveis com a ação de um homem mundano que um crente não deve de modo algum tocar, simplesmente porque é cristão. A pergunta que o verdadeiro crente tem de fazer quanto a tudo que se apresenta perante si é simplesmente esta: "Posso fazer isto para glória de Deus? Posso relacionar o nome de Cristo com ele?" Se não pode, não deve tocar-lhe.

Numa palavra, o padrão e norma do crente para todas as coisas é Cristo. Isto torna tudo tão simples. Em vez de perguntar: Tal ou qual coisa é compatível com a *nossa* profissão, *os nossos* princípios, *o nosso* caráter ou reputação? Temos de

perguntar: é compatível com Cristo? Nisto está toda a diferença. Qualquer coisa que é indigna de Cristo é indigna de um crente. Se isto for plenamente compreendido e admitido nos proporcionará uma grande regra prática que poderá ser aplicada a milhares de detalhes. Se o coração for fiel a Cristo, se andarmos segundo os instintos da natureza divina, fortalecidos pelo ministério do Espírito Santo, e guiados pela autoridade da Sagrada Escritura, não seremos incomodados com as questões do que é bom ou mau na nossa vida diária.

O que é Contra a Natureza

Antes de prosseguirmos com a reprodução do encantador parágrafo que encerra o nosso capítulo, queremos chamar, resumidamente, a atenção do leitor para a última cláusula do versículo 21. "Não cozerás o cabrito com o leite da sua mãe." O fato de este mandamento ser dado três vezes, em diversas ligações, é bastante para o acentuar como de interesse especial e importância prática. A questão é esta: Que significa ele? E o que devemos aprender dele? Cremos que ensina claramente que o povo do Senhor deve evitar, cuidadosamente, tudo que é contrário à natureza. Ora, era manifestamente contrário à natureza que o que era destinado à alimentação de um ser pudesse ser usado para o cozer.

Encontramos através de toda a Palavra de Deus grande proeminência dada ao que é segundo a natureza—o que é honesto. "Não vos ensina a própria natureza?", diz o apóstolo inspirado à assembléia de Corinto. Há certos sentimentos e instintos implantados na natureza, pelo Criador, que não devem ser nunca ultrajados. Podemos estabelecer como princípio fixo, como um axioma da ética cristã, que nenhuma ação que repugna às sensibilidades próprias da natureza pode ser de Deus. O Espírito de Deus pode dirigir-nos, e muitas vezes sucede, para além e acima da natureza, mas nunca contra ela.

Tudo Pertence ao SENHOR

Voltemos agora aos versículos finais do nosso capítulo, nos quais encontraremos instrução prática de beleza pouco vulgar. "Certamente darás os dízimos de toda a novidade da tua semente, que cada ano se recolher do campo. E, perante o SENHOR, teu Deus, no lugar que escolher para ali fazer habitar o seu nome, comerás os dízimos do teu cereal, do teu mosto, do teu azeite e os primogênitos das tuas vacas e das tuas ovelhas; para que aprendas a temer ao SENHOR teu Deus, todos os dias. E, quando o caminho te for tão comprido, que os não possas levar, por estar longe de ti o lugar que escolher o SENHOR, teu Deus, para ali pôr o seu nome, quando o SENHOR, teu Deus, te tiver abençoado, então, vende-os, e ata o dinheiro na tua mão, e vai ao lugar que escolher o SENHOR, teu Deus. E aquele dinheiro darás por tudo o que deseja a tua alma, por vacas, e por ovelhas, e por vinho, e por bebida forte, e por tudo o que te pedir a tua alma;

come-o ali perante o SENHOR ,teu Deus, e alegra-te, tu e a tua casa; porém, não desampararás ao levita que está dentro das tuas portas; pois não tem parte nem herança contigo. Ao fim de três anos, tirarás todos os dízimos da tua novidade no mesmo ano e os recolherás nas tuas portas. Então virá o levita (pois nem parte nem herança tem contigo), e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão dentro das tuas portas, e comerão, e fartar-se-ão; para que o SENHOR, teu Deus, te abençoe em toda a obra das tuas mãos, que fizeres" (versículos 22 a 29).

E uma passagem muito importante e de profundo interesse, que põe diante de nós, com especial simplicidade, a *base, o centro* e os *aspectos práticos* da religião nacional e doméstica de Israel. O grande fundamento do culto de Israel estava posto no fato de que tanto eles como a sua terra pertenciam ao Senhor. A terra era Sua, e eles administravam-na sob a Sua direção. Eram chamados para dar testemunho, periodicamente, desta verdade preciosa por meio dos dízimos da sua terra. "*Certamente* darás os dízimos de toda a novidade da tua semente, que cada ano se recolher no campo." Deviam reconhecer, por este modo prático, o direito de propriedade do Senhor, e nunca o perder de vista. Não deviam reconhecer outro senhorio senão o Senhor, seu Deus. Tudo quanto eram e tudo quanto tinham pertencia-Lhe. Esta era a base sólida do seu culto nacional — a sua religião nacional.

O Centro do Culto para Israel

E quanto ao centro, está exposto com igual clareza. Deviam reunir-se no lugar que o Senhor havia escolhido para ali pôr o Seu nome. Que precioso privilégio para todos os que amavam, verdadeiramente, esse nome glorioso! Vemos nesta passagem, como também em muitas outras porções da Palavra de Deus, a importância que Ele dava às reuniões periódicas do Seu povo em redor de Si. Bendito seja o Seu nome, regozijava-Se em ver o Seu povo amado reunido em Sua presença, feliz n'Ele e uns com os outros; regozijando-se juntamente na sua porção comum, e alimentando-se em doce e amável comunhão com os frutos da terra do Senhor. "E, perante o SENHOR, teu Deus, *no lugar que escolher* para ali fazer habitar o seu nome, comerás os dízimos do teu cereal. *..para que aprendas a temer ao SENHOR, teu Deus, todos os dias.*"

Não havia, não podia haver, outro lugar como aquele, no parecer de todo o israelita fiel, todo o verdadeiro adorador de Javé. Estes deleitavam-se em se agrupar no sagrado lugar onde esse amado e reverenciado nome havia sido posto. Podia parecer estranho e inexplicável para aqueles que não conheciam o Deus de Israel, e não faziam caso d'Ele, ver o povo viajar — muitos deles — grandes distâncias, levando os seus dízimos a um lugar especial. Podiam sentir-se dispostos a duvidar da necessidade de um tal costume.

Porque não comer em casa? podiam dizer. Mas o fato é que tais pessoas não sabiam absolutamente nada de tal assunto, e eram de todo incapazes de compreender como isso era preciso. Para o Israel de Deus, havia a grande razão moral para viajar ao lugar designado, e essa razão estava no glorioso lema: "Javé Shammah—"O Senhor está ali." Se um israelita tivesse, obstinadamente, determinado ficar em casa, ou ir a qualquer lugar de sua própria escolha, não teria encontrado ali o Senhor nem os seus irmãos, e teria portanto de comer só. Um tal procedimento teria atraído o juízo de Deus; teria sido uma abominação. Não havia senão um centro, e esse não era da escolha do homem, mas de Deus. O ímpio Jeroboão, para seus fins egoístas e políticos, atreveu-se a interferir com a ordem divina, levantou os seus bezerros em Betel e em Dã; mas o culto ali oferecido era aos demônios e não a Deus. Foi um atrevido ato de iniquidade que trouxe sobre si e a sua casa o justo castigo de Deus; e vemos, na história de Israel, que "Jeroboão, filho de Nebate", é apresentado como o terrível modelo de iniquidade de todos os reis perversos.

Mas todos os fiéis em Israel estavam certos de se encontrarem no único centro divino, e em mais parte nenhuma. Não encontraríamos nenhum deles apresentando toda a espécie de desculpas para ficar em casa; nem tampouco os veríamos correr de aqui para ali em sítios da sua própria escolha ou da escolha de outros; não; só os veríamos reunidos para Javé Shammah, e só ali. Isto era estreiteza e fanatismo? Não; era o temor e o amor de Deus. Se o Senhor havia designado um lugar onde encontrar o Seu povo, certamente, o Seu povo deveria encontrar-se ali com Ele.

E não só havia designado um lugar mas, em Sua muita bondade, havia ideado um meio de fazer esse lugar tão conveniente quanto possível para o Seu povo adorar. Assim lemos: "E quando o caminho te for tão comprido, que os não pessoas levar, por estar longe de ti *o lugar que escolher o SENHOR, teu Deus, para ali pôr o seu nome*, quando o SENHOR, teu Deus, te tiver abençoado, então vende-os e ata o dinheiro na tua mão, e vai ao lugar que escolher o SENHOR, teu Deus... *come-o ali perante o SENHOR, teu Deus*, e alegra-te, tu e a tua casa."

Isto é perfeitamente belo. O Senhor, em Seu cuidado terno e atencioso amor, tomou em conta tudo. Não deixou uma só dificuldade no caminho do Seu amado povo, no tocante ao assunto de se reunir em redor de Si. Tinha o Seu próprio gozo especial em ver o Seu novo redimido feliz na Sua presença; e todos os que amavam o Seu nome se deleitavam em cumprir o desejo amorável do Seu coração encontrando-se no centro divinamente designado. Se viesse a descobrir-se que um israelita era negligente quanto a esta bendita ocasião de reunir-se com seus irmãos no lugar e tempo divinamente escolhidos, isso teria simplesmente provado que não tinha lugar em seu coração para Deus ou para o Seu povo, ou, que era pior, que estava ausente deliberadamente. Podia argumentar como quisesse que se sentia

feliz em casa, feliz em qualquer outro lugar; mas seria uma falsa felicidade, visto que uma felicidade encontrada no caminho da desobediência, era negligência voluntariosa ao mandamento divino.

O Centro do Culto para a Igreja

Tudo isto está cheio da mais valiosa instrução para a igreja de Deus atualmente. É vontade de Deus, agora, nada menos do que o era na antiguidade, que o Seu povo se reúna na Sua presença, em terreno divinamente designado, e para um centro divinamente designado. Isto, cremos, não será, de modo nenhum, posto em dúvida por todo aquele que tiver uma centelha de luz divina em sua alma. Os instintos da natureza divina, a direção do Espírito Santo e os ensinamentos da Sagrada Escritura guiam incontestavelmente o povo do Senhor a reunir-se para o culto, a comunhão e edificação. Por muitos que as dispensações possam diferir, há determinados princípios importantes e características especiais que permanecem sempre firmes; e a reunião de todos nós é, seguramente, um deles. Quer debaixo da antiga dispensação, quer sob a nova, a reunião do povo do Senhor é uma instituição divina.

Ora, sendo isto assim, não se trata de uma questão da *nossa* felicidade de uma maneira ou de outra; ainda que podemos estar perfeitamente seguros de que todos os verdadeiros cristãos se sentirão felizes de serem achados no seu lugar divinamente designado. Há sempre alegria e bênção na reunião do povo de Deus. É impossível estarmos reunidos na presença do Senhor e não nos sentirmos verdadeiramente felizes. É simplesmente céu na terra para o povo do Senhor — os que amam o Seu nome, amam a Sua pessoa, se amam uns aos outros, estarem reunidos, em redor da Sua mesa, em redor d'Ele mesmo. Nada pode exceder a bem-aventurança de nos ser concedido partir o pão juntos em memória de nosso amado e adorador Senhor, para anunciarmos a Sua morte até que venha; elevar, em santo concerto, os nossos cânticos de louvor a Deus e ao Cordeiro; nos exortarmos e confortarmos uns aos outros, segundo o dom e a graça que nos são dados pelo ressuscitado e glorificado Cabeça da Igreja; derramar os nossos corações, em doce comunhão, em oração, súplicas, intercessões e ações de graças por todos os homens, pelos reis e por todas as autoridades, por toda a família da fé, a Igreja de Deus, o corpo de Cristo, pelo trabalho do Senhor e pelos obreiros em toda a terra.

Onde, perguntamos, com toda a confiança, se encontra um verdadeiro crente, em reto estado de alma, que se não deleitará em tudo isto, e diga, do recôndito do seu coração, que nada existe nesta vida que se lhe possa comparar

Mas, repetimos, a questão não é da nossa felicidade; isto é menos que secundário. Nisto, como em tudo mais, devemos ser regidos pela vontade de Deus revelada em Sua santa Palavra. A questão para nós reduz-se simplesmente a isto: É segundo a vontade de Deus que o Seu povo se reúna para o culto e mútua

edificação? Se isto é assim, ai de todos os que recusam, obstinadamente, ou, indolentemente, descuram fazê-lo, sob qualquer pretexto; não sofrem apenas sério prejuízo, em suas almas, mas desonram a Deus, entristecem o Seu Espírito, e causam dano à assembléia do Seu povo.

Estas conseqüências são muito graves e requerem séria atenção de todo o povo do Senhor. E evidente que é segundo a vontade revelada de Deus que o Seu povo deve reunir-se na sua presença, o apóstolo inspirado exorta-nos, no capítulo 10 da sua epístola aos Hebreus, a não deixarmos a nossa reunião. Existe um valor especial, interesse e importância ligados coma reunião. A verdade a este respeito começa a revelar-se nas primeiras páginas do Novo Testamento. Assim, em Mateus 18:20, lemos as palavras do nosso bendito Senhor: "Porque *onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou* eu no meio deles." Aqui temos o centro divino: "*Meu nome*". Isto corresponde "ao lugar que escolher o SENHOR, para ali pôr o seu nome", tão constantemente mencionado, e tão repetido no livro de Deuteronômio. Era absolutamente essencial que Israel se reunisse nesse lugar. Não era um caso em que o povo podia escolher por si. A escolha humana estava absoluta e rigorosamente excluída. Era "o lugar que escolher o SENHOR teu Deus", e nenhum outro. Já temos visto claramente. E tão claro que nós só temos que dizer: "Como lê?"

Nem outra coisa acontece com a Igreja de Deus. Não é a escolha humana, ou o juízo humano, ou a opinião humana, ou a razão humana, ou qualquer coisa humana. E absoluta e inteiramente divina. O *fundamento* da nossa reunião é divino, pois trata-se de redenção efetuada. O *centro* em volta do qual nos reunimos é divino, é o nome de Jesus. O *poder* pelo qual somos reunidos é divino, pois é o Espírito Santo. E a autoridade para a nossa reunião é divina, pois é a palavra de Deus.

Tudo isto é tão claro quanto precioso; e tudo que necessitamos é simplicidade de fé para o aceitar e agirmos de acordo com ele. Se começamos por raciocinar sobre isto, é certo cairmos em trevas; e se escutarmos as opiniões humanas, seremos submergidos em perplexidade entre conflitos das seitas e partidos da cristandade. O nosso único refúgio, o nosso único recurso, a nossa única força, o nosso único conforto, a nossa única autoridade é a preciosa Palavras, de Deus. Tirei esta, e não temos absolutamente nada. Dai-no-la, e não necessitaremos de nada mais.

Ê isto que torna tudo tão real e tão sólido para as nossas almas. Sim, leitor, e também o que nos dá tanto consolo e tranqüilidade. A verdade a respeito da nossa reunião é tão clara, e tão simples, e tão indiscutível como a verdade a respeito da nossa salvação. E privilégio de todos os cristãos estarem tão seguros de se reunir em terreno de Deus, pelo poder de Deus, e por autoridade de Deus, como se sentem seguros de que estão dentro do bendito círculo da salvação de Deus.

E, por outro lado, se se nos perguntar: "Como podemos estar certos de estar em redor do centro de Deus?" Nós respondemos simplesmente pela palavra de Deus. Como podia o antigo Israel estar seguro quanto ao lugar escolhido por Deus para sua reunião? Por Seu mandamento expresso. Faltava-lhes alguma coisa para sua orientação? Não, certamente; a Sua Palavra era tão clara e tão precisa quanto ao lugar de culto como o era a respeito de tudo mais. Não deixava o mais simples motivo para incerteza. Estava exposta tão claramente diante deles que, aquele que levantasse uma dúvida, só podia ser considerado como obstinado, ignorante, positivamente desobediente.

Agora, a questão é esta: Os cristãos estão em piores condições que Israel a respeito do grande assunto do seu lugar de culto, o centro e terreno da sua reunião?- São deixados na dúvida e incerteza? É um tema aberto à discussão? É um assunto sobre o qual cada um é livre para fazer o que parece bem aos seus olhos? Deus tem-nos dado instruções precisas e definidas sobre um assunto tão profundo e essencialmente interessante? Poderíamos nós imaginar, por um momento, que Aquele que, benevolmente, condescendeu em instruir o Seu antigo povo em assuntos que, em nossa imaginária sabedoria, nos parecem desnecessários, deixaria a Sua Igreja no tempo presente sem nenhuma orientação quanto ao fundamento, o centro, e rasgos característicos do nosso culto? Impossível! Todavia a inteligência espiritual deve rejeitar, com decisão e energia, tal idéia.

Jerusalém, o Futuro Centro de todas as Nações

Não, prezado leitor crente, sabemos que não seria próprio do nosso Deus de toda a graça tratar desta forma com o Seu povo celestial. Decerto que não há agora lugar determinado ao qual todos os cristãos devam acorrer periodicamente para render culto. *Havia* um tal lugar para o povo terrestre de Deus; e *haverá*, dentro em pouco, um tal lugar para Israel restaurado e para todas as nações. "E acontecerá, nos últimos dias, que se firmará o monte da Casa do SENHOR no cume dos montes; e se exalçará por cima dos outeiros: e concorrerão a ele *todas as nações*. E virão muitos povos e dirão: Vinde, subamos ao monte do SENHOR, À casa do Deus de Jacó, para que nos ensine o que concerne aos seus caminhos, e andemos nas suas veredas; porque de *Sião* sairá a lei, e de Jerusalém, a palavra do SENHOR" (Is 2:2,3). "E acontecerá que todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém subirão de ano em ano para adorarem o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para celebrarem a Festa das Cabanas. E acontecerá que, se alguma *das famílias da terra não subira Jerusalém*, para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, não virá sobre ela a chuva" (Zc 14:16-17).

Eis duas passagens separadas, uma da primeira e a outra da última, mas formando uma, dos profetas divinamente inspirados, apontando ambas para o

tempo glorioso em que Jerusalém será o centro de Deus para Israel e todas as nações. E podemos afirmar com toda a confiança que o leitor encontrará todos estes profetas de comum acordo, em perfeita harmonia com Isaías e Zacarias sobre este assunto profundamente interessante. Aplicar tais passagens à Igreja ou ao céu, é violentar as mais importantes e claras expressões que jamais soaram aos ouvidos humanos; é confundir as coisas terrestres com as celestiais, e contradizer as vozes divinamente harmoniosas dos profetas e apóstolos.

E desnecessário acumular citações. Toda a Escritura tende a provar que Jerusalém era e será ainda o centro terrestre de Deus para o Seu povo, e para todas as nações. Mas, *presentemente*, quer dizer, desde o dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo, desceu, para formar a Igreja de Deus, o corpo de Cristo, até ao momento em que nosso Senhor Jesus Cristo virá para levar o Seu povo deste mundo, não há um lugar, nem localidade sagrada, nenhum centro terrestre para o povo do Senhor. Falar aos cristãos de lugares santos ou terreno consagrado é tão estranho para eles — pelo menos devia sê-lo — como teria sido dizer a um judeu que tinha o seu lugar de culto no céu. A idéia é completamente imprópria, de todo absurda.

A Adoração em Espírito e em Verdade

Se o leitor consultar, por uns momentos, o capítulo 4 de João, encontrará, no maravilhoso discurso de nosso Senhor à mulher de Sicar, o mais bendito ensino sobre este assunto. "Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém, o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos por que a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade" (versículos 19 a 24).

Esta passagem põe inteiramente de lado o pensamento de qualquer lugar especial de culto no tempo presente. Não existe realmente tal coisa. "Mas o *Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens*, como diz o profeta: O céu é o meu trono, e a terra o estrado dos meus pés. Que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso? Porventura, não fez a minha mão todas estas coisas?-" (At 7:48-50) "O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, *não habita em templos feitos por mãos de homens, nem tampouco é servido por mãos de homens*, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração e todas as coisas" (At 17:24-25).

O ensino do Novo Testamento, desde o princípio ao fim, é claro e terminante quanto ao assunto da adoração; e o leitor crente está solenemente obrigado a prestar atenção a esse ensino, e a procurar compreendê-lo e submeter todo o seu ser moral à sua autoridade. Tem havido, desde os primeiros séculos da história da igreja, uma forte e fatal tendência para voltar ao judaísmo, não só quanto ao assunto da justiça, mas também no assunto do culto. Os cristãos não só têm sido postos sob a lei no tocante à vida e justificação, mas também debaixo do ritual do Levítico no tocante à ordem e caráter do seu culto. Já tratamos do primeiro assunto em capítulos 4 e 5 destes "Estudos"; mas o último não é menos grave em seus efeitos sobre o tom e caráter da vida e conduta cristãs.

Devemos lembrar que o grande objetivo de Satanás é depor a Igreja de Deus do excelente lugar que ocupa quanto à sua posição, sua conduta e culto. Apenas a Igreja foi constituída no dia de Pentecostes, ele começou o Seu processo de corrupção e de sapa, e durante longos dezoito séculos tem-no continuado com diabólica persistência. Não obstante, das passagens claras acima citadas a respeito do caráter do culto que o Pai busca atualmente, e quanto ao fato de que Deus não habita em templos feitos por mãos de homens, temos visto, em todas as épocas, a forte tendência para voltar ao estado de coisas debaixo da dispensação moisaica. Daí o desejo de erguer grandes edifícios, imponentes rituais, ordens sacerdotais, serviços corais, os quais estão todos em direta oposição à mente de Cristo e aos ensinamentos mais claros do Novo Testamento. A igreja professante tem-se apartado inteiramente do espírito e autoridade do Senhor em todas estas coisas; e, contudo, é singular e triste dizer, estas coisas são continuamente invocadas como progresso maravilhoso do cristianismo. É dito por alguns dos nossos mestres e guias que o bendito apóstolo Paulo fazia uma pequena idéia da grandeza que a igreja devia alcançar; mas se ele pudesse apenas ver uma das nossas veneráveis catedrais, com suas soberbas naves e suas janelas multicores, e ouvir os ruídos do órgão e as vozes dos coristas, veria o progresso que se havia feito sobre o cenáculo de Jerusalém!

Ah, prezado leitor, podemos estar certos de que é tudo uma completa ilusão! Decerto, é verdade que a igreja tem feito progresso, mas é na direção errada; não é dirigido para cima, mas para baixo. É para longe de Cristo, longe do Pai, longe do Espírito, longe da Palavra.

Queremos fazer ao leitor esta pergunta: Se o apóstolo Paulo estivesse para vir a Londres no próximo dia do Senhor, onde poderia encontrar o que encontrou em Trôade, há dezoito séculos, segundo está relatado em Atos 20:7? Onde poderia encontrar uma companhia de discípulos reunidos, simplesmente, pelo Espírito Santo, para o nome de Jesus, para partilhar o pão em memória d'Ele, e mostrarem a Sua morte até que venha? Tal era então a ordem divina, e tal deve ser a ordem divina no tempo presente. Não podemos, de modo nenhum, crer que o apóstolo pudesse aceitar outra coisa que não fosse isto. Buscaria o princípio divino; ou o

teria ou nada. Ora, onde o podia ele encontrará Aonde podia ir e encontrar a mesa do Senhor conforme foi posta por Si mesmo na noite em que foi traído?

Note-se, prezado leitor, que nós somos obrigados a crer que o apóstolo Paulo insistiria em ter a mesa e a ceia do seu Senhor, como as havia recebido diretamente d'Ele na glória, e dadas pelo Espírito em capítulos 10 e 11 da sua epístola aos Coríntios — uma epístola dirigida a "todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo." Não podemos crer que ele ensinasse a ordem de Deus, no primeiro século, e aceitasse a desordem no século dezenove. O homem não tem o direito de se intrometer nas instituições divinas. Não tem mais autoridade para alterar um jota ou um til em relação com a ceia do Senhor do que Israel tinha para interferir na ordem da Páscoa.

Um Único Centro: O Nome de Jesus

Ora, repetimos a pergunta—e rogamos sinceramente ao leitor que a considere e responda na presença divina, à luz da Escritura: Onde poderia o apóstolo achar isto em Londres ou em qualquer outra parte da cristandade no próximo dia do Senhor? Aonde poderia ir e ocupar o seu lugar à mesa d Senhor, no meio de uma companhia de discípulos reunidos simplesmente sobre o *fundamento* de um só corpo, com o único *centro*, o nome de Jesus, pelo *poder* do Espírito Santo, e a *autoridade* da Palavra de Deus ? Onde poderia ele encontrar uma esfera em que pudesse exercer os seus dons sem autoridade humana, nomeação ou ordenação?- Formulamos estas interrogações a fim de exercitar o coração e a consciência do leitor. Estamos plenamente convencidos que há lugares, aqui e ali, nos quais Paulo podia encontrar estas coisas postas em prática, embora em fraqueza e faltas; e cremos que o leitor crente é solenemente responsável por as descobrir. Ah! São poucos e muitos espaçados em comparação com a massa dos cristãos que se reúnem em condições diferentes!

Talvez se diga que se as pessoas soubessem que era o apóstolo Paulo, lhe permitiriam de boa vontade que exercesse o ministério. Mas em tal caso ele não pediria nem aceitaria tal permissão, visto que ele nos diz claramente, no primeiro capítulo de Gálatas, que o seu ministério não era "da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai que o ressuscitou dos mortos."

E mais, podemos estar seguros de que o bem-aventurado apóstolo insistiria em ter a mesa do Senhor posta sobre o princípio divino de um só corpo; e só podia consentir em comer a Ceia do Senhor segundo a ordem divina exposta no Novo Testamento. Não poderia aceitar, de modo nenhum, coisa alguma que não fosse a realidade divina. Diria: "Ou isso ou nada." Não poderia admitir qualquer interferência humana na instituição divina; nem tampouco poderia aceitar qualquer novo princípio de reunião, ou qualquer princípio de organização. Repetiria as suas próprias declarações inspiradas: "Há *um só corpo* e um Espírito" e:

"Nós sendo muitos, somos um só pão e *um só corpo*; porque todos participamos do mesmo pão." Estas palavras são aplicadas a "todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo"; e mantêm o seu valor durante todos os séculos da existência da Igreja na Terra.

Convém que o leitor esteja ciente e bem esclarecido sobre este ponto. O princípio divino de reunião e unidade não deve, de modo algum, ser abandonado. Logo que os homens começam a organizar-se, a formar sociedades, igrejas ou associações, atuam em direta oposição à Palavra de Deus, à mente de Cristo, e à atuação presente do Espírito Santo. Bem pode o homem tentar formar um mundo como formar uma igreja. E inteiramente uma obra divina. O Espírito Santo desceu, no dia de Pentecostes, para formar a Igreja de Deus, o corpo de Cristo; e esta é a única Igreja, o único corpo que a Escritura reconhece; todo o mais é contrário a Deus, embora seja sancionado e defendido por milhentos verdadeiros cristãos.

Não queremos que o leitor nos compreenda mal. Não estamos a falar agora da salvação, da vida eterna, ou da justiça, mas do verdadeiro terreno de reunião, o princípio divino sobre o qual a mesa do Senhor deve ser posta, e celebrada a ceia do Senhor. Milhares do amado povo do Senhor têm vivido e morrido na comunhão da igreja de Roma; mas a igreja de Roma não é a igreja de Deus, mas uma horrenda apostasia; e o sacrifício na missa não é a ceia do Senhor, mas uma invenção mutilada e manchada pelos homens. Se a questão suscitada na mente do leitor é meramente de saber qual a quantidade de erro que pode ser tolerado sem comprometer a salvação da sua alma, de nada servirá continuarmos a expor o magno e importante problema que temos diante de nós.

Mas onde está o coração que ama a Cristo que pode contentar-se em tomar uma posição tão baixa como esta?— Que havia de pensar-se de um antigo israelita que pudesse contentar-se por ser filho de Abraão e desfrutar a sua vinha e as suas figueiras, os seus rebanhos e manadas, sem nunca pensar em ir adorar no lugar onde o Senhor tinha posto o Seu nome? Onde estava o judeu fiel que não amava esse sítio sagrado? "Senhor, tenho amado a habitação da tua casa e o lugar onde permanece a tua glória" (SI 26:8).

E depois, quando por causa do pecado de Israel, a política nacional foi derrubada e o povo levado em cativo, ouvimos os exilados, que eram verdadeiramente fiéis, derramar as suas lamentações no comovedor e eloqüente tom seguinte: "Junto aos rios da Babilônia nos assentamos e choramos, lembrando-nos de Sião. Nos salgueiros, que há no meio dela, penduramos as nossas harpas. Porquanto aqueles que nos levaram cativos nos pediam uma canção; e os que nos destruíram, que os alegrássemos, dizendo: Cantai-nos um dos cânticos de Sião. Mas como entoaremos o cântico do Senhor em terra estranha? Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém" — o centro de Deus para o Seu povo terrestre —,

"esqueça-se a minha destra da sua destreza. Apegue-se-me a língua ao paladar, se me não lembrar de ti, senão preferir Jerusalém à minha maior alegria" (SI 137:1-6).

E em capítulo 6 de Daniel, encontramos esse querido exilado abrindo a sua janela três vezes ao dia, e orando voltado para Jerusalém, embora soubesse que a cova dos leões era o castigo imposto. Mas porque insistir em orar voltando para Jerusalém? Era uma parte da superstição judaica? Não; era uma magnífica demonstração do princípio divino; era desfraldar o padrão divino por entre as conseqüências depressivas e humilhantes da loucura e pecado de Israel. Decerto, Jerusalém estava em ruínas; mas os pensamentos a respeito de Jerusalém não estavam arruinados. Era o centro de Deus para o Seu povo terrestre. "Jerusalém está edificada como uma cidade bem sólida, aonde sobem as tribos, as tribos do SENHOR, como testemunho de Israel, para darem graças ao nome do SENHOR. Pois ali estão os tronos do juízo, os tronos da casa de Davi. Orai pela paz de Jerusalém! Prosperarão aqueles que te amam. Haja paz dentro de teus muros e prosperidade dentro dos teus palácios. *Por causa dos meus irmãos e amigos*, direi: haja paz em ti! *Por causa da Casa do SENHOR, nosso Deus*, buscarei o teu bem" (SI 122:3-9).

Jerusalém era o centro para as doze tribos de Israel, em tempos passados, e sê-lo-á no futuro. Aplicar esta passagem e outras semelhantes à Igreja de Deus agora ou depois, na terra ou no céu, é simplesmente voltar as coisas de cima para baixo, confundir coisas essencialmente diferentes, e fazer, deste modo, um prejuízo incalculável tanto à Escritura como às almas. Não nos devemos permitir tais liberdades com a Palavra de Deus.

Jerusalém era e será o centro terrestre de Deus; mas, no tempo presente, a Igreja de Deus não deve reconhecer nenhum centro senão o glorioso e infinitamente precioso nome de Jesus. "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles." Centro precioso! É para este somente que o Novo Testamento aponta, e para este só agrega o Espírito Santo. Não importa onde estamos congregados, em Jerusalém ou em Roma, Londres, Paris ou Cantão. O caso não é *onde*, mas *como*.

Mas, não se esqueça, tem que ser uma realidade divina. De nada serve professarmos estar reunidos em ou para o bendito nome de Jesus, se não o estamos realmente. A palavra do apóstolo quanto à fé pode aplicar-se com igual força à questão do nosso centro de reunião. "Que aproveitará, irmãos meus, se *alguém disser*", que está reunido para o nome de Jesus? Deus trata com realidades morais; e enquanto é perfeitamente claro que o homem que deseja ser fiel a Cristo não pode, de modo nenhum, consentir em reconhecer qualquer outro centro ou fundamento de reunião senão o Seu nome, contudo é muito possível — ah, quão possível! — que as pessoas professem estar sobre esse bendito e santo terreno, enquanto o seu espírito e conduta, os seus hábitos e caminhos, todo o seu proceder e caráter tendem a provar que não estão no poder da sua profissão.

O apóstolo disse aos Coríntios que queria "conhecer não as palavras mas o poder". Uma palavra de peso, certamente, é muito necessária em todas as épocas, mas especialmente com respeito ao assunto de que agora tratamos. Queremos no espírito de amor, embora do modo mais solene, imprimir na consciência do leitor cristão a sua responsabilidade de considerar este assunto no santo retiro da presença do Senhor e à luz do Novo Testamento. Não o ponha de parte com o pretexto de não ser essencial. É, no mais alto grau, essencial, visto que diz respeito à glória do Senhor e à manutenção da sua verdade. Este é o único padrão pelo qual se deve decidir o que é essencial e o que o não é. Era essencial para Israel reunir-se no centro divinamente designado? Era uma questão deixada em aberto*? Podia todo o homem escolher um centro a seu gosto? Considere-se a resposta à luz de Deuteronomio 14. Era absolutamente essencial que o Israel de Deus se reunisse em redor do centro do Deus de Israel. Isto é incontestável. Ai do homem que se atrevesse a voltar as costas ao lugar onde o Senhor tinha posto o Seu nome! Teria, rapidamente, de conhecer o seu erro. E se isto era verdadeiro para o povo terrestre de Deus, não será igualmente verdadeiro para a Igreja e o crente em particular"? Decerto que é. Estamos obrigados pelas mais elevadas e sagradas obrigações a recusar todo o *princípio* de reunião que não seja o corpo de Cristo; todo o *centro* de reunião que não seja o nome de Jesus; todo o *poder* de reunião seja o Espírito Santo; toda *autoridade* de reunião que não seja a Palavra de Deus. Que todo o amado povo do Senhor, em toda a parte, seja levado a considerar estas coisas no temor e amor do Seu santo nome!

A Parte do Levita

Vamos encerrar agora esta parte citando o último parágrafo do nosso capítulo, no qual encontraremos algum ensino prático muito valioso.

"Ao fim de três anos, tirarás todos os dízimos da tua novidade no mesmo ano e os recolherás nas tuas portas. Então *virá* o levita (pois nem parte nem herança tem contigo), e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão dentro das tuas portas, e *comerão, e fartar-se-ão*, para que o SENHOR ,teu Deus, te abençoe em toda a obra das tuas mãos, que fizeres" (versículos 28 e 29).

Aqui temos uma encantadora cena doméstica, uma demonstração muito tocante do caráter divino, um belo resplendor da graça

bondade do Deus de Israel. Faz bem ao coração respirar o ar fragrante de uma passagem tal como esta. Forma um contundente e vívido contraste com o egoísmo frio da cena em redor de nós. Deus quis ensinar o Seu povo a pensar e cuidar de todos os que estavam em necessidade. O dízimo pertencia-Lhe, mas dava-Lhe o raro e excelente privilégio de o dedicar ao feliz objetivo de dar alegria aos corações.

Existe uma doçura especial nas palavras "virá", "comerão" e "fartar-se-ão". Quão próprio do nosso Deus sempre bondoso! Deleita-Se em satisfazer as

necessidades de todos. Abre a Sua mão, e satisfaz o desejo de todo o ser vivente. E não só isso, mas é Seu gozo fazer do Seu povo o canal mediante o qual possa correr para todos a bondade e simpatia do Seu coração. Quão precioso é isto! Que privilégio sermos os esmoleres de Deus, os despenseiros da Sua generosidade, os expoentes da Sua bondade! Oxalá nós entrássemos mais plenamente na bem-aventurança de tudo isto! Possamos nós respirar mais e mais a atmosfera da presença divina, e então refletiremos mais fielmente o caráter divino!

Como o tema profundamente interessante e prático apresentado nos versículos 28 e 29 terá de ocupar a nossa atenção, em conexão com outros temas, nos nossos estudos sobre o capítulo 26, não nos deteremos mais sobre ele aqui.

A REMISSÃO DO SENHOR

Um Mandamento de Amor

"Ao fim dos sete anos farás remissão. Este, pois, é o modo de remissão: que todo o credor, que emprestou ao seu próximo uma coisa, o quite; não a exigirá do seu próximo ou do seu irmão, *pois a remissão do SENHOR É apregoada*. Do estranho a exigirás, mas o que tiveres em poder de teu irmão a tua mão o quitará, somente para que entre ti não haja pobre; pois o SENHOR abundantemente te abençoará na terra que o SENHOR, teu Deus, te dará por herança, para a possuíres, se somente ouvires diligentemente a voz do SENHOR, teu Deus, para cuidares em fazer todos estes mandamentos que hoje te ordeno. Porque o Senhor, teu Deus, te abençoará, como te tem dito; assim, emprestarás a muitas nações, mas não tomarás empréstimos; e dominarás sobre muitas nações, mas elas não dominarão sobre ti" (versículos 1 a 6).

É verdadeiramente edificante observar o modo como o Deus de Israel procurava sempre atrair os corações do Seu povo por meio dos diversos sacrifícios, solenidades e instituições do cerimonial levítico. Havia o sacrifício do cordeiro de manhã e à tarde, diariamente; havia o sábado santo, todas as *semanas*; havia a lua nova, todos os *meses*; havia a páscoa, todos os *anos*; havia os *dízimos cada três anos*; havia a remissão, cada *sete anos*; e havia o jubileu cada *cinquenta anos*.

Tudo isto está repleto do mais profundo interesse. Conta a sua doce história, e ensina a sua preciosa lição à alma. O cordeiro da manhã e da tarde, como sabemos, apontava sempre para "o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo". O sábado era o encantador tipo do descanso que resta para o povo de Deus. A lua nova prefigurava admiravelmente o tempo em que Israel restaurado refletirá os raios do Sol da justiça sobre as nações. A páscoa era o memorial permanente da libertação da nação da escravidão do Egito. O ano dos dízimos mostra o fato de o Senhor ter o direito de propriedade da terra, como também da bela maneira como as Suas rendas deviam ser dispendidas para satisfazer as necessidades dos Seus obreiros e dos Seus pobres. O ano sabático era a promessa de um tempo brilhante quando todos os débitos seriam cancelados, todos os empréstimos extintos, todas as obrigações removidas. E, finalmente, o jubileu era o magnífico tipo dos tempos da restituição de todas as coisas, quando os cativos serão postos em liberdade, o desterrado voltará à sua herança por tanto tempo perdidas; e quando a terra de Israel e toda a terra se regozijará sob o beneficente governo do Filho de Davi.

Ora, em todas estas belas instituições descobrimos duas características proeminentes, a saber: glória para Deus, e bênção para os homens. Estas duas coisas estão unidas entre si por um laço divino e eterno. Deus tem assim ordenado que a

Sua plena glória e a bênção completa da criatura sejam indissolavelmente unidas. Isto dá profundo gozo ao coração e ajuda-nos a entender de um modo mais perfeito a força e beleza daquela expressão tão conhecida: "Nos regozijamos na esperança da glória de Deus." Quando essa glória brilhar em todo o seu pleno esplendor, então, certamente, a bem-aventurança humana, descanso e felicidade atingirão a sua completa e eterna consumação.

Vemos uma encantadora garantia e prefiguração de tudo isto no ano sétimo. Era "a remissão do Senhor", e portanto a sua bendita influência devia ser sentida por todo o pobre devedor desde Dã até Berseba. O Senhor queria conceder ao Seu novo e elevado e santo privilégio de ter comunhão Consigo fazendo saltar o coração do devedor de alegria. Queria ensinar-lhes, se eles quisessem aprender, a profunda bem-aventurança de perdoar tudo francamente. E nisto que Ele mesmo Se deleita, bendito seja para sempre o Seu grande e glorioso nome!

O Egoísmo do Coração Humano

Mas, ah, o pobre coração humano não está à altura desta distinção ! Não está devidamente preparado para trilhar esta vida celestial.

Está, lamentavelmente, embaraçado e impedido por um baixo e miserável egoísmo para compreender e levar a efeito o princípio divino de graça. Não se sente no seu ambiente nesta atmosfera celestial. Não está convenientemente preparado para servir de receptáculo e veículo da graça real que brilha tão esplendidamente em todos os caminhos de Deus. Isto explica claramente as cláusulas admonitórias da seguinte passagem: "Quando entre ti houver algum pobre de teus irmãos, em alguma das tuas portas, na tua terra que o SENHOR, teu Deus, te dá, *não endurecerás o teu coração, nem fecharás a tua mão* a teu irmão que for pobre; *antes, lhe abrirás de todo a tua mão* e livremente lhe emprestarás o que lhe falta, quanto baste para a sua necessidade. Guarda-te que não haja palavra de Belial *no teu coração*, dizendo: Vai-se aproximando o sétimo ano, o ano da remissão, e que *o teu olho seja* maligno para com teu irmão pobre, e não lhe dês nada; e que ele clame contra ti ao SENHOR, e que haja em ti pecado. *Livremente lhe darás*, e que o teu coração não seja maligno, quando lhe deres, pois, por esta causa, te abençoará o SENHOR, teu Deus, em toda a tua obra, e em tudo no que puseres a tua mão. Pois nunca cessará o pobre do meio da terra; pelo que te ordeno, dizendo: *Livremente abrirás a tua mão para o teu irmão*, para o teu necessitado e para o teu pobre na tua terra" (versículos 7 a 11)

Aqui as profundas origens do pobre coração egoísta são descobertas e julgadas. Nada há como a graça para pôr a descoberto as raízes ocultas do mal na natureza humana. O homem tem de ser renovado nas mais profundas origens do seu ser moral antes de poder ser o veículo do amor divino; e até mesmo aqueles que são assim pela graça renovados têm de vigiar, continuamente, contra as horrendas

formas de egoísmo em que a nossa natureza pecaminosa se reveste. Nada senão a graça pode manter o coração amplamente aberto a todas as formas de necessidade humana. Temos de permanecer junto à fonte do amor celestial se queremos ser canais de bênção no meio de uma cena de miséria e desolação como aquela em que caiu a nossa sorte.

Quão formosas são estas palavras: "Livramento abrirás a tua mão!" Exalam o próprio ar do céu. Um coração aberto e uma mão liberal são próprios de Deus. "Deus ama ao que dá com alegria", porque Ele é precisamente assim. "Dá a todos liberalmente, e não lho lança em rosto." E quer conceder-nos o raro e excelente privilégio de sermos Seus imitadores. Graça admirável! O só pensar nela enche o coração de admiração, amor e louvor. Não só somos salvos pela graça, mas permanecemos em graça, vivemos sob o bendito reino da graça, respiramos a própria atmosfera da graça e somos chamados para sermos os expoentes vivos da graça, não apenas para os nossos irmãos, mas para toda a família humana. "Então, enquanto temos tempo, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé" (Gl 6:10).

Prezado leitor, apliquemos diligentemente os nossos corações a toda esta instrução divina. E preciosíssima; mas a sua verdadeira preciosidade só pode ser provada na sua execução prática. Estamos rodeados de milhentas formas de miséria humana, dor humana, necessidade humana. Há corações despedaçados, espíritos esmagados, lares desolados, em redor de nós, por todos os lados. Encontramo-nos diariamente na nossa vida com a viúva, o órfão e o estrangeiro. Como nos comportamos com todos eles? Endurecemos os nossos corações e fechamos as nossas mãos contra eles? Ou procuramos agir no formoso espírito da "remissão do Senhor"? Devemos lembrar que somos chamados para refletir a natureza e caráter divino e para sermos canais de comunicação entre o coração de amor de nosso Pai e toda a forma de necessidade humana. Não temos de viver para nós mesmos; fazê-lo é a negação miserável de todo o rasgo e princípio daquele cristianismo moralmente glorioso que professamos. E nosso elevado e santo privilégio, ou, antes, é nossa missão especial, derramar em redor de nós a bendita luz daquele céu a que pertencemos. Onde quer que estamos, na família, no campo, no mercado ou na fábrica, na loja ou na casa de despacho, todos os que entram em contato conosco devem ver a graça de Jesus brilhar nos nossos modos, nas nossas palavras, no nosso olhar. E então quando se nos apresenta um necessitado, se nada mais podemos fazer, devemos dizer-lhe ao ouvido uma palavra de conforto, ou verter uma lágrima ou dar um suspiro de verdadeira e cordial simpatia.

Acontece assim conosco? Vivemos tão perto da fonte do amor divino, e respiramos de tal modo o próprio ar do céu que a bendita fragrância destas coisas é derramada ao redor de nós? Ou manifestamos o egoísmo odioso da natureza, o ímpio temperamento e disposição da nossa humanidade caída e corrupta? Que

objeto desagradável à vista é um cristão egoísta! É uma contradição evidente, uma mentira vivente e ambulante. O cristianismo que ele professa faz ressaltar em negro e terrível relevo o ímpio egoísmo que governa o seu coração e se revela na sua vida.

O Senhor permita que todos os que professam ser cristãos, e assim se chamam, possam conduzir-se, em sua vida diária, de modo a serem uma epístola de Cristo, conhecida e lida por todos os homens! Deste modo, a incredulidade será, pelo menos, privada de um dos seus maiores argumentos, uma das suas mais graves objeções. Nada proporciona aos infiéis um mais forte argumento como as vidas inconsistentes dos cristãos professos.

Não é que tal argumento possa manter-se por um instante, ou ser apresentado no tribunal de Cristo, visto que todo aquele que tenha ao seu alcance um exemplar das Sagradas Escrituras será julgado à luz dessas Escrituras, ainda mesmo que não houvesse um só cristão consistente sobre a face da terra. Todavia, os crentes são solenemente responsáveis por deixar brilhar a sua luz diante dos homens a fim de que eles possam ver as suas boas obras e glorificar nosso Pai que está no céu. Estamos solenemente obrigados a demonstrar e comprovar na vida diária os princípios celestiais patenteados na Palavra de Deus. Devemos deixar o incrédulo sem uma prova de evidência ou argumento: somos responsáveis por fazer assim.

Tomemos estas coisas a peito, e então teremos ocasião de bendizer a Deus pela nossa meditação sobre a grata instituição "da remissão do Senhor".

O Servo Hebreu

Vamos citar agora a comovedora e bela instituição a respeito do servo hebreu. Sentimos cada vez mais a importância de transcrever a própria linguagem do Espírito Santo; porque embora possa dizer-se que o leitor tem a sua Bíblia para a ela recorrer, sabemos, contudo, que quando se faz alusão a passagens da Escritura, existe, em muitos casos, uma relutância para pôr de parte o livro que temos em nossas mãos para ler o texto da Bíblia. E, além disso, nada há como a Palavra de Deus; e quanto às observações que podemos fazer, o seu objetivo é simplesmente auxiliar o prezado leitor crente a compreender e apreciar as Escrituras que citamos.

"Quando teu irmão hebreu ou irmã hebréia se vender a ti, seis anos te servirá, mas, no sétimo ano o despedirás forro de ti. E, quando o despedires de ti forro, não o despedirás vazio. *Liberalmente o fornecerás* do teu rebanho, e da tua eira, e do teu lugar; daquilo com que o SENHOR, teu Deus, te tiver abençoado lhe darás" (versículos 12 a 14).

Quão perfeitamente belo! Quão característico é tudo isto do nosso Deus sempre bondoso! Não quer que o irmão se vá embora vazio. A liberdade e a pobreza não estariam em harmonia moral. O irmão devia ser despedido para seguir

o seu caminho livre e provido, emancipado e dotado, não só com a sua liberdade mas com uma liberal fortuna com a qual podia recomeçar a vida.

Na verdade, isto é divino. Não necessitamos que se nos diga em que escola se ensinavam tais excelentes princípios éticos. Têm o próprio círculo do céu; emitem o odor fragrante do próprio Paraíso de Deus. Não é desta maneira que o nosso Deus tem tratado conosco? Todo o louvor seja dado ao Seu glorioso nome! Não só nos tem dado a vida e liberdade, mas nos tem provido liberalmente com tudo que podemos necessitar no tempo e na eternidade. Abriu-nos a inesgotável tesouraria do céu; sim, deu o Filho do Seu coração por nós, e para nós — *por nós*, para nos salvar; *para nós*, para *satisfazer-nos*. Deu-nos todas as coisas que pertencem à vida e à piedade; tudo que pertence à vida que agora é e à que há de vir está plena e perfeitamente assegurado pela mão liberal do nosso Pai.

E não será profundamente comovedor observar o modo como o coração de Deus se expressa no estilo em que o servo hebreu devia ser tratado? *"Liberalmente o fornecerás."* Não de má vontade ou por necessidade. Devia ser feito de um modo digno de Deus. Os atos do Seu povo devem ser o reflexo de Si mesmo. Somos chamados à elevada e santa dignidade de Seus representantes morais. E maravilhoso; mas assim é, pela Sua graça infinita. Não só nos tem libertado das chamas do inferno eterno, mas chama-nos para agirmos por Ele, e sermos semelhantes a Ele no meio de um mundo que crucificou o Seu Filho. E não somente nos tem conferido esta excelsa dignidade mas nos tem dotado de uma fortuna principesca para a mantermos. Os recursos inesgotáveis do céu estão à nossa disposição. Tudo é nosso, "pela Sua infinita graça". Oh, possamos nós realizar plenamente os nossos privilégios, e assim mais fielmente cumprir as nossas responsabilidades!

Em versículo 15 do nosso capítulo temos um motivo muito comovedor apresentado ao coração do povo—um motivo eminentemente calculado para despertaras suas afeições e simpatias. "E lembrar-te-ás de que foste servo na terra do Egito, e de que o SENHOR, teu Deus, te resgatou; *pelo que* te ordeno hoje esta coisa." A recordação da graça do Senhor em os redimir do Egito devia ser o motivo permanente, poderoso e fundamental das suas ações em prol dos seus irmãos pobres. Isto é um princípio infalível; e nada menos do que isto poderá bastar. Se buscarmos os nossos motivos fora de Deus mesmo, e os Seus atos conosco, depressa desanimaremos na nossa carreira prática. E só na medida em que mantemos ante os nossos corações a maravilhosa graça de Deus manifestada a nosso favor, na redenção que há em Cristo Jesus, que podemos prosseguir um curso de verdadeira, ativa benevolência, quer seja para com os nossos irmãos ou os que estão de fora. Os meros sentimentos de benevolência fervilhando em nossos corações, ou provocados pelas aflições e inquietações e necessidades dos outros, desaparecerão. E só no próprio Deus vivo que podemos encontrar o manancial perenal dos nossos motivos.

O Servo que Prefere Ficar com Seu Amo

EM versículos 16 e 17 é encarado um caso em que um servo podia preferir ficar com o seu amo. "Porém será que, dizendo-te ele: Não sairei de ti, porquanto te ama a ti e a tua casa, por estar bem contigo, então tomarás uma sodela e lhe furarás a orelha, à porta, e teu servo será para sempre."

Comparando esta passagem com Êxodo 21:1 a 6, vemos uma acentuada diferença devido, como podíamos esperar, ao caráter distinto de cada livro. Em Êxodo predomina o aspecto *típico*; em Deuteronômio o moral. Por isso, no último o escritor inspirado omite tudo o que se refere à mulher e aos filhos, como caso estranho ao seu propósito, embora tão essencial à beleza e perfeição do tipo em Êxodo 21. Referimos isto apenas como uma das muitas provas admiráveis de que o Deuteronômio está muito longe de ser uma estéril repetição dos seus predecessores. Não há repetição, por um lado, nem contradição, por outro, mas uma encantadora variedade em perfeito acordo com o objetivo e o intento de cada livro. Isto basta quanto à desprezível frivolidade e ignorância daqueles escritores infieis que têm tido a ímpia temeridade de apontar os seus dardos a esta magnificente porção dos oráculos de Deus.

Em nosso capítulo temos, pois, o aspecto moral desta interessante instituição. O servo amava o seu amo e sentia-se feliz em sua companhia. Preferia a escravidão perpétua e a marca dela, com o amo a quem amava, à liberdade e uma porção liberal separado dele. Isto, claro, agradava bem às duas partes. É sempre um bom sinal, tanto para o amo como para o servo, quando as relações são de longa duração. As mudanças contínuas podem, regra geral, ser tomadas como uma prova de culpa moral em qualquer das partes interessadas. Sem dúvida, há exceções; e não somente isso, mas nas relações de amo e servo, assim como em tudo mais, há dois lados a considerar. Por exemplo, temos de considerar se o amo muda constantemente de servos ou se o servo muda, continuamente, de amo. No primeiro caso, as aparências são contra o amo; no último, contra o servo.

A Relação entre Amo e Servo

O fato é que todos temos de nos julgar neste assunto. Os que são amos devem considerar até que ponto buscam realmente o bem-estar, a felicidade e o verdadeiro proveito dos seus servos. Devem lembrar-se que têm de pensar muito mais a respeito dos seus servos do que no valor do trabalho que podem obter deles. Até mesmo sob o baixo princípio de "viver e deixar viver", estamos obrigados a procurar, de todos os modos possíveis, a felicidade e bem-estar dos nossos servos; fazer com que eles sintam que têm um lar debaixo do nosso teto; que não só estamos satisfeitos com o labor das suas mãos, mas que desejamos o amor dos seus corações. Lembramo-nos de haver perguntado certa ocasião ao chefe de um grande

estabelecimento: "Quantos *corações* tem empregados aqui?" Meneou a cabeça e confessou com verdadeira tristeza, que existe pouco de coração entre as relações de amos e servos. Daí, a expressão vulgar e descoroçoada de "empregar *mãos*".

Porém, o amo cristão deve colocar-se a um nível mais elevado; tem o privilégio de ser imitador do seu Mestre, Cristo. A recordação deste fato regulará todas as suas ações com os criados; deve levá-lo a estudar, sempre com maior interesse e mais proveito, o seu divino modelo, a fim de O reproduzir em todos os pormenores práticos da vida diária.

Assim também deve fazer o servo cristão, na sua posição e linha de ação. Deve estudar, assim como o seu amo, o grande exemplo posto diante de si na carreira e ministério do único e verdadeiro Servo que jamais pisou esta terra. É chamado para andar nas Suas benditas pisadas, para beber do Seu espírito, estudar a Sua Palavra. É notável a maneira como o Espírito Santo tem dedicado mais atenção à instrução dos servos do que a todas as outras relações humanas juntas. O leitor pode ver isto prontamente nas epístolas aos Efésios, Colossenses e Tito. O servo cristão pode adornar a doutrina de Deus, nosso Salvador, não furtando e não retorquindo. Pode servir a Cristo, o Senhor, no lugar mais vulgar da vida doméstica tão eficazmente como o homem que é chamado para pregar a milhares sobre as grandes realidades da eternidade.

Assim quando ambos, amo e servo, são mutuamente governados por princípios celestiais, procurando ambos servir e glorificar o mesmo Senhor, podem andar juntos em ditosa companhia. O amo não será severo, arbitrário e rigoroso; e o servo não buscará o que é seu, não será violento e altivo; contribuirá cada um pelo fiel cumprimento dos seus deveres, para o bem-estar e felicidade do outro e para a paz e felicidade de todo o círculo doméstico. Oxalá houvesse mais desta norma celestial em todo o lar cristão sobre a face da terra! Então a verdade de Deus seria realmente reivindicada, a Sua Palavra honrada, e o Seu nome glorificado nas nossas relações domésticas e modos práticos.

Em versículo 18 temos uma palavra de advertência que nos revela, fielmente, mas com grande ternura, uma raiz moral no pobre coração humano. "Não seja aos teus olhos coisa dura, quando o despedires forro de ti; pois seis anos te serviu por metade do salário do jornaleiro; assim o SENHOR, teu Deus, te abençoará em tudo o que fizeres."

Isto é muito tocante. Pense-se no Deus Altíssimo condescendendo em colocar-Se ante o coração humano — o coração de um amo—para defendera causa de um pobre servo e apresentar os seus direitos! Era como se pedisse um favor para Si. Não deixa nada por dizer a fim de dar força ao caso. Lembra ao amo o valor dos seis anos de serviço, e estimula-o com a promessa de aumentar a bênção como galardão da sua generosa ação. Isto é perfeitamente belo. O Senhor não só queria que esta generosa ação se fizesse, mas que se fizesse de tal modo que alegrasse o

coração daquele a quem era feita; pensa não só na *substância* da ação, mas também no *modo* de a praticar. Podemos, por vezes, tomar a decisão de fazer um favor; fazemo-lo como um caso de obrigação; e, durante todo o tempo, pode *parecer duro* termos de o fazer; desta forma o ato é desprovido de todos os seus encantos. E o coração generoso que adorna o ato generoso. Devemos fazer de tal maneira que aquele que o recebe esteja seguro de que o nosso coração se regozija pelo ato. Este é o modo divino: "E não tendo eles com que pagar, *perdoou* a dívida a ambos." "Era justo alegrarmo-nos e folgarmos." "Há alegria no céu por um pecador que se arrepende." Oh, possamos nós refletir a preciosa graça do coração de nosso Pai!

O Primogênito

Antes de terminar as nossas observações sobre este capítulo profundamente interessante, citaremos para o leitor o último parágrafo. "Todo primogênito que nascer entre as tuas vacas e entre as tuas ovelhas, o macho santificarás ao SENHOR, teu Deus; com o primogênito do teu boi não trabalharás, nem tosquiáras o primogênito das tuas ovelhas. Perante o SENHOR, teu Deus, os comerás, de ano em ano, no lugar que o SENHOR escolher, tu e a tua casa. Porém, havendo nele algum defeito, se for coxo, ou cego, ou tiver qualquer defeito, não o sacrificarás ao SENHOR, teu Deus. Nas tuas portas, o comerás; o imundo e o limpo o comerão juntamente, como da corça ou do veado. Somente o seu sangue não comerás; sobre a terra o derramarás como água" (versículos 19 a 23).

Só o que era perfeito devia ser oferecido a Deus. O primogênito, o macho sem mancha, figura apropriada do imaculado Cordeiro de Deus, oferecido na cruz por nós, o fundamento imperecível da nossa paz, e alimento precioso das nossas almas, na presença de Deus. Este era o princípio divino; a assembléia reunida, em redor do centro divino, alegrando-se na presença de Deus com aquilo que era o tipo determinado de Cristo, que é, ao mesmo tempo, o nosso sacrifício, nosso centro, e nosso alimento. Eterna e universal homenagem seja dada ao Seu preciosíssimo e glorioso nome!

AS TRÊS GRANDES FESTAS DO SENHOR

A Páscoa e o Lugar de sua Celebração

Acercamo-nos agora de uma das mais profundas e compreensivas porções do livro de Deuteronômio, na qual o autor inspirado nos apresenta o que podemos chamar as três grandes principais festividades do ano judaico, a saber: a Páscoa, o Pentecostes e os tabernáculos; ou a redenção, o Espírito Santo e a glória. Temos aqui uma descrição mais condensada destas formosas instituições do que aquela que nos é dada em Levítico 23, onde temos, se contarmos o sábado, oito festividades; mas se considerarmos o sábado como distinto, tendo o seu lugar próprio e especial como tipo do próprio descanso eterno de Deus, então há sete festividades, isto é, a páscoa, a festa dos Pães Asmos; as Primícias; o Pentecostes, as Trombetas; o Dia de Expição; e os Tabernáculos.

Tal é a ordem das festividades no livro de Levítico, que, conforme nos aventuramos a observar nos nossos estudos sobre aquele maravilhoso livro, pode ser chamado "o guia do sacerdote". Mas em Deuteronômio, que é preeminentemente o livro do *povo*, temos menos detalhes cerimoniais, e o legislador restringe-se aos grandes limites morais e nacionais que, da maneira mais simples, como foram adaptados ao povo, apresentam o passado, o presente e o futuro.

"Guarda o mês de abibe, e celebra a Páscoa ao SENHOR, teu Deus; porque, no mês de abibe, o SENHOR, teu Deus, te tirou do Egito, de noite. Então, sacrificarás a páscoa ao SENHOR, teu Deus, ovelhas e vacas, *no lugar que o SENHOR escolher para ali fazer habitar o seu nome*. Nela, não comerás levedado; sete dias nela comerás pães asmos, pão de aflição (porquanto apressadamente saíste da terra do Egito), para que te lembres do dia da tua saída da terra do Egito, todos os dias da tua vida. Fermento não aparecerá contigo por sete dias em todos os teus termos; também da carne que matares à tarde, no primeiro dia, nada ficará até à manhã. Não poderás sacrificar a Páscoa em nenhuma das tuas portas que te dá o SENHOR, teu Deus"—como se o lugar fosse coisa de pouca importância, contanto que se lembrasse a festa — *"senão no lugar que escolher o SENHOR, teu Deus, para fazer habitar o seu nome"*— e em nenhum outro — "ali sacrificarás a Páscoa, à tarde, ao pôr -do- sol, ao tempo determinado da tua saída do Egito. Então, a cozerás e comerás *no lugar que escolher o SENHOR, teu Deus*; depois, sairás pela manhã e irás às tuas tendas. Seis dias comerás pães asmos, e no sétimo dia é solenidade ao SENHOR, teu Deus; nenhuma obra farás" (versículos 1 a 8).

Havendo tratado a fundo nos nossos estudos sobre o livro do Êxodo dos grandes princípios principais desta festa fundamental, recomendamos ao leitor

esse volume, se deseja estudar este assunto. Contudo, há certos aspectos peculiares a Deuteronomio para os quais cremos ser nosso dever chamar a sua atenção. E em primeiro lugar, temos de notar a notável ênfase posta no "lugar" onde a festa devia ser celebrada. Isto é cheio de interesse e de importância prática. O povo não podia escolher por si mesmo. Na opinião humana, podia parecer um assunto sem importância onde e como era celebrada a festa, contanto que fosse celebrada. Mas — note o leitor e pondere atentamente—o critério humano nada tinha absolutamente a ver com o assunto; era por completo do critério e autoridade divinos. Deus tinha o direito de prescrever e estabelecer definitivamente onde queria que o Seu povo se reunisse; e faz isto da maneira mais clara e enfática na passagem acima citada, na qual, por três vezes, insere a importante cláusula: "No lugar que escolher o SENHOR, teu Deus."

E isto uma vã repetição? Ninguém se atreve a pensar e muito menos a afirmar tal coisa. E uma ênfase necessária. Necessária por quê?— Por causa da nossa ignorância, a nossa indiferença e a nossa teimosia. Deus, em Sua bondade infinita, tem o cuidado especial de imprimir sobre o coração, a consciência e o entendimento do Seu povo que quer ter um lugar especial onde a memorável e muito significativa festa da Páscoa deve ser celebrada.

E note-se que é só em Deuteronomio que insiste no *lugar* dessa celebração. Nada disto temos em Êxodo, porque então foi celebrada no *Egito*. Nada temos acerca dela em Números, porque então era celebrada *no deserto*. Mas, em Deuteronomio, é estabelecida de um modo autoritário e definitivo porque nele temos as instruções para *a terra* prometida. Outra prova concludente de que o Deuteronomio está muito longe, na verdade, de ser uma vã repetição dos seus precedentes.

O ponto importante a respeito "do lugar" sobre o qual se insiste tão proeminente e peremptoriamente em todas as três grandes solenidades mencionadas no nosso capítulo é este: Deus queria reunir o Seu povo amado em redor de Si para que eles pudessem alegrar-se na Sua presença: para que Ele pudesse regozijar-se neles, e eles n'Ele e uns com os outros. Tudo isto só podia efetuar-se no lugar especial de divina designação. Todos os que desejavam estar com o Senhor e reunir-se com o Seu povo, todos os que desejavam render adoração e ter comunhão segundo o pensamento de Deus, iam com agradecimento ao centro divinamente designado. A vontade própria diria: "Não podemos celebrar a Páscoa no seio da família? Que necessidade há de empreender uma longa jornada? Se o coração é reto, pouco importa o lugar." A tudo isto respondemos que a prova mais clara, evidente de que o coração é reto consiste no simples e sincero desejo de fazer a vontade de Deus. Era de todo suficiente para todo aquele que amava e temia a Deus saber que Ele havia designado um lugar para reunir o Seu povo; ali eles seriam encontrados e em nenhum outro lugar. A Sua presença podia transmitir

alegria, consolação, força e bênção a todas as suas grandes reuniões nacionais. Não era o mero fato de um grande número de pessoas reunidas, três vezes por ano, para celebrar a festa e se alegrarem juntamente; isto podia alimentar o orgulho humano, a auto-complacência e excitação. Mas juntarem-se para encontrar o Senhor, reunirem-se na Sua bendita presença, reconhecer o lugar onde Ele havia posto o Seu nome, devia ser o profundo gozo de todo o coração verdadeiramente leal em todas as doze tribos de Israel. Para alguém ficar voluntariamente em casa ou ir a qualquer outro lugar que não fosse o lugar divinamente designado, seria não só desprezar e insultar o Senhor mas, com efeito, revoltar-se contra a Sua suprema autoridade.

O Fermento

E agora, depois de haver falado rapidamente *do lugar*, podemos, por instantes, aludirão *modo* da celebração. Isto é, também, como poderíamos esperar, característico do nosso livro. A parte essencial aqui é "os pães asmos". Mas o leitor notará especialmente o fato interessante de que este pão é considerado "*pão de aflição*". Ora, qual é o significado disto? Sabemos todos que o pão asmo é o tipo daquela santidade de coração e vida essencial ao gozo da verdadeira comunhão com Deus. Não somos salvos *por* santidade pessoal; mas, graças a Deus, somos salvos *para* a santidade. Não é o fundamento da nossa salvação; mas é um elemento essencial na nossa comunhão. *O fermento permitido é o golpe mortal na comunhão e adoração.*

Não devemos esquecer, nem por um momento, este princípio fundamental na vida de santidade pessoal e devoção prática que, como remidos pelo sangue do Cordeiro, somos chamados, obrigados e estamos privilegiados a viver dia a dia no meio das cenas e circunstâncias através das quais viajamos para o lugar do nosso eterno repouso nos céus. Falar de comunhão e adoração enquanto vivemos em pecado consciente é a prova triste de que não conhecemos nada nem de uma coisa nem de outra. Para gozar comunhão com Deus ou a comunhão dos santos, e para adorara Deus em espírito e em verdade, temos de viver uma vida de santidade pessoal, uma vida de separação de todo mal consciente. Tomar o nosso lugar na assembléia do povo de Deus, e professar tomar parte na santa comunhão e adoração que Lhe pertencem, enquanto se vive em pecado oculto, ou consente o mal nos outros, é profanar a assembléia, entristecer o Espírito Santo, pecar contra Cristo e trazer sobre nós o juízo de Deus, que *está agora* julgando a Sua casa e castigando os Seus filhos a fim de que não sejam condenados com o mundo.

Tudo isto é muito solene, e exige a mais viva atenção de todos os que desejam realmente andar com Deus, e servi-Lo com reverência e santo temor. Uma coisa é ter a doutrina do tipo na região do nosso entendimento e outra muito diferente ter a sua lição moral gravada no coração e demonstrada em obras na vida diária. Que

todos os que professam ter o sangue do Cordeiro espargido sobre a sua consciência procurem guardar a festa dos pães asmos. "Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa? Alimpai- vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós. Pelo que façamos festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade e da verdade" (1 Co 5:6 a 8).

O Pão de Aflição

Mas que devemos compreender por "pão de aflição"? Não devemos antes separar gozo, louvor e triunfo, em relação com a festa em memória da libertação da escravidão e miséria do Egito? Sem dúvida, há profundo e verdadeiro gozo, gratidão e louvor em ver realizada a bendita verdade da nossa plena libertação do nosso primitivo estado com todas as suas conseqüências. Mas é evidente que estas coisas não deviam ser os aspectos da festa pascal; com efeito, nem sequer são mencionadas. Temos "o pão da aflição", mas nem uma palavra acerca do gozo, louvor ou triunfo.

E por quê? Qual é a grande lição moral do pão de aflição para os nossos corações? Cremos que põe diante de nós aqueles profundos exercícios de coração que o Espírito Santo produz ao pôr, poderosamente, diante de nós o que custou ao nosso adorável Senhor e Salvador o libertar-nos dos nossos pecados e do juízo que esses pecados mereciam. Esses exercícios são também simbolizados pelas "ervas amargas" de Êxodo 12, e são exemplificados, repetidas vezes, na história do antigo povo de Deus, que eram guiados, sob a ação poderosa da Palavra e do Espírito de Deus, a julgarem-se a si mesmos e afligirem as suas almas" na presença divina.

E recorde-se que não existe nada do elemento legal ou de incredulidade nestes sagrados exercícios; muito longe disso. Quando um israelita participava do pão de aflição com a carne assada da páscoa, queria dizer com isso que tinha dúvidas ou temor quanto à sua plena libertação? Impossível! Como podia duvidar Estava na terra; reunia-se no centro de Deus, na Sua própria presença. Como poderia então duvidar da sua plena e definitiva libertação da terra do Egito? O pensamento é simplesmente absurdo.

Mas embora não tivesse dúvidas ou temores quanto à sua libertação, contudo tinha de comer o pão de aflição; era um elemento essencial na sua festa pascal: "Porquanto *apressadamente* saíste da terra do Egito, para que te lembres do dia da tua saída da terra do Egito, *todos os dias da tua vida.*"

Isto era obra profunda e real. Não deviam esquecer nunca o seu êxodo do Egito, mas guardar a lembrança dele, na terra da promessa em todas as gerações. Deviam comemorar a sua libertação por meio de uma festa emblemática daqueles santos exercícios que sempre caracterizam a verdadeira piedade cristã.

Queremos recomendar, sinceramente, à atenção do leitor toda a verdade indicada pelo "pão de aflição". cremos que isto é muito necessário a todos os que professam grande familiaridade com o que é chamado as doutrinas da graça. Existe grande perigo, especialmente para os novos professos, enquanto procuram evitar o legalismo e a escravidão, de cair no extremo oposto de irreflexão—um terrível ardil. Os crentes idosos e experimentados não estão sujeitos a cair neste triste mal; são os novos entre nós que necessitam de ser solenemente avisados contra tal perigo. Ouvem, talvez, falar muito da salvação pela graça, justificação pela fé, libertação da lei e de todos os privilégios especiais da posição cristã.

Ora, desnecessário é dizermos que todas estas coisas são de capital importância; e seria absolutamente impossível qualquer pessoa ouvir falar demasiado delas. Oxalá se falasse mais dessas verdades, se escrevesse mais a seu respeito e se pregasse mais sobre elas. Milhares do amado povo do Senhor passam todos os seus dias em obscuridade, dúvidas, escravidão legal devido a ignorância dessas grandes verdades fundamentais.

Mas, enquanto isto é, perfeitamente, verdadeiro, há, por outro lado, muitos que, infelizmente, têm apenas uma familiaridade intelectual com os princípios da graça, mas se julgarmos pelos seus hábitos e maneiras, expressões e comportamento (a única maneira que temos de julgar) veremos que conhecem muito pouco do poder santificador desses grandes princípios—do seu poder no coração e na vida.

Ora, falando segundo o ensino da festa pascal, não estaria de acordo com a mente de Deus alguém intentar guardar essa festividade sem os pães asmos, o pão de aflição. Tal atitude não teria sido tolerada pelo antigo Israel. Era um ingrediente absolutamente essencial. E assim, podemos estar seguros, é uma parte integral daquela festa que nós, como cristãos, somos exortados a celebrar— cultivar a santidade pessoal e aquele estado da alma que é tão apropriadamente expresso pelas "ervas amargas", de Êxodo 12 ou o ingrediente de Deuteronomio, "o pão de aflição", que mais tarde parece ser a figura permanente para a terra.

Numa palavra, pois, cremos que existe uma profunda e urgente necessidade entre nós desses sentimentos e afetos espirituais, aqueles profundos exercícios da alma que o Espírito quer produzir ao descobrir aos nossos corações os sofrimentos de Cristo — quanto Lhe custou tirar os nossos pecados — o que Ele sofreu por nós quando passou debaixo das ondas e vagas da justa ira de Deus contra os nossos pecados. Carecemos, infelizmente—se nos é permitido falar pelos demais — daquela profunda contrição de alma que emana da ocupação espiritual com os sofrimentos e morte de nosso precioso Salvador. Uma coisa é ter o sangue de Cristo espargido sobre a consciência e outra ter a morte de Cristo gravada de um modo espiritual no coração e a cruz de Cristo aplicada, de um modo prático, a todo o curso e caráter da nossa vida.

Como se explica que podemos cometer pecado tão facilmente em pensamento, por palavras e obras? Como se explica que haja tanta irreflexão, tanta insujeição, tanta complacência, tanta ociosidade carnal, tanto daquilo que é frívolo e superficial? Não será porque esse ingrediente figurado pelo "pão de aflição" falta na nossa festa? Não podemos duvidá-lo. Receamos que haja uma verdadeira falta deplorável de seriedade e profundidade no nosso cristianismo. Há demasiada discussão petulante dos profundos mistérios da fé cristã, demasiado conhecimento intelectual sem o poder interior.

Tudo isto requer a mais séria atenção do leitor. Não podemos afastar a impressão que temos de que este triste estado de coisas pode ser seguido num determinado estilo de pregação do evangelho adotado, sem dúvida, com a melhor das intenções, mas nem por isso menos pernicioso no seu efeito moral. Basta que se pregue o Evangelho com simplicidade. Não pode, de modo nenhum, ser apresentado com mais simplicidade do que o Espírito Santo no-lo deu na Escritura.

Tudo isto é plenamente admitido; mas, ao mesmo tempo, estamos persuadidos de que há um grave defeito na pregação de que falamos. Há uma falta de profundidade espiritual, uma falta de santa seriedade. No esforço de contrariar a legalidade, existe o que tende à irreflexão ou leviandade. Ora, enquanto a legalidade é um grave mal, a irreflexão é muito maior. Devemo-nos guardar contra ambas. Cremos que a graça é o remédio para a primeira, a verdade para a última; mas é preciso sabedoria espiritual para podermos ajustar, convenientemente, estas duas coisas. Se encontramos uma alma profundamente exercitada pela poderosa ação da verdade, inteiramente preparada pelo poderoso ministério do Espírito Santo, devemos acrescentar-lhe profunda consolação da preciosa graça de Deus, revelada no sacrifício divinamente eficaz de Cristo. Este é o remédio divino para um coração quebrantado, um espírito contrito, uma consciência convicta. Quando o profundo sulco é aberto pela relha espiritual, temos somente de deitar nele a semente incorruptível do Evangelho de Deus, na certeza de que ela criará raízes e dará fruto na estação própria.

Mas, por outro lado, se deparamos com uma pessoa que se conduz de uma maneira ligeira, orgulhosa, de estado não quebrantado, empregando uma linguagem presunçosa a respeito da graça, falando ruidosamente contra a legalidade, e procurando, meramente de um modo humano, expor um meio fácil de se ser salvo, achamos que é um caso que precisa da aplicação solene da *verdade* ao coração e à consciência.

Tememos bastante que exista muito deste elemento espalhado pela igreja professante. Empregando a linguagem do nosso tipo, diremos que existe uma tendência para separar a Páscoa da festa dos pães asmos — para descansar no fato de se estar libertado do juízo e esquecer o cordeiro *assado*, o pão da *santidade*, e o pão de *aflição*. Ha realidade nunca poderão ser

separados, visto que Deus os uniu entre si; e, por isso, não cremos que qualquer alma possa realmente estar gozando da preciosa verdade que "Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós", sem procurar "guardar a festa". Quando o Espírito Santo desenrola perante os nossos corações alguma coisa da profunda bem-aventurança, preciosidade e eficácia da morte de nosso Senhor Jesus Cristo, leva-nos a meditar no mistério dominante dos Seus sofrimentos, a ponderar em nossos corações tudo que Ele passou por nós, quanto Lhe custou lavar-nos das eternas conseqüências daquilo que nós, desgraçadamente, cometemos tantas vezes com leviandade.

Ora isto é verdadeiramente obra santa, e conduz a alma àqueles exercícios que correspondem com "o pão de aflição" na festa dos pães asmos. Existe uma grande diferença entre os sentimentos produzidos pela nossa ocupação com os nossos pecados e os sentimentos que resultam da ocupação com os sofrimentos de Cristo para tirar os nossos pecados.

Decerto, nunca podemos esquecer os nossos pecados nem o abismo de onde fomos tirados. Mas uma coisa é ocuparmo-nos com o abismo, e uma coisa mais profunda e de maior importância ocuparmo-nos com a graça que nos tirou dali, e o quanto custou ao nosso bendito Salvador fazê-lo. É este último fato que devemos manter continuamente na memória dos pensamentos de nossos corações. Somos tão inconstantes, tão susceptíveis de esquecer isto.

Necessitamos de contar sinceramente com Deus para nos tornar aptos de penetrar mais profunda e praticamente nos sofrimentos de Cristo e na aplicação da cruz a tudo que há em nós que Lhe é antagônico. Isto nos transmitirá profundidade de tom, ternura de espírito, intenso anelo por santidade de coração e vida, separação prática do mundo, em todas as diversas fases, santa submissão, zelosa vigilância sobre nós próprios, ou os nossos pensamentos, as nossas palavras, os nossos caminhos: todo o nosso comportamento na vida diária. Numa palavra, isto nos conduzirá a um tipo de cristianismo muito diferente do que vemos em redor de nós, e que, infelizmente, exibimos na nossa própria vida. Que o Espírito de Deus mostre aos nossos corações, em Sua graça, pelo Seu direto e poderoso ministério, mais e mais o que quer dizer a expressão "*pães asmos*", "carne *assada* no fogo" e "pão de aflição" (1).

(1) Para mais amplas observações sobre a Páscoa e a festa dos pães asmos, o leitor deve ler Êxodo 12 e Números 9. No último, especialmente, se verá a ligação entre a Páscoa e a Ceia do Senhor. Isto é um ponto do mais profundo interesse e de imensa importância prática. A Páscoa prefigurava a morte de Cristo; a Ceia anuncia-a. Aquilo que a Páscoa era para o israelita fiel, é a ceia para a igreja. Se isto fosse mais compreendido, haveria maior tendência a enfrentar a predominante irreflexão, indiferença e erro quanto à mesa e ceia do Senhor.

Para todo aquele que vive habitualmente na atmosfera sagrada da Escritura, deve parecer estranho na verdade notar a confusão de pensamento e a diversidade de prática a respeito de um assunto tão importante e tão simples e claramente apresentado na Palavra de Deus.

A todo aquele que se inclina ante a Escritura não restará nenhuma dúvida de que os apóstolos e a igreja primitiva se reuniam no primeiro dia da semana para partir o pão. Não existe no Novo Testamento nem uma sombra de apoio para essa preciosíssima ordenança uma vez por mês, uma vez em cada trimestre, ou uma vez em seis meses.

Isto só pode ser considerado como uma interferência humana com uma instituição divina. Sabemos que se procura raciocinar muito com as palavras: "Todas as vezes que fizerdes isto"; mas não vemos como qualquer argumento baseado nesta cláusula se possa manter um só momento, perante o precedente apostólico em Atos 20:7. O primeiro dia da semana é, incontestavelmente, o dia para a igreja celebrar a ceia do Senhor.

O leitor crente admite isto? Se o admite, atua de acordo com elei. É, uma coisa séria descurar uma ordenança especial de Cristo, que foi instituída por Ele, na noite em que foi traído, em circunstâncias tão profundamente comovedoras. Seguramente, todos os que amam o Senhor Jesus Cristo em sinceridade quererão recordá-Lo deste modo especial, segundo as Suas próprias palavras: "Fazei isto em memória de mim." Podemos compreender que haja quem ame verdadeiramente a Cristo e viva em habitual descuido deste precioso memorial? Se um israelita na antiguidade descursasse a Páscoa, teria sido "cortado". Mas isto era lei, e nós estamos debaixo da graça. Com certeza; mas é isto uma razão para desprezarmos o mandamento do Senhor?

Queremos deixar este assunto à cuidadosa atenção do leitor. Existe muito mais interesse envolvido nele do que nos damos conta. Cremos que toda a história da ceia do Senhor, durante os últimos dezoito séculos, está cheia de interesse e instrução. Podemos ver na maneira como a ceia do Senhor tem sido tratada um notável indício do verdadeiro estado da igreja. Na proporção em que a igreja se afastou de Cristo e da Sua Palavra, descurou e perverteu a preciosa instituição da ceia do Senhor. E, por outro lado, na medida em que o Espírito Santo operou, em qualquer época, em poder especial na igreja, a ceia do Senhor tem encontrado o seu verdadeiro lugar nos corações do Seu povo.

Porém não podemos prosseguir com este assunto numa nota à margem; temo-nos aventurado a sugeri-lo ao leitor, e esperamos que possa ser levado a prosseguir-lo por si mesmo. Estamos certos de que o achará um estudo muito proveitoso e sugestivo.

O Pentecostes e o Lugar de sua Celebração

Vamos considerar agora resumidamente a festa do Pentecostes, que segue em ordem a da Páscoa. "Sete semanas contarás; desde que a foice começar na seara, começarás a contar as sete semanas. Depois, celebrarás a Festa das semanas ao SENHOR, teu Deus; o que deres será tributo voluntário da tua mão, segundo o SENHOR, teu Deus, te tiver abençoado. E te alegrarás perante o SENHOR teu Deus, tu, e teu filho, e tua filha, e teu servo, e tua serva, e o levita que está dentro das tuas portas, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão no meio de ti, *no lugar que escolher o SENHOR, teu Deus, para ali fazer habitar o seu nome*. E lembrar-te-ás de que foste servo no Egito, e guardarás estes estatutos, e os farás" (versículos 9 a 12).

Aqui temos o bem conhecido e encantador tipo do dia de Pentecostes. A Páscoa expõe a morte de Cristo. A gabela dos primeiros frutos é a figura notável de Cristo ressuscitado. E na festa das sete semanas temos prefigurada ante os nossos olhos a descida do Espírito Santo, cinqüenta dias depois da ressurreição.

Falamos, evidentemente, daquilo que estas festividades nos transmitem, segundo o pensamento de Deus, independentemente da questão da concepção de Israel do seu significado. E nosso privilégio encarar todas estas instituições simbólicas à luz

do Novo Testamento; e quando assim as encaramos sentimo-nos cheios de admiração e gozo com a perfeição divina, beleza e ordem de todos esses tipos maravilhosos.

E não somente isto, mas — o que é de imenso valor para nós — vemos como as Escrituras do Novo Testamento se ajustam às do Velho; vemos a encantadora unidade do Volume divino, e como é, claramente, o mesmo Espírito que Se manifesta através de todo o conjunto, desde o começo ao fim. Desta maneira somos interiormente fortalecidos na concepção da preciosa verdade da inspiração divina das Sagradas Escrituras, e os nossos corações são fortificados contra todos os ataques blasfemos dos escritores infiéis. As nossas almas são conduzidas ao cume da montanha onde as glórias morais do Volume brilham sobre nós em todo o seu resplendor celestial, e donde podemos olhar para baixo e ver as nuvens e as frígidas neblinas do pensamento infiel deslocando-se abaixo de nós. Estas nuvens e neblinas não podem afetar-nos, visto que estão abaixo do nível a que, por graça infinda, nos encontramos. Os escritores infiéis não sabem absolutamente nada das glórias morais da Escritura; mas uma coisa é terrivelmente certa, isto é, que um momento na eternidade revolucionará completamente os pensamentos de todos os infiéis e ateus que têm disparatado contra a Bíblia e o seu Autor.

Ao observar a interessantíssima festa das semanas ou Pentecostes, somos logo despertados com a diferença entre ela e a festa dos pães asmos. Em primeiro lugar fala-se de "tributo voluntário". Temos aqui uma figura da Igreja, formada pelo Espírito Santo e apresentada a Deus como uma espécie "das primícias das suas criaturas".

Já nos ocupamos deste aspecto do tipo nos "Estudos sobre Levítico", capítulo 23, pelo que não entraremos novamente nele; apenas nos limitaremos ao livro de Deuteronômio. O povo devia apresentar um tributo voluntário das suas mãos, conforme o Senhor, seu Deus, os havia abençoado. Nada havia semelhante a isto na Páscoa, porque esta apresenta Cristo oferecendo-Se a Si mesmo por nós, como sacrifício, e não se trata, de modo algum, de oferta nossa. Nela recordamos a nossa libertação do pecado e de Satanás, e o que essa libertação custou. Meditamos sobre os profundos e diversos sofrimentos de nosso bendito Salvador conforme são prefigurados no cordeiro assado no fogo. Lembramos que os nossos pecados foram colocados sobre Ele. Ele foi ferido pelas nossas iniquidades, julgado em nosso lugar e isto conduz a uma profunda e sincera contrição ou, o que podemos chamar, verdadeiro arrependimento cristão. Pois nunca devemos esquecer que o arrependimento não é uma mera emoção transitória do pecador, quando os seus olhos são primeiro abertos, mas um estado moral permanente do cristão, em vista da cruz e paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. Se isto fosse melhor compreendido, e nós estivéssemos mais compenetrados do fato, comunicaria mais profundidade e

firmeza à vista e ao caráter cristão, no que somos, desgraçadamente, tão deficientes na grande maioria.

O Espírito Santo

Porém, na festa do Pentecostes temos perante nós o poder do Espírito Santo e os diversos efeitos da Sua bendita presença em nós e conosco. É Ele quem nos habilita a apresentarmos os nossos corpos e tudo quanto temos como oferta voluntária ao nosso Deus, conforme Ele nos tem abençoado. Isto, desnecessário é dizer, só pode ser feito pelo poder do Espírito Santo; e daí a razão por que é apresentado o seu notável tipo, não na Páscoa, que prefigura a morte de Cristo; nem tampouco na festa dos pães asmos, que apresenta o efeito moral dessa morte sobre nós, em arrependimento, auto-juízo e santidade prática, mas no Pentecostes, que é o tipo reconhecido do dom precioso do Espírito Santo.

Agora, é o Espírito que nos prepara para compreendermos os direitos de Deus sobre nós - direitos que devem ser medidos somente pela extensão da bênção divina. Faz-nos ver e entender que tudo que somos e tudo que temos pertencem a Deus. Dá-nos o gozo de nos consagrarmos a Deus de espírito, alma e corpo. Isto é verdadeiramente "uma oferta voluntária". Não é por constrangimento, mas voluntariamente. Não há nem um átomo de escravidão, "porque onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade".

Em suma, temos aqui o formoso espírito e caráter moral de toda a vida e serviço cristãos. A alma que está debaixo da lei não pode compreender a força e beleza de tudo isto. As almas debaixo da lei jamais receberam o Espírito. As duas coisas são completamente incompatíveis. Por conseguinte, o apóstolo diz às assembleias mal guiadas da Galácia: "Só quisera saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé?... Aquele, pois, que vos dá o Espírito e que opera maravilhas entre vós, o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?" (Gl 3:2 e 5) O precioso dom do Espírito é consequência da morte, ressurreição, ascensão e glorificação de nosso adorável Senhor e Salvador Jesus Cristo, e por consequência não tem nada que ver com "as obras da lei" em qualquer forma que seja. A presença do Espírito Santo na terra, a Sua habitação com e em todos os verdadeiros crentes é uma grande verdade característica do cristianismo. Não era nem podia ser conhecida nos tempos do Velho Testamento. Nem sequer era conhecida pelos discípulos no tempo da vida de nosso Senhor. Ele mesmo lhes disse, na noite da Sua partida: "Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for enviar-vo-lo-ei" (Jo 16:7).

Isto prova, da maneira mais concludente, que até os próprios homens que desfrutaram o elevado e precioso privilégio da companhia pessoal com o Senhor mesmo tiveram de ser colocados numa posição mais avançada com a Sua partida, e a vinda do Consolador. Lemos também: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique

convosco para sempre, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós" (Jo 14:15 a 17).

Não podemos, contudo, tentar desenvolver, minuciosamente, este imenso tema agora. O espaço de que dispomos não o permite. Devemos limitar-nos a um ou dois pontos que nos sugere a festa das semanas, segundo se nos apresenta neste capítulo.

Já fizemos referência ao fato muito interessante de que o Espírito de Deus é a fonte viva e o poder da vida de consagração pessoal tão formosamente prefigurada pelo "tributo voluntário". O sacrifício de Cristo é o fundamento, a presença do Espírito Santo é o poder da dedicação que o crente faz de si mesmo em espírito, alma e corpo a Deus. "Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Rm 12:1).

Te alegrarás...

Mas há outro ponto de profundo interesse que nos é apresentado em versículo 11 dos nosso capítulo. "E te alegrarás perante o SENHOR, teu Deus." Não encontramos tais palavras na festa pascal, ou na festa dos pães asmos. Não estariam em relação moral com qualquer destas solenidades. É certo que a Páscoa encontra-se no próprio fundamento de todo o gozo que podemos experimentar aqui ou no porvir; mas devemos recordar sempre a morte de Cristo, os Seus sofrimentos, as Suas dores — tudo por que passou, quando todas as ondas e vagas da justa ira de Deus passaram sobre a Sua alma. E sobre estes profundos mistérios que os nossos corações estão ou deveriam estar, principalmente, postos, quando rodeamos a mesa do Senhor e celebramos essa festa pela qual anunciamos a morte do Senhor até que venha.

Mas é claro para todo o leitor espiritual e ponderado que os sentimentos próprios a tão santa e solene instituição não são de caráter jubiloso. Certamente, podemos regozijar-nos e nos regozijamos pensando em que os sofrimentos e as dores de nosso bendito Senhor são passadas, e passadas para sempre; que essas horas terríveis são passadas para nunca mais voltarem. Porém, o que recordamos na festa não é simplesmente que já passaram, mas que foram suportadas por nós. "Anunciais a morte do Senhor", e sabemos que, seja o que for que possa resultar dessa morte preciosa para nós, quando meditamos sobre ela, o nosso gozo é restringido por aqueles profundos exercícios da alma que o Espírito Santo produz mostrando-nos os sofrimentos, as dores, a cruz e a paixão de nosso bendito Salvador. As palavras do Senhor são: "Fazei isto em memória de *mim*"; mas o que *recordamos* especialmente na Ceia é Cristo sofrendo e morrendo por nós; o que

anunciamos é a Sua morte; e com estas solenes realidades diante das nossas almas, no poder do Espírito Santo, deve haver santa calma e serenidade.

Falamos, evidentemente, do que convém à imediata ocasião da celebração da Ceia— dos sentimentos e afeições apropriados de um tal momento. Mas estes têm de ser produzidos pelo poderoso ministério do Espírito Santo. De nada serviria procurar por piedosos esforços próprios elevarmo-nos a um estado espiritual apropriado àquele ato. Isto seria subir por degraus ao altar, uma coisa altamente ofensiva para Deus. É só pelo ministério do Espírito Santo que podemos celebrar dignamente a santa Ceia do Senhor. Só Ele nos pode habilitar a afastar toda a ligeireza, todo o formalismo, toda a mera rotina, pensamentos errantes, e a discernir o corpo e o sangue do Senhor nos emblemas que, por Sua própria ordem, estão postos em cima da Sua mesa.

Mas na festa do Pentecostes a alegria era uma parte essencial. Nada ouvimos de "ervas amargas" ou de "pão de aflição", nesta ocasião, porque é o tipo da vinda do outro Consolador, a descida do Espírito Santo, procedendo do Pai e enviado por Cristo ressuscitado, elevado e glorificado como o Cabeça nos céus, a fim de encher os corações do Seu povo de louvor, ações de graças e triunfante gozo; sim, para os levar à plena e bendita comunhão com o Seu Cabeça glorificado, no Seu triunfo sobre o pecado, a morte, o inferno, Satanás e todos os poderes das trevas. A presença do Espírito está relacionada com a liberdade, luz, poder e alegria. Por isso lemos: "Os discípulos estavam cheios de gozo e do Espírito Santo." As dúvidas, os temores e a escravidão legal desaparecem ante o precioso ministério do Espírito Santo.

Porém, temos de distinguir entre a Sua obra e a Sua habitação em nós — a Sua obra vivificadora e a Sua ação de nos selar. O primeiro alvor de convicção na alma é o fruto da obra do Espírito. E a Sua bendita operação que conduz a todo o verdadeiro arrependimento, e isto não é trabalho alegre; é muito bom, muito necessário, absolutamente essencial; mas não é alegria, pelo contrário, é profunda dor. Mas quando pela graça podemos crer no Salvador ressuscitado e glorificado, então o Espírito Santo vem e faz em nós a Sua morada, como o selo da nossa aceitação e o penhor da nossa herança.

Ora isto enche-nos de gozo inefável e pleno de glória; e estando assim, nós próprios, cheios de alegria, nos tornamos canais de bênção para outros. "Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre. E isso disse ele do Espírito, que haviam de receber os que nele cressem; porque o Espí^{ri}to Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado" (Jo 7:38-39). O Espírito é o manancial de poder e gozo no coração do crente. Prepara-nos, enche-nos e usa-nos como vasos no ministério a pobres, sedentas almas necessitadas em redor de nós. Liga-nos com o Homem na glória, mantém-nos em comunhão viva com Ele e habilita-nos para sermos, na nossa fraca medida, a

expressão do que Ele é. Todos os movimentos do crente devem exaltar a fragrância de Cristo. Para aquele que professa ser cristão, exibir mau temperamento, procedimento egoísta, ambição, avareza, espírito mundano, inveja e ciúme, orgulho e ambição, é desmentir a sua profissão e trazer opróbrio sobre o glorioso cristianismo que professa, e do qual temos um encantador tipo na festa das semanas — uma festa proeminentemente caracterizada pelo gozo que tem a sua origem na bondade de Deus, e que corre em todas as direções e abraça em seu círculo todos os necessitados. "E te alegrarás perante o SENHOR teu Deus, tu, e teu filho, e tua filha, e teu servo, e tua serva, e o *levita* que está dentro das tuas portas, e o *estrangeiro*, e o *órfão*, e a *viúva*, que estão no meio de ti."

Que belo! Como é perfeitamente formoso; oh, se o antítipo fosse mais fielmente manifestado entre nós! Onde estão aquelas correntes refrigerantes que deveriam fluir da Igreja de Deus? Onde essas epístolas imaculadas de Cristo conhecidas e lidas de todos os homens? Onde podemos ver uma manifestação prática de Cristo nos caminhos do Seu povo — alguma coisa para a qual podemos apontar e dizer: "Ali há verdadeiro cristianismo?" Oh! Que o Espírito de Deus desperte os nossos corações a um desejo mais intenso de sermos mais conformes à imagem de Cristo, em todas as coisas! Queira Ele revestir do Seu poder a Palavra de Deus que temos em nossas mãos e nos nossos lares; a fim de que ela possa falar aos nossos corações e consciências e induzir-nos a julgar os nossos caminhos, as nossas relações e nós próprios pela Sua luz divina, de forma que possa haver uma multidão de testemunhas verdadeiramente consagradas e reunidas para o Seu nome, para esperarem o Seu aparecimento! Quer o leitor unir-se conosco para pedir tal coisa?

A Festa dos Tabernáculos e o Lugar de sua Celebração

Vamos agora dedicar uns momentos à formosa instituição da festa dos tabernáculos, a qual dá um tão notável complemento à linha de verdades apresentada no nosso capítulo.

"A Festa dos Tabernáculos guardarás sete dias, quando colheres da tua eira e do teu lugar. E na tua festa te alegrarás, tu, e teu filho, e tua filha, e teu servo, e tua serva, e o levita e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão das tuas portas para dentro. Sete dias celebrarás a festa ao SENHOR, teu Deus, ***no lugar que o, SENHOR escolher***, porque o SENHOR, teu Deus, te há de abençoar em toda a tua colheita, e em toda obra das tuas mãos; pelo que te alegrarás certamente. Três vezes no ano, todo varão entre ti aparecerá perante o SENHOR, teu Deus, ***no lugar que escolher***, na Festa dos Pães Pasmos e na Festa das Semanas, e na Festa dos Tabernáculos; porém, não aparecerá vazio perante o SENHOR; cada qual, conforme ao dom da sua mão, conforme à bênção que o SENHOR, teu Deus, te tiver dado" (versículos 13 a 17).

Aqui, pois, temos o admirável tipo do porvir de Israel. A festa dos tabernáculos ainda não teve o seu antítipo. A Páscoa e o Pentecostes tiveram o seu cumprimento na preciosa morte de Cristo e a descida do Espírito Santo; mas a grande terceira solenidade indica os tempos da restituição de todas as coisas de que Deus tem falado pela boca de todos os Seus santos profetas que tem havido desde o princípio do mundo.

E note o leitor especialmente o tempo da celebração desta festa. Devia ser: "Quando colheres da tua eira e do teu lagar." Por outras palavras, era depois das colheitas e das vindimas. Pois há uma distinção notável entre estas duas coisas. Uma fala de graça, a outra de juízo. No fim dos séculos Deus juntará o trigo no Seu celeiro, e então virá o esmagamento da prensa do lagar com terrível juízo.

No capítulo 14 do Apocalipse temos uma passagem muito solene que trata deste assunto. "E olhei, e eis uma nuvem branca e, assentado sobre a nuvem, um semelhante ao Filho do Homem, que tinha sobre a cabeça uma coroa de ouro e, na mão, uma foice aguda. E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice e sega! E já vinda a hora de segar, porque já a seara da terra está madura! E, aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra, e a terra foi segada" (versículos 14 a 16).

Aqui temos a ceifa; e depois: "E saiu do templo, que está no céu, outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda. E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo" — o emblema do juízo —, "e clamou com grande voz ao que tinha foice aguda, dizendo: Lança a tua foice aguda e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras! E o anjo meteu a sua foice à terra, e vindimou as uvas da vinha da terra, e lançou-as no grande lagar da ira de Deus. E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios." Cifra igual a todo o comprimento da terra da Palestina!

Estas figuras apocalípticas põem diante de nós, segundo o seu modo característico, cenas que devem ser representadas antes da festa dos tabernáculos. Cristo recolherá o Seu trigo no Seu celeiro celestial, e depois disso virá com esmagador juízo sobre a cristandade. Desta forma todas as partes do Volume inspirado, Moisés, os Salmos, os Profetas, os Evangelhos—ou Atos de Cristo—os Atos do Espírito Santo, as Epístolas, e o Apocalipse, todos tendem a estabelecer, incontestavelmente, o fato de que o mundo não será convertido pelo Evangelho, que as coisas não melhoram, nem melhorarão, mas que irão de mal a pior. Esse tempo glorioso prefigurado pela festa dos tabernáculos tem de ser precedido pela vindima, do esmagamento pela prensa do lagar da ira do Deus Todo- poderoso.

Então, por que motivo, podemos nós muito bem perguntar, em vista de um esmagador corpo a esperança de evidência, proporcionado por todas as porções do cânone inspirado, persistem os homens em acariciar ilusória de um mundo

convertido pelo Evangelho? Que significam as frases recolher o trigo e o lagar? Com certeza, não significam e não podem significar um mundo convertido.

Dir-nos-ão talvez que não podemos edificar coisa alguma sobre tipos moisaicos e símbolos apocalípticos. Talvez não, se tivéssemos só tipos e símbolos. Mas a acumulação dos raios da lâmpada de inspiração celestial convergem sobre estes tipos e símbolos e mostram o seu profundo significado às nossas almas, nós achamo-los em perfeita harmonia com as vozes dos profetas e apóstolos e os vivos ensinamentos de nosso próprio Senhor. Numa palavra, todos falam a mesma linguagem, todos ensinam a mesma lição, todos dão o mesmo testemunho inequívoco da verdade solene de que, no fim desta dispensação, em vez de um mundo convertido preparado para um milênio espiritual, haverá uma videira coberta e carregada de terríveis uvas plenamente maduras para o lagar da ira do Deus Todo-poderoso.

Oh, que os homens e mulheres da cristandade e os seus mestres apliquem os seus corações a estas solenes realidades! Que estas coisas penetrem fundo nos seus ouvidos e no recôndito das suas almas, de forma que possam arrojá-las ao vento a sua predileta ilusão e aceitar em lugar dela a verdade de Deus tão plenamente revelada e claramente estabelecida!

A Redenção, a Presença do Espírito Santo e a Esperança da Glória

Mas temos de terminar esta parte; e antes de o fazer, queremos recordar ao leitor cristão que somos chamados para exibir na nossa vida diária a bendita influência de todas essas grandes verdades que nos são apresentadas nos três tipos interessantes que temos estado a considerar. O cristianismo é caracterizado por estes três grandes fatos formativos: a redenção, a presença do Espírito Santo, e a esperança da glória. O cristão é remido pelo precioso sangue de Cristo, selado pelo Espírito Santo, e está à espera do Salvador.

Sim, prezado leitor, estes são fatos sólidos, realidades divinas, verdades formativas. Não são simples princípios; pelo contrário, estão calculados para serem um poder vivo em nossas almas e brilharem nas nossas vidas. Veja-se quão práticas eram estas solenidades em cujo estudo nos temos detido; note-se o caudal de louvor e ações de graças, gozo, bênção e ativa benevolência que fluía da assembléia de Israel quando reunida em redor do Senhor no lugar que Ele havia escolhido. Louvor e ações de graças ascendiam para Deus; e as benditas correntes de uma liberalíssima benevolência se dirigiam a todos os que estavam em necessidade. "Três vezes no ano todo varão entre ti aparecerá perante o SENHOR, *teu Deus*,... porém não aparecerá vazio perante o Senhor;... conforme o dom da sua mão, conforme à bênção que o Senhor, teu Deus, te tiver dado."

Palavras encantadoras! Não deviam vir vazios à presença do Senhor; deviam vir com o coração cheio de louvor, e as mãos cheias de frutos da bondade divina

para alegrar os corações dos obreiros do Senhor e dos pobres. Tudo isto era perfeitamente belo. O Senhor queria reunir o Seu povo em redor de Si, para os encher de gozo e louvor e fazer deles os Seus canais de bênção para outros. Não deviam ficar debaixo das suas videiras e sob as suas figueiras e ali se congratularem com as ricas e diversas misericórdias que os rodeavam. Isto podia ser muito justo e bom em seu próprio lugar; mas não teria satisfeito por completo a mente e o coração de Deus. Não; três vezes por ano deviam levantar-se e conduzirem-se ao lugar de encontro divinamente designado, e ali entoar as suas aleluias ao Senhor, seu Deus, e ali, também, ministrar liberalmente de tudo quanto Ele lhes havia concedido a todas as formas de necessidade humana. Deus pôde confiar ao Seu povo o rico privilégio de alegrar o coração do levita, do estrangeiro, da viúva e dos órfãos. Esta é a obra em que Ele mesmo Se deleita, bendito para sempre seja o Seu nome, e quer compartilhar o Seu prazer com o Seu povo. Queria que fosse sabido, visto e sentido, que o lugar onde Se encontrava com o Seu povo era uma esfera de gozo e louvor, e um centro do qual as correntes de bênção deviam espalhar-se em todas as direções.

Não tem tudo isto uma voz e uma bênção para a Igreja de Deus? Não fala isto ao íntimo do coração tanto do autor como do leitor destas linhas? - Decerto que sim. Possamos nós ouvi-lo! Possa isto faltar aos nossos corações! Que a graça maravilhosa de Deus atue de tal modo em nós que os nossos corações se encham de louvor ao Seu nome e as nossas mãos de boas obras. Se os simples tipos, sombras das nossas bênçãos, estivessem relacionados com ações de graças e ativa benevolência, quão poderoso seria o efeito das próprias bênçãos!

Considerações Práticas

Mas, ah! A questão é esta: estamos desfrutando as bênçãos? Apropriamo-nos delas? Agarramo-nos a elas no poder de uma fé sem artifício? Aqui está o segredo de todo o assunto. Onde encontramos cristãos professos no pleno gozo do que a Páscoa prefigurava, isto é, plena libertação do juízo e deste presente século mau? Onde os encontramos no pleno e estabelecido gozo do seu Pentecostes, ou seja a estadia, o selo, o penhor, a unção e o testemunho do Espírito Santo? Ponha-se à maioria dos professos a simples questão: "Haveis recebido o Espírito Santos" E veja-se a espécie de resposta que se recebe. Qual a resposta que o leitor pode dar? Pode dizer: "Sim, graças a Deus, eu *sei* que estou lavado no precioso sangue de Cristo, e selado com o Espírito Santo." E de recear que só muito poucos, comparativamente, de entre a imensa multidão de professos em redor de nós sabem alguma coisa destas preciosas coisas, que são contudo privilégios conferidos até ao membro mais simples do corpo de Cristo.

Assim também quanto à Festa dos Tabernáculos, quão poucos compreendem o seu significado! Decerto, ainda não chegou o seu cumprimento; mas o cristão é

chamado para viver no poder atual do que ela revela. "Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem." A nossa vida deve ser regida e o nosso caráter formado pela influência combinada da "graça" em que nos mantemos e a "glória" que esperamos.

Porém, se as almas não estão estabelecidas em graça, se nem ao menos sabem que os seus pecados são perdoados; se se lhes ensina que é presunção ter a certeza da salvação, e que é humildade e piedade viver em perpétua dúvida e temor; e que ninguém pode estar seguro da sua salvação até comparecer ante o tribunal de Cristo, como podem ocupar o terreno cristão, manifestar os frutos da vida cristã, ou acalantar a própria esperança cristã? Se um israelita da antiguidade tivesse dúvidas se era filho de Abraão, membro da congregação do Senhor, e se estava na terra que lhe fora prometida, como poderia celebrar a festa dos pães asmos, o Pentecostes ou dos Tabernáculos? Não teria havido sentido, significado ou valor em tal procedimento; na verdade, podemos seguramente afirmar que nenhum israelita teria pensado, nem por um momento, em nada

tão absurdo.

Como se compreende então que os cristãos professos, muitos deles, não podemos duvidar, verdadeiros filhos de Deus, não parece serem numa capazes de entrar no próprio terreno cristão? Passam os seus dias em dúvidas e temores, trevas e incertezas. Os exercícios e serviços religiosos em vez de serem o resultado de uma vida que possuem, e gozam são considerados como um caso de dever legal e um meio de preparação moral para a vida futura. Muitas almas realmente piedosas são mantidas neste estado todos os dias da sua vida: e quanto "à bendita esperança" que a graça tem posto diante de nós, para animar os nossos corações e nos desligar das coisas presentes, não se ocupam dela nem a entendem. É considerada como mera especulação à qual se entregam alguns entusiastas visionários aqui e ali. Esperam o dia do julgamento, em vez de esperarem a "resplandecente estrela da manhã". Oram pelo perdão de seus pecados e pedem a Deus que lhes dê o Seu Santo Espírito, quando deveriam regozijar-se na possessão segura da vida eterna, justiça divina e o Espírito de adoção.

Tudo isto é diretamente oposto ao mais simples e claro ensino do Novo Testamento; é inteiramente estranho ao próprio gênio do cristianismo, subversivo da paz e liberdade do cristão, e destrutivo de todo o verdadeiro e inteligente culto cristão, serviço e testemunho. E evidentemente impossível que as pessoas possam comparecer perante o Senhor com seus corações cheios de louvor por privilégio que não desfrutam ou mãos cheias de bênçãos que nunca têm realizado.

Chamamos a atenção do povo do Senhor, em todos os âmbitos da igreja professante, para este importante assunto. Rogamos-lhes que examinem as Escrituras e vejam se encontram nelas alguma coisa que os autorize a manter as almas em trevas, dúvida e escravidão perpétua. Que há nelas avisos solenes, apelos

esquadrinhadores, graves advertências, é certo, e bendizemos a Deus por eles; necessitamos deles e devemos ocupar diligentemente os nossos corações com eles. Porém, o leitor deve compreender claramente que é privilégio até dos mais novos em Cristo saber que todos os seus pecados lhes são perdoados, que estão aceitos em Cristo, ressuscitados, selados com o Espírito Santo e que são herdeiros da glória eterna. Tais são, por graça infinita e soberana, as suas bênçãos claramente estabelecidas e asseguradas — bênçãos para as quais o amor de Deus os faz bem-vindos, para as quais o sangue de Cristo os torna aptos, e as quais o Espírito Santo lhes assegura.

Que o grande Pastor e Bispo das almas guie todo o Seu amado povo, os cordeiros e ovelhas do rebanho que adquiriu com Seu sangue, a conhecer, pelo ensino do Seu Santo Espírito, as coisas que lhes são concedidas gratuitamente por Deus! E que aqueles que as conhecem, em certa medida, possam conhecê-las plenamente e ostentar os preciosos frutos das mesmas numa vida de verdadeira dedicação a Cristo e ao Seu serviço!

Há grandes motivos para temer que muitos de nós, que pretendemos estar familiarizados com as mais elevadas verdades da fé cristã, não estamos correspondendo à nossa profissão; não estamos agindo segundo o princípio estabelecido em versículo 17 do nosso formoso capítulo: "*Cada qual*, conforme o *dom da sua mão*, conforme à bênção que o SENHOR, teu Deus, te tiver dado." Parece que esquecemos que, apesar de não termos nada que dar e nada a fazer pela salvação, há muito que podemos fazer pelo Salvador, e muito que podemos dar aos Seus obreiros e aos pobres. Existe o grande perigo de exagerar o princípio de nada fazer e nada dar. Se nos dias da nossa ignorância e legal escravatura trabalhávamos e contribuíamos por falsos princípios e com um falso objetivo, com certeza não deveríamos fazer menos e dar menos agora que professamos saber que não só estamos salvos mas abençoados com todas as bênçãos espirituais em Cristo ressuscitado e glorificado. Necessitamos de ter cuidado em não nos contentarmos com a simples compreensão intelectual e profissão verbal destas grandes e gloriosas verdades, enquanto o coração e a consciência nunca sentiram a sua ação sagrada, e a conduta foi foram posto sob a sua poderosa e santa influência.

Aventuramo-nos com toda a ternura e amor a oferecer ao leitor estas sugestões práticas para sua consideração acompanhada de oração. Não queremos ferir, ofender ou desanimar o mais simples cordeiro do rebanho de Cristo. E, demais, podemos assegurar ao leitor que não estamos a atirar pedras a ninguém, mas escrevendo simplesmente como que na imediata presença de Deus, e fazendo soar aos ouvidos da igreja uma nota de advertência contra o que cremos firmemente ser o nosso perigo comum. Cremos que existe uma chamada urgente, por todos os lados, a nos humilharmos diante do Senhor, devido às nossas múltiplas fraquezas, deficiências e inconsistência, e buscarmos graça junto d'Ele para sermos mais

verdadeiros, mais dedicados, mais precisos no nosso testemunho por Ele, nestes dias sombrios e maus.

DEUS CONFIOU AO HOMEM O EXERCÍCIO DA JUSTIÇA

O Decreto Divino

Devemos lembrar que a divisão da Escritura em capítulos e versículos é um arranjo inteiramente humano, por vezes muito conveniente, sem dúvida, para referência, mas freqüentemente injustificável, visto que interfere com a ligação. Assim podemos ver, num relance, que os versos finais do capítulo 16 estão muito mais ligados com o que segue do que com o que precede.

"Juizes e oficiais porás em todas as tuas portas que o SENHOR, teu Deus, te der entre as tuas tribos, para que julguem o povo com juízo de justiça. Não torcerás o juízo, não farás acepção de pessoas, nem tomarás suborno, porquanto o suborno cega os olhos dos sábios e perverte as palavras dos justos. A justiça, somente a justiça seguirás, para que vivas, e possuas em herança a terra que te dará o SENHOR, teu Deus."

Estas palavras ensinam-nos uma dupla lição: em primeiro lugar, expõem a justiça imparcial e perfeita verdade que sempre caracterizam o governo de Deus. Cada caso é tratado segundo os seus próprios méritos e com base em seus próprios fatos. O juízo é tão claro que não existe uma sombra de fundamento para questão alguma; toda a discórdia está absolutamente arrumada, e se é levantada qualquer murmuração, é logo imposto silêncio ao murmurador com as palavras: "Amigo, não te faço agravo." Isto é sempre verdadeiro em toda a parte e em todos os tempos no santo governo de Deus, e faz-nos desejar aquele tempo quando esse governo for estabelecido de mar a mar e desde o rio às extremidades da terra.

O Homem Abandonado a si Próprio neste Cargo

Mas, por outro lado, das palavras citadas aprendemos o que vale o juízo do homem, se for abandonado a si próprio. Não se pode confiar nele nem por um momento. O homem é capaz de "torcer o juízo", de "fazer acepção de pessoas", de "tomar peitas", de ligar importância a uma pessoa por causa da sua posição e riqueza. Que é capaz de fazer tudo isto, é evidente pelo fato de lhe ser dito que o não faça. Devemos recordar sempre isto. Se Deus ordena ao homem que não furte, é evidente que o homem tem o furto em sua natureza.

Daqui, pois, segue-se que o juízo humano e o governo humano estão sujeitos à mais grosseira corrupção. Juizes e governantes, se forem abandonados a si próprios, se não estiverem debaixo do direto domínio de princípio divino, estão sujeitos a perverter o direito movidos por amor do nojento lucro, ou de favorecer um perverso, porque é rico, e de condenar um justo porque é pobre; de lavrar uma

sentença em flagrante oposição aos fatos mais evidentes a fim de obterem alguma vantagem, quer na forma de dinheiro, quer de influência, popularidade ou poder.

Para provar isto não é necessário aludir a homens como Pilatos e Herodes, Félix e Festos; não temos necessidade de ir além da passagem reproduzida, a fim de ver o que o *homem é*, até mesmo quando vestido com as vestes de dignidade oficial, sentado no trono do governo ou na bancada da justiça.

Alguns, ao lerem estas linhas, podem sentir-se tentados a dizer, na linguagem de Hazael: "Pois que é teu servo, que não é mais do que um cão, para fazer tão grande coisa?" (2 Rs 8:13). Mas devemos ponderar, por um momento, o fato de que o coração humano é o centro de todo o mal e de toda a maldade vil, abominável e perversa que jamais foi cometida neste mundo; e a prova incontestável disto encontra-se nos decretos, mandamentos e proibições que constam das páginas sagradas de inspiração.

E nisto temos uma admirável resposta à pergunta tantas vezes formulada: "Que temos nós que ver com muitas das leis e instituições expostas na dispensação moisaica? Porque estão tais coisas EXPOSTAS NA BÍBLIA?- É POSSÍVEL QUE SEJAM INSPIRADAS?" SIM; SÃO INSPIRADAS, E APARECEM NAS PÁGINAS DE INSPIRAÇÃO PARA PODERMOS VER, COMO EM UM ESPELHO DIVINAMENTE PERFEITO, O MATERIAL MORAL DE QUE NÓS MESMOS SOMOS FEITOS, OS PENSAMENTOS QUE SOMOS CAPAZES DE CONCEBER, AS PALAVRAS QUE SOMOS CAPAZES DE EMPREGAR, E OS FEITOS QUE SOMOS CAPAZES DE REALIZAR.

Não é isto sugestivo? Não é bom e salutar encontrar, por exemplo, em algumas das passagens deste profundo e formoso livro de Deuteronômio, que a natureza humana é capaz, e portanto que *nós* somos capazes de ações que nos colocam, moralmente, abaixo do nível dos animais? Decerto que é, e bom seria que muitos que andam com orgulho farisaico e própria satisfação, inchados com falsas noções de sua própria dignidade e elevado tom moral, aprendessem esta lição profundamente humilhante.

O Tempo Futuro no qual a Justiça Reinará

Mas quão belos moralmente, quão puros, quão refinados e elevados eram os divinos decretos para Israel! Não deviam torcer o juízo, mas deixar que seguisse o seu próprio curso reto, absolutamente sem acepção de pessoas. O pobre com vestidos desprezíveis devia ter a mesma justiça imparcial como o homem com um anel de ouro e vestes dispendiosas. A decisão do tribunal não devia ser pervertida por parcialidade ou preconceitos, nem o manto da justiça devia ser contaminado com a mancha do suborno.

Oh! O que será para este mundo oprimido e aflito ser governado pelas leis admiráveis que estão registradas nas páginas inspiradas do Pentateuco quando reinará um rei com retidão e príncipes decretarão a justiça! "O Deus, dá ao rei os

teus juízos e a tua justiça, ao filho do rei. Ele julgará o teu povo com justiça e *os teus pobres* com juízo" — não haverá então juízo torcido, suborno ou juízo parcial—"Os montes (ou altos dignitários) trarão paz ao povo, e os outeiros (inferiores dignitários), justiça. Julgará (ou defenderá) *os aflitos* do povo, salvará os filhos *do necessitado* e quebrantará o opressor. Temer-te-ão enquanto durar o sol e a lua, de geração em geração. Ele descerá como a chuva sobre a erva ceifada, como os chuviscos que umedecem a terra. Nos seus dias florescerá o justo, e abundância de paz haverá enquanto durar a lua. Dominará de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra..., livrará ao *necessitado* quando clamar, como também *ao aflito* e *ao que não tem quem o ajude*. Compadecer-se-á *do pobre e do aflito* e salvará *a alma dos necessitados*. Libertará a sua alma do engano e da violência, e precioso será o seu sangue aos olhos dele" (SI 72).

Bem pode o coração suspirar por esse tempo—o resplandecente e bendito tempo em que tudo isto se realizará, quando a terra for cheia do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar, quando o Senhor Jesus tomar par Si o Seu grande poder e reino; quando a Igreja nos céus refletir os raios da glória d'Ele sobre a terra; quando as doze tribos de Israel repousarem sob a videira e a figueira na sua própria terra de promessa, e todas as nações da terra se regozijarem sob o pacífico e beneficente domínio do Filho de Davi. Graças e louvores sejam dados ao nosso Deus, assim será, dentro em pouco, tão certo como o Seu trono estar nos céus. Um pouco mais e tudo será cumprido, segundo os eternos desígnios e promessa imutável de Deus. Até então, prezado leitor, é nosso privilégio viver na constante e fervorosa antecipação desse brilhante e bendito tempo e passar através desta ímpia cena como estrangeiros e peregrinos, não tendo lugar ou parte aqui, mas balbuciando sempre a oração: "Ora vem, Senhor Jesus."

O Altar Pagão e o Altar de Deus

Nas linhas finais do capítulo 16 Israel é advertido contra a aproximação aos costumes religiosos das nações em redor de si. "Não plantarás nenhum bosque de árvores junto ao altar do SENHOR, teu Deus, que fizeres para ti. Nem levantarás estátua, a qual o SENHOR, teu Deus, aborrece." Deviam evitar, cuidadosamente, tudo que pudesse levá-los em direção da sombria e abominável idolatria das nações pagãs em redor deles. O altar de Deus devia manter-se firme em distinta e inequívoca separação desses bosques e lugares sombrios onde os falsos deuses eram adorados e se faziam coisas que se não devem mencionar. Em suma, devia evitar-se cuidadosamente tudo que podia, de alguma maneira, afastar o coração do Deus vivo e verdadeiro.

E não só isto; não bastava manter uma forma correta exterior; imagens e os bosques podiam ser abolidos, e a nação podia professar o dogma da unidade da Divindade, e, enquanto tudo isso, podia haver uma completa falta de coração e

verdadeira devoção no culto que se prestava. Por isso lemos: "Não sacrificarás ao SENHOR, teu Deus, boi ou gado miúdo em que haja defeito ou alguma coisa má. pois abominação é ao SENHOR, teu Deus" (versículo 1).

Só o que era absolutamente perfeito podia convir ao altar e satisfazer o coração de Deus. Oferecer-Lhe uma coisa manchada era, simplesmente, demonstrar a ausência de todo o verdadeiro sentido do que Lhe convinha, e de um coração verdadeiro para com Ele. Tentar oferecer um sacrifício imperfeito era equivalente à horrível blasfêmia de dizer que qualquer coisa era suficientemente boa para Ele.

Ouçamos as alegações indignadas do Espírito de Deus pela boca do profeta Malaquias. "Ofereceis sobre o meu altar pão imundo e dizeis: Em que te havemos profanado? Nisto, que dizeis: A mesa do SENHOR é desprezível. Porque, quando trazeis animal cego para o sacrificardes, não faz mal! E, quando ofereceis o coxo ou o enfermo, não faz mal! Ora, apresenta-o ao teu príncipe; terá ele agrado em ti? Ou aceitará ele a tua pessoal—diz o SENHOR dos Exércitos. Agora, pois, suplicai o favor de Deus, e ele terá piedade de nós; isto veio da vossa mão; aceitará ele a vossa pessoal—diz o SENHOR dos Exércitos. Quem há também entre vós que feche as portas e não acenda de balde o fogo do meu altar? Eu não tenho prazer em vós, diz o SENHOR dos Exércitos, nem aceitarei da vossa mão a oblação. Mas, desde o nascente do sol até ao poente, será grande entre as nações o meu nome; e, em todo lugar, se oferecerá ao meu nome incenso e uma oblação pura; porque o meu nome será grande entre as nações, diz o SENHOR dos Exércitos. Mas vós o profanais, quando dizeis: A mesa do Senhor é impura, e o seu produto, a sua comida, é desprezível. E dizeis: Eis aqui, que canseira! E o lançastes ao desprezo diz o SENHOR dos Exércitos: vós ofereceis o roubado, e o coxo, e o enfermo; assim fazeis a oferta; ser-me-á aceito isto da vossa mão? — diz o SENHOR. Pois maldito seja o enganador, que, tendo animal no seu rebanho, promete e oferece ao Senhor uma coisa vil; porque eu sou grande Rei, diz o SENHOR dos Exércitos, o meu nome será tremendo entre as nações" (Ml 1:7-14).

Isto nada diz à igreja professante? Nada diz ao autor e ao leitor destas linhas? Claro que sim. Não há no nosso culto privado e público uma deplorável falta de *coração*, de verdadeira devoção, elevado fervor, santa energia e integridade de propósito? Não há muita coisa que corresponda à oferta de animais coxos e enfermos, manchados ou com alguma coisa má?- Não existe uma deplorável acumulação de fria formalidade e rotina morta em nossos cultos tanto privados como em assembleia?- Não temos de nos julgar por nossa esterilidade, distração e divagação até mesmo à própria mesa do Senhor? Quantas vezes os nossos corpos estão à mesa enquanto os nossos corações vadios e as nossas mentes volúveis estão vagando nos confins da terra? Quantas vezes os nossos lábios formulam palavras

que não são a verdadeira expressão de todo o nosso ser moral! Damos expressão a muito mais do que sentimos. Cantamos mais do que experimentamos.

E quando somos favorecidos com a bendita oportunidade de deitar as nossas ofertas na tesouraria do Senhor, que fria formalidade! Que falta de amorável, sincera e cordial dedicação! Quanta falta de referência à regra apostólica e de dar "conforme a sua prosperidade"! Que detestável mesquinhez! Quão pouco se vê do desprendimento da pobre viúva que, tendo apenas duas pequenas moedas no mundo, e tendo a opção de guardar pelo menos uma para sua manutenção, deitou voluntariamente ambas na arca do tesouro — deu tudo que tinha! Podemos gastar somas elevadas conosco, talvez em coisas supérfluas, durante a semana, mas quando se apresentam diante de nós os direitos da obra do Senhor, dos Seus pobres e da Sua casa em geral, quão fraca é a resposta!

Leitor crente, consideremos estas coisas. Encaremos todo o assunto do culto e dedicação na presença divina, e na presença da graça que nos salvou das chamas eternas. Ponderemos calmamente os preciosos e poderosos direitos de Cristo sobre nós. Não somos de nós mesmos; fomos comprados por preço. Não é meramente o que temos de *melhor*, mas *tudo* quanto possuímos que devemos Aquele bendito Senhor que Se entregou a Si mesmo por nós. Não reconhecemos isto plenamente? Os nossos corações não o reconhecem«?- Então manifestemo-lo com as nossas vidas! Possamos nós declarar de um modo mais claro de quem somos e a quem servimos! Possamos nós dedicar-Lhe o coração, a mente, as mãos, os pés, todo o nosso ser, em incondicional dedicação e no poder do Espírito Santo, segundo o ensino direto da Sagrada Escritura. Deus permitia que assim seja conosco e com todo o Seu povo amado!

O Juízo Estabelecido sobre o Testemunho de Duas ou Três testemunhas

Um assunto muito importante e prático chama agora a nossa atenção. Cremos que é conveniente apegarmo-nos, tanto quanto possível, ao hábito de citar, por extenso, as passagens para o leitor; julgamos que isto é proveitoso para dar a própria palavra de Deus; e, além disso, é conveniente para a grande maioria dos leitores evitar de ter de pôr de lado para pegar na Bíblia e buscar nela as passagens.

"Quando no meio de ti, em alguma das tuas portas que te dá o SENHOR, teu Deus, se achar algum homem ou mulher que fizer mal aos olhos do SENHOR, teu Deus, traspassando o seu concerto, que for, e servir a outros deuses, e se encurvar a eles, ou ao sol, ou à lua, ou a todo o exército do céu, o que eu não ordenei; e te for denunciado, e o ouvires; então, *bem o inquirirás*-, e eis que, sendo *verdade* e *certo* que se *fez* tal abominação em Israel, então, levarás o homem ou a mulher, que fez este malefício às tuas portas, sim, o tal homem ou mulher, e os apedrejarás com pedras, até que morram. Por boca de duas ou três testemunhas será morto o que houver de morrer; por boca de uma só testemunha não morrerá. A mão das

testemunhas será primeiro a contra ele, para matá-lo; e, depois a mão de todo o povo; assim tirarás o mal do meio de ti" (versículos 2 a 7).

Tivemos já ocasião de referir o grande princípio estabelecido na precedente passagem. E uma passagem de imensa importância, isto é, a absoluta necessidade de ter um testemunho competente em todos os casos antes de se formar um juízo. Encontramo-lo constantemente; com efeito, é regra invariável no governo divino, e portanto requer a nossa mais sincera atenção. Podemos estar certos de que é uma regra segura e salutar, cujo descuido nos induzirá sempre em erro. Nunca devemos formar um juízo, e muito menos agir segundo o mesmo, sem o testemunho de duas ou três testemunhas. Por mais digna de crédito e de confiança que possa ser qualquer testemunha, não há base suficiente para tirar uma conclusão. Podemos estar convencidos de que o caso é verdadeiro por ser afirmado por alguém em quem temos confiança; porém, Deus é mais sábio. Pode ser que a testemunha seja inteiramente reta e verdadeira, que não diria, por nada deste mundo, uma falsidade ou daria testemunho contra ninguém; tudo isto pode ser verdade, mas devemos atender a regra divina: "Por boca de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o negócio" (Dt 19:15).

Queira Deus que se atendessem com mais diligência a isto na Igreja de Deus! O seu valor em todos os casos de disciplina e em todos os casos que afetam o caráter ou a reputação de alguém é simplesmente incalculável. Antes de a assembléia chegar a uma conclusão ou atuar sobre um parecer, em qualquer caso apresentado, deve insistir por adequada evidência. Se esta se não consegue, espere-se em Deus, espere-se paciente e confiadamente, e Ele certamente suprirá o que é necessário.

Por exemplo, se houver mal moral ou erro doutrinário numa assembléia de cristãos, mas que é só conhecido de um, este está perfeitamente certo, profunda e perfeitamente certo do fato. Que há de fazer*- Esperar em Deus por mais testemunhas. Atuar de outro modo é infringir o princípio divino exposto com toda a possível clareza, repetidas vezes, na Palavra de Deus. Deve a única testemunha sentir-se ofendida ou insultada porque não se atuou segundo o seu testemunho*- Certamente que não; na verdade ela não deveria esperar tal coisa, antes não deveria adiantar-se a testemunhar sem de poder corroborar o seu testemunho com a evidência de um ou dois. A assembléia há de ser considerada indiferente ou negligente porque recusa agir segundo o testemunho de uma única testemunha Não; seria proceder contra o mandamento divino considerá-la assim.

E recorde-se que este grande princípio prático não é limitado na sua aplicação a casos de disciplina, ou assuntos relacionados com uma assembléia do povo do Senhor, mas é de aplicação geral. Nunca deveríamos ousar formar um juízo ou chegar a uma conclusão sem a medida de evidência divinamente assinalada; se esta não existe é nosso dever esperar, e se tivermos de julgar o caso, Deus proporcionará, a seu tempo, a necessária evidência. Sabemos de um caso em que um

indivíduo foi acusado falsamente porque o acusador baseou a sua acusação sobre a evidência de um dos seus sentidos; tivesse ele tido o cuidado de esperar a evidência de mais dois, e não teria feito acusação.

Assim o assunto da evidência requer a atenção séria do leitor, seja qual for a sua posição. Todos somos propensos a tirar conclusões precipitadas, a deixarmo-nos impressionar, a dar lugar a conclusões infundadas, deixar que as nossas mentes sejam envolvidas e desviadas por preconceitos. Temos de vigiar atentamente contra estas coisas. Precisamos de mais calma, seriedade e fria deliberação para formar a expressar o nosso parecer acerca das pessoas e das coisas. Mas especialmente sobre as pessoas, visto que podemos infligir uma grave injustiça a um amigo, um irmão, ou ao próximo, escutando a uma falsa impressão ou infundada acusação. Podemos-nos converter no veículo de uma acusação inteiramente infundada, pela qual o carácter de outrem pode ser seriamente arruinado. Isto é um grande pecado aos olhos de Deus, e deve ser cuidadosamente evitado em nós e severamente condenado nos outros, sempre que se apresente perante nós. Sempre que alguém traz uma acusação contra outro na sua ausência, devemos insistir para que prove o que diz ou retire a sua acusação. Se este plano fosse adotado, seríamos libertados de muita maledicência, a qual não só é nada proveitosa mas, positivamente, malvada e se não deve tolerar.

Antes de deixar o tema da evidência, devemos notar que a história inspirada nos proporciona mais de um exemplo em que um inocente tem sido condenado com aparente observância de Deuteronomio 17:6-7. Veja-se o caso de Nabote em 1 Reis 21, e o caso de Estêvão em Atos 6 e 7; e, sobretudo, o caso do único Homem perfeito que jamais pisou esta terra. Ah, os homens podem, por vezes, aparentar admirável atenção à letra da Escritura quando isso convém aos seus próprios fins perversos! Podem citar as suas sagradas palavras em defesa da mais flagrante injustiça e detestável imoralidade. Duas testemunhas acusaram Nabote de blasfemar contra Deus e o rei, e esse fiel israelita foi despojado da sua herança e da sua vida sobre o testemunho de dois mentirosos subornados por instruções de uma mulher ímpia e cruel. Estêvão, um homem cheio do Espírito Santo, foi apedrejado até morrer por blasfêmia sobre o testemunho de falsas testemunhas convocadas e instruídas pelos grandes "líderes" religiosos daquele tempo, que podiam, sem dúvida, citar Deuteronomio 17 como princípio de autoridade.

Mas tudo isto, enquanto exemplifica, triste e forçosamente, o que o homem é, e o que é a mera religiosidade humana sem consciência, deixa intacta a formosa regra moral estabelecida para nossa orientação nas primeiras linhas do nosso capítulo. A religião sem consciência ou sem o temor de Deus é a coisa mais degradante, mais desmoralizadora, mais endurecedora que existe abaixo da abóbada celeste; e um dos seus mais terríveis aspectos consiste em que os homens

sob a sua influência não se envergonham nem têm receio de fazer uso da letra da Sagrada Escritura como capa para cobrir a mais horrível impiedade.

Mas graças e louvores ao nosso Deus, a Sua Palavra apresenta-se ante a visão das nossas almas em toda a sua pureza celestial, virtude divina, e santa moralidade, e arremessa à cara dos seus inimigos todos os intentos de tirar das suas páginas sagradas um pretexto para qualquer coisa que não é verdadeira, venerável, justa, pura, amável e de boa fé.

A Regra para todas as Questões em Israel e na Igreja de Deus

Vamos agora prosseguir com a citação do segundo parágrafo do nosso capítulo, no qual acharemos instrução de grade valor moral, e muito necessária nestes dias de obstinação e independência.

"Quando alguma coisa te for dificultosa em juízo, entre sangue e sangue, entre demanda e demanda, entre ferida e ferida, em negócio de pendências nas tuas portas, então, te levantarás e subirás *ao lugar que escolher o SENHOR, teu Deus*; e virás aos sacerdotes levitas e ao juiz que houver naqueles dias e inquirirás, e te anunciarão a palavra que for do juízo. E farás conforme o mandado da palavra que te anunciarão *do lugar que escolher o SENHOR*; e terás cuidado de fazer conforme tudo o que te ensinarem Conforme o mandado da lei que te ensinarem e conforme o juízo que te disserem, farás; da palavra que te anunciarem te não desviarás, nem para a direita nem para a esquerda. O homem, pois, que se houver soberbamente, não dando ouvidos ao sacerdote, que está ali para servir ao SENHOR, teu Deus, nem ao juiz, o tal homem morrerá; e tirarás o mal de Israel, para que todo o povo o ouça, *eterna, e nunca mais se ensoberbeça*" (versículos 8 a 13).

Aqui temos estabelecidas as disposições para a perfeita solução de todas as questões que pudessem suscitar-se no meio da congregação de Israel; deviam ser solucionadas na presença divina, no lugar divinamente indicado, pela autoridade divinamente nomeada. Desta maneira a obstinação e a arrogância eram cuidadosamente evitadas. Todo o caso de controvérsia devia ser definitivamente resolvido pelo juízo de Deus conforme era expresso pelo sacerdote ou juiz designado por Deus para esse fim.

Numa palavra, era absoluta e inteiramente um assunto de autoridade divina. Não se tratava de alguém se levantar em obstinação e arrogância contra outro. Isto nunca seria admitido na assembléia de Deus. Todos deviam submeter a sua causa a um tribunal divino, e inclinarem-se implicitamente à sua decisão. Não devia haver apelo, visto que não havia tribunal mais alto. O sacerdote ou juiz divinamente designado falava como oráculo de Deus, e tanto o acusador como o acusado tinham de inclinar-se, sem objeção, ante a decisão.

Ora é bem claro que nenhum membro da congregação de Israel teria jamais pensado em levar o seu caso a um tribunal dos gentios para ali ser julgado.

Podemos estar certos de que isto era completamente alheio aos pensamentos e sentimentos de todo o verdadeiro israelita. Teria envolvido um positivo insulto ao próprio Senhor, que estava no meio deles para emitir juízo em todos os casos que da—um documento pertencente a dias há muito passados? A nossa mudança de condição despojou a Palavra de Deus de algumas das suas glórias morais?

Prezado leitor, qual é a tua resposta a estas interrogações? Rogamos-te sinceramente que as consideres francamente com humildade e oração na presença do Senhor. Cremos que a tua resposta será um correto índice da tua verdadeira posição e estado moral. Não vês e não admites plenamente que a Escritura nunca pode perder o seu poder? Podem os princípios de 1 Coríntios jamais deixar de ser uma força obrigatória sobre a Igreja de Deus«?- Está plenamente admitido — pois quem pode negar que as coisas estão desgraçadamente mudadas — que "a Escritura não pode ser anulada" e portanto o que era uma "falta" no primeiro século não pode ser reto no século dezenove; pode haver mais dificuldades em levar a cabo os princípios divinos, mas não devemos nunca consentir em prescindir deles, ou agir sobre qualquer terreno inferior. Se admitimos a idéia de que é impossível proceder retamente, porque a igreja professante se extraviou, todo o princípio de obediência cristã é abandonado. Tão injusto é que "o irmão vá a juízo com o irmão, e isso perante incrédulos" hoje como o era quando o apóstolo escreveu a sua epístola à assembléia de Corinto ⁽¹⁾. Verdade é que a unidade *visível* da igreja desapareceu; está privada de muitos dons; separou-se da sua condição normal; mas os princípios da Palavra de Deus não podem perder o seu poder assim como o sangue de Cristo não pode perder a sua virtude, ou o Seu sacerdócio perder a sua eficácia.

(1) É conveniente recordar que onde quer que "dois ou três" estiverem reunidos para o Nome do Senhor Jesus, ainda que em tal fraqueza, se encontrará, se tão somente forem humildes e obedientes, competência espiritual para julgar em todos os casos que possam suscitar-se entre irmãos. Podem contar com sabedoria divina para o esclarecimento de qualquer questão, disputa ou controvérsia, de forma que não haverá necessidade de recorrer a um tribunal mundano.

Sem dúvida, os homens do mundo rirão de uma tal idéia; mas nós devemos aderir, com santa decisão, à direção da Escritura. O irmão não deve ir ao juízo com o irmão perante os incrédulos. Isto é claro e enfático. Há recursos à disposição da assembléia de Cristo, Cabeça e Senhor, para resolver toda questão possível.

Que o povo do Senhor aplique seriamente os seus corações à consideração, deste assunto. Vejam que estão reunidos sobre o verdadeiro terreno da igreja de Deus; e então embora sempre conscientes de que as coisas não são hoje na igreja o que foram, ainda que conscientes da maior fraqueza, fracasso e deficiências, descobrirão que a graça de Cristo é suficiente para eles e a Palavra de Deus plena de toda a instrução e autoridade, de modo que nunca precisarão de recorrer ao auxílio, conselho ou juízo do mundo. "Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles."

Seguramente, isto basta para toda a necessidade. Existe alguma questão que o nosso Senhor Jesus Cristo não possa resolver? Necessitamos da destreza natural, sabedoria do mundo, agudeza, erudição, sagacidade, se temos o Senhor? Claro que não; na verdade, tais coisas só podem incomodar-nos como a Davi incomodava a armadura de Saul. Tudo que precisamos é de empregar os recursos que temos em Cristo. Decerto, descobriremos "no lugar onde o Senhor escolheu para ali fazer habitar o Seu nome" sabedoria sacerdotal para julgar em todos os casos que possam surgir entre irmãos.

E, além disso, lembre-se o amado povo do Senhor, em todos os casos de dificuldade local que podem suscitar-se, que não há necessidade alguma para procurar auxílio estranho, para escrever para outros lugares solicitando a vinda de alguém mais sábio para os ajudar. Sem dúvida, se o Senhor manda algum dos Seus amados servos naquele preciso momento, a sua simpatia, comunhão, conselho e auxílio serão de muita estima. Não procuramos estimular a independência de uns contra outros, mas absoluta e completa dependência de Cristo, nosso Chefe e Senhor

E, além disso, devemos lembrar que há recursos de sabedoria, graça, poder e dons espirituais entesourados para a Igreja em Cristo, seu Cabeça, sempre ao alcance daqueles que têm fé para os usar. Não nos encontramos limitados em nosso bendito e adorável Salvador. Não temos de esperar ver o corpo restaurado à sua condição normal na terra; mas, não obstante, é nosso privilégio ver o que é o verdadeiro terreno do corpo, e é nosso dever ocupar esse terreno e nenhum outro.

Ora, é admirável a mudança que se opera em nossa total condição, na nossa visão das coisas, nos pensamentos de nós próprios e de quanto nos rodeia, logo que pomos os pés no verdadeiro terreno da Igreja de Deus. Tudo parece mudar. A Bíblia parece um novo livro. Vemos tudo a uma nova luz. Porções da Escritura que temos estado a ler durante anos sem interesse ou proveito agora resplandecem com luz divina e enchem-nos de admiração, amor e louvor. Vemos tudo de um ponto de vista novo; todo o nosso campo de visão é alterado; temos escapado da tenebrosa atmosfera que envolve o conjunto da igreja professante e podemos olhar em redor e ver as coisas claramente à luz celestial da Escritura. De fato, parece uma nova conversão; e descobrimos que podemos ler a Escritura inteligentemente, porque temos a chave divina. Vemos que Cristo é o centro e objetivo de todos os pensamentos, propósitos e desígnios de Deus desde eternidade a eternidade, e por isso somos conduzidos àquela maravilhosa esfera de graça e glória que o Espírito Santo se compraz em desenvolver na preciosa Palavra de Deus.

Oxalá o leitor seja guiado à completa compreensão de tudo isto pelo direto e poderoso ministério do Espírito Santo! Que seja habilitado a entregar-se a si mesmo ao estudo da Escritura e a render-se incondicionalmente ao seu ensino e autoridade! Que não consulte a carne e o sangue mas se entregue, como menino, ao Senhor, e procure ser guiado em inteligência espiritual e conformidade prática com a mente de Cristo.

Quando Estabeleceres um Rei sobre ti

Consideremos agora por um momento os versículos finais do nosso capítulo, nos quais temos uma notável visão do futuro de Israel, antecipando o momento em que eles haviam de procurar eleger um rei sobre si.

"Quando entrares na terra, que te dá o SENHOR, teu Deus, e a possuíres, e nela habitares, e disseres: Porei sobre mim um rei, assim como têm todas as nações, que estão em redor de mim, porás certamente, sobre ti como rei aquele que escolher o

SENHOR, teu Deus; dentre teus irmãos porás rei sobre ti; não poderás pôr homem estranho sobre ti, que não seja de teus irmãos. Porém não multiplicará para si cavalos, nem fará voltar o povo ao Egito, para multiplicar cavalos; pois o SENHOR vos tem dito: Nunca mais voltareis por este caminho. Tampouco para si multiplicará mulheres, para que o seu coração se não desvie; nem prata nem ouro multiplicará muito para si" (versículos 14 a 17).

Quão notável é que as três coisas que o rei não devia fazer, foram precisamente as mesmas coisas que foram feitas—e feitas largamente pelo maior e mais sábio dos monarcas de Israel. "Também o rei Salomão fez naus em Ezim-Geber, que está junto a Elate, na praia do mar de Surfe, na terra de Edom. E mandou Hirão com aquelas naus os seus servos, marinheiros, que sabiam do mar, com os servos de Salomão. E vieram a Ofir, e tomaram de lá quatrocentos e vinte talentos de ouro, e o trouxeram ao rei Salomão... e deu ao rei cento e vinte talentos de ouro (a rainha de Sabá). E era o peso do ouro que se trazia a Salomão cada ano seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro; além do dos negociantes, e do contrato dos especieiros, e de todos os reis da Arábia, e dos governadores da mesma terra". Lemos também que "Fez o rei que em Jerusalém houvesse prata como pedras. E *tiravam cavalos* do Egito para Salomão... E o rei Salomão amou muitas mulheres estranhas... e tinha setecentas mulheres, princesas, e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o seu coração" (1 Rs 9:26 a 28; 10:10,14,15,27,28; 11:1,3).

Que relato! Que comentário a respeito do homem em seu melhor e mais elevado estado! Aqui estava um homem dotado de sabedoria sobre todos os do seu tempo, rodeado de bênçãos inéditas, de dignidade, de honra e privilégios; o seu cálice transbordava; não faltava nada daquilo que o mundo pode suprir para a felicidade humana. E não só isto, senão que a sua notável oração quando da dedicação do templo podia induzir-nos a acalentar as mais brilhantes esperanças a seu respeito, tanto pessoal como oficialmente.

Porém, triste é dizê-lo, ele fracassou deploravelmente em todos os pormenores sobre os quais a lei de Deus havia falado tão clara e terminantemente. Fora-lhe dito para não multiplicar prata e ouro, e, contudo, multiplicou-os. Fora-lhe dito para não fazer voltar o povo ao Egito para multiplicar cavalos, e, todavia, ao Egito mandou buscar cavalos. Fora-lhe dito para não multiplicar para si mulheres, e, não obstante, teve um milhar delas, e elas perverteram o seu coração! Tal é o homem! Oh, quão pouco se pode contar com ele! "Porque toda a carne é como a erva, e toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor" (1 Pe 1:24), "... cujo fôlego está no seu nariz; porque em que se deve ele estimará" (Is 2:22).

Mas podemos perguntar, a que devemos atribuir o retumbante, triste e humilhante fracasso de Salomão?- Qual foi o seu verdadeiro segredo? Para

responder a esta interrogação, temos de citar os versículos finais do nosso capítulo. "Será também que, quando se assentar sobre o trono do seu reino, então, escreverá para si um traslado desta lei num livro, do que está diante dos sacerdotes *levitas*. *E o terá consigo e nele lerá todos os dias da sua vida*, para que aprenda a temer ao SENHOR, seu Deus, para guardar todas as palavras desta lei e estes estatutos, para fazê-los. Para que o seu coração não se levante sobre os seus irmãos e não se aparte do mandamento, nem para a direita nem para a esquerda; para que prolongue os dias no seu reino, ele e seus filhos no meio de Israel" (versículos 18 a 20).

Tivesse Salomão atendido a estas preciosíssimas e importantes palavras, e o seu historiador teria tido uma tarefa muito diferente a cumprir. Mas ele não o fez. Nada ouvimos de ele ter feito uma cópia da lei; e, certamente, se fez uma cópia dela, não atentou para ela; antes, voltou-lhe as costas, e fez as próprias coisas que lhe fora dito para não fazer. Numa palavra, a causa da miséria e ruína que tão rapidamente seguiu o esplendor do reinado de Salomão foi o menosprezo da Palavra de Deus.

É isto que torna tudo tão solene para nós, nos nossos dias, e que nos leva a chamar a atenção do leitor para o fato. Sentimos profundamente a necessidade de procurar despertar a atenção de toda a Igreja de Deus para este importante assunto. A indiferença pela Palavra de Deus é a origem de todo o fracasso, toda a ruína, todo o erro, todo o dano e confusão, heresias, seitas, cismas, que têm estado sempre ou estão atualmente no mundo. E podemos acrescentar, com idêntica confiança, que o único remédio real e soberano para o nosso lamentável estado atual se encontra em regressar *cada um por si mesmo* à simples, mas tristemente desprezada autoridade da Palavra de Deus. Que cada qual veja o seu próprio afastamento, e o afastamento do conjunto do corpo professante, do claro e positivo ensino do Novo Testamento—os mandamentos de nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo. Humilhemo-nos debaixo da mão poderosa do nosso Deus, por causa do nosso pecado comum, e voltemos para Ele com verdadeiro arrependimento, e Ele, por Sua graça, nos restaurará, abençoará e conduzirá àquela bendita senda de obediência que está aberta ante toda a alma verdadeiramente humilde.

Que Deus, o Espírito Santo, em Seu poder irresistível, faça penetrar no coração e consciência de todos os membros do corpo de Cristo, à face da terra, a urgente necessidade de uma imediata e incondicional rendição à autoridade da Palavra de Deus.

OS SACERDOTES LEVITAS

O Serviço e a Parte de cada um

O parágrafo com que abre este capítulo sugere uma linha interessante e prática de verdade.

"Os sacerdotes levitas, toda a tribo de Levi, não terão parte nem herança em Israel; das ofertas queimadas do SENHOR e da sua herança comerão. Pelo que não terá herança no meio de seus irmãos; o SENHOR é a sua herança, como lhe tem dito. Este, pois, será o direito dos sacerdotes, a receber do povo, dos que sacrificarem sacrifícios, seja boi ou gado miúdo: que darão ao sacerdote a espádua, e as queixadas, e o bucho. Dar-lhe-ás as primícias do teu cereal, do teu mosto e do teu azeite e as primícias da tosquia das tuas ovelhas. Porque o SENHOR, teu Deus, o escolheu de todas as tuas tribos, para que assista a servir no nome do SENHOR, ele e seus filhos, todos os dias. E, quando vier um levita de alguma das tuas portas, de todo o Israel, onde habitar, e *vier com todo o desejo da sua alma ao lugar que o SENHOR escolheu*, e servir no nome do SENHOR, seu, Deus, como também todos os seus irmãos, os levitas, que assistem ali perante o SENHOR, igual porção comerão, além das vendas do seu patrimônio" (versículos 1 a 8).

Aqui, como em todas as demais partes do livro de Deuteronomio, os sacerdotes estão classificados com os levitas de um modo muito claro. Já chamamos a atenção do leitor para este assunto, como um rasgo característico deste livro, e não deteremos por agora sobre ele; queremos simplesmente, de passagem, recordar ao leitor que se ^{trata} alguma coisa digna de atenção. Considere-se as palavras com que abre o capítulo: "Os sacerdotes levitas", e compare-se o modo como se fala dos sacerdotes, filhos de Aarão, em Êxodo, Levítico e Números; e se quisermos saber a razão desta diferença, cremos que é a seguinte: em Deuteronomio o objetivo divino é pôr toda a assembléia de Israel em eminência, e é por isso que os sacerdotes, em sua capacidade oficial, raramente aparecem perante nós. A idéia principal de Deuteronomio *é Israel em imediata relação com o Senhor*.

Ora, na passagem citada, temos os sacerdotes e os levitas unidos e apresentados como servos do Senhor, inteiramente dependentes d'Ele, e intimamente identificados com o Seu altar e serviço. Isto é pleno de interesse e abre um campo muito importante de verdade prática a que a Igreja de Deus fará bem em atender.

Ao examinar a história de Israel, vemos que quando as coisas estavam de certo modo em salutar estado, atendia-se convenientemente o altar de Deus, e, como consequência, os sacerdotes e levitas eram bem atendidos. Se o Senhor tinha a Sua porção, os Seus servos estavam certos de ter a sua. Se Ele era esquecido, também eles o eram. Estavam unidos. O povo devia trazer as suas ofertas a Deus, e Ele

repartia-as com os Seus servos. Os sacerdotes e levitas não podiam exigir ou pedir nada ao povo, mas o povo tinha o privilégio de trazer as suas ofertas ao altar de Deus, e Ele permitia que os Seus servos se alimentassem do fruto da devoção que o Seu Povo tinha por Ele.

No Tempo de Eli

Tal era a idéia verdadeira, divina, quanto aos servos do Senhor da antiguidade. Deviam viver das ofertas voluntárias apresentadas a Deus por toda a congregação. Verdade é que, nos dias sombrios e maus dos filhos de Eli, encontramos alguma coisa muito diferente desta encantadora ordem moral. Então, "...o costume daqueles sacerdotes com o povo era que, oferecendo alguém algum sacrifício, vinha o moço do sacerdote, estando-se cozendo a carne, com um garfo de três dentes em sua mão; e dava com ele na caldeira, ou na panela, ou no caldeirão, ou na marmita; e...tudo quanto o garfo tirava o sacerdote tomava para si; assim faziam a todo o Israel que ia ali a Siló. Também, antes de queimarem a gordura" — a porção especial de Deus — "vinha o moço do sacerdote e dizia ao homem que sacrificava: Dá essa carne para assar ao sacerdote, porque não tomará de ti carne cozida, senão crua. E, dizendo-lhe o homem: Queimem primeiro a gordura de hoje, e depois toma para ti quanto desejar a tua alma, então, ele lhe dizia: Não, agora a hás de dar; e, se não, *por força a tomarei*. Era, pois, muito grande o pecado desses jovens perante o SENHOR, porquanto os homens desprezavam a oferta do SENHOR" (1 Sm 2:13 -17).

Tudo isto era verdadeiramente lamentável e terminou com o juízo solene de Deus sobre a casa de Eli. Não podia ser de outro modo. Se os que ministravam ao altar podiam ser culpados de tão terrível iniquidade e impiedade, o juízo devia seguir o seu curso.

Mas o estado normal das coisas, conforme é apresentado no nosso capítulo, estava em vivo contraste com toda esta aterradora iniquidade. O Senhor queria rodear-Se das ofertas voluntárias do Seu povo, e destas ofertas queria alimentar os Seus servos que ministravam ao Seu altar. Por isso, quando o altar de Deus era atendido com diligência, fervor e devoção, os sacerdotes levitas tinham uma rica porção, um abundante suprimento; e, por outro lado, quando o Senhor e o Seu altar eram tratados com fria negligência, ou atendidos como mera rotina ou falso formalismo, os servos do Senhor eram da mesma maneira esquecidos. Numa palavra, estavam intimamente identificados com o culto e serviço do Deus de Israel.

No Tempo de Ezequias

Assim, por exemplo, nos dias brilhantes do bom rei Ezequias, quando as coisas estavam em seu vigor e os corações eram ditosos e verdadeiros, lemos: "E

estabeleceu Ezequias as turmas dos sacerdotes e levitas, segundo as suas turmas, a cada um segundo o seu ministério; aos sacerdotes e levitas para o holocausto e para as ofertas pacíficas, para ministrarem, e louvarem, e cantarem às portas dos arraiais do SENHOR. Também estabeleceu a parte da fazenda do rei para os holocaustos e para os holocaustos da manhã e da tarde, e para os holocaustos dos sábados, e das Festas da Lua Nova, e das solenidades; *como está escrito na Lei do SENHOR*. E ordenou ao povo, Moradores de Jerusalém, *que desse a parte dos sacerdotes e levitas, para que se pudessem dedicar a Lei do SENHOR*. E, depois que essa ordem se divulgou, os filhos de Israel trouxeram muitas primícias de trigo, e de mosto, e de azeite, e de mel, e de toda a novidade do campo; também os dízimos de tudo trouxeram *em abundância*. E os filhos de Israel e de Judá que habitavam nas cidades de Judá também trouxeram dízimos das vacas e das ovelhas e dízimos das coisas sagradas que foram consagradas ao SENHOR, seu Deus; *e fizeram muitos montões*. No terceiro mês, começaram a fazer os primeiros montões e no sétimo mês acabaram. Vindo, pois, Ezequias e os príncipes e vendo aqueles montões, bendisseram ao SENHOR e ao seu povo Israel. E perguntou Ezequias aos sacerdotes e aos levitas acerca daqueles montões. E Azarias, o sumo sacerdote da casa de Zadoque, lhe falou, dizendo: *Desde que esta oferta se começou a trazer à Casa do SENHOR, houve o que comer e de que se fartar e ainda sobejo em abundância, porque o SENHOR abençoou ao seu povo, e sobejou esta abastança*" (2 Cr 31:2-10).

Quão consolador é tudo isto! E quão animador! A profunda, cheia e prateada onda de devoção afluía em redor do altar de Deus arrastando um amplo suprimento para satisfazer todas as necessidades dos servos do Senhor e fazer "montões". Podemos estar certos de que isto era grato ao coração do Deus de Israel, como o era aos corações daqueles que se haviam dado a si mesmos, por Sua chamada e designação, ao serviço do Seu altar e do Seu santuário.

E note-se especialmente essas preciosas palavras: *"Como está escrito na lei do SENHOR"*. Eis aqui a autoridade de Ezequias, a base sólida de toda a sua linha de conduta, desde o princípio ao fim. Verdade é que a unidade visível da nação havia desaparecido; o estado de coisas, quando ele começou a sua bendita obra, era desanimador; mas a Palavra do Senhor era verdadeira, tão real, e tão direta em sua aplicação nos dias de Ezequias como era nos dias de Davi ou de Josué. Ezequias sentiu justamente que o capítulo 18:1 a 8 de Deuteronomio era aplicável ao seu tempo e à sua consciência, e que ele e o povo estavam obrigados a atuar de acordo com ele, segundo as suas possibilidades. Deviam os sacerdotes e levitas morrer de fome porque a unidade de Israel havia desaparecido? Decerto que não. Deviam permanecer firmes ou cair juntamente com a palavra, o culto, e a obra de Deus. As circunstâncias podiam variar, e os israelitas podiam encontrar-se numa situação na qual fosse impossível cumprir pormenorizadamente todas as ordenanças do cerimonial levítico, mas nunca poderiam encontrar-se em circunstâncias tais que

não pudessem fazer o elevado privilégio de dar completa expressão à devoção de seus corações pelo serviço, o altar e a lei do Senhor.

No Tempo de Neemias

Assim, pois, vemos, em toda a história de Israel, que quando as coisas eram brilhantes e satisfatórias, o culto do Senhor, a Sua obra e os Seus obreiros eram mantidos de uma maneira bendita. Mas, por outro lado, quando as coisas estavam em decadência, quando os corações eram indiferentes, quando o egoísmo e os seus interesses ocupavam o lugar principal, então todas estas coisas importantes eram tratadas com negligência. Veja-se, por exemplo, Neemias 13. Quando esse amado e fiel servo do Senhor voltou para Jerusalém, depois de uma ausência de alguns dias, descobriu com profunda mágoa que, até durante tão pouco tempo, diversas coisas não estavam bem; entre elas, os pobres levitas não tinham nada para comer. "Também entendi que o quinhão dos levitas se lhes não dava, de maneira que os levitas e os cantores, que faziam a obra, tinham fugido cada um para a sua terra" (Ne 13:10). Não havia "montões" de primícias nesses dias tristes, e certamente seria duro para esses homens trabalhar e cantar quando não tinham nada que comer. Isto não estava conforme a lei do Senhor, nem segundo o Seu coração de amor. Era uma vergonha para o povo que os servos do Senhor se vissem obrigados, devido a sua grosseira negligência, a abandonar o culto e a obra de Deus, a fim de escaparem à fome.

Isto era realmente um estado de coisas deplorável. Neemias sentiu-o intensamente, como lemos: "Então, contendi com os magistrados e disse: *Porque se desamparou a Casa de Deus?* Porém eu os ajuntei, e os restaurei no seu posto. Então todo o Judá trouxe ^{os} dízimos do grão, e do mosto, e do azeite aos celeiros. E por tesoureiros pus... porque se tinham achado fiéis";—tinham direito ^a confiança de seus irmãos — "e se lhes encarregou a eles a distribuição para seus irmãos". Foi necessário um número de homens experimentados e fiéis para ocupar a elevada posição de distribuir aos seus irmãos os preciosos frutos da dedicação do povo; podiam tomar conselho juntos e velar que o tesouro do Senhor fosse fielmente administrado, segundo a Sua palavra, e que as necessidades dos Seus verdadeiros obreiros de *bona fide* fossem completamente satisfeitas, sem preconceitos nem parcialidade.

Tal era a formosa ordem do Deus de Israel—uma ordem a que todo o verdadeiro israelita, tais como Neemias e Ezequias se compraziam em atender. A rica maré de bênção corria do Senhor para o Seu povo, e voltava de novo para Ele, e dessa maré fluente os Seus servos deviam tirar um completo suprimento para todas as suas necessidades. Era uma desonra para Ele que os levitas se vissem obrigados a regressar aos seus campos; isso demonstrava que a casa de Deus era desprezada, e que não havia mantimento para os Seus servos.

No Tempo da Igreja

E agora pode perguntar-se: Que tem tudo isto a ver conosco? Que há de aprender a Igreja de Deus de Deuteronômio 18:1 — 8? Para responder a esta pergunta, devemos ver 1 Coríntios 9, onde o apóstolo inspirado trata do assunto importante da manutenção do ministério cristão — um assunto tão pouco compreendido pela grande massa dos cristãos professos. Quanto à *lei do caso*, é tão distinta quanto possível. "Quem jamais milita à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto"?- Ou quem apascenta o gado e não come do leite do gado? Digo eu isto segundo os homens? Ou não diz a lei também o mesmo? - Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura, tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós? Certamente que por nós está escrito; porque o que lavra, deve lavrar com esperança, e o que debulha, deve debulhar com esperança de ser participante. Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós recolhamos as carnis"? Se outros participam deste poder sobre vós, porque não, mais justamente, nós? Mas nós" — aqui a graça resplandece em todo o seu brilho celestial — "não usamos deste direito; antes, suportamos tudo, para não pormos impedimento algum ao evangelho de Cristo. Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? - E que os que de contínuo estão junto ao altar participam do altar? Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho. Mas" — aqui a graça afirma outra vez a sua santa dignidade — "eu de nenhuma destas coisas usei e não escrevi isso para que assim se faça comigo; porque melhor me fora morrer do que alguém fazer vã esta minha glória. Porque, se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim se não anunciar o evangelho! E, por isso, se o faço de boa mente, terei prêmio; mas, se de má vontade, apenas uma dispensação me é confiada. Logo, que prêmio tenho? Que, evangelizando, proponha de graça o evangelho de Cristo, para não abusar do meu poder no evangelho" (versículos 7 a 18).

Aqui temos esta interessante e importante questão apresentada em todos os seus pormenores. O apóstolo inspirado expõe com a maior decisão e clareza a lei divina sobre este ponto. "Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho"; que assim como os sacerdotes e os levitas da antiguidade viviam das ofertas apresentadas pelo povo, do mesmo modo, agora, os que são realmente chamados por Deus, dotados por Cristo, e feitos aptos pelo Espírito Santo, para anunciar o evangelho, e que se entregam com constância e diligência a essa gloriosa obra, têm moralmente direito à manutenção temporal. Não é que devam esperar daqueles a quem pregam uma soma estipulada. Tal idéia não se encontra no Novo Testamento. O obreiro deve depender do seu Mestre e só

d'Ele para seu sustento. Ai dele se depender da Igreja ou dos homens, seja de que forma for! Os sacerdotes e levitas tinham a sua porção do Senhor, e só d'Ele. Ele era a sorte da sua herança. Decerto, Ele esperava que o povo O servisse na pessoa dos Seus servos. Disse-lhes o que deviam dar, e abençoava-os quando davam; era seu elevado privilégio bem como precioso dever dar; se tivessem recusado ou negligenciado fazer isso, teriam acarretado a seca e a esterilidade sobre os seus vinhedos (Ag 1:5-11).

Mas os sacerdotes e os levitas tinham de olhar *só* para o Senhor. Se o povo deixava de trazer as suas ofertas, os levitas tinham de correr aos seus campos e trabalhar para seu sustento. Não podiam mover uma ação contra ninguém por dízimos e ofertas; só podiam apelar para o Deus de Israel, que os havia ordenado para a obra e dado o trabalho para fazer.

Assim deve ser também agora com os servos do Senhor; devem contar *unicamente* com Ele. Devem estar bem seguros de que Ele os preparou para a obra e os chamou para ela, antes de tentarem alijar-se —por assim dizer—do meio das circunstâncias, se se entregarem inteiramente à obra da pregação. Devem desviar completamente os olhos dos homens, de todos os recursos da criatura e do apoio humano, e depender exclusivamente do Deus vivo. Temos visto as mais desastrosas conseqüências de uma atuação sob um impulso equivocado neste importante assunto; homens que não são chamados por Deus, nem aptos para a obra, abandonando as suas ocupações, e apresentando-se, segundo dizem, para viverem pela fé e se consagrarem à obra. O resultado em todos os casos é um deplorável fracasso. Alguns, quando começaram a ver as duras realidades da vereda frente a frente, alarmaram-se de tal modo que perderam, com efeito, o seu equilíbrio mental, perderam a razão por algum tempo e a paz; e outros voltaram logo outra vez para o mundo.

Em suma, é nossa profunda convicção, depois de quarenta anos de observações, que são muito poucos os casos em que é moralmente seguro e conveniente alguém abandonar o seu trabalho profissional para ir pregar o evangelho. Deve ser tão claro e indubitável para o que toma essa decisão poder dizer, como Lutero, na Dieta de Worms; "Eis aqui; não posso atuar de outro modo: Deus me ajude! Amém." Pode estar perfeitamente seguro de que Deus o susterá na obra a que o chamou e que proverá todas as suas necessidades "segundo as Suas riquezas em glórias, por Cristo Jesus" (Fp 4:19). E quanto aos homens e os seus pensamentos a seu respeito e da sua carreira, deve simplesmente mencioná-los ao seu Mestre. Não é responsável para com eles; nem jamais lhes pediu coisa alguma. Se fossem obrigados a mantê-lo, poderiam reclamar ou levantar questões; mas visto que não é assim, eles devem deixá-lo, recordando que para o seu Mestre ele está de pé ou cai.

O Apóstolo Paulo

Mas quando consideramos a esplêndida passagem de 1 Coríntios 9, vemos que o bem-aventurado apóstolo, depois de haver estabelecido, fora de toda a discussão, o seu direito a ser sustentado, o renuncia completamente. "Não usamos deste direito." Trabalhava com suas mãos noite e dia para não ser pesado ou estorvo a ninguém. "Para o que me era necessário, a mim", diz ele, "e aos que estão comigo, estas mãos me serviram" (At 20:34). De ninguém cobiçou a prata, o ouro ou o vestido. Viajava, pregava, visitava casa após casa, era o apóstolo laborioso, o ardente evangelista, o pastor diligente, tinha o cuidado de todas as igrejas. Não tinha direito ao sustento? Com certeza. Devia ter sido o gozo da Igreja de Deus suprir todas as suas necessidades. Contudo, ele nunca insistiu sobre os seus direitos; pelo contrário, renunciou a eles. Mantinha-se a si próprio e aos seus companheiros com o labor das suas mãos; e tudo isto como exemplo, conforme diz aos anciãos de Éfeso: "Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber."

Causa admiração pensar como este amado e venerando servo de Cristo, com as suas longas viagens desde Jerusalém até ao Ilírico, os seus gigantescos trabalhos como evangelista, pastor e mestre, tinha ainda tempo para trabalhar a fim de suprir as suas necessidades e as dos outros. Na verdade, ele ocupou um plano moral muito elevado. O seu caso é um testemunho permanente contra o mercenarismo em todas as formas e estilos. As alusões escarnecedoras dos infiéis aos ministros bem remunerados não lhe podiam ser, de modo algum, aplicadas. Certamente, ele nunca pregou por salário.

E, contudo, recebia com agradecimento o auxílio dos que sabiam como prestá-lo. Uma e outra vez, a amada assembleia de Filipos supriu as necessidades do seu venerado e amado pai em Cristo. Que felicidade para eles haverem feito isso! Nunca será esquecido. O doce relato da sua devoção tem sido lido por milhões, os quais têm sido confortados com o odor do seu sacrifício; está registrado no céu onde jamais se esquece coisa alguma desta espécie; sim, está gravado no íntimo do coração de Cristo. Escute-se a forma como o bem-aventurado apóstolo derrama o seu coração agradecido ante os seus filhos muito amados. "Ora, muito me regoziquei no Senhor por, finalmente, reviver a vossa lembrança de mim; pois já vos tínheis lembrado, mas não tínheis tido oportunidade. Não digo isto como por necessidade"—feliz e abnegado servo! — "porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece. Todavia, fizestes bem em tomar parte na minha aflição. E bem sabeis

também vós, ó filipenses, que, no princípio do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja comunicou comigo com respeito a dar e a receber, senão vós somente. Porque também, uma e outra vez me mandastes o necessário a Tessalônica. Não que procure dádivas, mas procuro o fruto que aumente vossa conta. Mas bastante tenho recebido e tenho abundância; cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que da vossa parte me foi enviado como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus. O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus" (Fp 4:10-19).

Que raro privilégio ser permitido confortar o coração de tão honrado servo de Cristo, no fim da sua carreira e na solidão da sua prisão em Roma! Quão oportuno, justo e belo era o ministério dos Filipenses! Que alegria receber os gratos reconhecimentos do apóstolo! E quão preciosa também a certeza de que o seu serviço havia ascendido como odor suave ao próprio trono e coração de Deus! Quem não haveria preferido ser um filipense ajudando a suprir as necessidades do apóstolo a um Coríntio levantando a questão do seu ministério, ou um gálata entristecendo o seu coração! Que imensa diferença! O apóstolo não podia receber nada da assembleia de

Corinto. O seu estado não o permitia. Alguns dessa assembleia serviram-no e o seu serviço está registrado nas páginas inspiradas, recordado também nas alturas, e será recompensado largamente no reino futuro. "Folgo, porém, com a vinda de Estéfanos, e de Fortunato, e de Acaico; *porque estes supriram o que da vossa parte me faltava*. Porque recrearam o meu espírito e o vosso. Reconheci, pois, aos tais" (I Co. 16:17,18).

Como o Mestre, assim o Servo

Assim, pois, de tudo quanto tem passado perante nós, aprendemos, da maneira mais clara, que tanto debaixo da lei como sob o evangelho, está de acordo com a vontade revelada e conforme com o coração de Deus que aqueles que são, realmente, chamados por Ele para a obra, e que se dedicam ardente e diligentemente a ela, tenham a simpatia cordial e auxílio do Seu povo. Todos os que amam a Cristo consideram com gozo um grande privilégio servi-Lo a Ele com o suprimento das necessidades dos Seus servos. Quando Ele próprio esteve na terra, aceitou com agrado a ajuda das mãos que O amavam, e que haviam colhido o fruto do Seu preciosíssimo ministério — "E algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades; Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Susana, e muitas outras que o serviam com suas fazendas" (Lc 8:2 e 3).

Ditosas, altamente privilegiadas mulheres! Que alegria puderem prover do necessário o Senhor da glória nos dias da Sua necessidade humana e da Sua humilhação! Os seus nomes honrados estão escritos nas páginas divinas de Deus o

Espírito Santo para serem lidos por incontáveis milhões, e levados pela corrente do tempo até à eternidade. Quão bom foi para essas mulheres não terem desperdiçado a sua fazenda em sua própria satisfação ou acumulado para assim entorpecer as suas almas, ou ser uma positiva maldição, como será sempre com o dinheiro se não for usado para Deus!

Mas, por outro lado, aprendemos a urgente necessidade, por parte de todos os que ocupam o lugar de obreiros, quer seja na assembléia ou fora dela, de se manterem perfeitamente livres de toda a influência humana, de toda a dependência dos homens, em qualquer forma ou aspecto. Devem tratar com Deus no secreto das suas almas, ou de contrário certamente fracassarão, mais cedo ou mais tarde. Devem confiar somente em Deus para o suprimento das suas necessidades. Se a Igreja se descuida a respeito deles, a Igreja será a que perde seriamente aqui e na eternidade. Se puderem manter-se pelo labor das suas mãos, sem terem de prejudicar diretamente o seu serviço a Cristo, tanto melhor; é, indubitavelmente, o caminho mais excelente. Estamos tão convencidos disto como da verdade de qualquer proposta que nos possa ser submetida. Nada há mais espiritual e moralmente nobre do que um servo de Cristo verdadeiramente dotado a manter-se a si e à sua família com o suor do seu rosto, e, ao mesmo tempo, entregando-se diligentemente à obra do Senhor, quer como evangelista, quer como pastor ou doutor.

O lado oposto a isto é apresentado moralmente à nossa vista na pessoa de um homem que, sem dom ou graça, ou vida espiritual, entra no que é chamado ministério como mera profissão ou meio de vida. A posição de um tal homem é moralmente perigosa e miserável em extremo. Não vamos deter-nos sobre ela, visto que não está dentro do alcance do assunto que tem estado a ocupar a nossa atenção, e nós sentimos-nos gratos por o deixar e prosseguir com o nosso capítulo.

Não Praticareis Adivinhação

"Quando entrares na terra que o SENHOR, teu Deus, te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daquelas nações. Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador de encantamentos, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, nem quem consulte os mortos, pois *todo aquele que faz tal coisa é abominação ao SENHOR*; e por estas abominações o SENHOR, teu Deus, as lança fora de diante de ti. Perfeito serás, como o SENHOR, teu Deus. Porque estas nações, que hás-de possuir, ouvem os prognosticadores e os *adivinhadores; porém a ti o Senhor, teu Deus, não permitiu tal coisa* " (*versículos 9 a 14*).

Ora, talvez que o leitor, ao ler a precedente passagem, se sinta disposto a perguntar qual a aplicação que ela pode ter aos cristãos professores. Em resposta,

perguntamos, há cristãos professos que têm o hábito de ir presenciar as sessões de bruxos, feiticeiros e necromantes? Há quem tome parte em sessões de espiritismo, nas quais as mesas se movem, invocações dos espíritos, mesmerismo ou *clarividência*?⁽¹⁾ Se assim é, a passagem que temos citado tem muito que ver claramente com todos eles. Cremos firmemente que todas estas coisas que temos nomeado são do diabo. Isto pode parecer áspero e severo; mas não podemos evitá-lo. Estamos plenamente convencidos que quando as pessoas se entregam à terrível tarefa de invocar os espíritos dos mortos, põem-se simplesmente nas mãos do diabo para serem enganadas e iludidas com as suas mentiras. Podemos perguntar, para que precisam aqueles, que têm em suas mãos uma perfeita revelação de Deus, do movimento de mesas e da invocação dos espíritos? Para nada, certamente. E, se não estão contentes com essa preciosa palavra, se voltam para os espíritos de defuntos amigos e outros, o que podem esperar senão que Deus os entregue judicialmente para serem enganados e cegados pelos espíritos mais que aparecem e personificam os mortos e dizem toda a sorte de mentiras?

⁽¹⁾ Alguns dos nossos leitores poderão opor-se ao fato de incluirmos o mesmerismo na invocação dos espíritos e o movimento de mesas. Talvez o considerem à mesma luz e o usem do mesmo modo como o éter ou o clorofórmio na prática da medicina. Não pretendemos dogmatizar sobre este ponto. Apenas podemos dizer que nada queremos ter que ver com ele. Julgamos coisa gravíssima alguém consentir em ser levado por outrem a um estado de completa inconsciência, seja para que fim for. E quanto à idéia de atender ou ser guiado Pelos delírios de uma pessoa nesse estado, apenas podemos considerá-la como totalmente absurda, senão positivamente pecaminosa.

Não intentaremos tratar plenamente deste assunto aqui; não temos tempo, nem espaço, nem inclinação para nada dessa espécie. Sentimos simplesmente que é nosso dever solene prevenir o leitor do perigo de ter alguma coisa que ver com a consulta de espíritos dos mortos. Cremos que é uma obra *perigosa*. Não entraremos na questão se as almas podem voltar a este mundo; sem dúvida, Deus pode permitir que voltem se o julgar conveniente; mas isto deixamo-lo de lado. O ponto principal que devemos ter sempre ante os nossos corações é a perfeita suficiência da revelação divina. Que necessidade temos dos espíritos dos que já partiram?— O homem rico julgava que se Lázaro voltasse à terra e falasse aos seus cinco irmãos, isso teria um grande efeito. "Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos, para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento. Disse-lhe Abraão: Eles têm Aio/sés e os *Profetas; ouçam-nos*. E disse ele: Não, Abraão meu pai, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam. Porém Abraão lhe disse: Se não *ouvem a Moisés e aos Profetas*, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite" (Lc 16:27a 31).

Aqui temos esta questão completamente estabelecida. Se as pessoas não ouvirem a Palavra de Deus, não acreditarem o que ela diz clara e solenemente

sobre si mesmas, do seu estado presente, e destino futuro, tampouco serão persuadidas ainda que mil almas voltem e lhes digam o que viram, e ouvirem, e sentiram acima no céu ou no inferno em baixo; nada produziria efeito salvador ou permanente nelas. Podia causar grande excitação, grande sensação; daria material para conversação, e encheria as colunas dos jornais em toda a parte, mas assim terminaria. As pessoas continuariam da mesma maneira com os seus negócios, a sua loucura e vaidade, a ânsia dos prazeres e própria satisfação. "Se não ouvem a Moisés e os profetas"—e nós podemos acrescentar, Cristo e os Seus apóstolos — "tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite." o coração que se não curva ante as Escrituras não se convencerá por nada; e quanto ao verdadeiro crente tem na Sagrada Escritura tudo quanto pode necessitar, e portanto não tem necessidade de recorrer ao movimento de mesas, à invocação dos espíritos ou magia. "Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram entre dentes;— não recorrerá um povo ao seu Deus? A favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos? *A lei e ao testemunho!* Se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verá a alva" (Is 8:19,20).

O Profeta Anunciado: Jesus

Eis aqui o recurso do povo do Senhor, em todo tempo e em todo lugar, e é a isto que Moisés se refere no esplêndido parágrafo que encerra o nosso capítulo. Mostra-lhes claramente que não tinham necessidade de consultar os espíritos dos mortos, os adivinhos, feiticeiros ou bruxos, os quais eram todos uma abominação ao Senhor. "O SENHOR, teu Deus, te despertará", diz ele, "um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; *a ele ouvireis*; conforme tudo o que pediste ao SENHOR, teu Deus, em Horebe, no dia da congregação, dizendo: Não ouvirei mais a voz do SENHOR, meu Deus, nem mais verei este grande fogo, para que não morra. Então, o Senhor, me disse: Bem falaram naquilo que disseram. Eis que lhes suscitarei um profeta do meio de seus irmãos, como tu, e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar. E será que, qualquer que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu nome, eu o requererei dele. Porém o profeta que presumir soberbamente de falar alguma palavra em meu nome, que eu lhe não tenha mandado falar, ou o que falar em nome de outros deuses, o tal profeta morrerá. E se disseres no teu coração: Como conheceremos a palavra que o SENHOR não falou? Quando o tal profeta falar em nome do SENHOR, e tal palavra se não cumprir, nem suceder assim, esta é palavra que o SENHOR não falou; com soberba a falou o tal profeta, não tenhas temor dele" (versículos 15 a 22).

Não podemos ter dúvidas em saber quem é este profeta, isto é, nosso adorado Senhor e Salvador Jesus Cristo. No capítulo 3 de Atos, Pedro aplica estas palavras de Moisés: "E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, o qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou

pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio. Porque Moisés disse: O Senhor, vosso Deus, levantará, dentre vossos irmãos um profeta, semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser. E acontecerá que toda alma que não escutar esse profeta será exterminada dentre o povo" (versículos 20 a 23).

Quão precioso o privilégio de ouvir um tal Profeta! E a voz de Deus falando pelos lábios do Homem Cristo Jesus—falando, não no trovão, não com fogo devorador, não pelo relâmpago, mas nessa suave voz de amor e misericórdia que desce em poder calmante sobre o coração quebrando e o espírito contrito, que cai como benigno orvalho do céu sobre a terra seca. Essa voz temo-la nas Sagradas Escrituras, essa preciosa revelação que aparece constante e poderosamente diante de nós, nos nossos estudos sobre o abençoado livro de Deuteronômio. Nunca devemos esquecer isto. A voz da Escritura é a voz de Cristo, e a voz de Cristo é a voz de Deus.

Nada mais precisamos. Se alguém se atreve a apresentar-se com alguma nova revelação, com alguma verdade nova que não consta do volume divino, temos de o julgar e a sua comunicação pelo padrão da Escritura e rejeitá-la completamente. "Não o temas." Os falsos profetas vêm com grandes pretensões, palavras altissonantes e ar de santidade. Procuram, além disso, rodear-se de uma espécie de dignidade importante e impressionante muito a propósito para enganar os ignorantes. Mas não podem afrontar o poder escrutinador da Palavra de Deus. Uma simples cláusula da Sagrada Escritura bastará para os despojar de todos os seus imponentes atavios e cortar a raiz das suas assombrosas revelações. Os que conhecem a voz do verdadeiro Profeta não escutarão a voz de nenhum outro; os que têm ouvido a voz do bom Pastor não ouvirão a voz dos estranhos.

Leitor, escute *somente* a voz de Jesus—revelada na Palavra escrita de Deus!

CAPÍTULO 19

AS CIDADES DE REFÚGIO

A Bondade e a Severidade de Deus

"Quando o SENHOR, teu Deus, desarraigar as nações, cuja terra te dará o SENHOR, teu Deus, e tu as possuíres e morares nas suas cidades e nas suas casas, três cidades separarás *no meio da tua terra* que te dará o SENHOR, teu Deus, para a possuíres. *Preparar-te-ás o caminho* e os termos da tua terra, que te fará possuir o SENHOR, teu Deus, partirás em três; e isto será *para que todo homicida se acolha ali*" (versículos 1 a 3).

Que contraste admirável de "bondade e severidade" encontramos nestas linhas! Temos o "desarraigar" das nações de Canaã por causa da sua impiedade, que se havia tornado positivamente intolerável. E, por outro lado, temos a mais comovedora manifestação da bondade divina na provisão feita a favor do homicida, no dia da sua profunda angústia, ao fugir para escapar com vida do vingador do sangue. O governo e a bondade de Deus são, desnecessário é dizer, ambos perfeitos. Há casos em que a bondade nada seria senão a tolerância de pura maldade e declarada rebelião, o que é impossível sob o governo de Deus. Se os homens julgam que, porque Deus é bom, podem continuar a pecar à vontade, descobrirão, mais cedo ou mais tarde, o seu terrível equívoco.

"Considera", diz o apóstolo, "pois, a bondade e a severidade de Deus" (Rm 11:22). Deus desarraigará certamente os malfeitores que desprezam a Sua bondade e longanimidade. Ele é tardo em irar— Se—bendito seja o Seu santo nome —, e grande em misericórdia! Suportou durante séculos as sete nações de Canaã, até que a sua maldade chegou aos próprios céus, e a própria terra a não podia suportar por mais tempo. Suportou a enorme iniquidade das cidades da campina; e se tivesse achado ao menos dez justos em Sodoma. tê-la-ia poupado por amor deles. Mas o dia da terrível vingança chegou e eles foram "cortados".

E assim será, também, em breve, com a cristandade culpada. "Também tu serás cortado." O tempo do ajuste de contas virá, e oh, que tempo de ajuste de contas será! O coração estremece ao pensar nisso, enquanto os olhos examinam e a pena traça as palavras impressionantes.

Mas, note-se como brilha a "bondade" divina nas primeiras linhas do nosso capítulo. Veja-se o cuidado cheio de graça do nosso Deus em pôr a cidade de refúgio tão acessível quanto possível ao homicida. As três cidades deviam ser *"no meio da tua terra"*. De nada serviria tê-las em ângulos distantes ou em lugares de difícil acesso. Mas havia mais: *"Preparar-te-ás o caminho"*. E também, "e os termos da tua terra... *partirás em três*". Tudo devia ser feito para facilitar a fuga do homicida. O bondoso Senhor pensou nos sentimentos do desgraçado que fugia em

busca de refúgio para se agarrar à esperança posta diante de si. A cidade de refúgio devia estar "perto", assim como "a justiça de Deus" está perto do pobre pecador quebrantado de coração — tão perto que é "aquele que *não pratica*, mas crê naquele que justifica o ímpio" (Rm. 4:5).

Existe uma suavidade especial na expressão "*preparar-te-ás o caminho*". Como isto é próprio do nosso Deus, sempre cheio de graça! — "O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo"! E, todavia, era o mesmo Deus que destruiu as nações de Canaã, em justo juízo, que assim fazia provisão misericordiosa para o homicida. "Considera pois a bondade e severidade de Deus."

"E este é o caso tocante ao homicida que se acolher ali, *para que viva*: aquele que, por erro, ferir o seu próximo, a quem não aborrecia dantes. Como também aquele que entrar com o seu próximo no bosque, para cortar lenha, e, pondo força na sua mão com o machado para cortar a árvore, o ferro saltar do cabo e ferir o seu próximo, e morrer, o tal se acolherá a uma destas cidades e viverá; para que o vingador do sangue não vá após o homicida, quando se esquentar o seu coração, e o alcance, por ser *comprido o caminho*" — *graça excelente e tocante*! — "e lhe tire a vida; porque não é culpado de morte, pois o não aborrecia dantes. Portanto, te dou ordem, dizendo: Três cidades separarás" (versículos 4 a 7).

Aqui temos a mais minuciosa descrição do homem para quem havia sido separada a cidade de refúgio. Se ele não se julgava como tal, a cidade não era para si, mas no caso afirmativo podia sentir a mais perfeita segurança de que o Deus de toda a graça havia pensado nele e disposto de um refúgio onde ele podia estar tão seguro quanto a mão de Deus podia proporcionar. Logo que o homicida se encontrava dentro do recinto da cidade de refúgio, podia respirar livremente, e gozar de calmo e suave repouso. A espada do vingador não podia alcançá-lo ali, nem um só cabelo da sua cabeça podia ser tocado.

Estava seguro; sim, perfeitamente seguro; e não só estava em segurança mas perfeitamente *certo* disso. Não esperava ser salvo, mas estava certo disso. Estava na cidade, e isso era bastante. Antes de ali entrar, podia ter muitas lutas no íntimo do seu aterrado coração, muitas dúvidas, temores e dolorosos receios. Fugia para salvar a sua vida, e isto era um assunto sério, e absorvia toda a sua atenção—um assunto de tal natureza que fazia parecer tudo mais leve e trivial. Não podemos supor que o homicida ao fugir se detivesse a colher flores à beira da estrada. "Flores!" Diria ele: "Que tenho eu que ver neste momento com flores? A minha vida está em perigo. Fujo para salvar a vida. Que sucederia se o vingador chegasse e me apanhasse a colher flores?— Não; a cidade é o meu único e absorvente objetivo; tudo o mais não tem o menor interesse ou encanto para mim; necessito pôr-me a salvo; esse é o meu único objetivo por agora."

Porém, logo que se encontrava dentro das benditas portas da cidade, estava livre, e *sabia-o*. Como sabia isso?

Por meio dos seus sentimentos? Por qualquer evidência? Por experiência? Não; simplesmente pela palavra de Deus. Sem dúvida, tinha o sentimento, a evidência e a experiência, tanto mais preciosos depois da sua terrível luta para entrar na cidade. Mas estas coisas não eram, de modo nenhum, o fundamento da sua certeza ou a base da sua paz. Sabia que estava livre, porque Deus assim lho havia dito. A graça de Deus o havia posto a *salvo*, e a *Palavra* de Deus dava-lhe a certeza disso.

Não podemos imaginar um homicida dentro dos muros da cidade de refúgio expressar-se como muitos do povo do Senhor fazem com respeito à questão de segurança e certeza da sua salvação. Não teria considerado presunção estar certo de que estava salvo. Se alguém lhe tivesse perguntado: "Estás certo de estar a salvos" "Seguríssimo!" Diria ele: "como não hei de estar seguro? Não fui um homicida? Não fugi para esta cidade de refúgio? Não deu o Senhor, o nosso Deus do concerto, a Sua palavra sobre isto? Não disse Ele, *para que viva o homicida que se acolher ali?* Sim, graças a Deus, estou perfeitamente seguro. Tive que dar uma terrível corrida, de fazer um tremendo esforço. As vezes era como se o vingador me tivesse na sua temível garra. Cheguei a considerar-me perdido; mas Deus, em Sua infinita misericórdia, mostrou-me tão claramente o caminho, e tornou o acesso à cidade tão simples para mim, que, não obstante todas as minhas dúvidas e temores, aqui estou, salvo e seguro. A luta já acabou, o conflito terminou. Agora posso respirar livremente e andar de um lado para outro em perfeita segurança neste bendito lugar, louvado o nosso bendito Deus do concerto pela Sua grande bondade em ter provido um agradável retiro para um pobre homicida como eu."

O leitor pode falar deste mesmo modo a respeito da sua segurança em Cristo? Está salvo, e sabe-o? Se não o sabe, que o Espírito de Deus possa aplicar ao seu coração a simples ilustração do homicida dentro dos muros da cidade de refúgio! Permita Deus que ele possa conhecer "a grande consolação" que é a porção certa, porque é divinamente assinalada, de todos os que põem o seu refúgio em reter "a esperança proposta" (Hb 6:18)

Devemos prosseguir agora com o nosso capítulo; e, fazendo-o, veremos que havia mais em que pensar na cidade do refúgio do que na questão da segurança do homicida. Para este havia sido feita ampla provisão, como havemos visto: mas a glória de Deus, a pureza da Sua terra, e a integridade do Seu governo tinham de ser devidamente mantidas. Se estas coisas fossem afetadas, não podia haver segurança para ninguém. Este grande princípio resplandece em todas as páginas da história dos caminhos de Deus com o homem- A verdadeira bênção do homem e a glória de Deus estão indissolivelmente ligadas, e tanto uma como a outra descansam sobre o mesmo fundamento imperecível, isto é, Cristo e a Sua preciosa obra.

Se o SENHOR Dilatar os teus Termos... Acrescentarás outras Três Cidades

"E, se o SENHOR, teu Deus, dilatar os teus termos, como jurou a teus pais, e ter toda a terra que disse daria a teus pais (quando guardares todos estes mandamentos, que hoje te ordeno, para fazê-los, amando ao SENHOR, teu Deus, e andando nos seus caminhos todos os dias), então, acrescentarás outras três cidades além destas três; *para que o sangue inocente se não derrame no meio da tua terra*, que o SENHOR, teu Deus, te dá por herança, e haja sangue sobre ti. Mas, havendo alguém que aborrece a seu próximo, e lhe arma ciladas, e se levanta contra ele, e o fere na vida, de modo que morra, e se acolhe a alguma dessas cidades, então, os anciãos da sua cidade mandarão, e dali o tirarão, e o entregarão na mão do vingador do sangue, para que morra. O teu olho o não poupará; *antes, tirarás o sangue inocente de Israel, para que bem te suceda*" (versículos 8 a 13).

Deste modo, que fosse grafa para o homicida, quer **juízo** para o assassino, a glória de Deus e os direitos do Seu governo tinham de ser devidamente mantidos. O homicida involuntário era assistido pela provisão de misericórdia; o assassino culpado caía sob a austera sentença da justiça inflexível. Nunca devemos esquecer a realidade solene do governo divino. Encontramo-la a cada passo; e se fosse mais amplamente reconhecida, nos livraria eficazmente das opiniões unilaterais a respeito do caráter divino. Tome-se como exemplo as palavras: "O teu olho o não poupará." Quem as proferiu? O Senhor. Quem as escreveu? Deus, o Espírito Santo. Que significam? Juízo solene sobre a maldade. Guarde-se o homem de tratar frivolamente tão graves assuntos. Guarde-se o povo do Senhor de dar curso a tolas opiniões a respeito de coisas inteiramente fora do seu alcance. Lembre-se de que o falso sentimentalismo pode ser encontrado constantemente em aliança com a infidelidade audaciosa pondo em dúvida os decretos solenes do governo divino. Isto é uma consideração muito séria. Os que praticam o mal devem aguardar o seguro castigo de um Deus que aborrece o pecado. Se um culpado de homicídio voluntário intentava aproveitar-se da provisão de Deus para o homicídio involuntário, a mão da justiça lançava mão dele e condenava-o à morte sem misericórdia. Tal era o governo de Deus com o antigo Israel; e assim será naquele dia que se aproxima rapidamente. Por agora, Deus trata com o mundo em longânima misericórdia; este é o dia da salvação, o tempo aceitável. O dia da vingança está perto. Oh! Se o homem, em vez de discorrer acerca da justiça, dos atos de Deus com os que praticam o mal, corresse a refugiar-se no glorioso Salvador que morreu na cruz para nos salvar das chamas de um inferno eterno! ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Para mais pormenores sobre as cidades de refúgio devemos referir ao leitor os "Estudos sobre o Livro de Números", capítulo 35.

Os Limites da Herança

Antes de citar o parágrafo final do nosso capítulo, queremos chamar a atenção do leitor para o versículo 14, no qual temos uma encantadora prova do terno

cuidado de Deus pelo Seu Povo, e do interesse cheio de graça que toma em tudo que, direta ou indiretamente, lhes diz respeito. "Não mudes o marco do teu próximo, que colocaram os antigos na tua herança, que possuíres na terra, que te dá o SENHOR, teu Deus, para a possuíres."

Esta passagem, tomada no seu pleno significado e primária aplicação, está repleta de doçura, visto que nos apresenta o coração amorável de nosso Deus, e nos mostra quão maravilhosamente Ele entra em todas as circunstâncias do Seu amado povo. Os marcos não deviam ser tocados. A porção de cada qual devia ser mantida intacta de conformidade com as linhas divisórias estabelecidas pelos que as estabeleceram nos tempos antigos. O Senhor havia dado a terra a Israel: e não só isso, mas havia destinado a cada tribo e a cada família a sua própria parte, marcada com perfeita precisão, e indicada pelos marcos tão claramente que não podia haver confusão, nem choque de interesses, nem interferências de uns com os outros, nem fundamento para pleito ou controvérsia a respeito da propriedade. Ali estavam os antigos marcos determinando a porção de cada um de maneira a evitar todo o motivo possível de disputa. Cada qual possuía a sua parte como rendeiro do Deus de Israel, que sabia tudo acerca da sua pequena propriedade, como dizemos; e cada rendeiro tinha a satisfação de saber que os olhos do benévolo e altíssimo Proprietário estavam postos na sua parcela de terra e a Sua mão sobre ela para a proteger de todos os intrusos. Desta maneira ele podia habitar em paz à sombra da sua parreira e debaixo da sua figueira, desfrutando o lote que fora assinalado pelo Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

Dissemos o bastante quanto ao sentido claro desta encantadora cláusula do nosso capítulo. Mas tem certamente também um profundo significado espiritual. Não há porventura marcos espirituais para a Igreja de Deus e para cada membro dela, assinalando, com divina exatidão, os limites da nossa herança celestial — os marcos que os antigos, os próprios apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo, assentaram? — Evidentemente, há, e Deus tem os Seus olhos postos neles, e não permitirá que sejam removidos impunemente. Ai do homem que intenta tocar-lhes; terá que dar contas a Deus por esse ato! É uma coisa grave para qualquer pessoa intrometer-se, de qualquer forma que seja, com o lugar, a porção e perspectiva da Igreja de Deus; e é de recear que muitos o estão fazendo sem darem conta disso.

Não intentaremos entrar na questão do que são estes marcos; procuramos fazer isto no nosso primeiro volume de "Estudos sobre o Livro de Deuteronômio", bem como nos outros quatro volumes da série; mas sentimos que é nosso dever avisar, da maneira mais solene, todos aqueles a quem isto possa dizer respeito, que não devem fazer o que, na Igreja de Deus, corresponde a arrancar os marcos em Israel. Se na terra de Israel alguém se tivesse adiantado para sugerir algum novo arranjo na herança das tribos, para ajustar a propriedade de cada um sobre qualquer novo

princípio, para estabelecer novas linhas divisórias, qual teria sido a resposta de todo o israelita fiel? Muito simples, podemos estar certos. Teria respondido nos termos da linguagem de Deuteronômio 19:14. Teria dito: Não queremos inovações aqui; estamos perfeitamente contentes com esses sagrados e velhos marcos que os antigos puseram na nossa herança. Estamos decididos, pela graça de Deus, a mantê-los e a resistir, com firme propósito, a qualquer inovação moderna."

Tal teria sido, cremos, a resposta imediata de todo verdadeiro membro da congregação de Israel; e certamente o crente não deveria ser menos decidido na sua resposta a todos aqueles que, sob o pretexto de progresso e desenvolvimento, querem arrancar os marcos da Igreja de Deus, e, em vez do ensino preciso de Cristo e dos Seus apóstolos, nos oferecem a chamada luz da ciência e os recursos da filosofia. Graças a Deus, não precisamos deles. Temos Cristo e a Sua Palavra; que se lhes pode acrescentará Que necessidade temos nós do progresso ou de desenvolvimento humano, quando temos "o que *era desde o princípio?* Que podem fazer a ciência ou a filosofia por aqueles que possuem" *toda a verdade?* Sem dúvida, precisamos, sim, ansiamos fazer progresso no conhecimento de Cristo; ansiamos por um mais completo e mais evidente desenvolvimento de Cristo na nossa conduta diária; mas a ciência e a filosofia não podem ajudar-nos neste sentido; não; podem apenas mostrar que são um estorvo.

Leitor crente, procuremos manter-nos perto de Cristo, perto da Sua Palavra. Esta é a nossa única salvaguarda, nestes dias sombrios e maus. Fora d'Ele, nada somos, nada temos, nada podemos fazer. N'Ele temos tudo. Ele é a porção do nosso cálice e a sorte da nossa herança. Possamos nós saber não apenas o que é estarmos salvos n'Ele, mas separados *para* Ele, e satisfeitos *com Ele*, até esse dia brilhante em que O veremos assim como Ele é, seremos semelhantes a Ele e com Ele estaremos para sempre.

O Pecado Evidenciado por Duas ou Três Testemunhas

Pouco mais temos agora a fazer do que citar os poucos versículos finais do nosso capítulo. Não precisam de comentários. Mostram a verdade a que os crentes professos, com toda a sua luz e conhecimento, bem podem prestar atenção. "Uma só testemunha contra ninguém se levantará por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual foro pecado que pecasse; pela boca de duas testemunhas ou três testemunhas, se estabelecerá o negócio" (versículo 15).

Este assunto já foi tratado. Mas nunca é de mais insistir nele. Podemos julgar a sua importância com o fato que não só Moisés, repetidas vezes, chamou para ele a atenção de Israel, mas nosso Senhor Jesus Cristo mesmo, e o Espírito Santo por intermédio do apóstolo Paulo, em duas das suas epístolas, insistem sobre o princípio de "duas ou três testemunhas", em todos os casos. Uma só testemunha, por mais digna de crédito que seja, não é suficiente para decidir o assunto. Se este fato fosse

mais clara e cuidadosamente considerado e devidamente ponderado, poria termo a muitas lutas e contendas. Em nossa imaginária sabedoria, nós poderíamos julgar que uma testemunha digna de confiança devia ser suficiente para resolver qualquer questão. Lembremos que Deus é mais sábio que nós, e que é sempre nossa maior sabedoria assim como a nossa maior segurança moral atermo-nos à Sua infalível Palavra.

"Quando se levantar testemunha falsa contra alguém, para testificar contra ele acerca de transgressão, então, aqueles dois homens, que tiverem a demanda, se apresentarão perante o SENHOR, diante dos sacerdotes e dos juízes que houver naqueles dias. E os juízes bem inquirirão; e eis que, sendo a testemunha falsa testemunha, que testificou falsidade contra seu irmão, far-lhe-eis como cuidou fazer a seu irmão; e, assim tirarás o mal do meio de ti, para que os que ficarem o ouçam e temam, e nunca mais tornem a fazer tal mal no meio de ti. O teu olho não poupará: vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé" (versículos 16 a 21).

Aqui podemos ver como Deus aborrece o testemunho falso; e, além disso, temos de recordar que, apesar de não estarmos debaixo da lei, mas debaixo da graça, o falso testemunho não é menos abominável a Deus; e certamente quanto mais profundamente vemos a graça em que nos mantemos, tanto mais intensamente aborreceremos o falso testemunho, a calúnia, e a maledicência em todas as suas formas ou aparências. Que o bondoso Senhor nos guarde de tais coisas!

O SENHOR, VOSSO DEUS, VAI CONVOSCO PARA PELEJAR POR VÓS

Algumas Considerações Gerais

"Quando saíres à peleja contra teus inimigos e vires cavalos, e carros, e povo maior em número do que tu, deles não terás temor pois o SENHOR, teu Deus, que te tirou da terra do Egito, está contigo. E será que, quando vos achegardes à peleja, o sacerdote se adiantará, e falará ao povo, e dir-lhe-á: Ouve, ó Israel, hoje vos achegais à peleja contra os vossos inimigos; que se não amoleça o vosso coração; não temais, nem tremais, nem vos aterrorizeis diante deles, pois o SENHOR, vosso Deus, é o que vai convosco, a pelejar contra os vossos inimigos, para salvar-vos" (versículos 1 a 4).

Como é maravilhoso pensar no Senhor como Guerreiro! Pense-se n'Ele pelejando contra os inimigos do Seu povo! Alguns acham que é difícil conceber, duro compreender como um Ser benévolo pudesse atuar com um tal caráter. Mas a dificuldade provém principalmente de não se distinguir a diferença entre as diferentes dispensações. Era tão compatível com o caráter do Deus de Abraão, Isaque e Jacó pelejar contra os Seus inimigos, como é com o caráter do Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo perdoá-los. E visto que é o caráter revelado de Deus que proporciona o modelo sobre o qual deve formar-se o Seu povo — o padrão sob o qual eles devem atuar, era tão compatível para Israel destruir os seus inimigos, como é para nós amá-los, orar por eles e fazer-lhes bem.

Se se tivesse sempre presente este princípio tão simples, desapareceriam muitos mal entendidos e se evitaria um grande número de discussões pouco inteligentes. Sem dúvida, é um grande erro a Igreja de Deus envolver-se em guerra. Ninguém pode ler o Novo Testamento com a mente livre de preconceitos sem ver isto. É-nos ordenado categoricamente a amar os nossos inimigos, fazer bem aos que nos aborrecem, e orar pelos que rancorosamente nos perseguem. "Mete no seu lugar a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão" (Mt 26:52). "Mete a tua espada na bainha; não beberei eu o cálice que o Pai me deu?" (Jo 18:11). Nosso Senhor disse também a Pilatos: "O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo *pelejariam os meus servos*" — seria perfeitamente natural que eles o fizessem—"...mas *agora* o meu reino não é daqui" — e portanto seria totalmente incompatível com o seu caráter, completamente impróprio, de todo mau que eles pelejassem.

Tudo isto é tão claro, que só precisamos de dizer: "Como lês *tu?*" O nosso bendito Senhor não pelejou; humilde e pacientemente submeteu-Se a toda a sorte de abusos e maus tratos; e, fazendo-o, deixou-nos o exemplo para que seguíssemos as Suas pisadas. Se, honestamente, perguntarmos: "Que faria Jesus«?", evitaremos

toda a discussão sobre este ponto, bem como sobre milhentos pontos mais. Não vale a pena raciocinar, nem há necessidade disso. Se as palavras e a conduta de nosso bendito Senhor e ensino claro do Espírito Santo, por intermédio dos Seus apóstolos, não é suficiente para nossa orientação, toda a discussão é inútil.

Mas pode perguntar-se: Que diz o Espírito Santo sobre este ponto tão importante e prático?- Escutemos as palavras preciosas, claras e terminantes: "Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; *eu recompensarei*, diz o Senhor. Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem" (Rm 12:19-21).

Estes são os formosos princípios éticos da Igreja de Deus, os princípios do reino celestial a que pertence todo o verdadeiro cristão. Teriam sido apropriados ao antigo Israel"?- Certamente que não. Imagine-se Josué tratando os cananeus segundo os princípios de Romanos 12:19 a 21! Teria sido uma contradição tão flagrante como o que será nós mesmos agirmos de acordo com o princípio de Deuteronômio 20. E por quê? Simplesmente porque nos dias de Josué Deus exercia juízo em justiça; ao passo que atualmente está tratando em graça ilimitada. E isto que faz toda a diferença. O princípio divino de ação é o magno regulador moral para o povo de Deus em todas as épocas. Se isto for visto claramente, toda a dificuldade desaparecerá, toda a discussão será terminada.

Porém, se alguém se acha disposto a perguntar: "E a respeito do mundo? Como poderia continuar sob o princípio da graça?- Poderia atuar segundo Romanos 12:19-21 ? Não; de modo nenhum. A idéia é simplesmente absurda. Tentar unir os princípios da graça com a lei das nações ou introduzir o espírito do Novo Testamento na economia e política precipitaria imediatamente a sociedade civilizada em desesperada confusão." E é aqui precisamente que muito excelentes e bem intencionadas pessoas se perdem. Querem obrigar as nações do mundo a adotar um princípio que seria destruidor da sua existência nacional. Não chegou ainda o tempo de as nações converterem as suas espadas em enxadas, e as lanças em podões, e não aprenderem mais a guerra. Esse bendito tempo virá, graças a Deus, e esta terra cheia de gemidos será cheia do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar. Mas procurar *agora* conseguir que as nações atuem segundo os princípios da paz é simplesmente pedir-lhes que deixem de existir, numa palavra, é um esforço incompreensível e inútil. Não pode ser. Não somos chamados para regular o mundo, mas para passar através dele como peregrinos e estrangeiros. Jesus não veio para estabelecer o mundo em retidão. Veio para buscar e salvar o que se havia perdido; e quanto ao mundo, testificou dele que as suas obras eram más. Virá em breve pôr as coisas em ordem. Assumirá o Seu grande poder e reino. Os reinos deste mundo virão, certamente, a ser os reinos de nosso Senhor e do Seu

Cristo. Arrojará fora do Seu reino tudo que ofende e os que operam a iniquidade. Tudo isto é uma bendita verdade; mas nós devemos aguardar o Seu tempo. De nada servirá procurarmos, por nossos ignorantes esforços, estabelecer um estado de coisas que toda a Escritura tende a demonstrar que só pode ser introduzido pela Presença pessoal e governo de nosso amado e adorado Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Para as Batalhas de Israel: O Sacerdote e o Oficial

Mas devemos prosseguir com o nosso capítulo. Israel foi chamado para travar as batalhas do Senhor. No momento em que puseram os pés na terra de Canaã, estava declarada a guerra à espada com os habitantes condenados. "Porém, das cidades destas nações, que o SENHOR, teu Deus, te dá em herança, nenhuma coisa que tem fôlego deixarás com vida" (versículo 16). Isto era claro e terminante. Os descendentes de Abraão não só deviam possuir a terra de Canaã, como haviam de ser os instrumentos de Deus na execução do Seu justo juízo sobre os habitantes culpados, cujos pecados haviam subido até ao céu, e se haviam tornado absolutamente intoleráveis.

Alguém se sente convidado a pedir desculpa pelos atos divinos para com as sete nações de Canaã? Se assim é, fique certo de que o seu trabalho é perfeitamente injustificável, de todo impróprio. Que loucura para qualquer verme da terra pensar em participar em tal obra! E que loucura, também, que alguém exija uma desculpa ou explicação! Era uma grande honra dada a Israel exterminar essas nações culpadas — uma honra da qual eles se mostraram completamente indignos, visto que deixaram de fazer o que lhes era ordenado. Deixaram vivos muitos dos que deveriam ter sido totalmente exterminados; pouparam-nos para serem os instrumentos miseráveis da sua própria ruína posterior, induzindo-os aos mesmíssimos pecados que tão estrepitosamente haviam clamado pelo juízo divino.

Mas vejamos, por uns momentos, as qualidades que eram necessárias aos que tinham de lutar nas batalhas do Senhor. Veremos como o parágrafo com que abre o nosso capítulo está pleno de preciosas instruções para nós próprios na luta espiritual que somos chamados a sustentar.

O leitor observará que o povo, ao juntar-se para a batalha, devia ser, primeiro, dirigido pelo sacerdote, e depois pelos oficiais. Esta ordem é formosa. O sacerdote adiantava-se para expor ao povo os seus *privilégios*; os oficiais chegavam e lembravam-lhes as suas santas *responsabilidades*. Tal é a ordem divina. Os privilégios vêm primeiro, e então as responsabilidades. "E será que, quando vos achegardes à peleja, o sacerdote se adiantará, e falará ao povo, e dir-lhe-á: Ouve, ó Israel, hoje vos achegais à peleja contra os vossos inimigos; que se não amoleça o vosso coração; não temais nem tremais, nem vos aterrorizeis diante deles, pois o

SENHOR, vosso Deus, é o que vai convosco, a pelejar contra os vossos inimigos, para salvar-vos" (versículos 2 a 4).

Que benditas palavras! Quão plenas de conforto e alento! Como estão eminentemente calculadas para desvanecer todo o temor e depressão de ânimo e para infundir coragem e confiança ao coração mais oprimido e desmaiado! O sacerdote era a própria expressão da graça de Deus; o seu ministério, qual corrente da mais preciosa consolação, emanava do coração do Deus de Israel para cada um dos guerreiros. As suas amorosas palavras eram apropriadas e destinadas a cingir a mente e revigorar o mais fraco braço para a luta. Ele assegurava-lhes a presença divina com eles. Não há dúvidas, nem condições, nem "ses" ou "mas". E uma afirmação sem condições. Javé Elohim estava com eles. Isto era certamente bastante. Não importava, de modo nenhum, quantos e quão poderosos eram os seus inimigos; seriam todos como a pragana ante o redemoinho na presença do SENHOR dos Exércitos de Israel.

Mas tinham de escutar *os oficiais* assim como o *sacerdote*. "Então, os oficiais falarão ao povo, dizendo: Qual é o homem que edificou casa nova e ainda a não consagrou? Vá e torne-se à sua casa, para que, porventura, não morra na peleja, e algum outro a consagre. E qual é o homem que plantou uma vinha e ainda não logrou fruto dela? Vá e torne-se à sua casa, para que, porventura, não morra na peleja, e algum outro o logre. E qual é o homem que está desposado com alguma mulher e ainda a não recebeu? Vá e torna-se à sua casa, para que, porventura, não morra na peleja e algum outro homem a receba. E continuarão os oficiais a falar ao povo, dizendo: Qual é o homem medroso e de coração tímido? Vá e torne-se à sua casa, para que o coração de seus irmãos se não derreta como o seu coração. E será que, quando os oficiais acabem de falar ao povo, então, designarão os maioraes dos exércitos para a dianteira do povo" (versículos 5 a 9).

Vemos assim que havia duas coisas absolutamente essenciais para todos os que queriam batalhar as batalhas do Senhor, isto é: um coração completamente desembaraçado das coisas da natureza e da terra, e uma intrépida confiança em Deus. "Ninguém que milita se embaraça com negócios desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra" (2 Tm. 2:4). Existe uma diferença substancial entre estar *ocupado nos negócios* desta vida, e ser *embaraçado* por eles. Um homem podia ter tido uma casa, uma vinha, a esposa, e contudo estar apto para a batalha. Estas coisas não eram, em si, um impedimento; mas colocá-las debaixo de tais condições, que as convertiam em enredos, era o que tornava um homem incapaz para a guerra.

As Batalhas do Cristão

Bom é recordar isto. Nós, como cristãos, somos chamados para manter uma constante guerra espiritual. Temos de lutar por cada polegada de terreno celestial.

O que os cananeus eram para Israel, são para nós os espíritos malignos nos lugares celestiais. Não somos chamados para lutar pela vida eterna; já a obtivemos como dom de Deus, antes de começarmos a lutar. Não somos chamados para lutar pela salvação; estamos salvos antes de entrar em combate. E muito necessário saber por que havemos de lutar, e contra quem temos de combater. O objetivo com que lutamos é manter e mostrar praticamente a nossa posição celestial e o nosso caráter no meio das circunstâncias e cenas da vida humana, dia após dia. E, por outro lado, quanto aos nossos inimigos espirituais, são espíritos malignos que, durante o tempo presente, são autorizados a ocupar os lugares celestiais. "Porque não temos que lutar contra carne e sangue" — como Israel tinha de fazer em Canaã —, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais" (Ef 6:12).

Ora, a questão é esta: que necessitamos nós para prosseguir uma luta como esta? Devemos abandonar as nossas ocupações legais na terra? Devemos separar-nos das relações baseadas na natureza e confirmadas por Deus? E preciso que nos tornemos ascéticos, místicos ou monges a fim de levarmos por diante a luta espiritual a que somos chamados? De modo nenhum: para um cristão, fazer qualquer destas coisas seria, por si mesma, uma prova de que se havia enganado por completo da sua vocação, ou que tinha, logo no começo, caído na batalha. Somos imperativamente exortados a fazer com as nossas mãos o que é bom, a fim de podermos ter que dar ao necessitado. E não só isto, senão que temos, nas páginas do Novo Testamento, a mais ampla instrução quanto à maneira de nos conduzirmos nas diversas relações naturais que Deus mesmo tem estabelecido e nas quais tem posto o selo da Sua aprovação. Por isso é perfeitamente claro que as ocupações terrenas e os graus de parentesco não são, em si mesmos, um obstáculo a conduzirmos com êxito a luta espiritual.

Portanto, de que necessita o guerreiro cristão? Um coração completamente *desembaraçado* das coisas terrenas e naturais; e uma inconfundível confiança em Deus. Mas como hão de estas coisas ser mantidas? Escutemos a resposta divina. "Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau" — isto é, todo o tempo compreendido desde a cruz à vinda de Cristo — "e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da *justiça*, e calçados os pés na preparação do evangelho da *paz*; tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus, orando em todo tempo, com toda oração e súplica no Espírito e vigiando nisso com toda perseverança e súplica por todos os santos" (Ef 6:13-18).

Prezado leitor, notemos os requisitos de um guerreiro cristão, como aqui nos são apresentados pelo Espírito Santo. Não se trata da questão de uma casa, uma

vinha ou da esposa, mas de ter o homem interior dirigido pela "verdade"; a conduta exterior caracterizada Pela "justiça prática"; os costumes e hábitos morais caracterizados pela doce "paz" do evangelho; o homem completo sob o impenetrável escudo da "fé"; o entendimento guardado pela absoluta certeza da "salvação"; e o coração continuamente mantido e fortalecido pelo Poder da oração e súplicas; e conduzido em sincera intercepção por todos os santos e especialmente pelos amados obreiros do Senhor e do seu abençoado trabalho. Este é o modo em que o Israel espiritual de Deus há de ser equipado para a luta que é chamado a empreender contra os espíritos malignos nos lugares celestiais. Que o Senhor, em Sua infinita bondade, torne estas coisas bem reais na experiência das nossas almas e na vida prática, dia após dia!

Os Princípios que Deviam Nortear os Israelitas nas suas Guerras

O final do nosso capítulo contém os princípios que deviam reger Israel nas suas lutas. Deviam distinguir cuidadosamente entre as cidades que se achavam muito afastadas e as que pertenciam às sete nações condenadas. As primeiras deviam começar por lhes fazer propostas de paz. Pelo contrário, com as últimas não deviam aceitar, de modo nenhum, condições de paz. "Quando te achegares a alguma cidade a *combatê-la, apregoar-lhe-ás a paz*" — um método maravilhoso de lutar! — "E será que, se te responder em paz e te abrir, todo o povo que se achar nela te será tributário e te servirá. Porém, se ela não fizer paz contigo, mas, antes, te fizer guerra, então, a sitiáras. E o SENHOR, teu Deus, a dará na tua mão; e todo varão que houver nela passarás ao fio da espada" — como expressão positiva da energia do mal. — "Salvo somente as mulheres, e as crianças, e os animais; e tudo o que houver na cidade, todo o seu despojo" — tudo que pudesse ser usado ao serviço de Deus e do Seu povo — "tomarás para ti; e comerás o despojo dos teus inimigos, que te deu o SENHOR, teu Deus. Assim farás a todas as cidades que estiverem mui longe de ti, que não forem das cidades destas nações."

A carnificina indiscriminada e a destruição total não faziam parte da tarefa de Israel. Se algumas cidades estavam dispostas a aceitar as condições de paz, tinham o privilégio de se tornar tributárias do povo de Deus; e, quanto às cidades que não queriam aceitar a paz, tudo dentro das suas muralhas que podia ser utilizado devia ser conservado.

Existem coisas na natureza e coisas na terra que são suscetíveis de ser usadas para Deus, são santificadas pela Palavra de Deus e a oração. É dito que devemos fazer amigos das riquezas da injustiça, para que quando falharmos nos possam receber nas moradas eternas; o que quer dizer simplesmente que se as riquezas deste mundo caírem nas mãos de um cristão, ele deve diligente e fielmente usá-las no serviço de Cristo; deve distribuí-las liberalmente aos pobres, e a todos os obreiros do Senhor necessitados; em suma, deve pô-las de toda maneira justa e

prudente à disposição do incremento de todos os ramos da obra do Senhor. Deste modo, as próprias riquezas que, de outra maneira, podiam tornar-se nas suas mãos em pó, ou entorpecer a sua alma, produzirão fruto precioso que servirá para proporcionar uma entrada franca no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Muitas pessoas parece encontrarem consideráveis dificuldades em Lucas 16:9; porém, o seu ensino é tão claro e poderoso como é praticamente importante. Encontramos instruções semelhantes em 1 Timóteo 6: "Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos; que façam o bem, enriqueçam em boas obras, *repartam de boa mente*; e sejam comunicáveis que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna" ⁽¹⁾. A mais pequena importância que direta e simplesmente gastamos por Cristo será posta diante de nós mais tarde. Este simples pensamento, embora não deva ser, de modo nenhum, um motivo fundamental, pode muito bem animar-nos a dedicar tudo quanto temos e tudo que somos ao serviço de nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo.

⁽¹⁾ Poderá interessar talvez ao leitor saber que a passagem de 1 Timóteo 6:19 deveria ler-se: "Que lancem mão da vida em sinceridade" ou realidade. A única vida verdadeira é viver para Cristo; viver à luz da eternidade; usar tudo quanto possuímos para o engrandecimento da glória de Deus e com vista às mansões eternas. Isto, e somente isto, é verdadeira vida.

Tal é o ensino claro de Lucas 16 e 1 Timóteo 6; procuremos entendê-lo. A expressão "vos recebam eles nos tabernáculos eternos" quer dizer simplesmente que o que é gasto por Cristo será recompensado no dia que se aproxima. Até mesmo um copo de água fresca dada em Seu precioso nome terá a sua segura recompensa no Seu reino eterno! Oh, gastar e ser gastado por Ele!

Mas devemos encerrar esta parte citando as poucas linhas finais do nosso capítulo, nas quais temos uma formosíssima ilustração do modo como o nosso Deus atende os assuntos mais pequenos, e do Seu cuidado bondoso para que nada seja perdido ou estragado. "Quando sitiastes uma cidade por muitos dias, pelejando contra ela para a tomar, não destruirás o seu arvoredo, metendo nele o machado, porque dele comerás; pelo que o não cortarás (pois o arvoredo do campo é o mantimento do homem), para que sirva de tranqueira diante de ti. Mas as árvores que souberes que não são árvores de comer, destruí-las-ás e cortá-las-ás; e contra a cidade que guerrear contra ti edificarás baluartes, até que esta seja derribada" (versículos 19 e 20).

"Para que nada se perca", são as próprias palavras do nosso Mestre —palavras que deveríamos ter sempre presentes na memória. "Toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar" (1 Tm 4:4). Devemo-nos guardar escrupulosamente de

desperdício descuidado de qualquer coisa que possa ter utilidade para uso humano. Os que têm a responsabilidade do serviço doméstico devem prestar atenção especial a este assunto. Causa pena, às vezes, presenciar o pecaminoso desperdício de alimentos necessários à criatura humana. Muitas coisas são deitadas fora como restos que podiam proporcionar uma boa refeição a uma família necessitada. Se alguma criada cristã ler estas linhas, rogamos-lhe, sinceramente, que medite neste assunto na presença divina, e que jamais consinta que se desperdice a mais pequena porção do que pode ser utilizado em benefício do homem. Podemos estar seguros de que desperdiçar qualquer coisa criada por Deus é desagradável aos Seus olhos. Recordemos que os Seus olhos estão postos em nós. Que o nosso desejo sincero seja ser-Lhe agradáveis em toda a nossa maneira de proceder.

A INVESTIGAÇÃO DE UM HOMICÍDIO

"Quando na terra que te der o SENHOR, teu Deus, para possuí-la se achar algum morto, caído no campo, sem que se saiba quem o matou, então, sairão os teus *anciãos* e os teus *juizes*"—os guardiões dos direitos da verdade e da justiça — "e medirão o espaço até às cidades que estiverem em redor do morto. E na cidade mais chegada ao morto, os anciãos da mesma cidade tomarão uma bezerra da manada, que não tenha trabalhado nem tenha puxado com o jugo. E os anciãos daquela cidade trarão a bezerra a um vale áspero, que nunca foi lavrado nem semeado; e ali, naquele vale, degolarão a bezerra. Então, se achegarão os sacerdotes, filhos de Levi" — os expoentes da graça e misericórdia—" (pois o SENHOR, teu Deus, os escolheu para o *servirem*, e para *abençoarem* em nome do SENHOR; e pelo seu dito, se determinará toda demanda e toda ferida)"—fato bendito e confortante! — "E todos os anciãos da mesma cidade, mais chegados ao morto, lavarão as suas mãos sobre a bezerra degolada no vale, e protestarão, e dirão: As nossas mãos não derramaram este sangue, e os nossos olhos o não viram. Sê propício ao teu povo Israel, que tu, ó SENHOR, resgataste, e não ponhas o sangue inocente no meio do teu povo Israel. E aquele sangue lhes será expiado. Assim, tirarás o sangue inocente do meio de ti, pois farás o que é reto aos olhos do SENHOR" (versículos 1 a 9).

Uma passagem muito interessante e sugestiva da Sagrada Escritura está agora ante os nossos olhos e requer a nossa atenção. Um pecado é cometido, um homem é encontrado morto no campo; mas ninguém sabe nada acerca do caso, ninguém pode dizer se é um homicídio ou assassinato, ou quem cometeu aquela morte. Está absolutamente fora do alcance do conhecimento humano. E, todavia, o fato é inegável. Cometeu-se pecado, e permanece como uma mancha na terra do Senhor, e o homem é absolutamente incapaz de tratar dele.

Que há de então fazer-se? A glória de Deus e a pureza da Sua terra devem ser mantidas. Ele sabe tudo sobre o assunto, e só ele pode tratá-lo como deve ser; e na verdade a Sua maneira de tratar dele está cheia do mais precioso ensino.

Antes do mais, os anciãos e juizes aparecem em cena. Os direitos da verdade e da justiça devem ser perfeitamente mantidos. Isto é uma verdade fundamental em toda a Palavra de Deus. O *pecado* tem de ser julgado, antes de os *pecados* poderem ser perdoados, ou o pecador justificado. Antes de poder ser ouvida a voz celestial de misericórdia, a justiça tem de ser perfeitamente cumprida, o trono de Deus justificado e o Seu nome glorificado. A graça reina em justiça. Bendito seja Deus que é assim! Que verdade gloriosa para todos os que têm tomado o seu verdadeiro

lugar como pecadores! Deus tem sido glorificado quanto à questão do pecado, e portanto pode, em perfeita justiça, perdoar e justificar o pecador.

Porém, temos de nos limitar simplesmente à interpretação da passagem exposta; e, fazendo-o, encontraremos nela uma observação maravilhosa do futuro de Israel. Com efeito, a grande verdade da expiação é apresentada; mas especialmente a respeito de Israel. A morte de Cristo vê-se aqui nos seus dois grandes aspectos, isto é, como a expressão da culpa do homem, e a manifestação da graça de Deus: no primeiro aspecto temo-la representada no homem encontrado morto no campo; no segundo na bezerra sacrificada no vale áspero. Os anciãos e os juizes buscavam a cidade mais próxima do morto, e nada podia valer senão o sangue de uma vítima sem mancha—o sangue d Aquele que foi sacrificado na cidade culpada de Jerusalém.

O leitor notará, com muito interesse, que no momento em que os direitos da justiça eram satisfeitos pela morte da vítima, um novo elemento era introduzido na cena. "Então, se achegarão os sacerdotes, filhos de Levi." Isto é graça atuando sobre a base bendita da justiça. Os sacerdotes são os canais da graça, assim como os juizes são os guardiões da justiça. Quão perfeita e formosa é a Escritura em cada página, cada parágrafo, cada sentença! Os ministros da graça só podiam apresentar-se depois de o sangue ter sido derramado. A bezerra decapitada no vale alterava por completo o aspecto das coisas. "Então, se achegarão os sacerdotes, filhos de Levi, (pois o SENHOR, teu Deus, os escolheu para o servirem, e para abençoarem em nome do SENHOR; e pelo seu dito"—fato bendito para Israel! Fato bendito para todo o verdadeiro crente — "se determinará *toda demanda e toda ferida.*" Tudo há de estabelecer-se sobre o glorioso e eterno princípio da graça reinando em justiça.

Deste modo tratará Deus com Israel mais tarde. Não devemos intentar intrometer-nos com a aplicação primária de todas essas surpreendentes instituições que nos damos conta neste profundo e maravilhoso livro de Deuteronomio. Sem dúvida, encerra lições para nós — lições preciosas; mas podemos estar seguros de que o verdadeiro modo de apreciar e entender essas lições é procurar o seu verdadeiro e próprio alcance. Por exemplo, quão precioso e pleno de consolação é o fato de que é pela palavra do ministro da graça que toda demanda e toda ferida se determinará, para Israel arrependido dentro em pouco, e para toda a alma arrependida agora! Perdemos alguma coisa da profunda bênção de tais coisas ao ver e reconhecer a própria aplicação da Escriturai Decerto que não; longe disto, o verdadeiro segredo de aproveitar com qualquer passagem especial da palavra de Deus é entender o seu verdadeiro alcance e propósito.

"E todos os anciãos da mesma cidade, mais chegados ao morto, lavarão as suas mãos sobre a bezerra degolada no vale" ⁽¹⁾. "Lavo as minhas mãos na inocência; e assim andarei, SENHOR, ao redor do teu altar" (SI 26:6). O verdadeiro lugar para lavarmos as nossas mãos é onde o sangue da expiação expiou para sempre a nossa

culpa. "E protestarão, e dirão: As nossas mãos não derramaram este sangue, e os nossos olhos o não viram. Sê propício ao teu povo Israel, que tu, ó SENHOR, resgataste, e não ponhas o sangue inocente no meio do teu povo Israel. E aquele sangue lhes será expiado."

⁽¹⁾ Quão cheia de poder sugestivo é a figura do "vale"! Com quanta propriedade expõe o que este mundo em geral, e a terra de Israel em particular, foi para nosso bendito Senhor e Salvador! Certamente, foi um lugar escabroso para Ele, um lugar de humilhação, uma terra seca e sedenta, um lugar que nunca havia sido tratado ou semeado. Mas, toda a homenagem Lhe seja prestada, por Sua morte, em este vale! Ele obteve para este mundo e para a terra de Israel uma rica colheita de bênção que será recolhida durante o período do milênio para pleno louvor do amor redentor. E até mesmo agora, Ele, desde o trono da Majestade celestial, e nos, em espírito Consiigo, podemos volver os olhos para esse vale como o lugar onde foi consumada a bendita obra que forma o fundamento imperecível da gloria de Deus, da bênção da Igreja, da restauração plena de Israel, do gozo de 'numeráveis nações e da gloriosa redenção desta geração de gemidos.

"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc. 23:34). "Ressuscitando Deus a seu Filho Jesus, primeiro o enviou a vós, para que nisso vos abençoasse, e vos desviasse, a cada um, das vossas maldades" (At 3:26). Assim, todo o Israel será salvo dentro em breve, conforme os eternos designios de Deus, e em cumprimento da sua promessa e juramento a Abraão, retificada e eternamente estabelecida pelo precioso sangue de Cristo, ao Qual seja honra e louvor para sempre!

Os versículos 10 a 17 tratam, de um modo muito especial, do parentesco do Senhor com Israel. Não nos deteremos sobre o assunto aqui. O leitor encontrará numerosas referências a este assunto nas páginas dos profetas, nas quais o Espírito Santo faz os mais comovedores apelos à consciência da nação—apelos fundados no fato maravilhoso do parentesco a que Ele os havia trazido a Si mesmo, mas no qual eles haviam tão lamentável e assinaladamente fracassado. Israel demonstrou ser uma esposa infiel, e, como consequência disso, foi posta de lado. Mas o tempo virá em que este povo por tanto tempo rejeitado, mas nunca esquecido, não será apenas restabelecido, mas levado a um estado de bem-aventurança, privilégio e glória como jamais foi conhecido no passado.

Isto não deve, nem por um momento, ser perdido de vista nem posto de lado. Corre como uma brilhante linha de ouro através das Escrituras proféticas desde Isaías a Malaquias; e o encantador tema é retomado e desenrolado no novo Testamento. Veja-se por exemplo a brilhante passagem que é apenas uma de entre cem: "Por amor de Sião, me não calarei e, por amor de Jerusalém, me não aquietarei, até que saia a sua justiça como um resplendor, e a sua salvação, como uma tocha acesa. E as nações verão a tua justiça, e todos os reis a tua glória; e chamar-te-ão por um nome novo, que a boca do SENHOR nomeará. E serás uma coroa de glória na mão do SENHOR, e um diadema real na mão do teu Deus. Nunca mais te chamarão Desamparada, nem a tua terra se denominará jamais Assolada; mas chamar-te-ão: Hefzibá [nela está o meu deleite]; e à tua terra: Beulá

[desposada], porque o SENHOR se agrada de ti; e com a tua terra o senhor se casará. Porque, o como o mancebo se casa com a donzela, assim teus filhos se casarão contigo; e, como o noivo se alegra com a noiva, assim se alegrará contigo o teu Deus. O Jerusalém! Sobre os teu muros pus guardas, que todo o dia e toda a noite contigo se não calarão; ó vós que fazeis menção do SENHOR, não haja silêncio em vós, nem estejais em silêncio, até que confirme e até que ponha a Jerusalém por louvor na terra. Jurou o SENHOR pela sua mão direita e pelo braço da sua força: Nunca mais darei o teu trigo por comida aos teus inimigos, nem os estranhos beberão o teu mosto, em que trabalhaste. Mas os que o ajuntarem o comerão e louvarão ao SENHOR; e os que o colherem beberão nos átrios do meu santuário... eis o que o SENHOR fez ouvir até às extremidades da terra: Dizei à filha de Sião: Eis que tua salvação vem; eis que com ele vem o seu galardão, e a sua obra e diante dele. E chamar-lhes-ão povo santo remidos do SENHOR; e tu serás chamada a Procurada cidade não desamparada" (Is 62).

Intentar desviar esta sublime e gloriosa passagem do seu próprio objeto e aplicá-la à Igreja cristã, quer seja na terra, quer seja no céu, é fazer positivamente violência à Palavra de Deus, e introduzir um sistema de interpretação inteiramente destruidor da integridade da Sagrada Escritura. A passagem que acabamos de transcrever com intenso deleite espiritual, aplica-se única e literalmente a Sião, a Jerusalém, no sentido literal, à terra de Israel. Procure o leitor entender e compenetrar-se bem deste fato.

Quanto à Igreja, a sua posição na terra é a de uma virgem desposada, não a de uma mulher casada. As suas bodas terão lugar no céu (Ap. 19:7-8). Aplicar à Igreja passagens como a anterior, é alterar inteiramente a sua posição e negar as mais claras afirmações da Escritura quanto à sua chamada, a sua porção e a sua esperança, as quais são puramente celestiais.

O Filho Contumaz e Rebelde

Os versículos 18 a 21 do nosso capítulo referem-se ao caso de "um filho contumaz e rebelde". Aqui temos outra vez Israel visto de um outro ponto de vista. É a geração apóstata para a qual não há perdão. "Quando alguém tiver um filho contumaz e rebelde, que não obedecer à voz de seu pai e à voz de sua mãe, e, castigando-o eles, lhes não der ouvidos, então, seu pai e sua mãe pegarão nele, e o levarão aos anciãos da sua cidade, e à porta do seu lugar; e dirão aos anciãos da sua cidade: Este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz; é um comilão e beberrão. Então todos os homens da sua cidade o apedrejarão com pedras, até que morra; e tirarás o mal do meio de ti, para que todo o Israel o ouça e tema."

O leitor poderá, com muito proveito, comparar a ação da lei e do governo, no caso do filho rebelde, com a encantadora e familiar parábola do filho pródigo, em

Lucas 15.0 espaço de que dispomos não permite determo-nos sobre ele, por muito que gostaríamos de o fazer. E maravilhoso pensar que é o mesmo Deus que fala e atua em Deuteronomio 21 e em Lucas 15. Mas, ah, como é diferente a ação! Como é diferente o estilo! Debaixo da lei, o pai é convidado a pegar no filho e levá-lo para ser apedrejado. Sob a graça, o pai corre ao encontro do filho que regressa; lança-se ao seu pescoço e beija-o; veste-o com o melhor vestido, põe um anel no seu dedo e sapatos em seus pés; manda matar o bezerro cevado; senta-o à mesa consigo, e faz ressoar a casa com o gozo que enche o seu coração devido ao regresso do pobre vagabundo pródigo.

Que estupendo contraste! Em Deuteronomio 21 vemos *a mão de Deus*, em justo governo, executar o juízo sobre o rebelde. Em Lucas 15 vemos *a coração de Deus* derramar-se, em comovedora ternura, sobre o pobre arrependido, dando-lhe a doce certeza de que sente profundo júbilo com o regresso do filho que se havia perdido. O rebelde contumaz encontra o juízo por apedrejamento; o penitente que regressa encontra o beijo de amor.

Terminaremos esta parte do livro chamando a atenção do leitor para o versículo final do capítulo. O apóstolo inspirado refere-se a ele de um modo notável em capítulo 3 de Gálatas. "Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro."

Esta referência está cheia de interesse e valor, não só porque nos apresenta a graça preciosa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, fazendo-Se maldição por nós, para que a bênção de Abraão pudesse chegar até nós, pobres gentios, mas porque nos proporciona um exemplo assombroso do modo como o Espírito Santo põe o Seu selo nos escritos de Moisés, de um modo geral, e em particular em Deuteronomio 21. A Escritura permanece no seu conjunto de um modo tão perfeito que se uma parte é tocada fica manchada a sua integridade. O mesmo Espírito move-Se nos escritos de Moisés, nas páginas dos profetas, nos quatro evangelistas, nos Atos, nas epístolas apostólicas, gerais e particulares, e na profundíssima e preciosa parte que encerra o Volume divino. Cremos ser nosso dever sagrado (assim como é, certamente, nosso elevado privilégio) dar ênfase a este importante fato junto de todos aqueles com quem entramos em contato; e queremos rogar sinceramente ao leitor que lhe preste a sua mais viva atenção a fim de o guardar e dar testemunho dele, nestes dias de relaxamento carnal, fria indiferença e positiva hostilidade.

DECRETOS QUE DETERMINAM DIVERSOS ASPECTOS DA VIDA DO HOMEM

A Perversão do Coração Humano

A parte do livro cujo estudo agora começamos, embora não exija uma exposição elaborada, ensina-nos, contudo, duas lições práticas muito importantes. Em primeiro lugar, muitas das instituições e ordenanças expostas nela demonstram e ilustram de uma maneira notável a terrível depravação do coração humano. Mostram-nos, com inequívoca clareza, o que o homem é capaz de fazer, se for abandonado a si mesmo. Devemos recordar sempre, na proporção em que lemos alguns parágrafos desta parte de Deuteronômio, que Deus e o Espírito Santo os ditou. Nós, em nossa imaginária sabedoria, sentimo-nos talvez dispostos a perguntar por que razão foram escritos. E possível que sejam inspirados pelo Espírito Santo?— E que valor podem ter para nós? Se foram escritos para nosso ensino, então que vamos aprender neles?

A nossa resposta a tais perguntas é, ao mesmo tempo, simples e direta, a saber: as próprias passagens que menos podíamos esperar encontrar nas páginas inspiradas ensinam-nos, de um modo especial, a matéria moral de que somos formados, e os abismos morais em que somos capazes de cair. E não será isto de grande importância? Não é conveniente ter um fiel espelho posto ante os nossos olhos no qual podemos ver todo o rasgo moral, toda a forma e toda a linha perfeitamente refletidos? Com certeza. Ouvimos falar muito da dignidade da natureza humana, e muitos encontram dificuldade em admitir que são realmente capazes de cometer alguns dos pecados proibidos nesta parte, como em outras partes do Volume divino. Mas podemos estar certos de que quando Deus nos manda não cometer este ou aquele pecado particular, é porque somos, realmente, capazes de o cometer. Isto está fora de toda a discussão. A sabedoria divina nunca levantaria um dique se não houvesse uma corrente a sustar. Não haveria necessidade de dar ordem a um anjo para não furtar; mas o homem tem o furto em sua própria natureza, e por isso se lhe impõe o mandamento. E da mesma forma em todas as outras coisas proibidas; a proibição demonstra a tendência para as praticar—prova-a incontestavelmente. Ou havemos de admitir isto ou aceitar a blasfêmia de que Deus tem falado de uma maneira inútil.

Mas poderá dizer-se, e é dito por muitos, que conquanto alguns perversos exemplares da humanidade pecaminosa sejam capazes de cometer alguns dos pecados abomináveis proibidos na Escritura, nem todos o são. Ouçamos o que o Espírito Santo diz, no capítulo 17 do profeta Jeremias: "Enganoso é o *coração* mais do que todas as coisas, e perverso." De que coração fala Ele? E o coração de algum

atroz criminoso, ou de algum indisciplinado selvagem? De modo nenhum; é do coração humano, do coração do escritor e do leitor destas linhas.

Ouçamos também o que nosso Senhor Jesus Cristo diz sobre este assunto. "Porque *do coração* procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, prostituições, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias" (Mt 15:19). De que coração?— E do coração de algum miserável, horrivelmente depravado e abominável, de todo impróprio para comparecer na sociedade decente? Não, por certo; é do coração humano, do coração do autor e do leitor destas linhas.

Não esqueçamos isto; é uma verdade salutar para todos nós. Devemos ter presente o fato de que se Deus retirasse a Sua graça, por um só momento, não haveria iniquidade em que não fôssemos capazes de nos lançar; na verdade, podemos acrescentar—e fazemo-lo com profunda gratidão—que é a Sua mão cheia de graça que nos preserva, a cada momento, de nos convertemos em um completo fracasso físico, mental, oral e espiritualmente, em todas as circunstâncias. Tenhamos isto sempre presente em todos os pensamentos do nosso coração, a fim de podermos andar em humildade e vigilância apoiando-nos no único braço que nos pode sustentar e preservar!

Os Decretos — Testemunho dos Cuidados de Deus para com seu Povo

Mas, como havemos dito, há outra lição importante que se aprende com esta parte do nosso livro. Ensina-nos, de um modo que lhe é peculiar, a forma maravilhosa como Deus cuidava de tudo quanto se relacionava com o Seu povo. Nada escapava à Sua graciosa atenção. Nada era demasiado trivial para o Seu terno cuidado. Nenhuma mãe poderia ser mais cuidadosa dos hábitos e maneiras do seu filhinho do que o Todo-poderoso, Criador e Governador moral do universo, era quanto aos mais minuciosos pormenores relacionados com a vida diária do Seu povo. De dia e de noite, acordados ou a dormir, em casa ou fora de casa, cuidava deles. O seu vestuário, o seu alimento, os seus costumes e conduta de uns para com os outros, a maneira como deviam edificar as suas casas, o modo como deviam lavar e semear a sua terra, como deviam conduzir-se no mais íntimo da sua vida pessoal—a tudo atendia e provia de uma maneira tal que nos enche de admiração, amor e louvor. Podemos ver aqui, da maneira mais notável, que, para o nosso Deus, não há nada demasiado pequeno para não tomar nota do que diz respeito ao Seu povo. Toma interesse terno, amoroso, paternal e pormenorizado de tudo que lhes diz respeito. Causa assombro ver o Deus Altíssimo, o Criador dos confins da terra, o Sustentador do vasto universo, condescendendo legislar sobre o assunto de um ninho de uma avezinha. E, todavia, porque haveremos de ficar admirados quando sabemos que para Ele é o mesmo prover o necessário para um pardal ou alimentar diariamente milhões de seres humanos?

Porém, havia um fato importante que todo membro da congregação de Israel tinha de recordar sempre, isto é: a presença divina no meio deles. Este fato devia reger os seus hábitos mais privados e caracterizar todos os seus caminhos. "Porquanto o SENHOR, teu Deus, anda no meio do teu arraial, para te livrar e entregar os teus inimigos diante de ti; *feio que o teu arraial será santo*, para que ele não veja coisa feia em ti e se torne atrás de ti" (Dt. 23:14).

Que precioso privilégio ter o Senhor andando no meio deles! Que motivo para pureza da conduta e refinada delicadeza em seus costumes pessoais e domésticos! Se Ele estava no meio deles para lhes assegurar a vitória sobre os seus inimigos, estava também ali para exigir santidade de vida. Não deviam esquecer, nem por um momento, a augusta pessoa que andava no meio deles. Podia o pensamento deste fato afigurar-se enfadonho para alguém? Só aos que não amavam a santidade, a pureza e a ordem moral. Todo o verdadeiro israelita se comprazia em pensar que habitava entre eles Aquele que não podia tolerar nada que não fosse santo, decoroso e puro.

O Espírito Santo Habita em nós

O leitor cristão não perderá nada em alcançar a força moral e a aplicação deste princípio. E nosso privilégio ter Deus, o Espírito habitando em nós individual e coletivamente. Assim lemos, em 1 Coríntios 6:19. "Ou não sabeis que *o nosso corpo* é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?" Isto é individual. Cada crente é um templo do Espírito Santo, e esta gloriosa e preciosa verdade é o fundamento da exortação feita em Efésios 4:30: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção."

Quão importante é termos isto sempre presente nos pensamentos dos nossos corações! Que poderoso motivo moral para cultivarmos diligentemente a pureza de coração e santidade de vida! Quando somos tentados a ceder a qualquer corrente de pensamento ou sentimento perverso, qualquer maneira indigna de falar, ou qualquer linha imprópria de conduta, que corretivo mais poderoso se encontra na realização do fato bendito de que o Espírito Santo habita em nosso corpo como o Seu templo! Se tão-somente pudéssemos ter isto sempre presente em nossa mente, isso nos guardaria de muitos pensamentos de desvario, de muitas expressões néscias, muitos atos impróprios.

Porém, o Espírito Santo não só habita em cada crente individualmente como na Igreja coletivamente. "Não sabeis vós que *sois o templo de Deus*, e que o Espírito de Deus habita *em vós?*" (1 Co 3:16).

É sobre este fato que o apóstolo baseia a sua exortação em 1 Tessalonicenses 5:9: "Não *extingais* o Espírito." Quão divinamente perfeita é a Escritura! Quão admiravelmente se harmoniza entre si! O Espírito Santo habita em nós,

individualmente; por isso não devemos *entristecê-Lo*. Habita na Igreja, por isso não devemos *extingui-Lo*, mas dar-Lhe o Seu devido lugar, e dar amplo lugar para as Suas benditas operações. Que estas grandes verdades práticas encontrem lugar em nossos corações e exerçam uma influência poderosa na nossa conduta tanto na vida privada como na assembléia pública!

O Dever Para com o Irmão

Vamos prosseguir com a citação de algumas passagens da parte do livro que temos aberto perante nós e que ilustram admiravelmente a sabedoria, a bondade, ternura, santidade e justiça que caracterizavam os atos de Deus com o Seu antigo povo. Tomemos, por exemplo, o primeiro parágrafo: "Vendo extraviado o boi ou a ovelha de teu irmão, *não te esconderás deles*-, restituí-los-ás sem falta a teu irmão. E, se teu irmão não estiver perto de ti ou tu não o conheceres, recolhê-los-ás na tua casa, para que fiquem contigo até que teu irmão os busque, e tu lhos tornarás a dar. Assim também farás com o seu jumento e assim farás com a suas vestes; assim farás também com toda coisa perdida, que se perder de teu irmão, e tu a achares; *não te poderás esconder*. O jumento de teu irmão ou o seu boi não verás caídos no caminho e *deles te esconderás*-, com ele os levantarás, sem falta" (Dt 22:1-4).

Aqui as duas lições de que temos falado são-nos apresentadas de um modo muito claro. Que humilhante quadro do coração humano nos dá a frase: "Não te poderás esconder!" Somos capazes do baixo e detestável egoísmo de nos retrairmos ante os pedidos de simpatia e socorro feitos pelo nosso irmão — de desprezarmos o sagrado dever de tratar dos seus interesses, pretendendo não ver a sua verdadeira necessidade do nosso auxílio. Tal é o homem! Tal é o autor destas linhas!

Mas, oh, de que maneira bendita o caráter de Deus resplandece nesta passagem! O boi do irmão, ou a ovelha, ou o seu jumento não deviam— para empregar uma expressão moderna—ser abandonados, mas trazidos a casa, tratados e devolvidos salvos a seu dono sem encargo algum de prejuízos. E o mesmo acontecia com o vestuário. Quão belo é tudo isto! Como isto projeta sobre nós o próprio ar da presença divina, a fragrante atmosfera da bondade divina, ternura e atento amor! Que elevado e santo privilégio para qualquer povo ver a sua conduta regida e o seu caráter formado por estatutos e juízos tão excelentes!

O Dever para com os Outros

Por outro lado, veja-se a seguinte passagem admiravelmente demonstrativa dos cuidados divinos. "Quando edificares uma casa nova, farás no teu telhado um parapeito, para que não ponhas culpa de sangue na tua casa, se alguém de alguma maneira cair dela" (versículo 8). O Senhor queria que o Seu povo fosse cuidadoso e atencioso com os outros; e por isso, na construção de suas casas não deviam pensar

meramente em si próprios e nas conveniências, mas também nos outros e na sua segurança.

Não poderão os cristãos aprender alguma coisa com isto? Quão inclinados somos a pensar só em nós, nos nossos interesses, no nosso bem-estar e conveniências! Quão raramente acontece, ao edificar e prover as nossas casas, termos um pensamento sobre os outros! Edificamos e provemos para nós mesmos; ah, *o ego é o* nosso objetivo e motivo principal de todas as nossas ações! Nem tampouco pode ser de outra forma, a menos que o coração seja mantido sob o poder dominador dos motivos e objetivos que pertencem à cristandade. Devemos viver na atmosfera pura e celestial da nova criação, a fim de nos elevarmos acima e para além do mero egoísmo que caracteriza a humanidade decaída. Todo homem, mulher e criança incrédulo à face da terra é governado simplesmente pelo egoísmo, de uma forma ou de outra. O *ego* é o centro, o objetivo, a mola real de todas as ações.

Decerto, alguns são mais amáveis, mais afetuosos, mais benévolos, mais desinteressados, mais desprendidos que outros; mas é completamente impossível que "o homem natural" possa ser regido por motivos espirituais ou que o homem terreno seja animado por objetivos celestiais. Infelizmente, temos de confessar com vergonha que nós, que professamos ser celestiais e espirituais, somos propensos a viver para nós próprios, a buscar os nossos próprios interesses, a manter o que é nosso, a ponderar o nosso bem-estar e a nossa conveniência! Estamos atentos e alertos quando se trata, de qualquer forma, do *ego*.

Tudo isto é muito triste e profundamente humilhante. Na realidade não deveria ser assim, e não seria se nós olhássemos com mais simplicidade e sinceridade para Cristo como nosso grande Exemplo e modelo em todas as coisas. A ocupação ardente e constante de coração com Cristo é o verdadeiro segredo de todo o cristianismo prático. Não é com regras e regulamentos que podemos ser semelhantes a Cristo em nosso espírito, conduta e comportamento. Devemos beber do Seu espírito, andar nas Suas pisadas, meditar mais profundamente nas Suas glórias morais e então seremos, por necessidade bendita, conformados à Sua imagem. "Mas todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor" (2 Co 3:18).

Não Misturemos nada à Pura Doutrina da Palavra

Devemos pedir agora ao leitor que preste atenção, por um momento, às seguintes instruções práticas, cheias de poder sugestivo para todos os obreiros cristãos: "Não semearás a tua vinha de *diferentes espécies* de semente, para que se não profane o fruto da semente que semeares e a novidade da vinha" (Dt 22:9).

Que princípio importante temos aqui! Compreendemo-lo realmente? Distinguímos a sua verdadeira aplicação espiritual? É de recear que haja um enorme volume de "diferentes espécies de sementes" no chamado cultivo espiritual dos dias atuais. Quanto de "filosofias e vãs sutilezas", quanto da "falsamente chamada ciência", quanto dos "rudimentos do mundo" encontramos misturado no ensino e pregação por todo o âmbito da igreja professante! Quão pouco da pura semente não adulterada da Palavra de Deus, "a semente incorruptível" do precioso evangelho de Cristo, se vê espalhado sobre o campo da cristandade dos nossos dias! Quão poucos, comparativamente, se dão por satisfeitos limitando-se ao conteúdo da Bíblia como material para o seu ministério! Os que, pela graça de Deus, são bastante fiéis para o fazer, são encarados como homens estreitos de critério, antiquados, estreitos e fora da época.

Pois bem, nós apenas podemos dizer, com coração ardente e sincero, Deus abençoe os homens de uma só idéia, homens da antiga escola da pregação apostólica! Felicitamo-los cordialmente pela sua bendita estreiteza de critério, e por ficarem atrás destes dias sombrios e infiéis. Sabemos perfeitamente ao que nos expomos escrevendo desta maneira; mas isto não nos fará vacilar. Estamos persuadidos que todo verdadeiro servo de Cristo tem de ser um homem de uma só idéia, e que essa idéia é Cristo; tem de pertencer à velha escola, a escola de Cristo; tem de ser tão estreito como a verdade de Deus; e deve, com austera decisão, recusar desviar-se a espessura de um simples cabelo na direção deste século infiel. Não podemos deixar a convicção de que o esforço por parte dos pregadores e mestres da cristandade para se manterem ao corrente da literatura da atualidade, é em grande parte a causa do rápido avanço do racionalismo e incredulidade. Afastaram-se das Sagradas Escrituras, e procuraram adornar o seu ministério com os recursos da filosofia, da ciência e da literatura. Têm feito mais provisão para o intelecto do que para o coração e a consciência. As doutrinas puras e preciosas da Sagrada Escritura, o leite racional da Palavra de Deus, o evangelho da graça de Deus e da glória de Cristo, foram achados insuficientes para atrair e manter unidas grandes congregações. Como o antigo Israel desprezou o maná, se cansou dele, e o considerou um fraco alimento, assim a Igreja professante se cansou das puras doutrinas do glorioso cristianismo desenrolado nas páginas do Novo Testamento, e suspirou por alguma coisa que agrade ao intelecto e alimente a inteligência. As doutrinas da cruz, na qual o bem-aventurado apóstolo se gloriava, perderam o seu encanto para a igreja professante, e todo aquele que quiser ser bastante fiel para se manter e limitar no seu ministério a essas doutrinas pode perder toda a idéia de popularidade.

Mas que todos os verdadeiros e fiéis ministros de Cristo, todos os verdadeiros obreiros da Sua vinha apliquem os seus corações ao princípio espiritual exposto em Deuteronomio 22:9; que, com inflexível decisão, recusem fazer uso de "diferentes

espécies de sementes" no seu labor espiritual; que se limitem no seu ministério à "forma das sãs palavras", e busquem sempre "manejar bem a palavra da verdade", a fim de não serem envergonhados do seu trabalho, mas recebam o pleno galardão naquele dia em que a obra de cada um será provada para ver de que espécie era. Podemos estar certos de que a Palavra de Deus, a semente pura, é o único material adequado para uso do obreiro espiritual. Não desprezamos o conhecimento; muito longe disso, consideramo-lo valioso no seu próprio lugar. *Os fatos da ciência* e os recursos da sã filosofia podem também ser empregados com proveito na exposição e ilustração da verdade da Sagrada Escritura. Vemos que o bendito Mestre mesmo e os Seus apóstolos inspirados fizeram uso dos fatos da história e da natureza no seu ensino público; e quem, em seu próprio juízo, poderá pensar pôr em dúvida o valor e a importância de um conhecimento competente das línguas originais do hebreu e grego, no estudo privado e exposição pública da Palavra de Deus?

Mas admitindo tudo isto, como certamente o admitimos, fica ainda inalterável o grande princípio prático que temos perante nós— ao qual todo o povo do Senhor e os Seus servos estão obrigados a submeter-se, isto é, que o Espírito Santo é o único poder, e a Sagrada Escritura o único material para todo verdadeiro ministério no evangelho e na igreja de Deus. Se isto fosse melhor compreendido e posto fielmente em prática poderíamos presenciar um estado de coisas muito diferente do atual em toda a extensão da vinha do Senhor.

Mas devemos terminar esta parte do livro. Temos procurado tratar noutra lugar do assunto do "jugo desigual" e não insistiremos portanto nele agora. O israelita não devia lavrar com um boi e um jumento; nem tampouco devia vestir-se de lã e linho juntamente. A aplicação espiritual de ambas as coisas é tão simples quão importante. O crente não deve ligar-se com um incrédulo para fim algum, religioso, altruísta ou comercial, nem deve reger-se por princípios mistos. O seu caráter deve ser formado e a sua conduta regida pelos puros e elevados princípios da Palavra de Deus. Que assim seja com todos os que professam ser cristãos!

QUANDO ENTRARES NO PAÍS

O Cesto dos Primeiros Frutos

"E será que, *quando entrares* na terra que o SENHOR, teu Deus, te dará por herança, e a possuíres, e nela habitares, então, tomarás das primícias de todos os frutos da terra que trouxeres da tua terra, que te dá o SENHOR, teu Deus, e as porás num cesto, e irás ao *lugar que escolher o SENHOR, teu Deus, para ali fazer habitar o seu nome*" — não a um lugar de sua própria escolha ou da escolha de outros —. "E virás ao sacerdote, que naqueles dias for, e dir-lhe-às: Hoje declaro, perante o SENHOR, teu Deus, *que entrei* na terra que o SENHOR jurou a nossas pais dar-nos. E o sacerdote tomará o cesto da tua mão, e o porá diante do altar do SENHOR, teu Deus" (versículos 1 a 4).

O capítulo em cujo estudo vamos entrar agora encerra a encantadora ordenança do cesto das primícias, na qual encontraremos alguns princípios do maior interesse e importância prática. Era quando a mão do Senhor os tivesse introduzido na terra da promessa que os frutos da terra podiam ser apresentados. Era, evidentemente, necessário estar em Canaã para que os frutos de Canaã pudessem ser oferecidos em adoração. O adorador podia dizer: "Hoje declaro, perante o SENHOR, teu Deus, que entrei na terra que o SENHOR jurou a nossos pais dar-nos."

Nisto está o fundo da questão. "*Entre*". Não diz: "vou entrar, espero entrar, ou desejo entrar". Não; mas, "*entre*". Assim tem que ser sempre. Temos de saber que estamos salvos antes de podermos oferecer os frutos de uma salvação conhecida. Podemos ser muito sinceros nos nossos desejos de salvação, fervorosos nos nossos esforços em a conseguir. Mas neste caso não podemos senão ver que os esforços para sermos salvos e os frutos da salvação que gozamos e de que estamos seguros são duas coisas muito diferentes. O israelita não oferecia o cesto das primícias a fim de entrar na terra, mas porque estava de fato nela. "Hoje declaro que entrei na terra." Não há dúvida a esse respeito, não há engano, nem se trata de uma esperança. "*Entre*", de fato, na terra, "e aqui está o fruto dela."

"Então, protestarás perante o SENHOR, teu Deus, e dirás: Siro miserável foi meu pai, e desceu ao Egito, e ali peregrinou com pouca gente; porém ali cresceu, até vir a ser nação grande, poderosa e numerosa. Mas os egípcios nos maltrataram e nos afligiram e, sobre nós puserem uma dura servidão. Então, clamamos ao SENHOR, Deus de nossos pais; e o SENHOR ouviu a nossa voz e atentou para a nossa miséria, e para o nosso trabalho, e para a nossa opressão. E o SENHOR nos tirou do Egito com mão forte, e com braço estendido, e com grande espanto, e com sinais, e com milagres; e nos trouxe a este lugar e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel.

E eis que agora eu trouxe as primícias dos frutos da terra que tu, ó SENHOR, me deste. Então, os porás perante o SENHOR, teu Deus, e te inclinarás perante o SENHOR, teu Deus. E te alegrarás por todo o bem que o SENHOR, teu Deus, te tem dado a ti e à tua casa, tu, e o levita, e o estrangeiro que está no meio de ti" (versículos 5 a 11).

Isto é uma formosa ilustração de culto. "Siro miserável". Tal era a origem. Nada havia para vanglória, do ponto de vista natural. E quanto ao estado em que a graça os havia encontrado, qual era? Dura escravidão na terra do Egito. Labutando entre os fomos de tijolo sob o cruel azorrague dos capatazes do Faraó. Mas "então clamamos ao SENHOR". Este era o seu seguro e bendito recurso. Era tudo o que podiam fazer; mas era o suficiente. O clamor de desamparo subiu diretamente ao trono e ao coração de Deus e fê-Lo descer ao centro dos próprios fornos de tijolo do Egito. Ouçamos as palavras de graça do Senhor a Moisés: "Tenho visto atentamente a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque *conheci as suas dores*. Portanto, desci para a livrá-lo da mão dos egípcios e para fazê-lo subir daquela terra a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel... e agora, eis que o clamor dos filhos de Israel chegou a mim, e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem" (Ex 3:7 - 9).

Tal foi a resposta imediata do Senhor ao clamor do Seu povo. "Desci para livrá-lo". Sim; bendito seja o Seu nome, Ele desceu, no exercício da Sua livre e soberana graça para libertar o Seu povo; e nenhum poder dos homens ou dos demônios, na terra ou no inferno, podia detê-los nem por um momento além do tempo determinado. Por isso, temos em nosso capítulo, o resultado grandioso exposto na linguagem do adorador e no cesto das suas primícias. "Entrei na terra que o SENHOR jurou a nossos pais dar-nos... e, eis que agora eu trouxe as primícias dos frutos da terra que tu, ó SENHOR, me deste." O SENHOR havia cumprido tudo, segundo o amor do Seu coração e a fidelidade da Sua palavra. Nem um jota nem um til haviam faltado. "Entrei". E "agora eu trouxe as primícias dos frutos". Os frutos de quê? Do Egito? Não; mas "da terra que tu, ó Senhor, me deste". Os lábios do adorador proclamavam o total cumprimento da obra do Senhor. Nada podia ser mais simples, nada mais real. Não havia lugar para a dúvida, nem fundamento para questão. Devia simplesmente declarar a obra do Senhor e mostrar o fruto. Tudo era de Deus, do princípio ao fim. Ele havia-os tirado do Egito e introduzido na terra de Canaã. Havia enchido os seus cestos dos delicados frutos da Sua terra, e os seus corações com louvores.

Para Israel: "Entrei" Para a Igreja: "Vim a Jesus"

E agora, prezado leitor, permite que lhe pergunte, acha que era um rasgo de presunção por parte do israelita falar como falava? Era próprio, modesto ou

humilde dizer "entrei"? Teria sido mais próprio dar expressão a uma fraca esperança de que, em qualquer altura, no futuro, poderia entrar na terra. A dúvida e a hesitação quanto ao seu estado e à sua porção teriam sido mais honrosas e agradáveis ao Deus de Israel? Que acha o leitor? Pode ser que, antecipando-se à nossa conclusão, esteja pronto a dizer: "não há comparação." Porque não? Se um israelita podia dizer: "entrei na terra que o SENHOR jurou a nossos pais dar-nos", por que não pode o crente agora dizer que veio a Jesus? Decerto, no caso do israelita era ainda por vista, no caso do crente é por fé. Mas é este último caso menos real do que o primeiro? Não diz o apóstolo aos hebreus: "Chegastes ao monte de Sião"? E também: "Pelo que, tendo recebido um Reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente com reverência e piedade"? (Hb 12:28). Se estamos em dúvida quanto a termos *chegado* ou não e se temos *recebido* um reino ou não, é impossível adorar em verdade ou prestar serviço aceitável. É quando estamos de posse inteligente e pacífica do lugar e da parte que temos em Cristo que a verdadeira adoração pode ascender ao trono no alto e prestar serviço eficiente aqui no mundo.

Porque, seja-nos permitido perguntar, o que é a verdadeira adoração? É simplesmente dar expressão, na presença de Deus, ao que Ele é e o que tem feito. E ter o coração ocupado com Deus, deleitando-se n'Ele e em todos os Seus atos maravilhosos e caminhos. Se, pois, não temos conhecimento de Deus, nem fé no que Ele tem feito, como poderemos adorá-Lo? "...É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam" (Hb 11:6). Mas, então, conhecer a Deus é a vida eterna. Não podemos adorar a Deus se não O conhecermos; e não é possível conhecê-Lo sem ter a vida eterna. Os atenienses tinham erigido um altar "ao Deus desconhecido", e Paulo disse-lhes que eles adoravam em ignorância e prosseguiu anunciando-lhes o verdadeiro Deus segundo está revelado na pessoa e obra do Homem Cristo Jesus.

E importantíssimo compreender bem isto. Devemos conhecer a Deus antes de podermos adorá-Lo. Podíamos buscá-Lo se, porventura, Tateando, o pudéssemos achar; mas buscar Aquele a Quem não tenho encontrado, e deleitar-me n'Aquele que tenho achado, são duas coisas completamente diferentes. Deus revelou- Se a Si mesmo, bendito seja o Seu nome! Deu-nos a luz do conhecimento da Sua glória na face de Jesus Cristo. Tem chegado até junto de nós na pessoa de Seu bendito Filho, de modo que podemos conhecê-Lo e amá-Lo, confiar n'Ele, deleitar-nos n'Ele, e recorrermos a Ele em toda a nossa fraqueza e necessidade. Já não temos de O buscar por entre as trevas da natureza, nem tampouco entre as nuvens e neblinas da falsa religião em suas milhentas formas. Não;

o nosso Deus deu-se a conhecer a Si mesmo por uma revelação tão clara que o mundo, embora louco em tudo mais, não errará (Is 35:8). O crente pode dizer: "*Eu sei* em que tenho crido." Esta é a base de todo o verdadeiro culto. Pode haver muita

piedade carnal, religiosidade mecânica e rotina cerimonial sem um átomo de verdadeiro culto espiritual. Este último só pode proceder do conhecimento de Deus.

Mas o nosso propósito não é escrever um tratado sobre adoração, mas simplesmente desenvolver ante os nossos leitores a instrutiva e bela ordenança do cesto das primícias. E havendo mostrado que a adoração era a primeira coisa que todo o israelita devia fazer depois de estar de posse da terra — e, mais, que nós, agora, devemos conhecer o nosso lugar e privilégio em Cristo antes de podermos adorar verdadeira e inteligentemente o Pai — prosseguiremos falando de outro resultado prático muito importante ilustrado no nosso capítulo, a saber, *benevolência ativa*.

A Benevolência

"Quando acabares de dizimar todos os dízimos da tua novidade, no ano terceiro, que é o ano dos dízimos, então, o darás ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para que comam dentro das tuas portas e se fartem; e dirás perante o SENHOR teu Deus: Tirei o que é consagrado de minha casa e dei também ao levita, e ao estrangeiro, e ao órfão e à viúva, conforme todos os teus mandamentos que me tens ordenado; nada traspassei dos teus mandamentos, nem deles me esqueci" (versículos 12 e 13).

Nada pode ser mais belo que a ordem moral destas coisas. E precisamente semelhante ao que temos em Hebreus 13:15: "Portanto, ofereçamos sempre, por ele, a Deus sacrifício e louvor, isto é, *o fruto* dos lábios que confessam o seu nome." Eis aqui adoração. "E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque, com tais sacrifícios, Deus se agrada" (versículo 16). Aqui temos benevolência ativa. Juntando ambas, temos o que podemos chamar a parte superior e a inferior do caráter cristão—louvando a Deus e fazendo bem aos homens. Preciosos característicos! Possamos nós exibi-los fielmente! Uma coisa é certa, eles andarão sempre juntos. Mostrai-nos um homem cujo coração está cheio de louvor a Deus, e nós vos mostraremos um cujo coração está aberto a toda a forma de necessidade humana. Pode não ser rico em bens deste mundo. Poderá ser obrigado a dizer, como outro da antiguidade não se envergonhava de dizer: "Não tenho prata e nem ouro"; mas terá as lágrimas de simpatia, o olhar de bondade, a palavra de ânimo, e estas coisas falam mais eloqüentemente a um coração sensível do que o tilintar da prata e do ouro. O nosso adorado Senhor e Mestre, nosso Grande Modelo, "andou fazendo bem", mas nunca lemos de Ele dar dinheiro a alguém; na realidade, podemos estar certos de que o bendito Senhor nunca teve uma moeda. Quando teve de responder aos herodianos sobre o assunto de pagar o tributo a César, teve de lhes pedir para Lhe mostrarem uma moeda; e quando foi convidado a pagar o tributo, deu ordem a Pedro para buscá-la ao mar. Nunca trouxe dinheiro Consigo;

e, certamente, o dinheiro não é mencionado na lista de dons dados por Ele aos Seus servos. Todavia, Ele andou fazendo bem, e nós temos de fazer o mesmo, em nossa escassa medida; é, ao mesmo tempo, nosso elevado privilégio e dever de obrigação fazer assim.

Note o leitor a ordem divina estabelecida em Hebreus 13 e ilustrada em Deuteronomio 26. A adoração obtém o primeiro e mais elevado lugar. Não esqueçamos nunca isto. Nós, em nosso sentimentalismo ou sabedoria, podíamos imaginar que fazer bem ao nosso semelhante, a utilidade ou filantropia era a coisa mais importante. Mas não é assim. "Aquele que oferece sacrifício de *louvor* me glorificará" (SI 50:23). Deus habita entre os louvores do Seu povo. Deleita-Se em Se rodear de corações transbordantes do sentido da Sua bondade, da Sua grandeza e glória. Por isso, devemos oferecer "continuamente" a Deus os nossos sacrifícios de louvor. Assim também diz o Salmista: "Louvarei ao Senhor em todo tempo; o seu louvor estará continuamente na minha boca" (SI 34:1). Não é meramente de vez em quando ou quando tudo corre bem ao redor de nós, quando as coisas correm suavemente em prosperidade; não; mas "*em todo tempo*" — "*continuamente*". A corrente de ações de graças deve correr ininterruptamente. Não há intervalo para murmurações ou lamentações, mau humor ou insatisfação, tristeza ou desânimo. Louvor e ações de graças devem ser a nossa contínua ocupação. Devemos cultivar sempre o espírito de adoração. Cada alento, por assim dizer, deveria ser uma aleluia. Cedo assim será. Louvor será a nossa ditosa ocupação enquanto a eternidade deslizar ao longo do seu curso de séculos áureos. Quando já não houver mais necessidade de "comunicações", dos nossos recursos ou da nossa simpatia; quanto tivermos dito um eterno adeus a esta cena de dor e necessidades, morte e desolação, então louvaremos o nosso Deus, para todo o sempre, sem obstáculo ou interrupção, no santuário da Sua bendita presença nas alturas.

"E *não vos esqueçais* da beneficência e comunicação" (Hb 13:16). Existe um interesse especial ligado com a maneira como isto é dito. Não diz: "Não vos esqueçais dos sacrifícios de louvor". Não; mas não fosse o caso de, no pleno e feliz gozo do nosso próprio lugar e porção em Cristo, *esquecermos* que estamos passando por um cena de necessidade e miséria, provação e apertos, o apóstolo acrescenta a salutar e muito necessária admoestação quanto a fazer bem e comunicar com as necessidades dos outros. O israelita espiritual não só deve regozijar-se de todo bem que o Senhor, seu Deus, lhe tem feito, como deve também lembrar-se do levita, do estrangeiro, do órfão e da viúva—isto é, daquele que não tem possessão terrena e é inteiramente consagrado à obra do Senhor; e daquele que não tem casa, o que não tem protetor natural, e o que não tem estância terrena. Assim deve ser sempre. O rico caudal da graça divina, descendo do seio de Deus, deixa os nossos corações a transbordar, e este extravasamento refrigera e alegra toda a nossa esfera de ação. Se apenas vivêssemos no gozo do que é nosso em

Deus, todos os nossos movimentos, todos os nossos atos, todas as nossas palavras, até mesmo os nossos olhares fariam bem aos outros. O cristão, segundo a idéia divina, é uma pessoa que tem uma mão levantada para Deus, apresentando sacrifícios de louvor, e a outra cheia de fragrantos frutos da mais pura benevolência para satisfazer toda a forma de necessidade humana.

Prezado leitor, ponderemos atentamente estas coisas. Apliquemos realmente os nossos corações à mais sincera consideração das mesmas. Busquemos uma mais completa realização e uma mais verdadeira expressão destes dois grandes aspectos do cristianismo prático, e não nos demos por satisfeitos com nada menos.

A Santidade Prática no Andar, Serviço e Ministério

Vamos agora considerar o terceiro ponto deste precioso capítulo. Pouco mais faremos que citar a passagem rapidamente. O israelita, havendo apresentado o cesto, e distribuído os seus dízimos, devia dizer: "Disso não comi na minha *tristeza* disso nada tirei para *imundícia*, nem disso dei para algum *morto*; obedeci à voz do SENHOR, meu Deus; conforme tudo o que me ordenaste, tenho feito. Olha desde atua santa habitação, desde o céu, e abençoa o teu povo, a Israel, e a terra que nos deste, como juraste a nossos pais, terra que mana leite e mel. Neste dia, o SENHOR, teu Deus te manda fazer estes estatutos e juízos; *guarda-os* pois, e *faze-os com todo o teu coração e com toda a tua alma*. Hoje declaraste ao Senhor que te será por Deus, e que *andarás nos seus caminhos*, e guardarás os seus estatutos, e os seus mandamentos, e os seus juízos, e darás ouvidos à sua voz. E o SENHOR, hoje, te fez dizer que lhe serás pôr seu próprio povo"—quer dizer, um povo especial—, "como te tem dito, e que guardarás *todos* os seus mandamentos. Para assim te exaltar sobre todas as nações que fez, para louvor, e para fama, e para glória, e para que sejas um *povo santo* ao SENHOR, teu Deus, como tem dito" (versículos 14-19).

Eis aqui santidade pessoal, santificação prática, completa separação de tudo que era incompatível com o santuário e o parentesco em que haviam sido introduzidos por soberana graça e misericórdia de Deus. Não deve haver tristeza, nem impureza, nada das obras mortas. Não temos lugar nem tempo para tais coisas; não pertencem àquela bendita esfera em que temos o privilégio de viver e na qual nos movemos e existimos. Temos precisamente de fazer estas coisas: levantar os olhos para Deus e oferecer sacrifícios de louvor; olhar em redor de nós para o mundo necessitado, e fazer bem; contemplar o círculo do nosso próprio ser—a nossa vida íntima, e procurar, pela graça de Deus, mantermo-nos imaculados ou guardarmo-nos da corrupção do mundo. "A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo" (Tg 1:27).

Assim, quer ouçamos Moisés, em Deuteronômio 26, ou Paulo em Hebreus 13, ou Tiago na sua salutar, necessária epístola prática, é o mesmo Espírito que nos

fala, e as mesmas grandes lições são-nos inculcadas—lições de indizível valor e importância moral —, lições que devem ser propagadas nestes dias de pachorrenta profissão, em que as doutrinas da graça são aceites e mantidas de um modo meramente intelectual, e relacionadas com toda a espécie de mundanidade e própria complacência.

Existe uma necessidade urgente de um mais poderoso ministério prático entre nós. Há uma falta deplorável do elemento profético e pastoril em nosso ministério. Por elemento profético queremos dizer aquele caráter de ministério que trata com a consciência e a conduz à imediata presença de Deus. Isto é *muito* necessário. Há uma boa parte de ministério que se dirige à inteligência; mas desgraçadamente muito pouco ao coração e à consciência. O ensinador fala ao entendimento; o profeta fala à consciência ⁽¹⁾; o pastor fala ao coração. Falamos, evidentemente, em termos gerais. Pode suceder que estes três elementos se encontrem no ministério de um só homem; mas são distintos; e nós não podemos deixar de sentir que quando faltam os dons proféticos e pastorais numa assembléia, os ensinadores devem orar sinceramente a Deus por poder espiritual a fim de tratarem com os corações e consciências do Seu amado povo. Bendito seja o Seu nome, Ele tem o dom, graça e poder necessários para os Seus servos. Tudo que necessitamos é esperar n'Ele em verdadeira sinceridade de coração, e Ele, certamente, nos suprirá toda a graça necessária e competência moral para qualquer serviço que sejamos chamados a prestar na Sua Igreja.

⁽¹⁾ Muitos parecem acalentar a idéia de que um profeta é aquele que prediz acontecimentos futuros; mas seria um erro limitar assim o vocábulo. 1 Coríntios 14:28-32 faz-nos ver o significado das palavras "profetas" e "profetizar". O ensinador e o profeta estão em íntima e formosa relação. O ensinador desenvolve a verdade da Palavra de Deus; o profeta aplica-a à consciência; e, podemos acrescentar, o pastor procura ver de que modo o ministério tanto de um como do outro está atuando no coração e na consciência.

Oh, se todos os servos do Senhor fossem despertados a uma mais profunda e acentuada sinceridade, em todas as atividades da Sua bendita obra! Possamos nós ser "constantes a tempo e fora de tempo", e não desanimar de modo algum por causa do estado de coisas em redor de nós, mas, pelo contrário, achar nesse próprio estado um motivo urgente para uma mais intensa devoção.

CAPÍTULO 27

O TERCEIRO DISCURSO DE MOISÉS

(Capítulos 27 a 28)

"Neste dia, vieste a ser por Povo ao SENHOR, teu Deus"

"E deram ordem, Moisés e os anciãos, ao povo de Israel, dizendo: Guardai todos estes mandamentos que hoje vos ordeno: Será, pois, que, no dia em que passares o Jordão à terra que te der o SENHOR teu Deus, levantar-te-ás umas pedras grandes e as cairás. E, havendo-o passado, escreverás nelas todas palavras desta lei, para entrares na terra que te der o SENHOR, teu Deus, terra que mana leite e mel, como te disse o SENHOR, Deus de teus pais. Será, pois, que, quando houveres passado o Jordão, levantareis estas pedras, que hoje vos ordeno, no monte Ebal, e as cairás. E ali edificarás um altar ao SENHOR, teu Deus, um altar de pedras; não alçarás ferro sobre elas. De pedras inteiras edificarás o altar do SENHOR, teu Deus; e sobre ele oferecerás holocaustos ao SENHOR, teu Deus. Também sacrificarás ofertas pacíficas, e ali comerás perante o SENHOR teu Deus, e te alegrarás. E, nestas pedras, escreverás todas as palavras desta lei, exprimindo-as bem. Falou mais Moisés, juntamente com os sacerdotes levitas, a todo o Israel, dizendo: Escuta e ouve, ó Israel! *Neste dia, vieste a ser por povo ao SENHOR, teu Deus.* Portanto, *obedecerás* à voz do SENHOR, teu Deus, e farás os seus mandamentos e os seus estatutos que hoje te ordeno. E Moisés deu ordem, naquele dia, ao povo, dizendo: Quando houverdes passado o Jordão, estes estarão sobre o monte Gerizim, para abençoarem o povo: Simeão, e Levi, e Judá, e Issacar, e José, e Benjamim. E estes estarão para amaldiçoar sobre o monte Ebal: Rúben, Ged, e Aser, e Zebulom, Dã e Naftali" (versículos 1 a 13).

Não poderia haver um contraste mais notável do que aquele que é apresentado entre o princípio e o fim deste capítulo. No parágrafo que acabamos de citar, vemos Israel entrando na terra da promessa — essa terra formosa e fértil, que mana leite e mel, e erigindo ali um altar no monte Ebal para holocaustos e ofertas pacíficas. Nada lemos acerca da expiação pelo pecado ou da culpa. A lei, em toda a sua integridade, devia ser *escrita claramente* sobre as pedras caídas com cal, e o povo, plenamente amparado pelo pacto, devia oferecer sobre o altar aquelas oferendas de cheiro suave tão tocantemente expressivas da adoração e santa comunhão. O assunto aqui não é o transgressor *em ato*, ou o pecador em sua *natureza*, aproximando-se do altar de bronze como uma expiação de culpa ou uma expiação pelo pecado, mas sim um povo inteiramente libertado, aceito e abençoado — um povo no gozo do seu parentesco e da sua herança.

Decerto, eram transgressores e pecadores; e, como tais, necessitavam da preciosa provisão do altar de bronze. Isto é óbvio, plenamente compreendido e admitido por todo aquele que é ensinado por Deus; mas não é, evidentemente, o assunto do Deuteronomio 27:1 a 13, e o leitor espiritual perceberá logo o motivo. Quando vemos o Israel de Deus, em pleno cumprimento do pacto, entrando na posse da herança, tendo a vontade revelada do Deus do pacto escrita clara e completamente perante eles, e o leite e o mel manando em redor deles, temos de concluir que toda a questão respeitante a culpas e pecados está definitivamente resolvida, e que nada mais resta para aquele povo tão grandemente privilegiado e ricamente abençoado, senão rodear o altar do seu Deus do concerto e oferecer aqueles sacrifícios de cheiro suave tão aceitáveis para Ele e convenientes para eles.

Em suma, toda a cena representada à nossa vista na primeira metade do capítulo é perfeitamente bela. Havendo Israel confessado que aceitava o Senhor para seu Deus, e tendo o Senhor declarado Israel para ser o Seu povo peculiar, para o colocar acima de todas as nações que havia criado, para louvor, em nome e honra, e um povo santo ao Senhor seu Deus, como havia falado — Israel assim privilegiado, abençoado e exaltado, em completa possessão daquela boa terra, e tendo os mandamentos preciosos de Deus perante os seus olhos, que faltava fazer senão apresentarem sacrifícios de louvor e ações de graças em santa comunhão e feliz parentesco?

O Monte Gerizim e o Monte Ebal

Porém, na última metade do nosso capítulo, encontramos alguma coisa muito diferente. Moisés designa seis tribos para se manterem sobre o monte Gerizim, a fim de abençoarem o povo, e seis no monte Ebal, para amaldiçoar; mas, infelizmente, quando deparamos com a história—os fatos positivos do caso—não aparece sequer uma palavra de bênção; nada senão doze terríveis maldições confirmadas, cada uma por si, por um solene "Amém" de toda a congregação.

Que triste mudança! Que notável contraste! Faz-nos lembrar o que passou perante nós em Êxodo 19. Não poderia haver um comentário mais impressionante das palavras do apóstolo inspirado em Gálatas 3:10. "Todos aqueles, pois, que são das obras da lei, estão debaixo da maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las."

Aqui temos a verdadeira solução do problema. Israel, no que respeita ao seu estado moral, por aquela época, estava sobre o terreno da lei; e por isso, ainda que o começo do nosso capítulo nos apresente um formoso quadro dos pensamentos de Deus a respeito de Israel, contudo o final expõe o resultado triste e humilhante da verdadeira situação de Israel perante Deus. Do monte Gerizim não parte um único

som, nenhuma palavra de bênção; mas, em vez disso, maldição após maldição aos ouvidos do povo.

Nem poderia ser de outro modo. Que as pessoas argumentem sobre o assunto como quiserem; nada senão a maldição pode cair sobre "todos aqueles que são das obras da lei". Não diz "todos aqueles que guardam a lei", embora isso seja verdade, mas, como se tratasse de expor a verdade do modo mais claro e eficaz perante nós, o Espírito Santo declara que para *todos*, não importa quem, judeus, gentios ou cristãos de nome — todos os que estão sobre o terreno ou princípio das obras — não há, não pode haver senão a maldição.

Assim, pois, o leitor poderá compreender inteligentemente a razão do silêncio que reinou no monte Gerizim, no dia a que se refere o Deuteronômio 27. Tivesse havido uma simples bênção, teria sido uma contradição de todo o ensino da Sagrada Escritura sobre o assunto da lei.

Alongamo-nos tanto sobre este assunto da lei no primeiro volume destas nótulas, que não nos sentimos induzidos a prosseguir sobre ele aqui. Podemos apenas dizer que quanto mais estudamos a Escritura, e quanto mais consideramos a questão da lei à luz do Novo Testamento, tanto mais surpreendidos ficamos com a maneira como alguns persistem em contender pela opinião que os cristãos estão debaixo da lei; quer no tocante à vida, quer a respeito da justiça, santidade ou qualquer outro assunto. Como poderá tal opinião manter-se ante a magnificente e conclusiva expressão de Romanos 6: "NÃO ESTAIS DEBAIXO DA LEI, MAS DEBAIXO DA GRAÇAS

CAPÍTULO 28

ISRAEL, COMO NAÇÃO, SOB O GOVERNO DE DEUS

Ao abrir o estudo desta parte notável do nosso livro, o leitor terá de ter em conta que não pode ser, de modo nenhum, confundida com o capítulo 27. Alguns expositores, procurando dar razão da falta de bênçãos naquele capítulo, têm procurado encontrá-las neste. Mas isso é um grande erro —um erro fatal para a própria compreensão de ambos os capítulos. O fato é que, os dois capítulos são inteiramente distintos em fundamento, assunto e aplicação prática. O capítulo 27 é—para o descrever tão rápida e positivamente quanto possível— *moral e pessoal*. O capítulo 28 é *dispensacional e nacional*. Aquele trata do princípio radical da condição moral do homem como pecador completamente arruinado e incapaz de chegar a Deus sobre o terreno da lei; este, por outro lado, suscita a questão de Israel como nação debaixo do governo de Deus. Em suma, a comparação atenta dos dois capítulos habilitará o leitor a ver a sua completa distinção. Por exemplo, que relação podemos nós encontrar entre as seis bênçãos do nosso capítulo e as doze maldições do capítulo 27? Nenhuma. Não é possível estabelecer a mais ligeira relação. Mas até um menino pode ver o vínculo moral entre as bênçãos e as maldições do capítulo 28.

Citemos uma ou duas passagens como exemplo. "E será que se *ouvires a voz do SENHOR teu Deus*"—o grande tema de Deuteronomio, a chave mestra do livro—"tendo, cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu te ordeno hoje, o SENHOR, teu, Deus, te exaltará sobre todas as nações da terra. E todas estas bênçãos virão sobre ti e te alcançarão, *quando ouvires a voz do SENHOR, teu Deus*"—a única salvaguarda, o verdadeiro segredo da felicidade, segurança, vitória e força — "Bendito serás tu na cidade e bendito serás no campo. Bendito o fruto do teu ventre, e o fruto da tua terra, e o fruto dos teus animais, e a criação das tuas vacas, e os rebanhos das tuas ovelhas. Bendito o teu cesto e a tua amassadeira. Bendito serás ao entrares e bendito será, ao saíres" (versículos 1 a 6).

Não é evidente que estas não são as bênçãos pronunciadas pelas seis tribos no monte Gerizim? O que aqui se nos apresenta é a dignidade nacional de Israel, prosperidade e glória baseadas sobre a sua atenção diligente a todos os mandamentos expostos perante nós neste livro. Era eterno propósito de Deus que Israel tivesse a preeminência na terra sobre todas as nações. Este desígnio será indubitavelmente cumprido, apesar de Israel ter, no passado, falhado vergonhosamente em render aquela perfeita obediência que devia formar a base da sua preeminência e glória nacional.

As Bênçãos Terrenas de Israel não se Aplicam à Igreja

Nunca devemos esquecer ou abandonar esta grande verdade. Alguns expositores têm adotado um sistema de interpretação mediante o qual as bênçãos do pacto com Israel são espiritualizadas e transferidas para a Igreja de Deus. Mas isto é um erro fatal. Com efeito, é difícil expressar em palavras, ou mesmo conceber os efeitos perniciosos de tal método de tratar a preciosa Palavra de Deus. Nada é mais certo de que tal procedimento está diretamente em oposição à mente e à vontade de Deus. Deus não aprovará, nem pode aprovar tal forma de manejar a Sua verdade, ou alienação das bênçãos e privilégios do Seu povo Israel.

Decerto, lemos em Gálatas 3; 14 "para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo e para que, pela fé, nós recebamos" — o quê? Bênçãos na cidade e no campo, bênçãos no nosso cesto e em nossas obras? Não; mas "a promessa do Espírito". Assim sabemos também, pela mesma epístola, capítulo 4:26-27, que a Israel, restaurado, será permitido contar entre os seus filhos todos os que são nascidos do Espírito durante o período do cristianismo. "Mas a Jerusalém que é de cima é livre, a qual é mãe de todos nós, porque está escrito: Alegra-te, estéril, que não dás à luz, esforça-te e clama, tu que não estás de parto; porque os filhos da solitária são mais do que os da que tem marido."

Tudo isto é uma verdade bendita, mas não justifica a transmissão das promessas feitas a Israel aos crentes do Novo Testamento. Deus tem prometido, com juramento, abençoar a descendência de Abraão, Seu amigo—abençoá-la com todas as bênçãos terrestres na terra de Canaã. Esta promessa mantém-se e é absolutamente inalienável. Ai de todos os que intentam interferir com o seu cumprimento literal no próprio tempo que Deus determinou! Já fizemos referência a isto mesmo nos nossos estudos na primeira parte deste livro, e devemos por agora contentar-nos em advertir solenemente o leitor contra todo o sistema de interpretação que envolve tais graves conseqüências quanto à Palavra e caminhos de Deus. Devemos recordar sempre que as bênçãos de Israel são terrestres; as da Igreja são celestiais. "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou *com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais*, em Cristo."

Assim, a natureza e a esfera das bênçãos da Igreja são totalmente diferentes das de Israel, e não devem confundir-se nunca. Porém, o sistema de interpretação acima referido confunde-as, corrompendo a integridade da Sagrada Escritura e prejudicando as almas. Pretender aplicar as promessas feitas a Israel à Igreja de Deus, quer no presente, quer mais tarde, na terra ou no céu, é causar um completo transtorno das coisas e produzir a mais desesperada confusão na exposição e aplicação da Escritura. Sentimo-nos chamados, em simples fidelidade à Palavra de Deus e à alma do leitor, a submeter este assunto a sua fervorosa atenção. Pode ficar certo de que não é, de modo nenhum, uma questão de pouca monta; longe disso, estamos convencidos que é inteiramente impossível que todo aquele que confunde

Israel com a Igreja, o celestial com o terrestre, seja um perfeito e correto intérprete da Palavra de Deus.

Obediência e Desobediência

Todavia, não podemos prosseguir este assunto. Esperamos que o Espírito de Deus desperte o coração do leitor de forma a sentir o seu interesse e importância e lhe dê a compreensão da necessidade de manejar bem a Palavra da verdade. Se isto for realizado, o nosso objetivo terá sido plenamente conseguido.

Com respeito a este vigésimo oitavo capítulo de Deuteronomio, se o leitor se der conta do fato da sua completa distinção do capítulo precedente, poderá lê-lo com inteligência espiritual e verdadeiro proveito. Não existe necessidade alguma de elaborada exposição. O capítulo divide-se da forma mais clara e incontestável em duas partes. Na primeira temos um relato completo e bendito dos resultados da obediência (veja-se os versículos 1-15). E nós não podemos deixar de ficar impressionados com o fato de a parte que contém as maldições (versículos 16-68) ser três vezes mais extensa do que a que contém as bênçãos. Aquela consiste de cinquenta e três versículos, esta de quinze. O conjunto do capítulo é um impressionante comentário sobre o governo de Deus, e uma poderosa ilustração do fato que "o nosso Deus é um fogo consumidor". As nações da terra poderão todas aprender com a maravilhosa história de Israel, de que Deus tem de castigar a desobediência, e isso, também, antes de tudo, nos Seus. E se não poupou o Seu próprio povo, qual será o fim dos que O não conhecem? "Os ímpios serão lançados no inferno e todas as gentes que se esquecem de Deus" (SI 9:7). "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10:31.) É o cúmulo da mais extravagante tolice qualquer pessoa pretender tentar fugir à força absoluta de tais passagens ou explicá-las de um modo acomodaticio. Não pode ser. Leia-se o capítulo que está diante de nós e comparece-se com a história atual de Israel, e ver-se-á que, tão certo como há um Deus no trono da majestade nos céus, assim Ele castigará os malfeitores tanto no presente como mais tarde. Não pode ser de outro modo. O governo que permitisse a continuação do mal ou não quisesse julgá-lo, condená-lo ou puni-lo, não seria um governo perfeito. Não seria o governo de Deus. E inútil basear argumentos sobre a consideração parcial da bondade, benevolência e misericórdia de Deus. Bendito seja o Seu nome! Ele é benigno, benévolo, misericordioso e clemente, longânimo e compassivo; mas é santo, justo e verdadeiro; e "tem determinado um dia em que, com justiça, há de julgar o mundo" [a terra habitada] "por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos ressuscitando-o dos mortos" (Atos 17:31).

A Cabeça ou a Cauda

Mas devemos terminar esta parte do livro; porém, antes de o fazer, sentimos o dever de chamar a atenção do leitor para um ponto muito interessante em relação com o versículo 13 do nosso capítulo. "E o, Senhor te porá por cabeça e não por cauda; e só estarás em cima e não debaixo, quando obedeceres aos mandamentos do SENHOR teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e fazer."

Isto refere-se, sem dúvida, a Israel como nação. Está destinada a ser a cabeça de todas as nações da terra. Tal é o seguro e determinado propósito de Deus a respeito deles. Humilhados como estão, espalhados e perdidos entre as nações, sofrendo as terríveis conseqüências da sua persistente desobediência, dormindo, como lemos em Daniel 12, no pó da terra, contudo se levantarão, *como nação*, e brilharão em glória mais resplandecente do que a de Salomão.

Tudo isto é ditosamente verdadeiro, sem dúvida, em numerosas passagens de Moisés, dos Salmos, e dos Profetas e do Novo Testamento. Mas ao contemplar toda a história de Israel, encontramos alguns textos notáveis de indivíduos que puderam, por graça infinita, fazer suas as preciosas promessas contidas no versículo 13, e isto em períodos sombrios e desanimadores da história nacional, quando Israel, como nação, era a causa e não a cabeça. Vamos dar ao leitor um ou dois exemplos, não apenas para exemplificar este ponto, mas também para pôr diante de si um princípio de imensa importância prática e aplicação universal.

O Livro de Ester

Desviemos por um momento a nossa atenção para esse encantador livro de Ester — um livro tão pouco compreendido ou apreciado—um livro do qual podemos dizer em verdade que ocupa um lugar e ensina uma lição como nenhum outro livro. Pertence a um período em que Israel não era, sem dúvida, a cabeça, mas a cauda; mas, não obstante, mostra-nos o edificante e animador quadro de um filho de Abraão conduzindo-se de tal maneira que alcança a posição mais elevada e ganha uma magnífica vitória sobre o inimigo mais encarniçado de Israel.

Quanto ao estado de Israel, nos dias de Ester, era tal que Deus não podia reconhecê-los publicamente. Por isso o Seu nome não se encontra no livro, desde o princípio ao fim. O gentio era a cabeça e Israel a cauda. O parentesco entre o Senhor e Israel já não podia ser reconhecido publicamente; mas o coração do Senhor não podia nunca esquecer o Seu povo; e, podemos acrescentar, o coração de um fiel Israelita não podia olvidar o Senhor ou a Sua santa lei; e estes são precisamente os dois fatos que caracterizam de um modo especial este interessantíssimo livrinho. Deus estava atuando ocultamente a favor de Israel, e Mardoqueu agia publicamente por Deus. É digno de nota que nem o melhor Amigo de Israel nem o seu pior inimigo se mencionam uma só vez no livro de Ester; e, todavia, todo o livro está repleto das ações de ambos. O dedo de Deus está marcado em cada elo da maravilhosa cadeia da providência; e, por outro lado, a

implacável inimidade de Amaleque aparece na cruel conspiração do arrogante agagita.

Tudo isto é profundamente interessante. Na verdade, ao terminar o estudo deste livro, bem podemos dizer: "Oh, que cenas! Transcendem a ficção e contudo são verdadeiras!" Nenhum romance pode, de modo algum, exceder em interesse esta simples e bendita história. Mas não nos alarguemos sobre o assunto, por muito que gostaríamos de fazê-lo. O tempo e o espaço impedem-nos. Apenas nos referimos a ele a fim de indicar ao leitor o valor inefável e a importância da fidelidade individual no momento em que a glória nacional se havia desvanecido e desaparecido. Mardoqueu manteve-se como uma rocha pela verdade de Deus. Recusou com firme decisão reconhecer Amaleque. Salvaria a vida de Assuero e curvar-se-ia à sua autoridade como a expressão do poder de Deus, mas não se curvaria a Hamã. A sua conduta, neste negócio, era simplesmente orientada pela Palavra de Deus. A autoridade para o seu modo de proceder devia-se à encontrada neste bendito livro de Deuteronomio. "Lembra-te do que te fez Amaleque no caminho, quando saíeis do Egito; como te saiu ao encontro no caminho e te derribou na retaguarda todos os fracos que iam após ti, estando tu cansado e afadigado; e não temeu a Deus"—aqui estava o verdadeiro segredo de todo o negócio—"Será, pois, que, quando o SENHOR, teu Deus, te tiver dado repouso, de todos os teus inimigos em redor, na terra que o SENHOR teu Deus, te dará por herança, para possuí-la, então apagarás a memória de Amaleque de debaixo do céu; não te esqueças" (Dt 25:17-19).

Isto era bastante claro para todo o ouvido circuncidado, para todo o coração obediente, para toda a consciência reta. Igualmente clara é a linguagem de Êxodo 17:14a 16: "Então disse o SENHOR a Moisés: Escreve isto para memória num livro, e relata-o aos ouvidos de Josué, que eu totalmente hei de riscar a memória de Amaleque de debaixo dos céus. E Moisés edificou um altar e chamou o seu nome: SENHOR é minha bandeira. E disse: Porquanto jurou o SENHOR, haverá guerra do SENHOR contra Amaleque de geração em geração."

Aqui estava pois a autoridade de Mardoqueu para recusar uma simples inclinação de cabeça ao agagita. Como poderia um membro fiel da casa de Israel inclinar-se ante um membro de uma casa com a qual o Senhor estava em guerra? Impossível. Podia vestir-se de um saco com cinza, jejuar e chorar pelo seu povo, mas não podia, não queria e não ousaria inclinar-se ante um amalequita. Podia ser acusado de orgulho, de cega obstinação, de estúpido fanatismo, e desprezível baixaza de espírito; mas ele nada tinha que ver com tudo isso. Podia parecer inexplicável parvoíce recusar o sinal vulgar de respeito ao mais nobre no reino; mas esse nobre era um amalequita, e isso era o bastante para Mardoqueu. A parvoíce era simples obediência.

E isto que torna o caso tão importante e de interesse para nós. Nada pode jamais impedir-nos da nossa responsabilidade de obedecer à Palavra de Deus. Podia ser dito a Mardoqueu que o mandamento a respeito de Amaleque era uma coisa do passado, que dizia respeito aos dias vitoriosos de Israel. Fora natural Josué lutar com Amaleque; Saul devia também obedecer à Palavra do Senhor em vez de poupar Agague; mas agora tudo havia mudado; a glória havia deixado Israel, e era absolutamente inútil tentar agir segundo Êxodo 17 ou Deuteronômio 25.

Estamos certos de que todos estes argumentos não teriam tido nenhuma influência sobre Mardoqueu. Bastava-lhe saber que o Senhor havia dito: *"Lembra-te de que fez Amaleque... não te esqueças"*. Por quanto tempo devia durar isto? "De geração em geração". A guerra do Senhor com Amaleque não devia cessar até que o seu nome e a sua recordação fossem riscados de debaixo do céu. E por quê? Por causa do tratamento cruel e desapiadado que deu a Israel. Tal era a bondade de Deus para com o Seu povo! Como poderia então um fiel israelita curvar-se ante um amalequita? Impossível. Pode Josué inclinar-se ante Amaleque? De nenhuma maneira. Fê-lo Samuel? Não; antes "despedaçou a Agague, perante o SENHOR, em Gilgal". Como poderia então Mardoqueu inclinar-se ante ele? Não podia fazer isso, custasse o que custasse. Não se importava que a força estivesse levantada para si. Podia ser enforcado, mas não podia render homenagem a Amaleque.

E qual foi o resultado? Um esplêndido triunfo! Ali estava junto ao trono o orgulhoso amalequita gozando a felicidade do favor real, fazendo ostentação das suas riquezas, da sua glória, e a ponto de esmagar debaixo dos pés a semente de Abraão. Por outro lado, ali estava Mardoqueu vestido de saco com cinza e banhado em lágrimas. Que podia ele fazer? Podia obedecer. Não tinha espada nem lança; mas tinha a Palavra de Deus, e, obedecendo simplesmente a essa Palavra, obteve uma vitória sobre Amaleque tão decisiva e esplêndida no seu resultado como aquela que foi ganha por Josué em Êxodo 17 — uma vitória que Saul deixou de ganhar, embora rodeado por um exército de guerreiros escolhidos de entre as doze tribos de Israel. Amaleque procurava enforcar Mardoqueu; mas em vez disso foi obrigado a atuar como seu lacaios, e a conduzi-lo com esplendor e pompa real através das ruas da cidade. "Pelo que disse Hamã ao rei: Quanto ao homem de cuja honra o rei se agrada, traga a veste real de que o rei se costuma vestir, monte também o cavalo em que o rei costuma andar montado, e ponha-se-lhe a coroa real na cabeça; e entregue-se a veste do de um dos príncipes do rei, dos maiores senhores, e vistam dele aquele homem de cuja honra o rei se agrada; e levem-no a cavalo pelas ruas da cidade, e apregoe-se diante dele: Assim se fará ao homem de cuja honra o rei se agrada! Então, disse o rei a Hamaã: Apressa-te, toma a veste e o cavalo, como disseste, e faze assim para com o judeu Mardoqueu, que está assentado à porta do rei; coisa nenhuma deixes cair de tudo quanto disseste. E

Hamaã tomou a veste o e o cavalo, e vestiu a Mardoqueu, e o levou a cavalo pelas ruas da cidade, e apregoou diante dele: Assim se fará ao homem de cuja honra o rei se agrada! Depois disso, Mardoqueu voltou para a porta do rei; porém Hamaã se retirou correndo a sua casa, angustiado e coberta a cabeça" (Et 6:7a 12).

Aqui certamente Israel era a cabeça e Amaleque a cauda—Israel não como nação, mas individualmente. Mas isto era apenas o começo da derrota de Amaleque e da glória de Israel. Hamaã foi enforcado na própria força que havia levantado para Mardoqueu: "Então, Mardoqueu saiu da presença do rei com uma veste real azul celeste e branca, como também com uma grande coroa de ouro e com uma capa de linho e púrpura, e a cidade de Susã exultou e se alegrou."

Mas isto não foi tudo. O efeito da vitória maravilhosa de Mardoqueu fez sentir-se em todas as direções nas cento e vinte e sete províncias do império. "Também em toda província e em toda cidade aonde chegava a palavra do rei e a sua ordem, havia entre os judeus alegria e gozo, banquetes e dias de folguedo; e muitos, entre os povos da terra, se fizeram judeus; porque o temor dos judeus tinha caído sobre eles." E para rematar tudo lemos: "... o judeu Mardoqueu foi o segundo depois do rei Assuero, e grande para com os judeus, e agradável para com a multidão de seus irmãos, procurando o bem do seu povo e trabalhando pela prosperidade de toda a sua nação."

Ora bem, prezado leitor, isto não prova da maneira mais notável a grande importância da fidelidade individual? Não deve animar-nos a permanecermos firmes quanto à verdade de Deus, custe o que custará. Veja-se os maravilhosos resultados que se seguiram aos atos de um homem! Muitos poderiam ter condenado a conduta de Mardoqueu. Poderia ter parecido inexplicável obstinação recusar um simples sinal de respeito ao mais alto membro da nobreza do império, mas não era assim. Tratava-se de simples obediência. Era uma decisão por Deus, e levou a uma magnífica vitória, cujos despojos seus irmãos recolheram até aos confins da terra.

O Livro de Daniel

Para mais exemplos do assunto sugerido por Deuteronomio 28:13 recomendamos ao leitor Daniel 3 e 6. Ali poderá ver os gloriosos resultados morais que puderam ser alcançados pela fé individual no verdadeiro Deus, nos dias em que a glória nacional de Israel havia desaparecido; e a sua cidade e o templo estavam em ruínas. Os três dignitários recusaram adorar a imagem de ouro. ousaram enfrentar a ira do rei e resistir à voz de todo o império; sim, enfrentar o próprio forno de fogo, antes que desobedecer. Podiam render as suas vidas, mas não podiam abandonar a verdade de Deus.

E qual foi o resultado? Uma esplêndida vitória! Passearam dentro do forno de fogo ardente com o Filho de Deus, e foram convidados a sair do forno como

testemunhas e servos do Deus Altíssimo. Glorioso privilégio! Dignidade maravilhosa! E tudo como o simples resultado de obediência! Tivessem eles ido com a multidão e inclinado a cabeça em adoração ao deus nacional para escaparem ao terrível forno ardente, e o que teriam perdido! Mas, bendito seja Deus, puderam manter-se firmes na confissão da grande verdade fundamental da unidade da Deidade — a mesma verdade que havia sido calcada aos pés entre os esplendores do reinado de Salomão, e o relato da sua fidelidade tem sido escrito pelo Espírito Santo a fim de nos animar a trilharmos, com passo firme, a vereda de dedicação individual, no mundo que aborrece a Deus e rejeita a Cristo, e à face de um cristianismo que é indiferente à verdade. E impossível ler a narrativa e não sentirmos todo o nosso ser renovado e atraído pelo desejo sincero de uma mais profunda dedicação pessoal a Cristo e à Sua causa.

O efeito produzido pelo estudo de Daniel 6 deve ser idêntico. Não podemos tomar a liberdade de citar a passagem e nos alargarmos em considerações sobre ela. Apenas podemos recomendar a empolgante narrativa à atenção do leitor. E excepcionalmente formosa e proporciona uma esplêndida lição para estes dias de condescendência e pachorrenta profissão, nos quais nada custa dar o consentimento nominal às verdades do cristianismo; e nos quais, sem embargo, há tão escassos desejos de seguir, com firme decisão, o nosso Senhor rejeitado, ou prestar inteira e decidida obediência aos Seus mandamentos.

Em face de tanta indiferença, como é consolador ler da fidelidade de Daniel! Com decisão inflexível persistiu no seu santo hábito do orar três vezes ao dia com a janela aberta para Jerusalém, embora soubesse que a cova dos leões era o castigo imposto ao seu ato. Podia ter fechado a janela e corrido as cortinas e retirar-se para a solidão do seu quarto para orar, ou podia ter esperado pela meia-noite quando olhos humanos não podiam ver ou ouvidos humanos ouvir. Mas não; este amado servo de Deus não quis esconder a luz debaixo da cama ou do alqueire. Estava em jogo um grande princípio. Não só oraria unicamente ao Deus vivo e verdadeiro, mas oraria com as *"janelas abertas da banda de Jerusalém"*. E por que da *banda de Jerusalém*? Porque era o centro de Deus. Porém, estava em ruínas. Decerto, naquele tempo, e quando considerado desde o ponto de vista humano, mas para a fé, e sob o ponto de vista divino, Jerusalém era o centro de Deus para o Seu povo terrestre. Isto estava então e estará de novo fora de toda a dúvida. E não somente isto, senão que o pó das suas ruínas é também precioso para o Senhor; e por isso Daniel estava em plena comunhão com a mente de Deus quando abria as suas janelas para a banda de Jerusalém e orava. O que ele fazia estava baseado na Escritura como o leitor poderá ver em 2 Crônicas 6:38: "E se converterem a ti com todo o seu coração e com toda a sua alma, na terra do seu cativo, a que os levaram presos, e orarem *para a banda da sua terra* que deste a seus pais, e *desta cidade* que escolheste e desta casa que edifiquei ao teu nome."

Aqui estava a autorização para Daniel. Foi isto que ele fez de todo indiferente às opiniões humanas; e indiferente também absolutamente às penas e castigos. Antes preferia ser lançado na cova dos leões do que renunciar à verdade de Deus. Preferia ir para o céu com uma boa consciência do que permanecer na terra com uma má consciência.

E qual foi o resultado? Outro esplêndido triunfo! "Assim foi Daniel tirado da cova, e nenhum dano se achou nele, PORQUE CRERA NO SEU DEUS" (Dn 6:23).

Abençoado servo de Deus! Nobre testemunha! Certamente, ele era o cabeça, nessa ocasião, e os seus inimigos a cauda. E de que modo? Simplesmente mediante a obediência à Palavra de Deus. É isto que consideramos ser de grande importância moral em nossos dias. É para exemplificar e dar ênfase a este fato que nos referimos a esses exemplos de fidelidade individual numa época em que a glória nacional de Israel estava por terra, a sua unidade desfeita e a sua política fragmentada. Não podemos deixar de considerar tudo isto como um fato cheio de interesse, repleto de alento e poder sugestivo, que nos dias mais obscuros da história de Israel como nação temos os mais brilhantes e nobilíssimos exemplos de fé e dedicação pessoais. Submetemos vivamente tal fato à atenção do leitor cristão. Consideramo-lo altamente apropriado para fortalecer e levar os nossos corações a manterem-se firmes pela verdade de Deus nos momentos atuais, em que há tanta coisa para os desanimar no estado geral da igreja professante. Não é que devamos esperar resultados tão rápidos e esplêndidos como os que se obtiveram nos casos a que nos temos referido. Não se trata disso. Devemos recordar o fato que, seja qual for o estado ostensível do povo de Deus em qualquer tempo, é privilégio de todo homem de Deus, individualmente, trilhar a vereda estreita e colher os frutos preciosos da obediência simples à Palavra de Deus e aos mandamentos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Isto, estamos persuadidos, é uma preciosa verdade para os nossos dias, Possamos nós todos sentir o seu santo poder! Corremos o perigo iminente de rebaixar o padrão de devoção pessoal devido ao estado geral de coisas. Isto é um erro fatal; antes, é a sugestão do inimigo de Cristo e da Sua causa. Se Mardoqueu, Sadraque, Mesaque, e Abednego, e Daniel tivessem atuado desta maneira, qual teria sido o resultado?

Ah, não, prezado leitor, temos de recordar sempre que o nosso magno dever é obedecer e deixar os resultados com Deus! Pode ser do Seu agrado permitir que os Seus servos vejam resultados notáveis, ou achar conveniente permitir-lhes esperar aquele grande dia que se está aproximando, em que não haverá o perigo de nos enchermos de vaidade ao ver algum pequeno fruto do nosso testemunho. Seja como for, o nosso dever é trilhara vereda bendita que nos é indicada pelos mandamentos de nosso adorável Senhor e Salvador Jesus Cristo. Que Ele nos habilite, pela graça do Seu Santo Espírito, a consegui-lo! Apeguemo-nos à verdade

de Deus com propósito de coração, completamente indiferentes às opiniões dos nossos semelhantes, os quais nos podem acusar de estreitos, fanáticos, de intolerância e coisas semelhantes. *O nosso dever é prosseguir avante com o Senhor!*

O QUARTO DISCURSO DE MOISÉS

(Capítulos 29 a 30)

A Aliança no País de Moabe

Com este capítulo termina a segunda das grandes divisões do nosso livro. Nele é feito um apelo solene à consciência da congregação. É o que podemos chamar o resumo e aplicação prática de tudo que tem sido exposto nesta profunda e prática parte dos cinco livros de Moisés.

"Estas são as palavras do concerto que o SENHOR ordenou a Moisés, *na terra de Moabe*, que fizesse com os filhos de Israel, *além do concerto que fizera com eles em Horebe*." Já fizemos referência a esta passagem como uma das muitas provas da distinção que deve fazer-se entre o livro de Deuteronômio e os restantes que formam o Pentateuco. Mas ela requer a atenção do leitor desde outro ponto de vista. Fala de um concerto especial com os filhos de Israel, na terra Moabe, em virtude do qual deviam ser introduzidos na terra de Canaã. Este concerto era tão distinto do concerto feito no Sinai como era do concerto feito com Abraão, Isaque e Jacó. Numa palavra, nem era pura *lei* nem pura *graça*, mas o *governo* exercido em soberana misericórdia.

E evidente que Israel não *podia* entrar na terra com base no concerto do Sinai ou Horebe, visto que havia falhado completamente fazendo um bezerro de ouro. Perderam todo o direito à terra e só foram salvos de repentina destruição pela soberana misericórdia exercida a favor deles por mediação e fervorosa intercessão de Moisés. É igualmente claro que não *entraram* na terra em virtude do pacto de graça feito com Abraão, porque se tivesse sido assim, não teriam sido expulsos dela. Nem a extensão nem a duração da posse dela correspondem aos termos do concerto feito com seus pais. Foi segundo os termos do concerto de Moabe que eles entraram na posse parcial e temporária da terra de Canaã; e visto que falharam de um modo tão notado sob o concerto de Moabe como sob o de Horebe —falharam debaixo do governo tão completamente como sob a lei —foram expulsos do país e espalhados sobre a face da terra sob os atos do governo de Deus.

Mas não para sempre. Bendito seja o Deus de toda a graça, os descendentes de Abraão, Seu amigo, possuirão ainda a terra de Canaã, conforme os termos magníficos da concessão original. "Os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento." Os dons e a vocação não devem confundir-se com a lei e o governo. O monte Sião nunca poderá ser igualado com Horebe e Moabe. O novo concerto eterno da graça, ratificado pelo precioso sangue do Cordeiro de Deus, será gloriosamente cumprido à letra, não obstante todos os poderes da terra e do

inferno, dos homens e dos demônios combinados. "Eis que virão dias, diz o Senhor, em que com a casa de Israel e com a casa de Judá estabereceri um novo concerto, não segundo o concerto que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; como não permaneceram naquele meu concerto, eu para eles não atentei, diz o Senhor. Porque este é o concerto que, depois daqueles dias, farei com a casa de Israel, diz o Senhor: porei as minhas leis no seu entendimento e em seu coração as escreverei; e eu lhes serei por Deus, e eles me serão por povo. E não ensinará cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece o Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior. Porque serei misericordioso para com as suas iniquidades e de seus pecados e de seus prevaricações não me lembrarei mais. Dizendo novo concerto, envelheceu o primeiro. Ora, o que foi tornado velho se envelhece perto está de acabar" (Hb 8:8 a 13).

O leitor deve precaver-se contra um sistema de interpretação que pretende aplicar à Igreja esta preciosa passagem. Este critério envolve um tríptico dano: dano à verdade de Deus; dano à Igreja; e dano a Israel. Temos feito uma advertência a este respeito, repetidas vezes, no decurso dos nossos estudos sobre o Pentateuco, porque compreendemos a sua grande importância. Temos a firme convicção de que ninguém que confunde Israel com a Igreja pode compreender e muito menos expor a Palavra de Deus. As duas coisas são tão distintas como o céu e a terra; e portanto, quando Deus fala de Israel, de Jerusalém e de Sião, se tomamos a liberdade de aplicar esses nomes à Igreja do Novo Testamento, só podemos esperar mais completa confusão. Acharmos que é de todo impossível expor as conseqüências de assim manejar a Palavra de Deus. Acaba com todo o cuidado de interpretação e toda aquela santa precisão e certeza divina que a Escritura está destinada e apropriada a comunicar. Prejudica a integridade da verdade, arruína as almas do povo de Deus e impede o seu progresso na vida divina e inteligência espiritual. Em suma, nunca é de mais insistir com todos os que lêem estas linhas sobre a necessidade absoluta de estarem precavidos contra este fatal e falso sistema de tratar a Sagrada Escritura.

Devemos ter cuidado na maneira como nos entremetemos com o alcance da profecia ou a verdadeira aplicação das promessas de Deus. Não temos autorização alguma para interferir com a esfera divinamente determinada dos concertos. O apóstolo inspirado diz- nos claramente, em capítulo 9 de Romanos, *que os concertos pertencem a Israel*; e se nós tentarmos tirá-los aos pais do Velho Testamento e transferi-los para a Igreja de Deus, o corpo de Cristo, podemos estar seguros de que estamos fazendo o que Javé-Eloim jamais aprovará. A Igreja não faz parte dos caminhos de Deus com Israel e a terra. O seu lugar, a sua parte, os seus privilégios, as suas perspectivas são celestiais. Ela é chamada à existência neste tempo de rejeição de Cristo para estar associada Consigo onde Ele agora está oculto

nos céus e compartilhar a Sua glória futura. Se o leitor conseguir compreender esta importante e gloriosa verdade, isso o ajudará a pôr as coisas nos seus devidos lugares.

"Tendes Visto tudo quanto o SENHOR Fez"

Devemos agora voltar a nossa atenção para a solene aplicação prática à consciência de cada membro da congregação de tudo quanto tem passado ante os nossos olhos.

"E chamou Moisés a todo o Israel e disse-lhe: Tendes visto tudo quanto o SENHOR fez na terra do Egito, perante vossos olhos, a Faraó, e a todos os seus servos, e a toda a sua terra; as grandes provas que os teus olhos têm visto, aqueles sinais e grandes maravilhas: porém, não vos tem dado o SENHOR um coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje."

Isto é muito solene. Os mais assombrosos milagres e sinais podem verificar-se ante nós e não afetar *o coração*. Estas coisas podem produzir um efeito transitório sobre a mente e os sentimentos naturais; mas a não ser que a consciência seja levada à luz da presença divina e o coração exposto à ação imediata da verdade pelo poder do Espírito de Deus, não se alcança resultado duradouro. Nicodemos deduziu pelos milagres de Cristo que era mestre vindo de Deus; mas isto não era suficiente. Tinha de aprender o significado profundo e maravilhoso dessa importante frase: "Necessário vos é nascer de novo." Uma fé fundada em milagres pode deixar um povo sem ser salvo, nem convertido e sem bênção — com terrível responsabilidade, sem dúvida, mas inconvertido. No final do capítulo 2 de João lemos de muitos que professaram crer em Cristo quando viram os Seus milagres, "mas o mesmo Jesus não confiava neles". Não havia obra divina, nada em que confiar. Tem de haver nova vida, uma nova natureza; e os milagres e sinais não podem comunicar isto. Temos de ser nascidos de novo — nascidos da Palavra e do Espírito de Deus. A nova vida é comunicada pela semente incorruptível do evangelho de Deus, gravada no coração pelo poder do Espírito Santo. Não é uma fé intelectual baseada em milagres, mas uma fé de coração no Filho de Deus. E qualquer coisa que nunca poderia ser conhecida sob a lei ou o governo. "O *dom* de Deus é a vida eterna por Cristo Jesus, nosso Senhor." Precioso dom! Glorioso manancial! Bendito canal! Universal e eterno louvor à Eterna Trindade!

"E quarenta anos vos fiz andar pelo deserto; não se envelheceram sobre vós as vossas vestes, nem se envelheceu no teu pé o teu sapato" — admiráveis vestidos! Admiráveis sapatos! Deus teve cuidado deles e fê-los durar, bendito seja para sempre o Seu santo Nome! "Pão não comestes e vinho e bebida forte não bebestes, para que soubésseis que eu sou o SENHOR, VOSSO Deus." Foram alimentados e vestidos pela própria mão do Deus bondoso! "Pão dos anjos comeu o homem" (SI 78:25). Não tiveram necessidade de vinho ou de bebida forte, nenhuma

necessidade de estimulantes: "bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo" (1 Co 10:4). Essa corrente pura refrescava-os no fatigante deserto e o maná celestial sustentava-os dia a dia. Tudo que necessitavam era de capacidade para gozar as provisões divinas.

Mas, ah, nisto, assim como nós, eles falharam! Aborreceram-se do alimento celestial e cobiçaram outras coisas. Como infelizmente somos semelhantes a eles! Como é humilhante termos fracassado em apreciar Aquele a Quem Deus nos tem dado para ser a nossa vida, a nossa porção, o nosso objetivo, tudo em todos! Como é terrível descobrir que os nossos corações desejam as miseráveis vaidades e loucuras deste pobre mundo que passa—as suas riquezas, as suas distinções, os seus prazeres que perecem pelo uso, e que, ainda que durassem, não poderiam ser comparados com "as riquezas incompreensíveis de Cristo"! Que Deus, em Sua infinita bondade: "Segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejas corroborados com poder pelo Seu Espírito no homem interior; para que Cristo habite, pela fé, no vosso coração; a fim de, estando arraigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e *conhecer o amor de Cristo*, que excede todo entendimento, para que sejais cheios de *toda a plenitude de Deus*" (Ef 3:16 -19). Que esta bendita oração encontre resposta e prevalecente experiência tanto do leitor como do autor destas linhas!

"Vindo vós, pois, a este lugar, Seom, rei de Hesbom, e Ogue, rei de Basã" — inimigos formidáveis e de temer — "nos saíram ao encontro, à peleja, e nós os ferimos." E tivessem eles sido dez mil vezes poderosos e formidáveis, teriam sido como a praga perante a presença do Deus dos exércitos de Israel. "E tomamos a sua terra e a demos por herança aos rubenitas, e aos gaditas, e à meia tribo dos manassitas." Haverá alguém que se atreva a comparar isto com o que a história humana registra a respeito da invasão da América do Sul pelos espanhóis? Ai dos que assim fazem! Descobrirão quão terrível é o seu erro. Existe esta importante diferença: Israel tinha autorização direta de Deus para o que fez a Seom e Ogue; os espanhóis não podiam mostrar tal autorização para o que fizeram aos pobres e ignorantes selvagens da América do Sul. Isto muda por completo a questão. A introdução de Deus e a Sua autoridade é a única resposta perfeita a toda a questão, a solução divina a toda a dificuldade. Possamos nós relembrar sempre este fato como antídoto divino contra toda a sugestão infiel!

"Guardai, pois, as palavras deste concerto"

"Guardai, pois, as palavras deste concerto [de Moabe] e cumpriais para que prospereis *em tudo quanto fizerdes*." A simples obediência à Palavra de Deus tem sido, é e será sempre o grande segredo de toda a verdadeira prosperidade. Para o cristão, a prosperidade não consiste, evidentemente, nas coisas terrestres ou

materiais, mas nas celestiais e espirituais; e nunca devemos esquecer que é o cúmulo da loucura pensar prosperar ou fazer progresso na vida divina se não prestamos implícita obediência a todos os mandamentos de nosso bendito e adorável Senhor e Salvador Jesus Cristo. "Se vós estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai: que deis muito fruto, e assim sereis meus discípulos. Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci no meu amor. *Se guardardes os meus mandamentos*, permanecereis no meu amor, do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai, e permaneço no seu amor" (Jo 15:7-10). Eis aqui verdadeira prosperidade cristã. Possamos nós desejá-la ardentemente e prosseguir diligentemente o próprio método de a alcançar!

"Vós *todos* estais hoje perante o SENHOR, VOSSO Deus: os cabeças de vossas tribos, vossos anciãos, os vossos oficiais, todo o homem de Israel; *os vossos meninos*" — fato comovedor e interessante! — "as vossas mulheres *e o estrangeiro* que está no meio do arraial".—Que excelente expressão, "*o estrangeiro*"! Que poderoso apelo ao coração de Israel a favor do estrangeiro!—"desde o rachador da tua lenha até ao tirador da tua água; para que entres no concerto do SENHOR, teu Deus, e no seu juramento que o SENHOR, teu Deus, hoje faz contigo; para que hoje te confirme por seu povo, e ele seja a ti por Deus, como tem dito e como jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó. E não somente convosco faço este concerto e este juramento, mas com aquele que hoje está aqui em pé conosco, perante o SENHOR nosso Deus, e com aquele que hoje não está aqui conosco. Porque vós sabeis como habitamos na terra do Egito, e como passamos pelo meio das nações, pelas quais passastes; e vistes as suas abominações e os seus ídolos, a madeira e a pedra, a prata e o ouro que havia entre eles" (versículos 10 a 17).

Este ardente apelo não é apenas geral, mas também individual. Isto é muito importante. Estamos sempre prontos a generalizar, e deste modo perdemos a aplicação da verdade à nossa consciência individual. E um grave erro, e um prejuízo sério para as nossas almas. Cada um de nós é obrigado a render implícita obediência aos mandamentos de nosso Senhor. E desta forma que nós entramos no verdadeiro gozo do nosso parentesco, como Moisés diz ao povo: "Para que hoje te confirme por seu povo, e ele te seja a ti por Deus."

Nada pode ser mais precioso. E por outro lado é tão simples. Não há incerteza, obscuridade ou misticismo a este respeito. Trata-se simplesmente de ter os Seus preciosíssimos mandamentos guardados em nossos corações, agindo sobre a consciência e postos em prática na vida. Tal é o verdadeiro segredo de realizar habitualmente o nosso parentesco com nosso Pai e com nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Se alguém julga que pode desfrutar o bendito sentimento de íntimo parentesco enquanto está vivendo em habitual descuido dos mandamentos de nosso Senhor,

está a alimentar uma ilusão miserável e dolorosa. "Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor." Este é o ponto importante. Consideremo-lo atentamente. "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos." — "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está no céu." — "Porquanto qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe." — "A circuncisão é nada, e a incircuncisão nada é, mas, sim, a observância dos mandamentos de Deus" (1 Co 7:19).

Estas são palavras oportunas nestes dias de indolência, de condescendência e profissão mundana. Queira Deus que penetrem em nossos ouvidos e nossos corações! Que elas possam tomar plena posse de todo o nosso ser moral e produzir fruto na nossa vida diária. Estamos convencidos da necessidade de atender a este lado prático das coisas. Corremos o perigo, enquanto tratamos de evitar tudo que possa parecer legalismo, de cair no extremo oposto de relaxamento carnal. As passagens da Sagrada Escritura que acabamos de citar—e só apenas algumas de entre muitas—proporcionam a divina salvaguarda contra estes perniciosos erros mortais. É uma verdade bendita que somos trazidos para o santo parentesco de filhos pela graça soberana de Deus, mediante o poder da Sua Palavra e do Seu Espírito. Este só fato arranca a raiz do pernicioso joio do legalismo.

Mas, por outro lado, o parentesco tem certamente a sua própria feição, os seus deveres e as suas responsabilidades, cujo devido reconhecimento proporciona o verdadeiro remédio para o terrível mal do relaxamento carnal tão preponderante em toda a parte. Se somos libertados das *obras da lei*—como, graças a Deus, estamos, se somos verdadeiros cristãos—não é para sermos inúteis, amantes do *ego*, mas para que? *s obras da fé* sejam manifestadas em nós, para glória d'Aquele, cujo nome trazemos sobre nós, de Quem somos, e a Quem estamos obrigados, por todas as razões, a amar, obedecer e servir.

Procuremos, prezado leitor, aplicar sinceramente os nossos corações a esta linha prática de coisas. Somos chamados terminantemente a proceder assim, e podemos contar inteiramente com a graça de nosso Senhor Jesus Cristo para nos habilitar a responder à chamada, apesar das milhentas dificuldades e obstáculos que se opõem no nosso caminho! Ah! Suspiremos por uma obra de graça mais profunda em nossas almas, por conduta mais íntima com Deus, por um mais claro discipulado! Entreguemo-nos com ardor à prossecução destas coisas!

A Raiz que Produz Fel e Absinto

Devemos prosseguir agora com o apelo solene do legislador. Adverte o povo a tomar cuidado. "Para que entre vós não haja homem, nem mulher, nem família, nem tribo cujo coração hoje se desvie do SENHOR, nosso Deus, e vá servir aos

deuses destas nações; para que entre vós não haja *raiz* que dê fel e absinto". Nenhuma raiz de amargura!

O apóstolo inspirado faz referência a estas palavras na sua epístola aos Hebreus de uma maneira enfática. "*Tende cuidado* de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem" (Hb 12:15).

Que graves palavras! Quão plenas de salutar admoestação e advertência! Mostram a solene responsabilidade de todos os cristãos. Somos todos convidados a exercer um santo, cioso, piedoso cuidado uns sobre os outros, o qual, infelizmente, é pouco compreendido ou reconhecido. Não somos todos chamados para sermos pastores ou ensinadores. A passagem que acabamos de citar não diz respeito de um modo especial aos tais. Diz respeito a todos os crentes, e nós somos obrigados a prestar-lhe atenção. Ouvimos queixas por toda a parte de triste falta de cuidados pastorais. Sem dúvida, há uma grande falta de verdadeiros pastores na Igreja de Deus, assim como há de todos os outros dons. Isto é apenas o que podíamos esperar. Como poderia ser de outra forma? Como poderíamos nós esperar uma profusão de dons espirituais na nossa presente situação miserável? O Espírito está entristecido e extinguido por meio das nossas lamentáveis divisões, da nossa mundanidade e grosseira infidelidade. Devemos, então, estranhar a nossa deplorável pobreza?

Mas nosso bendito Senhor é cheio de graça e terna compaixão para conosco, no meio da nossa ruína e desolação espiritual; e se tão-somente nós nos humilharmos sob a Sua poderosa mão, Ele nos levantará bondosamente, e nos habilitará, de muitos modos, a enfrentar a deficiência de dons pastorais entre nós. Podíamos, por Sua preciosa graça, olhar, mais diligente e ternamente, uns pelos outros, e procurar o progresso espiritual e a prosperidade dos outros de mil maneiras.

Não julgue o leitor, nem por um momento, que pretendemos dar o mínimo apoio à curiosidade impertinente dos crentes. Longe de nós tal pensamento! Consideramos tais coisas como absolutamente insuportáveis na Igreja de Deus. Encontram-se em oposição àquele amoroso, santo, terno e diligente cuidado pastoral de que falamos, e pelo qual suspiramos.

Contudo, não acha o leitor que, enquanto nos afastamos o mais possível dos males desprezíveis que temos já citado, podemos cultivar e exercer um interesse amoroso no poder da oração uns pelos outros, e uma santa vigilância e cuidado que poderiam evitar o crescimento de muita raiz de amargura? Não temos dúvidas a esse respeito. É certo que não somos todos chamados para sermos pastores; e é igualmente verdade que existe uma lamentável crise de pastores na Igreja de Deus. Claro está que queremos dizer verdadeiros pastores—pastores dados pelo Cabeça da Igreja—homens com o coração de pastor, e com reais dons e poder pastorais. Tudo isto é incontestável, por esta mesma razão, deveria despertar os corações do

amado povo do Senhor em toda a parte para buscar d'Ele a graça a fim de poder em exercer um cuidado temo, amoroso, fraternal uns para com os outros, que muito poderia contribuir para suprir a falta de pastores entre nós. Uma coisa é certa, na passagem já citada de Hebreus 12 nada é dito acerca de pastores. É simplesmente uma comovedora exortação a todos os crentes a exercerem cuidado mútuo e a vigiar contra a manifestação de qualquer raiz de amargura.

E, oh, como isto é necessário! Quão terríveis são tais raízes! Quão amargas! Quão perniciosos são por vezes os seus rebentos! Que dano irreparável causam! Quantos são contaminados por eles! Quantos laços preciosos de fraternidade têm sido desfeitos, e quantos corações têm sido desapontados por elas! Sim, prezado leitor, e quantas vezes nos temos sentido persuadidos de que um pouco de cuidado pastoral ou simplesmente fraternal, um conselho piedoso ou afetivo poderia ter destruído o gérmen do mal e deste modo evitado incalculável dano e sofrimento. Possamos nós ter estas coisas bem presentes em nosso coração e buscar com ardor graça para fazer tudo o que pudermos a fim de evitar que apareçam as raízes de amargura e a difusão da sua influência corruptora!

Se Tal Raiz Brotar

Mas devemos escutar mais algumas palavras graves e perscrutadoras do amado e venerado legislador. Dá-nos um quadro solene do fim daquele que causou a aparição da raiz de amargura.

"E aconteça que, ouvindo as palavras desta maldição, *se abençoe no seu coração*, dizendo: Terei paz, ainda que ande conforme ao bom parecer do meu coração: para acrescentar à sede a bebedice." Fatal ilusão! Clamar paz, paz, quando não há paz, mas ira iminente e juízo. "O SENHOR não lhe querará perdoar; mas, então, fumegará a ira do SENHOR e o seu zelo sobre o tal homem, e" — em vez da paz que em vão prometeu a si próprio — "toda maldição escrita neste livro jazerá sobre ele; e o SENHOR apagará o seu nome de debaixo do céu." Terrível advertência para todos os que atuam como raízes de amargura no meio do povo de Deus e para todos aqueles que lhes dão apoio!

"E o SENHOR O separará, para mal, de todas as tribos de Israel, conforme todas as maldições do concerto escrito no livro desta Lei. Então, dirá a geração vindoura, os vossos filhos, que se levantarem depois de vós, e o estranho, que virá de terras remotas, vendo as pragas desta terra, e as suas doenças, com que o Senhor a terá afligido, e toda a sua terra abrasada com enxofre e sal, de sorte que não será semeada e nada produzirá, nem nela crescerá erva alguma, assim como foi a destruição de Sodoma e Gomorra, de Admá e de Zeboim, que o SENHOR destruiu na sua ira e no seu furor" — exemplos aterradores dos atos do governo do Deus vivo, que deveriam falar com voz de trovão aos ouvidos de todos os que convertem a graça do nosso Deus em dissolução e negam o SENHOR que os adquiriu! "E todas as

nações dirão: Por que fez o SENHOR assim com esta terra? Qual foi a causa do furor desta tão grande ira? Então, se dirá: Porque deixaram o concerto do SENHOR, O Deus de seus pais, que com eles tinha feito, quando os tirou do Egito, e foram-se, e serviram a outros deuses, e se inclinaram diante deles; deuses que os não conheceram, e nenhum dos quais ele lhes tinha dado. Pelo que a ira do SENHOR se acendeu contra esta terra, para trazer sobre ela toda maldição que está escrita neste livro. E o SENHOR os tirou da sua terra, com ira, e com indignação, e com grande furor e os lançou em outra terra como neste dia se vê" (versículos 19 a 28).

Como tudo isto é solene! Que poderosa ilustração das palavras do apóstolo: "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb. 10:31)! "O nosso Deus é um fogo consumidor!" Quão importante seria que a igreja professante prestasse atenção a estas notas de advertência! Com certeza, ela é convidada a aprender muito com a história dos atos de Deus com o Seu povo de Israel; Romanos 11 é perfeitamente claro a este respeito. O apóstolo, falando do juízo divino sobre os ramos incrédulos da oliveira, faz o seguinte apelo à cristandade: "E se alguns dos ramos forem quebrados, e tu, sendo zambujeiro, foste enxertado em lugar deles e feito participante da raiz e da seiva da oliveira, não te glories contra os ramos; e, se contra eles te gloriasses, não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti. Dirás, pois: Os ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado. Está bem! Pela sua incredulidade foram quebrados, e tu estás em pé pela fé: ENTÃO, NÃO TE ENSOBERBEÇAS, MAS TEME. Porque se Deus não poupou os ramos naturais, teme que te não poupe a ti também. Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a benignidade de Deus, *se permaneceres na sua benignidade; de outra maneira, também tu serás cortado*" (versículos 17 a 22).

Ah! A igreja professante não tem permanecido na benignidade de Deus! É impossível ler a sua história, à luz da Escritura, e não ver isto. Afastou-se, gravemente, e nada resta diante dela senão a ira do Deus Todo-poderoso. Os amados membros do corpo de Cristo, que, é triste dizê-lo, estão misturados com a terrível massa da profissão corrupta, serão tirados dela e levados para o lugar preparado na casa do Pai no céu. Então, se não antes, reconhecerão quão culpados eram em permanecer em ligação com o que estava em oposição flagrante com a mente de Cristo segundo é revelada com clareza e simplicidade divina nas Sagradas Escrituras.

Mas quanto à grande massa conhecida como a cristandade será vomitada e cortada. Será abandonada à operação do erro, para que creiam a mentira, "para que sejam julgados todos os que não creram a verdade, antes tiveram *prazer na iniquidade.*"

Tremendas palavras! Possam elas ressoar aos ouvidos e penetrar nos corações de milhares que continuam dia após dia, semana após semana, e ano após ano,

contentes em viver com um simples nome, uma forma de piedade mas negando a eficácia dela: "*Mais amigos dos deleites do que amigos de Deus*" (2 Tm 3:4). Que terrível quadro gráfico da assim chamada Inglaterra cristã! Quão aterrador o estado e destino dos milhares que vão em busca de prazeres, que se precipitam cega, negligente e loucamente no plano inclinado que conduz à desesperada e eterna miséria! Que Deus, em Sua infinita bondade, pelo poder do Seu Espírito e a ação poderosa da Sua Palavra, desperte os corações do Seu povo em toda a parte a um sentimento mais profundo e influente destas coisas!

As Coisas Encobertas e as Coisas Reveladas

Devemos agora, antes de terminar esta parte, chamar rapidamente a atenção para o último versículo do nosso capítulo. É uma daquelas passagens da Escritura desgraçadamente mal compreendidas e mal aplicadas. "As coisas encobertas são para o SENHOR, nosso Deus; porém as reveladas são para nós e para nossos filhos, para sempre, para cumprirmos todas as palavras desta lei" (versículo 29). Este versículo é constantemente empregado para impedir o progresso das almas no conhecimento das "coisas profundas de Deus"; porém o seu significado é simplesmente este: as coisas "reveladas" são as que temos tido perante nós no capítulo precedente deste livro; e, por outro lado, as coisas "encobertas" dizem respeito àqueles recursos de graça que Deus tinha em reserva para serem revelados quando o povo houvesse fracassado por completo em cumprir "todas as palavras da lei". As coisas reveladas são o que Israel deveria ter feito, mas não fez; as coisas encobertas são o que Deus havia de fazer, apesar do fracasso triste e vergonhoso de Israel, e são apresentadas de uma forma bendita nos capítulos seguintes—os desígnios da graça divina, as provisões de soberana misericórdia a serem manifestadas quando Israel tiver plenamente aprendido a lição do seu completo fracasso sob os dois concertos de Moabe e de Horebe.

Deste modo, esta passagem, quando convenientemente compreendida, longe de se prestar como apoio ao emprego que dela se faz constantemente, estimula o coração a investigar estas coisas que, embora "encobertas" para Israel, nas planícies de Moabe, são plana e claramente "reveladas" para nosso proveito, consolação e edificação ⁽¹⁾. O Espírito Santo desceu no dia de Pentecostes a fim de guiar os discípulos em *toda a verdade*. O cânone da Escritura está completo; todos os propósitos e desígnios de Deus estão plenamente revelados. O mistério da Igreja completa o círculo da verdade divina. O apóstolo João podia dizer a todos os filhinhos: "E vós tendes a unção do santo, e sabeis *tudo*."

(1) 1 Coríntios 2:9 é outra das passagens mal compreendidas e mal aplicadas. "Mas, como está escrito, as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam". Aqui as pessoas certamente se detêm e por isso concluem que não podemos, de modo algum, saber nada das coisas preciosas que Deus tem reservadas para nós. Porém, o

próprio versículo seguinte prova o absurdo de tal conclusão. "Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus. Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele *está*? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Mas nós" — isto é, o povo do Senhor — "não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, *para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus.*" De modo que tanto esta passagem como a de Deuteronômio 29:29 ensinam precisamente o contrário do que constantemente se deduz delas. Quão importante é examinar e pesar o contexto das passagens que são citadas!

Assim todo o Novo Testamento abunda em evidência para provar o uso errado que constantemente se faz de Deuteronômio 29:29. Alargamo-nos sobre este ponto porque estamos ao fato do modo como o povo de Deus é infelizmente impedido por ele no seu conhecimento divino. O inimigo procura sempre mantê-los nas trevas, quando deveriam andar à luz da revelação divina—mantê-los como meninos que se alimentam de leite, quando deveriam, como os que "têm idade", alimentar-se com "alimento sólido", tão liberalmente provido para a Igreja de Deus. Fazemos apenas uma pequena idéia de como o Espírito de Deus é entristecido e Cristo desonrado pelo fraco estado de coisas entre nós. Quão poucos realmente conhecem as coisas que, liberalmente, nos são dadas por Deus! Onde vemos que os próprios privilégios do cristão sejam compreendidos, cridos e postos em prática?- Quão pobre é a nossa compreensão das coisas divinas! Quão enfezado o nosso crescimento! Quão débil a nossa exposição prática da verdade de Deus! Que carta de Cristo mais manchada apresentamos!

Prezado leitor crente, ponderemos seriamente estas coisas na presença divina. Procuremos honestamente a raiz de todo este lamentável fracasso, julguemo-lo e tiremo-lo a fim de podermos fielmente declarar de quem somos e a quem servimos. Possamos nós mostrar mais claramente que Cristo é o nosso absorvente objetivo!

CAPÍTULO 30

AS COISAS SECRETAS PERTENCEM AO SENHOR

Um Povo Restaurado, Convertido e Bendito

Este capítulo é de profundo interesse e grande importância. É um capítulo profético e apresenta-nos "as coisas ocultas" a que nos referimos no final do capítulo precedente. Descobre alguns daqueles preciosos recursos da graça guardados no coração de Deus para serem manifestados quando Israel, havendo fracassado completamente no cumprimento da lei, fosse espalhado até aos confins da terra.

"E será que, sobrevindo-te todas estas coisas, a bênção ou a maldição, que tenho posto diante de ti, *e te recordares delas* entre todas as nações, para onde te lançar o SENHOR, teu Deus; e te converteres ao SENHOR, teu Deus, e deres ouvidos à sua voz conforme tudo o que eu te ordeno hoje, *tu e teus filhos, com todo o teu coração e com toda a tua alma*; então, o SENHOR, teu Deus, te fará voltar do teu cativo, e *se apiedará de ti*, e tornará a ajuntar-te dentre todas as nações entre as quais te espalhou o SENHOR, teu Deus."

Quão comovedor e quão belo é tudo isto! Já se não trata de guardar a lei, mas de alguma coisa muito mais profunda, muito mais preciosa; é a mudança de coração—de todo o coração, de toda a alma ao Senhor, numa época em que a obediência literal à lei é de todo impossível. E o coração contrito que se volta para Deus, e Deus, em profunda e terna compaixão, vai ao encontro desse coração. Isto é verdadeira felicidade em todo tempo e em todo lugar. E alguma coisa que sobrepuja todos os atos e meios de dispensação. E Deus mesmo em toda a plenitude e inefável bem-aventurança do que Ele é, recebendo uma alma que se arrepende; e nós podemos verdadeiramente dizer que quando estes dois se encontram tudo fica divina e eternamente resolvido. O leitor deve compreender claramente que aquilo que temos agora diante de nós está tão distante do cumprimento da lei e da justiça humana como o céu está da terra. O primeiro versículo deste capítulo prova, da maneira mais clara possível, que o povo é considerado como num estado em que o cumprimento das ordenações da lei é simplesmente impossível. Mas, bendito seja Deus, não existe um ponto na superfície da terra, por mais remoto que seja, do qual o coração não possa voltar-se para Deus. As *mãos* poderiam ser incapazes de apresentar uma vítima para o altar; *os pés* poderiam não conseguir chegar ao lugar designado para o culto; mas o *coração* podia encaminhar-se para Deus. Sim; o pobre coração abalado, oprimido e contrito, podia dirigir-se diretamente a Deus, e Deus, em sua profunda compaixão e terna misericórdia, podia sair ao seu encontro, tratar das suas feridas e enchê-lo até transbordar do rico conforto e consolação do Seu amor e pleno gozo da Sua salvação.

Mas continuemos a escutar essas "coisas encobertas" que "são para o SENHOR, nosso Deus" — coisas preciosas além de toda a imaginação. "Ainda que os teus desterrados *estejam para a extremidade do céu*"—tão longe quanto pudessem expor-se—"desde ali *te ajuntará* o SENHOR, teu Deus, e te *tomará dali*. E o SENHOR, teu Deus, te trará à terra que teus pais possuíram, e a possuirás; e *te fará bem* e te multiplicará mais do que a teus pais."

Quão precioso é tudo isto! Mas existe ainda alguma coisa muito melhor. Não só os a juntará, os tomará, e os multiplicará, não só agirá em poder a *favor* deles, mas fará uma poderosa obra de graça *neles* muito mais valiosa do que qualquer prosperidade visível, por mais desejável que seja. "E o SENHOR, teu Deus, *circuncidará o teu coração*" — o próprio centro de todo o ser moral, a origem de todas aquelas influências que formam o caráter—"e o coração de tua semente, para amares ao SENHOR teu, Deus, com todo o coração"—o grande regulador moral de toda a vida — "e com toda a tua alma, para que vivas. E o SENHOR, teu Deus, porá todas estas maldições sobre os teus inimigos e sobre os teus aborrecedores, que te perseguiram" — palavras solenes para todas as nações que sempre têm procurado oprimir os judeus! — "Converter-te-ás, pois, e darás ouvidos à voz do SENHOR; farás todos os seus mandamentos, que hoje te ordeno" (versículos 6 a 8).

Nada pode ser moralmente mais encantador que isto. O povo ajuntado, trazido, multiplicado, abençoado, de coração circuncidado, inteiramente dedicado ao Senhor, e rendendo amorosa obediência a todos os Seus mandamentos! O que poderia exceder isto em bênção para um povo na terra!

A Palavra está Perto de Ti

"E o SENHOR, teu Deus, te dará abundância em toda obra das tuas mãos, no fruto do teu ventre, e no fruto dos teus animais, e no fruto da tua terra para bem; porquanto o SENHOR tornará a alegrar-se em ti para bem, como se alegrou em teus pais; quando deres ouvidos à voz do SENHOR, teu Deus, guardando os seus mandamentos e os seus estatutos, escritos neste livro da Lei, quando te converteres ao SENHOR, teu Deus, com todo o teu coração e com toda a tua alma. Porque este mandamento, que hoje te ordeno, te não é encoberto e tampouco está longe de ti. Não está nos céus, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o façamos? Nem tampouco está além do mar, para dizeres: Quem passará por nós dalém do mar, para que no-lo traga e no-lo faça ouvir, para que o façamos? Porque esta palavra está *muito perto de ti*, na tua *boca* e no teu *coração*, para a fazeres."

Esta passagem é particularmente interessante. Proporciona a chave das "coisas encobertas" já mencionadas, e expõe os grandes princípios da justiça divina em vivido e formoso contraste com a justiça que é da lei em todos os aspectos possíveis. Segundo a verdade aqui exposta não importa, de modo nenhum, que a alma esteja

aqui, ali ou em qualquer outro sítio. "Esta palavra está mui perto de ti." Não poderia estar mais perto. Como poderia estar mais perto do que "na tua boca e no teu coração?-" Não precisamos, por assim dizer, movimentar um músculo para a obter. Se estivesse acima de nós ou fora do nosso alcance, teríamos razão para lamentar a impossibilidade de a alcançarmos. Mas não; não há necessidade das *mãos* ou dos *pés* nesta bendita e importante questão. *O coração* e a boca são postos aqui em ação.

Existe uma encantadora alusão à passagem citada no capítulo 10 da epístola aos Romanos, à qual o leitor pode recorrer com muito proveito. Com efeito, está tão repleta de doçura evangélica que devemos reproduzi-la.

"Irmãos, o bom desejo do meu coração e a oração a Deus por Israel é para sua salvação. Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento. Porquanto, *não conhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus.* Porque o fim da lei é Cristo para justiça de *todo aquele que crê*" — não diz para todo aquele que diz que crê, como em Tiago 2:14 — "Ora, Moisés descreve a justiça que é pela lei, dizendo: O homem que fizer estas coisas viverá por elas. Mas a justiça que é pela fé diz assim: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu (isto é, a trazer do alto a Cristo) V Notável parêntesis! Exemplo maravilhoso de como o Espírito emprega a Escritura do Velho Testamento! Tem o selo distinto da Sua mão—"Ou: Quem descerá ao abismo (isto é, a tornar a trazer dentre os mortos a Cristo)? Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta *é a palavra de fé, que pregamos.*" — Quão perfeita é a adição! Quem, senão o Espírito, poderia proporcioná-la? "A saber: *Se, com a tua boca, confessares ao Senhor Jesus e, em teu coração, creeres* que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. Porque a Escritura diz: Todo aquele que nele crer não será confundido."

Note-se esta formosa expressão: "todo aquele". E certo que inclui também os judeus. Aplica-se-lhes onde quer que possam estar, pobres no exílio, nos confins da terra, em circunstâncias sob as quais a obediência à lei, com efeito, era de todo impossível; mas em que a rica e preciosa graça de Deus e a Sua gloriosa salvação podem alcançá-los, na sua grande necessidade. Ali, embora não podendo cumprir a lei, podem confessar com a sua boca o Senhor Jesus e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos: e isto é salvação.

Por outro lado, se é "todo aquele" não pode limitar-se de modo algum aos judeus; ou antes, não pode ser limitada; e por isso o apóstolo continua a dizer: "Porquanto não há diferença entre judeu e grego." *Existia* a maior diferença possível sob a lei. Não poderia existir uma linha mais ampla ou mais clara de demarcação do que aquela que o legislador havia traçado entre o judeu e o grego; mas essa linha é suprimida, por duas razões: primeira, "porque todos pecaram e

destituídos estão da glória de Deus" (Rm. 3.23); segunda, "porque um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo."

Como tudo é bem-aventuradamente simples! "Invocar", "crer", "confessar"! Nada pode exceder a graça transcendente que resplandece nestas palavras. Decerto, supõe-se que a alma está realmente a proceder com sinceridade, que o *coração* está ocupado. Deus trata com realidades morais. Não se trata de uma crença nominal, nacional ou intelectual; mas de fé divina dada ao coração pelo Espírito Santo — uma fé viva que liga a alma a Cristo de um modo divino e por meio de um laço eterno.

Em seguida vem a confissão do Senhor Jesus com a boca. Isto é de grande importância. Um homem pode dizer: "Creio em meu coração, mas não sou dos que fazem ostentação da sua crença religiosa. Não sou um palrador. Guardo a minha religião para mim próprio. E uma questão inteiramente entre Deus e a minha alma; não creio nessa perpétua intromissão dos nossos sentimentos religiosos na vida dos outros. Muitos dos que falam e proclamam a sua religião em público fazem uma triste figura na vida privada, e eu não quero certamente ser incluído no número deles. Detesto por completo todo o fingimento. Obras, não palavras, eis o que importa."

Tudo isto parece muito aceitável; mas não pode subsistir à luz de Romanos 10:9. Tem de haver confissão com a boca. Muitos querem ser salvos por Cristo, mas hesitam ante o opróbrio de confessar o Seu precioso nome. Querem chegar ao céu quando morrerem, mas não querem ser identificados com um Cristo rejeitado. Mas Deus não reconhece os tais. Espera a completa, destemida e clara confissão de Cristo perante o mundo hostil.

Nosso Senhor Jesus Cristo espera também esta confissão. Declara que aquele que o confessar diante dos homens, Ele também o declarará diante dos anjos de Deus; mas que aquele que o negar diante dos homens, Ele o negará também diante dos anjos de Deus. O malfeitor na cruz mostrou os dois grandes aspectos da verdadeira fé para a salvação. Creu com o seu coração e confessou com a sua boca. Pelo contrário, mostrou uma plena contradição a todo o mundo sobre a questão vital que jamais foi ou poderá ser levantada, e essa questão é Cristo. Foi claramente um decidido discípulo de Cristo. Oh, se houvesse muitos mais como ele! Existe muita indiferença e fria profissão na igreja professante, a qual entristece o Espírito Santo, ofende a Cristo e é horrenda para Deus. Anelamos uma decisão intrépida, um testemunho vivo e inconfundível do Senhor Jesus. Que o Espírito Santo desperte os nossos corações e nos conduza, em mais completa consagração de alma, Aquele bendito Senhor que deu a Sua vida para nos salvar das chamas eternas!

Vamos terminar este capítulo citando os versículos em que Moisés faz um apelo especialmente solene aos corações e consciências do povo. Trata-se de uma poderosa palavra de exortação.

"Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, que te tenho proposto *a vida e a morte, a bênção e a maldição.*" Assim é sempre como governo de Deus. As duas coisas estão inseparavelmente unidas. Que ninguém se atreva a desfazer o laço que as une. Deus "recompensará cada um segundo as suas obras, a saber: a vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, e honra, e incorrupção; mas indignação e ira aos que são contenciosos e desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade; tribulação e angústia sobre *toda alma do homem que faz o mal*; primeiramente do judeu e também do grego; glória, porém, e honra e paz a *qualquer que faz o bem*, primeiramente ao judeu e também ao grego; porque, para com Deus, não há acepção de pessoas" (Rm 2:6-11).

O apóstolo não entra, nesta passagem prática, na questão do poder; expõe simplesmente o fato — um fato aplicável a todos os tempos e sob todas as dispensações do governo, da lei e do cristianismo; é sempre certo que Deus "recompensará a cada um segundo as suas obras." Isto é de grande importância. Tenhamos isto sempre presente em nossas mentes. Pode dizer-se talvez: "Não estão os cristãos debaixo da graça?"- Sim, graças a Deus, mas isto não enfraquece, de modo nenhum, o grande princípio de administração acima referido. Antes o fortalece e confirma grandemente.

Mas, pode dizer-se: "Pode uma pessoa inconvertida fazer bem? A nossa resposta é que esta questão não é levantada na passagem reproduzida. Todo aquele que é ensinado de Deus sabe, sente e reconhece, que nenhum "bem" foi jamais feito neste mundo senão pela graça de Deus; que o homem entregue a si mesmo fará somente mal continuamente. "Toda boa dádiva e todo dom perfeito vem do alto, descendo do Pai das luzes" (Tg 1:17). Tudo isto é verdadeiro e reconhecido com gratidão por toda a alma piedosa; mas deixa de pé o fato exposto em Deuteronômio 30 e confirmado em Romanos 2, que *a vida e a morte, a bênção e a maldição* estão unidas por um elo inquebrável. Nunca o esqueçamos! Que fique para sempre em nossos corações!

"Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, a morte e o mal; porquanto te ordeno, hoje, que ames ao SENHOR, teu Deus, que andes nos seus caminhos e que guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, para que vivas, e te multipliques, e o SENHOR, teu Deus, te abençoe na terra, a qual passas a possuir. Porém, *se o teu coração se desviar, e não quiseres dar ouvidos, e fores seduzido para te inclinares a outros deuses, e os servires, então, eu te anuncio, hoje, que, certamente, perecerás; não prolongarás os dias na terra a que vais, passando o Jordão, para que, entrando nela, a possuas, céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a*

maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua semente, amando ao SENHOR, teu Deus, dando ouvidos à sua voz *e te achegando a ele;*" — a coisa mais importante e essencial para cada um de nós, a própria origem do poder e de toda a verdadeira religião, em todos os tempos, e em toda a parte—"pois *ele é a tua vida e a lonjura dos teus dias*"—Como isto é essencial! Verdadeiro! Preciso! E terminante! — "para que fiques na terra que o SENHOR jurou a teus pais, a Abraão, a Isaque, e a Jacó, que lhes havia de dar" (versículos 15 a 20).

Nada pode ser mais solene que este apelo final à congregação: está de perfeita harmonia com o tom e o caráter de todo o livro de Deuteronomio—um livro inteiramente marcado pelas mais poderosas exortações que jamais soaram a ouvidos humanos. Não encontramos apelos tão comovedores em qualquer das precedentes partes do Pentateuco. Cada livro, desnecessário é dizê-lo, tem o seu próprio lugar a preencher, o seu próprio objetivo e distinto caráter; mas a grande ansiedade em Deuteronomio, desde o princípio ao fim, é a exortação; a sua tese, a Palavra de Deus; o seu objetivo, a obediência — obediência amorosa, sincera, de todo o coração — baseada num parentesco conhecido e privilégios desfrutados.

CAPÍTULO 31

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE MOISÉS A ISRAEL

Ternura e Cuidado

O coração de Moisés ainda bate com profunda ternura e solicitude pela congregação. Parece que nunca poderia cansar-se de derramar em seus ouvidos as suas ardentes exortações. Sentia a necessidade delas; previu o seu perigo; e, como pastor fiel e verdadeiro, procurou prepará-los com toda a ternura e profunda compaixão da sua alma para o que os esperava. Ninguém pode ler as suas últimas palavras sem se sentir comovido com o seu tom de peculiar solenidade. Recordam-nos a despedida emocionante de Paulo aos anciãos de Éfeso. Ambos estes amados e honrados servos compreenderam, de um modo vívido, a gravidade da situação em que estavam, tanto eles como aqueles a quem se dirigiam. Deram-se conta da gravidade dos interesses que estavam em causa e da necessidade urgente de tratar com fidelidade com o coração e a consciência. Isto explica a terrível solenidade dos seus apelos. Todo aquele que realmente se interessa pela situação e destino do povo de Deus, num mundo como este, *deve* revestir-se de seriedade. O verdadeiro sentido destas coisas, a compreensão delas na presença divina, deve, necessariamente, comunicar uma santa gravidade ao carácter e um especial poder ao testemunho.

"Depois, foi Moisés, e falou estas palavras a todo o Israel, e disse- lhes: Da idade de cento e vinte anos sou eu hoje; já não poderei mais sair e entrar; além disso, o SENHOR me disse: Não passarás o Jordão." Que comovente alusão à sua avançada idade e à renovada e final referência ao tratamento do governo de Deus a respeito de si mesmo! O objetivo imediato e claro de ambas as alusões era que o seu apelo produzisse efeito nos corações e consciências do povo — reforçar a alavanca moral com que procurava movê-los na direção de simples obediência. Se faz alusão aos seus cabelos brancos ou à santa disciplina exercida sobre ele não é, certamente, com o propósito de se exibir, ou expor as suas circunstâncias ou os seus sentimentos ante o povo, mas simplesmente com o fim de tocar os mais íntimos recônditos do seu ser moral por todos os meios possíveis.

"O SENHOR, teu Deus, passará diante de ti; ele destruirá estas nações diante de ti, para que as possuas: Josué passará diante de ti, como o SENHOR tem dito. E o SENHOR lhes fará como fez a Seom e a Ogue, reis dos amorreus, e à sua terra, os quais destruí. Quando, pois, o SENHOR vo-los der diante de vós, então, com eles fareis conforme todo o mandamento que vos tenho ordenado." Nem uma palavra de murmuração ou de queixa quanto ao que lhe tocava; nem a mais pequena sombra de inveja ou ciúme com respeito àquele que devia ocupar o seu posto; não há a mais leve aparência de nada disto; toda a consideração própria se acha

absorvida pelo grande propósito de animar os corações do povo a trilharem, com passo firme, a senda da obediência que era então, como é agora, e sempre será, o caminho da vitória, a vereda da bênção, a carreira da paz.

"Esforçai-vos, e animai-vos; não temais, nem vos espanteis diante deles, porque o SENHOR, teu Deus, é O que vai convosco; não vos deixará nem vos desampará." Que palavras preciosas e animadoras, prezado leitor! Como estão eminentemente calculadas para elevar o coração acima de toda a influência deprimente! O bendito conhecimento da presença do Senhor e a recordação dos Seus atos de graça conosco em dias passados hão de constituir sempre o verdadeiro segredo do nosso avanço. A mesma mão poderosa que havia subjugado perante eles Seom e Ogue podia subjugar todos os reis de Canaã. Os amorreus eram tão formidáveis como os cananeus; o Senhor podia vencer a todos. "Ó Deus, nós ouvimos com os nossos ouvidos, e nossos pais nos têm contado os feitos que realizaste em seus dias, nos tempos da antiguidade. Como expeliste as nações com a tua mão e aos nossos pais plantastes; como afligiste os povos aos nossos pais os alargaste" (SI 44:1 e 2).

Pense-se em Deus expelindo nações com Sua própria mão! Que resposta a todos os argumentos e dificuldades de um sentimentalismo mórbido! Quão superficiais e errôneos são os pensamentos de alguns a respeito dos atos governamentais de Deus! Quão mesquinhos os conceitos do Seu caráter e dos Seus atos! Quão absurdo o intento de julgar Deus pelo padrão do juízo e do sentimento humano! É evidente que Moisés não simpatizava, de modo nenhum, com tais sentimentos quando dirigiu à congregação de Israel a magnificente exortação acima citada. Conhecia alguma coisa da gravidade e solenidade do governo de Deus, alguma coisa da bem-aventurança de O ter por escudo no dia da batalha, um refúgio e recurso em todas as horas de perigo e necessidade.

Josué é Chamado

Escutemos as palavras animadoras que ele dirigiu ao homem que devia ser o seu sucessor. "E chamou Moisés a Josué e lhe disse aos olhos de todo o Israel: *Esforça-te e anima-te*, porque com este povo entrarás na terra que o SENHOR jurou a teus pais lhes dar; e tu os farás herdá-la. O SENHOR ,pois, é aquele que vai diante de ti; ele será contigo, não te deixará, nem te desampará; não temas, nem te espantes" (versículos 7 e 8).

Josué tinha necessidade de uma palavra para si mesmo, como aquele que era chamado a ocupar um lugar preeminente e elevado na congregação. Mas a palavra a si dirigida expressa a mesma preciosa verdade dirigida a toda a assembléia. E-lhe prometida a presença e o poder divinos. Isto é bastante para todos: para Josué como para o mais obscuro membro da assembléia. Sim, prezado leitor, é bastante para ti, quem quer que sejas, ou qualquer que seja a tua esfera de ação. Não importa quais sejam as dificuldades ou perigos que possam apresentar-se diante de nós, o nosso

Deus é amplamente suficiente para tudo. Contanto que tenhamos o sentido da presença do Senhor conosco e a autoridade da Sua Palavra para a obra em que estamos ocupados, podemos avançar com alegre confiança, embora se levantem milhentas dificuldades e influências hostis.

A Lei Escrita Dada aos Sacerdotes

"E Moisés escreveu esta Lei, e a deu aos sacerdotes, filhos de Levi, que levavam a arca do concerto do SENHOR, e a todos os anciãos de Israel. E deu-lhes ordem Moisés, dizendo: Ao fim de cada sete anos, no tempo determinado do ano da remissão, na Festa dos Tabernáculos, quando *todo o Israel* vier a comparecer perante o SENHOR, teu Deus, no lugar que ele escolher, lerás esta Lei diante de todo o Israel aos seus ouvidos. Ajunta o povo *homens, e mulheres, e meninos, e os teus estrangeiros* que estão dentro das tuas portas, para que *ouçam, e aprendam, e temam* ao SENHOR, VOSSO Deus, e tenham *cuidado de fazer todas as palavras* desta Lei; e que *seus filhos que a não souberem ouçam e aprendam a temer ao SENHOR, vosso Deus*, todos os dias que viverdes sobre a terra, a que ides, passando o Jordão, para possuí-la" (versículos 9 a 13).

Na precedente passagem duas coisas chamam a nossa atenção; primeira, o fato de que Javé dava a mais solene importância à reunião pública do Seu povo com o propósito de ouvir a sua palavra. "Todo o Israel" — "homens, mulheres e meninos" — com os estrangeiros que tivessem unido a sua sorte à deles, eram convocados para, conjuntamente reunidos, ouvir e ler o livro da lei de Deus, a fim de que todos pudessem aprender a Sua santa vontade, revelada do Senhor, para que cada um pudesse conhecera sua solene responsabilidade.

E, segundo, temos de considerar o fato de que os meninos deviam reunir-se perante o Senhor para escutar a Sua Palavra. Ambos estes fatos estão repletos de instrução para todos os membros da Igreja de Deus—instrução aliás muito necessária de todos os modos. Existe uma deplorável falta de respeito destes dois pontos. Negligenciamos, de maneira triste, a nossa reunião como objetivo da simples leitura das Sagradas Escrituras. Parece que não há suficiente atrativo na Palavra de Deus para nos reunirmos. Há um desejo doentio por outras coisas; oratória humana, música, excitação religiosa, de qualquer espécie, parece ser necessária para que as pessoas se reúnam; qualquer coisa menos a preciosa Palavra de Deus.

Dir-se-á talvez que as pessoas têm a Palavra de Deus em suas casas; que é tudo muito diferente agora do que era nos dias de Israel; todos podem ler a Palavra de Deus em casa, e já não existe a mesma necessidade de leitura pública. Um tal argumento não pode resistir, nem um momento, à prova da verdade. Podemos estar certos de que se a Palavra de Deus fosse estimada e apreciada e estudada em particular e na família, seria também apreciada, estimada e estudada em público.

Sentiríamos alegria em nos reunirmos em redor da fonte da Sagrada Escritura, para beber, em feliz comunhão, da água viva para nosso comum refrigério e bênção.

Mas não é assim. A Palavra de Deus não é amada e estudada em particular ou em público. Devora-se em particular uma literatura suja; e a música, os serviços religiosos e rituais e as cerimônias imponentes são procurados com verdadeiro afã em público. Multidões correm a ouvir música e pagam a sua admissão nos lugares onde ela é executada; mas muito poucos se preocupam com uma reunião para leitura das Sagradas Escrituras! Estes são os fatos, e os fatos são poderosos argumentos. Não podemos ignorá-los. Existe uma sede crescente de excitação religiosa e um crescente fastio pelo estudo tranqüilo da Sagrada Escritura e os exercícios espirituais da assembléia cristã. E inútil negar isto. Não podemos fechar os olhos a este fato. A sua evidência vê-se por todos os lados.

Graças a Deus, há uns poucos, por aqui e por ali, que amam, realmente, a Palavra de Deus, e se reúnem, em santa comunhão, para o estudo das suas verdades preciosas. Que o Senhor aumente o seu número e os abençoe abundantemente! Que a nossa sorte seja lançada com eles, "até que estejam terminados os dias da nossa jornada!" Existe apenas um obscuro e débil remanescente em toda a parte; mas que ama a Cristo e se apegou à Sua Palavra; e o seu maior gozo consiste em se reunirem para pensar, falar e cantar d'Ele. Que Deus os abençoe e os guarde! Que Ele aprofunde a Sua preciosa obra em suas almas e os una mais intimamente a Si e uns com os outros, e os prepare, deste modo, no estado dos seus afetos, para o aparecimento da "Resplandecente Estrela da Manhã"!

O Anúncio do Fim de Moisés e do Futuro de Israel

Devemos agora prosseguir, por uns momentos, com os versículos finais do nosso capítulo, nos quais Javé fala ao Seu amado e honrado servo em acentos de profunda e comovedora solenidade a respeito da sua própria morte, e do obscuro e triste futuro de Israel.

"E disse o SENHOR a Moisés: Eis que os teus dias são chegados, para que morras; chama a Josué, e ponde-vos na tenda da congregação, para que eu lhe dê ordem. Assim, foi Moisés e Josué, e se puderam na tenda da congregação. Então, o SENHOR apareceu na tenda, na coluna de nuvem; e a coluna de nuvem estava sobre a porta da tenda. E disse o SENHOR a Moisés: Eis que dormirás com teus pais; e este povo se levantará, e se prostituirá, indo após os deuses dos estranhos da terra para o meio dos quais vai, e me deixará, e anulará o meu concerto que tenho feito com ele. Assim, se acenderá a minha ira, naquele dia, contra ele, e desampará-lo-ei, e esconderei o meu rosto deles para que seja devorado; e tantos males e angústias o alcançarão, que dirá, naquele dia: *Não me alcançaram estes males, por não estar meu Deus no meio de mim?* Esconderei, pois, totalmente o meu rosto, naquele

dia, por todo o mal que tiver feito, por se haver tornado a outros deuses" (versículos 14 a 18).

"As dores se multiplicarão àqueles que fazem oferendas a outro deus." Assim diz o Espírito de Cristo em Salmo 16. Israel tem experimentado, experimenta e experimentará ainda amplamente a verdade solene destas palavras. A sua história no passado, a sua atual dispersão, a desolação e, além disso, "a grande tribulação" por que terão ainda de passar, "no fim do tempo", tudo concorre para confirmar e ilustrar a verdade de que o meio certo e seguro de multiplicar as nossas dores é deixar o Senhor e confiar nos recursos de qualquer criatura. Esta é uma das muitas e várias lições práticas que temos de aprender da história maravilhosa dos descendentes de Abraão. Possamos nós aprendê-la eficientemente! Possamos nós aprender a apegarmo-nos ao Senhor com propósito de coração e a abandonar, com santa decisão, todos os outros objetos. Estamos convencidos de que isto é o único caminho da verdadeira felicidade e paz. Possamos nós ser achados nele!

Escrevei este Cântico

"Agora, pois, escrevei-vos este cântico e ensinai-o aos filhos de Israel; ponde-o na sua boca, *para que este cântico me seja por testemunha contra os filhos de Israel*. Porque o meterei na terra que jurei a seus pais, a qual mana leite e mel; e comerão, e se fartarão, e se engordarão: então, se tornarão a outros deuses, e os servirão, e me irritarão, e anularão o meu concerto. E será que, quando o alcançarem muitos males e angústias, então, este cântico responderá contra eles por testemunha, pois não será esquecido da boca de sua semente; porquanto conheço a sua imaginação, o que eles fazem hoje, antes que os meta na terra que tenho jurado" (versículos 19 a 21).

Quão profundamente comovedor e solene é tudo isto! Em vez de Israel ser um testemunho do Senhor perante todas as nações, o cântico de Moisés devia ser um testemunho do Senhor contra os filhos de Israel! Foram chamados para serem Suas testemunhas; eram responsáveis por declarar o Seu nome e manifestar o Seu louvor naquela terra que, em Sua fidelidade e graça soberana, Ele os havia introduzido. Mas, ah, fracassaram completa e vergonhosamente! E, por isso, em vista deste triste e humilhante fracasso, tinha de ser escrito um cântico, o qual, em primeiro lugar, como veremos, mostra o estilo magnífico, a glória de Deus; e, em segundo lugar, relata, em acentos de inflexível fidelidade, o deplorável fracasso de Israel, em todas as épocas da sua história.

"Assim, Moisés escreveu este cântico naquele dia e o ensinou aos filhos de Israel. E ordenou a Josué, filho de Num, e disse: *Esforça-te e anima-te*, porque tu meterás os filhos de Israel na terra que lhes jurei; *e eu serei contigo*." Josué não devia desanimar por causa do prognóstico da infidelidade do povo. Devia ser, como o seu grande progenitor, forte na fé dando glória a Deus. Devia avançar com

alegre confiança, apoiando-se na Palavra do Senhor, o Deus do concerto com Israel, sem se aterrorizar, de modo nenhum, com os seus adversários, mas, antes, estar firme na preciosa segurança de que, por muito que a semente de Abraão pudesse falhar em obedecer, e como conseqüência atrair o juízo sobre si mesmos, todavia, o Deus de Abraão manteria e cumpriria infalivelmente a Sua promessa e glorificaria o Seu nome na restauração final e bênção eterna do Seu povo escolhido.

Tudo isto se destaca com invulgar brilho e poder no cântico de Moisés; e Josué foi chamado para servir na fé disto mesmo. Devia fixar os seus olhos não sobre os caminhos de Israel mas sobre a perpétua estabilidade do concerto divino com Abraão. Devia conduzir Israel através do Jordão e estabelecer o povo naquela formosa herança destinada para eles no propósito de Deus. Tivesse Josué ocupado a sua mente com Israel, e teria largado a sua espada e desistido em desespero. Mas não, tinha de animar-se no Senhor seu Deus, e servir na energia da fé que se mantém como vendo Aquele que é invisível.

Fé preciosa, mantenedora da alma, que honra a Deus! Que o leitor, seja qual for a sua esfera de ação ou modo de vida, possa compreender, no recôndito da sua alma, o poder moral deste princípio divino! Que todo o amado filho de Deus e todo o servo de Cristo o conheçam! É a única coisa que nos habilitará a lutar contra as dificuldades, os obstáculos e influências hostis que nos rodeiam na cena pela qual estamos passando e terminar a nossa carreira com alegria.

O Livro da Lei Posto ao Lado da Arca da Aliança

"E aconteceu que, acabando Moisés de escrever as palavras desta Lei num livro, até de todo as acabar, deu ordem Moisés aos levitas que levaram a arca do concerto do SENHOR, dizendo: Tomai este livro da Lei e ponde-o ao lado da arca do concerto do SENHOR, vosso Deus, *para que ali esteja por testemunha contra ti*. Porque conheço a tua rebelião e a tua dura cerviz; eis que, vivendo eu ainda hoje convosco, rebeldes fostes contra o SENHOR; e quanto mais depois da minha morte. Ajuntai perante mim todos os anciãos das vossas tribos e os vossos oficiais, e aos vossos ouvidos falarei estas palavras e contra eles por testemunhas tomarei os céus e a terra. Porque eu sei que, depois da minha morte, certamente vos corrompereis e vos desviareis do caminho que vos ordenei; então, este mal vos alcançará nos últimos dias, quando fizerdes mal aos olhos do SENHOR, para o provocar à ira com a obra das vossas mãos" (versículos 24 a 29).

Como somos forçados a recordar aqui as palavras de despedida de Paulo aos anciãos de Éfeso! "Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho. E que de entre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, durante três anos, não cessei, noite e

dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós. Agora, pois, irmãos, encomendo-vos a Deus e à palavra da sua graça; a ele, que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os santificados" (At 20:29 - 32).

O homem é sempre o mesmo em toda a parte. A sua história é uma história de manchas desde o princípio ao fim. Mas, ah, é um alívio e consolação para a alma saber e recordar que Deus é sempre o mesmo e que "para sempre... a sua Palavra permanece no céu! (SI 119:89). Estava oculta na arca do concerto e ali se conservava intacta, apesar do doloroso pecado e loucura do povo. E isto que dá doce descanso ao coração, em todo o tempo, em vista do fracasso humano e ruína de tudo que é confiado às mãos do homem. "Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra permanece no céu"; e ao mesmo tempo que dá um verdadeiro e solene testemunho contra o homem e os seus caminhos, faz penetrar também no coração a mais preciosa e tranqüilizadora segurança de que Deus está acima de todo o pecado e loucura do homem, que os Seus recursos são absolutamente inesgotáveis e que, em breve, a Sua glória resplandecerá e encherá toda a cena. Que o Senhor seja louvado por toda esta grande consolação!

O CÂNTICO DE MOISÉS

O Nome de Javé

"Então, Moisés falou as palavras deste cântico aos ouvidos de toda a congregação de Israel, até se acabarem." Não será de mais dizer que uma das mais sublimes e compreensíveis passagens do Volume divino está agora perante os nossos olhos e que exige a nossa piedosa atenção. Compreende todo o curso dos atos de Deus com Israel desde o princípio ao fim, e apresenta um relato muito solene do seu pecado grave e da ira e juízo divinos. Mas, bendito seja Deus, começa e termina com Ele; e isto é pleno da mais profunda e rica bênção para a alma. Se não fosse assim, se tivéssemos apenas a história melancólica dos procedimentos humanos, ficaríamos completamente oprimidos. Porém, neste magnífico cântico, como de fato em todo o Volume, começamos com Deus e terminamos com Deus. Isto dá uma bendita tranquilidade ao espírito, e habilita-nos, em sossegada e santa confiança, a prosseguir a história do homem, a ver como todas as coisas se fragmentam em suas mãos e a ver os atos do inimigo em oposição aos desígnios e propósitos de Deus. Podemos ver o completo fracasso e ruína da criatura, em todas as suas formas, porque sabemos e estamos certos que Deus será Deus, apesar de tudo. No fim Ele vencerá, e então tudo estará bem. Deus será tudo em todos, e não haverá nem inimigo nem mal que possa opor-se em todo o vasto universo de bênção do qual o nosso adorável Senhor Jesus Cristo será para sempre o centro resplendoroso.

Mas devemos prosseguir com o cântico.

"Inclinai os ouvidos, ó céus, e falarei; e ouça a terra as palavras da minha boca." O céu e a terra são convocados para ouvir esta magnificente efusão. O seu alcance é medido com a sua grande importância moral. "Goteje a minha doutrina como a chuva, destile o meu dito como o orvalho, como chuvisco sobre a erva e como gotas de água sobre a relva. Porque apregoarei o nome do SENHOR; dai grandeza a nosso Deus."

Eis aqui o sólido e imorredouro fundamento de tudo. Venha o que vier, o nome do nosso Deus subsistirá para sempre. Nenhum poder da terra ou do inferno pode, de modo algum, impedir os propósitos divinos ou deter o resplendor da glória divina. Que suave repouso isto proporciona ao coração, no meio deste tenebroso, triste e pecaminoso mundo, apesar do êxito aparente dos ardis do inimigo! O nosso refúgio, o nosso recurso, ou doce alívio e consolação encontram-se no nome do Senhor, nosso Deus, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Na verdade, a proclamação desse nome bendito será sempre como o orvalho e chuvisco sobre o coração. Esta é, com efeito, a doutrina divina e celestial da qual a alma pode

alimentar-se e mediante a qual é sustentada em todos os tempos e em todas as circunstâncias.

Ele é a Rocha e Sua Obra é Perfeita

"Ele é a Rocha" — não meramente *uma* rocha. Não há, não pode haver outra rocha senão Ele mesmo. Eterna e universal homenagem ao Seu nome glorioso! "Cuja obra é perfeita" —; não há nem um simples defeito em tudo quanto sai das Suas benditas mãos; tudo leva o selo de absoluta perfeição. Isto será manifestado, dentro em pouco, a todos os entes criados. E manifestado agora à fé, e é uma fonte de consolação divina para todos os verdadeiros crentes. O simples pensamento deste fato cai como orvalho sobre a alma sedenta. "Porque *todos* os seus caminhos juízo são; Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e reto é." Os incrédulos podem escarnecer e servir-se de falsos argumentos; podem, em sua imaginária sabedoria, procurar descobrir faltas nos atos divinos, mas a sua loucura será manifestada a todos. "Sempre seja Deus verdadeiro e todo homem mentiroso; como está escrito: Para que sejas justificado em tuas palavras e venças quando fores julgado" (Rm. 3:4). Deus há de prevalecer no fim. O homem deve ter cuidado com a maneira como se atreve a pôr em dúvida os ditos e atos do único verdadeiro, sábio e todo-poderoso Deus.

Existe qualquer coisa de extraordinariamente belo nas notas com que abre este cântico. Proporciona um doce descanso ao coração saber que por muito que o homem ou mesmo o povo de Deus possa falhar e cair em ruína, contudo nós temos de tratar com Aquele que permanece fiel e não pode negar-Se a Si mesmo, cujos caminhos são absolutamente perfeitos, e que, quando o inimigo tem feito tudo quanto está ao seu alcance e levado todos os seus malignos desígnios ao auge, Se glorificará a Si mesmo e trará universal e eterna bem-aventurança.

Decerto, tem de executar juízo sobre os caminhos do homem. É constrangido a pegar na vara da disciplina e a usá-la, por vezes, com terrível severidade sobre o Seu próprio povo. É absolutamente intolerante do mal naqueles que levam o Seu santo nome. Tudo isto aparece perante nós com especial solenidade no cântico que estamos a considerar. Os caminhos de Israel são expostos e tratados como merecem; nada é passado por alto; tudo é exposto com santa precisão e fidelidade. Assim lemos: "Corromperam-se contra ele; seus filhos eles não são, e a sua mancha é deles; geração perversa e torcida é. Recompensais, assim, ao SENHOR, povo louco e ignorante? Não é ele teu Pai, que te adquiriu, te fez e te estabeleceu"?

Eis a primeira nota de repreensão, neste cântico; mas mal acaba de soar aos ouvidos logo é seguida do preciosíssimo testemunho da bondade, benignidade, fidelidade e terna compaixão de Javé, o Eloim de Israel, e o Altíssimo ou Eliom de toda a terra. "Lembra-te dos dias da antiguidade, atentai para os anos de muitas gerações; pergunta a teu pai, e ele te informará, aos teus anciãos, e eles to dirão.

Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações, quando dividia os filhos de Adão uns dos outros, pôs os termos dos povos, conforme o número dos filhos de Israel."

Que fato glorioso é aqui apresentado à nossa vista! Um fato muito pouco compreendido ou pouco tomado em conta pelas nações da terra. Quão pouco os homens se apercebem de que, no estabelecimento original das fronteiras nacionais, o Altíssimo teve em atenção direta "os filhos de Israel"! Contudo, assim foi, e o leitor deveria procurar compreender este interessantíssimo fato. Quando encaramos a geografia e a história do ponto de vista divino, vemos que Canaã e a descendência de Jacó são o centro de Deus. Sim; Canaã, uma pequena faixa de terra, situada ao longo da costa oriental do Mediterrâneo, com uma área de vinte e nove mil quilômetros quadradas, um terço aproximadamente da superfície da Irlanda, é o centro da geografia de Deus; e as doze tribos de Israel são o objetivo central e histórico de Deus. Quão pouco têm pensado nisto os geógrafos e os historiadores! Têm descrito países e escrito história de nações que, em extensão geográfica e importância política, excedem muito a Palestina e o seu povo, segundo o critério humano, mas que, no pensamento de Deus, são como nada comparadas com aquela pequena faixa de terra a que Ele Se digna chamar Sua, e que é Seu determinado propósito herdá-la por intermédio da semente de Abraão, Seu amigo (1).

(1) Quão verdade é que os pensamentos de Deus não são os pensamentos humanos nem os seus caminhos como os caminhos do homem! O homem atribui importância a territórios extensos, força material, recursos pecuniários, exércitos bem disciplinados, esquadras poderosas. Deus, pelo contrário, não toma tais coisas em consideração, são para Ele como o pó da balança. "Porventura, não sabeis? Porventura não ouvis? Ou desde o princípio se vos não notificou isso mesmo? Ou não atentastes para os fundamentos da terra? Ele é o que está assentado sobre o globo da terra, cujos moradores são para Ele como gafanhotos; Ele é o que estende os céus como cortina e os desenrola como tenda para neles habitar; o que faz voltar ao nada os príncipes e torna coisa vã os juizes da terra" (Is 40:21). Por isso podemos ver a razão moral por que, escolhendo um país para ser o centro dos Seus planos e conselhos terrestres, Javé não escolheu um de vasta extensão, mas uma pequeníssima e insignificante faixa de terra de pouca importância, segundo o critério dos homens. Mas, ah, que importância liga a este pedaço de terra! Que princípios se têm ali desenrolado! Que acontecimentos se têm ali dado! Que feitos se têm operado ali! Que planos e propósitos vão ser ainda ali realizados! Não existe um pedaço de terra à superfície da terra tão interessante para o coração de Deus como a terra de Canaã e a cidade de Jerusalém. A escritura transborda de evidência a este respeito. Poderíamos encher um volume com as provas. O tempo se aproxima rapidamente em que os fatos intensos farão o que o mais claro e pleno testemunho da Escritura não consegue fazer, isto é, convencer os homens de que a terra de Israel era, é, e será sempre o centro terrestre de Deus. Todas as demais nações devem a sua importância, o seu interesse, o seu lugar nas páginas de inspiração simplesmente ao fato de estarem, de um modo ou de outro, relacionadas com a terra e o povo de Israel. Quão pouco pensam ou sabem os historiadores disto! Mas certamente todo aquele que ama a Deus deveria conhecer isto e ponderá-lo devidamente.

Israel e a Igreja

Não podemos prosseguir este importantíssimo e sugestivo fato, mas pedimos ao leitor que lhe dê a sua mais séria consideração. Verá como é inteiramente desenrolado e ilustrado de um modo notável nas Escrituras proféticas do Velho e do Novo Testamentos.

"Porque a porção do SENHOR é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança. Achou-o na terra do deserto e num ermo solitário cheio de uivos; trouxe-o ao redor, instruiu-o, guardou-o como *a menina do seu olho*" — a parte mais sensível e delicada do corpo humano — "Como a águia desperta o seu ninho, se move sobre os seus filhos, estende as suas asas, toma-os e os leva sobre suas asas" — a fim de os ensinar a voar e os guardar de caírem — "assim, só o SENHOR O guiou; e não havia com ele deus estranho. Ele o fez cavalgar sobre as alturas da terra e comer as novidades do campo; e o fez chupar mel da rocha e azeite da dura pederneira, manteiga de vacas e leite do rebanho, com a gordura dos cordeiros e dos carneiros que pastam em Basã, e dos bodes, com a gordura da flor do trigo; e bebeste o sangue das uvas, o vinho puro" (versículos 9 a 14).

Será necessário dizer que tudo isto se aplica primeiramente a Israel? Decerto, a Igreja pode aprender muito com isto e aproveitá-lo; mas aplicar isto à Igreja envolve dois erros da mais séria natureza: Implica nada menos que reduzir o nível celestial da Igreja a um nível terrestre e uma indesculpável intromissão com o lugar divinamente designado a Israel e à sua herança. Que tem que ver a Igreja de Deus, o corpo de Cristo, com o estabelecimento das nações da terra? Nada absolutamente. A Igreja, *segundo o pensamento de Deus*, é estrangeira na terra. A sua porção, a sua esperança, o seu lar, a sua herança, tudo que tem, é celestial. Se nunca se houvesse falado na Igreja nenhuma diferença se teria observado no curso da história deste mundo. A sua chamada, a sua carreira, o seu destino, o seu total caráter e a sua conduta, os seus princípios e a sua moral são, ou deveriam ser, celestiais. A Igreja nada tem que ver com a política deste mundo. A sua cidadania está no céu, de onde espera o Salvador. Trai o seu Senhor, a sua chamada e os seus princípios na proporção em que se intromete nos assuntos das nações. E seu elevado e santo privilégio estar unida e moralmente identificada com um Cristo rejeitado, crucificado, ressuscitado e glorificado. Tem tanto que ver com o atual sistema de coisas ou com o curso da história deste mundo como o seu Cabeça glorificado nos céus. "Não são do mundo, como eu do mundo não sou", diz o Senhor Jesus Cristo, falando do Seu povo.

Isto é concludente. Determina a nossa posição e a nossa carreira do modo mais preciso e definido. "Qual ele é, somos nós também neste mundo" (1 Jo 4:17). Isto implica uma dupla verdade, a saber, a nossa perfeita aceitação por Deus e completa separação do mundo. Estamos *no* mundo, mas não somos *do* mundo. Temos de

andar nele como peregrinos e estrangeiros aguardando a vinda de nosso Senhor, o aparecimento da brilhante Estrela da manhã. Não faz parte do nosso testemunho interferir em assuntos municipais ou políticos. Somos convidados e exortados a obedecer aos poderes constituídos, a orar por todos os que exercem autoridade, pagar tributo e não dever nada a ninguém, para sermos "irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e perversa" entre a qual devemos resplandecer como astros no mundo, retendo a palavra da vida (Fp. 2:15-16).

De tudo isto podemos ver alguma coisa da grande importância prática de "manejar bem a palavra da verdade". Temos apenas uma pequena idéia do dano causado tanto à verdade de Deus como às almas do Seu povo, confundindo Israel com a Igreja, o terrestre com o celestial. Impede todo o progresso no conhecimento da Escritura e mancha a integridade da vida e do testemunho cristãos. Isto poderá parecer uma estranha afirmação; mas nós temos visto a verdade do fato dolorosamente ilustrada, vezes sem conta; e julgamos que nunca é demais chamar a atenção do leitor para um tal assunto. Já nos referimos a ele mais de uma vez no prosseguimento dos nossos estudos sobre o Pentateuco, e portanto não insistiremos mais nele; antes vamos prosseguir com o capítulo.

Israel Esqueceu a Rocha que o Criou

Em versículo 15, deparamos com uma nota muito diferente no cântico de Moisés. Até este ponto temos tido diante de nós Deus e os Seus atos, os Seus propósitos, Seus desígnios, os Seus pensamentos, o Seu amoroso interesse pelo Seu povo Israel, os Seus atos ternos e cheios de graça para com eles. Tudo isto é do mais profundo interesse, rico de bênçãos. Não existe, nem pode haver aqui desvantagem. Quando temos Deus e os Seus caminhos perante nós, não há impedimento para o gozo do coração. Tudo isto é perfeição absoluta, divina e enquanto nos detemos sobre ela, somos dominados por admiração, amor e ações de graças.

Mas existe também o lado humano; e aqui desgraçadamente tudo é fracasso e desapontamento. Assim lemos em versículo 15 do nosso capítulo: "E, engordando-se Jesurum, deu coices"—que relato mais completo e sugestivo! Como ele nos apresenta, claramente, na sua breve extensão, a história moral de Israel! —; "engordaste-te, engrossaste-te e de gordura te cobriste; e deixou a Deus, que o fez, e desprezou a Rocha da sua salvação. Com deuses estranhos o provocaram a zelos; com abominações o irritaram. Sacrifícios ofereceram aos diabos, não a Deus; aos deuses que não conheceram, novos deuses que vieram há pouco, dos quais não se estremeceram seus pais. Esqueceste-te da Rocha que te gerou; e em esquecimento puseste o Deus que te formou."

Existe um aviso solene em tudo isto, tanto para o autor como para o leitor destas linhas. Corremos, todos nós, o perigo de seguir a vereda moral indicada pelas

palavras que acabamos de citar. Cercados, por todos os lados, pelas ricas e variadas misericórdias de Deus, somos capazes de fazer uso delas para alimentar o espírito de auto-satisfação. Fazemos uso dos dons para esquecer o Dador. Em suma, nós, à semelhança de Israel, engordamo-nos e damos coices. Esquecemos Deus. Perdemos o doce e precioso sentimento da Sua presença e da Sua perfeita suficiência, e voltamo-nos para outros objetivos como Israel fez voltando-se para deuses falsos. Quantas vezes nós esquecemos a Rocha que nos gerou, o Deus que nos formou, o Senhor que nos redimiu! E isto é tanto mais indesculpável quanto é certo que os nossos privilégios são muito mais elevados do que os deles. Fomos trazidos para uma posição e um parentesco, dos quais Israel não conhecia absolutamente nada; os nossos privilégios e bênçãos são da ordem mais elevada; é nosso privilégio ter comunhão como Pai e com Seu Filho Jesus Cristo; somos objetos daquele perfeito amor que não hesitou em nos introduzir numa posição em que se pode dizer de nós: "Assim como ele é [...], somos nós neste mundo." Nada pode exceder a bem-aventurança de tudo isto, até o próprio amor divino não pode ir além disto. Não se trata apenas do fato de que o amor de Deus nos foi manifestado no dom e na morte de Seu unigênito e bem amado Filho e de Ele nos ter dado o Seu Espírito, mas em que esse amor é perfeito em nós, colocando-nos na mesmíssima posição do bendito Senhor, no trono de Deus.

Tudo isto é perfeitamente maravilhoso. Excede o entendimento. E, todavia, quão propensos somos a esquecer Aquele bendito Senhor que nos amou, agiu por nós e nos abençoou! Quantas vezes nos desviamos d'Ele no espírito das nossas mentes e afetos dos nossos corações! Não se trata meramente do que a igreja professante, no conjunto, tem feito, mas da questão mais profunda, mais íntima, mais precisa que os nossos corações perversos estão prontos a fazer. Somos capazes de esquecer Deus e nos voltarmos para outros objetivos, para nossa perda e desonra de Deus.

O SENHOR Viu Isso e os Rejeitou

Queremos conhecer os pensamentos de Deus a este respeito? Queremos ter uma idéia correta do modo como Ele Se ressentiu com isso? Escutemos as palavras inflamadas dirigidas ao Seu povo desviado, no tom esmagador do cântico de Moisés. Possamos nós ter graça para as escutar corretamente e aproveitar grandemente com elas!

"O que vendo o SENHOR, OS desprezou, provocado à ira *contra seus filhos e suas filhas*; e disse: Esconderei o meu rosto deles verei qual será o seu fim" — desgraçado fim! — "porque são geração de perversidade, filhos em quem não há lealdade. A zelos me provocaram com aquilo que não é Deus; com as suas vaidades me provocaram à ira; portanto, eu vos provocarei a zelos com os que não são povo; com nação louca os despertarei à ira. Porque um fogo se acendeu na minha ira, e

arderá até ao mais profundo do inferno, e consumirá a terra com a sua novidade, e abrasará os fundamentos dos montes. Males amontoarei sobre eles; as minhas setas esgotarei contra eles.

Exaustos serão de fome, comidos de carbúnculo e de peste amarga; e entre eles enviarei dentes de feras, com ardente peçonha de serpentes do pó. Por fora, devastará a espada, e, por dentro, o pavor: ao jovem, juntamente com a virgem, assim à criança de mama, como ao homem de cãs" (versículos 19 a 25).

Aqui temos um solene relato do tratamento do governo de Deus com o Seu povo—um relato evidentemente calculado para mostrar a terrível verdade de Hebreus 10:31: "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo." A história de Israel, no passado, o sue estado presente, e o que terão ainda de passar, no futuro, tudo tende a provar da maneira mais impressionante que: "O nosso Deus é um fogo consumidor." Nenhuma nação da terra teve jamais de passar por uma tão severa disciplina como a nação de Israel. Como o Senhor lhes recorda naquelas palavras profundamente solenes: "De todas as famílias da terra a vós somente conheci; portanto todas as vossas iniquidades visitarei sobre vós" (Am 3:2). Nenhuma nação foi jamais chamada para ocupar o lugar altamente privilegiado de parentesco com o Senhor. Esta dignidade estava reservada para *uma* nação; mas a própria dignidade era a base da mais solene responsabilidade. Se eram chamados para ser o Seu povo, estavam obrigados a conduzirem-se de um modo digno de tão assombrosa posição ou, pelo contrário, a terem de sofrer os castigos mais duros que jamais qualquer nação abaixo do sol teve de suportar. Os homens podem discorrer acerca de tudo isto; podem levantar toda a sorte de argumentos quanto à compatibilidade moral de um Ser benevolente agir segundo os termos expostos em versículos 22 a 25 do nosso capítulo. Mas todos esses argumentos e interrogações têm, mais cedo ou mais tarde, de ser comprovados como absoluta loucura. E absolutamente inútil que os homens argumentem acerca dos atos solenes do governo divino ou sobre a terrível severidade da disciplina exercida sobre o povo eleito de Deus. Quanto mais prudente, melhor e seguro seria serem advertidos pelos fatos da história de Israel a fugir da ira que há de vir e lançar mão da vida eterna e da plena salvação que é revelada no precioso evangelho de Deus!

E, por outro lado, quanto ao uso que os crentes deveriam fazer do relato dos Seus atos com o Seu povo terrestre, somos obrigados a convertê-los em proveitoso ensino, aprendendo com eles a urgente necessidade de andar de um modo humilde, vigilante e fiel na nossa elevada e santa posição. Decerto, somos os possuidores da vida eterna, entes privilegiados daquela magnífica graça que reina pela justiça para a vida eterna por Cristo Jesus nosso Senhor; somos membros do corpo de Cristo, templos do Espírito Santo, e herdeiros da glória eterna. Mas acaso tudo isto nos autoriza a descuidar a voz de advertência que a história de Israel profere aos nossos ouvidos? Devemos nós de andar, devido aos nossos privilégios

incomparavelmente mais elevados, descuidadamente e desprezar os salutares avisos que a história de Israel nos proporciona? Deus não permita! Pelo contrário, devemos prestar cuidadosa atenção às coisas que o Espírito Santo escreveu para nosso ensino. Quanto mais elevados são os nossos privilégios, tanto mais ricas são as bênçãos, mais íntimo é o nosso parentesco, mais solenemente estamos obrigados a ser fiéis e procurar, em todas as coisas, conduzirmo-nos de maneira a sermos agradáveis. Aquele que nos trouxe para o lugar mais elevado e mais abençoado que o Seu perfeito amor podia outorgar-nos. Que o Senhor, em sua bondade, permita que possamos, com verdadeiro propósito de coração, ponderar estas coisas na Sua santa presença e procurar servi-Lo com reverência e santo temor!

"Faria Cessar a sua Memória dentre os Homens"

Mas devemos prosseguir com o nosso capítulo. Em versículo 26 temos um ponto do mais profundo interesse em relação com a história dos atos divinos com Israel. "Eu disse que por todos os cantos os espalharia; *faria cessar a sua memória dentre os homens.*" E por que não o faria? A resposta a esta interrogação apresenta uma verdade de infinito valor e importância para Israel—uma verdade que descansa sobre o mesmo fundamento das suas bênçãos futuras. Sem dúvida, pelo que lhes diz respeito, mereciam que a sua memória fosse riscada dentre os homens. Mas Deus tem os Seus próprios pensamentos, desígnios e conselhos a respeito deles; e não só isto, mas tem em conta os pensamentos e atos das nações quanto ao Seu povo. Isto ressalta com singular força e beleza em versículo 27. Ele condescende em nos dar as Suas razões para não apagar todos os traços do povo rebelde e pecaminoso — e oh, que razões comovedoras! "*Se eu não receara a ira do inimigo,* para que os seus adversários o não estranhem e para que não digam: A nossa mão está alta; o SENHOR não fez tudo isto."

Pode haver alguma coisa mais tocante do que a graça que revelam estas palavras? Deus não permitirá que as nações procedam de um modo estranho para com o seu povo caído em erro. Ele as empregará com a Sua vara de disciplina; porém, logo que intentarem, no parecer da sua amarga animosidade, exceder o limite que lhes é assinalado, Ele quebrará a vara em bocados e fará ver a todos que Ele mesmo está tratando com o Seu amado, embora errante, povo para bênção final deles e Sua glória.

Esta verdade é inefavelmente preciosa. E propósito determinado de Javé ensinar a todas as nações da terra que Israel tem um lugar especial em Seu coração e um lugar destinado de supremacia na terra. Isto está fora de toda a controvérsia. As páginas dos profetas proporcionam um corpo de evidência perfeitamente incontestável a este respeito. Se as nações o esquecem ou se opõem a ele, tanto pior para elas. É absolutamente inútil intentarem contrariar o propósito divino, e podem estar seguras de que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó confundirá todo plano

formado contra o Seu povo eleito. Os homens podem pensar, em seu orgulho e tolice, que a sua mão é poderosa, mas terão de aprender que a mão de Deus é ainda mais poderosa.

Mas o espaço não permite determo-nos sobre este assunto profundamente interessante: devemos deixar que o leitor o prossiga à luz da Sagrada Escritura. Descobrirá que é um estudo muito proveitoso e refrigerante. Com muito prazer o acompanharíamos através das páginas preciosas das Escrituras proféticas, mas temos agora de nos restringir ao magnífico cântico que é em si mesmo um notável sumário de todo o ensino sobre o assunto—uma breve mas compreensiva e impressionante história dos caminhos de Deus com Israel e dos caminhos de Israel com Deus, desde o princípio ao fim —, uma história notavelmente elucidativa dos grandes princípios da graça, lei, governo e glória.

A Restauração de Israel e Juízo das Nações

Em versículos 29 a 33, temos um apelo muito comovente. "Tomara eles fossem sábios, que isso entendessem, *e atentassem para o seu fim!* Como pode ser que um só perseguisse mil, e dois fizessem fugir dez mil, se a sua Rocha os não vendera, e o SENHOR OS não entregara? Porque a sua rocha não é como a nossa Rocha, sendo até os nossos inimigos juízes disto" — há e só pode haver uma Rocha, bendito seja, por toda a eternidade, o Seu nome glorioso! — "Porque a sua vinha é a vinha de Sodoma e dos campos de Gomorra; as suas uvas são uvas de fel, cachos amargosos têm. O seu vinho é ardente veneno de dragões e peçonha cruel de víboras."

Terrível quadro do estado moral de um povo pintado por mão de mestre! Tal é a apreciação divina do estado real de todos aqueles cuja rocha não era como a Rocha de Israel. Mas o dia da vingança virá. Está demorado por longânima misericórdia, mas *virá*, tão certo como há um Deus no trono do céu. Vem o dia em que todas aquelas nações que têm tratado altivamente com Israel terão de responder ante o tribunal do Filho do homem pela sua conduta, ouvir a Sua solene sentença e enfrentar a Sua ira implacável.

"Não está isto encerrado comigo, *selado nos meus tesouros?* Minha é a vingança e a recompensa, ao tempo que resvalar o seu pé; porque o dia da sua ruína está próximo, e as coisas que lhes hão de suceder se apressam a chegar. Porque o SENHOR fará justiça [defenderá ou vingará] ao seu povo *e se arrependerá feios seus servos*, quando vir que o seu poder se foi e não há fechado nem desamparado." Graça preciosa para Israel, dentro em pouco — para os que *agora* sentem e reconhecem a sua necessidade!

"Então, dirá: Onde estão os seus deuses, a rocha em quem confiavam, de cujos sacrifícios comiam a gordura e de cujas libações bebiam o vinho? Levantem-se e vos ajudem, para que haja para vós escondedouro. Vede, agora, que eu, eu o sou, e mais nenhum deus comigo; eu mato e eu faço viver; eu firo, e eu saro"— fere em

ira governamental, e sara perdoando em graça; bendito seja o Seu grande e glorioso nome por toda a eternidade—"e ninguém há que escape da minha mão. Porque levantarei a minha mão aos céus, e direi: Eu vivo para sempre"—glória seja dada a Deus nas alturas! Que toda a inteligência criada adore o Seu nome incomparável!—"Se eu afiar a minha espada reluzente e travar do juízo a minha mão, farei tornar a vingança sobre os meus adversários e recompensarei os meus aborrecedores"—quem quer que forem e onde quer que estiverem. Que tremenda sentença para todo aqueles a quem diz respeito—para todos os aborrecedores de Deus: para todos os que amam os prazeres mais do que a Deus!—"Embriagarei as minhas setas de sangue, e a minha espada comerá carne; do sangue dos mortos e dos prisioneiros, *desde a cabeça, haverá vinganças do inimigo.*"

Chegamos aqui ao fim do relato do juízo — iria e vingança — exposto resumidamente no cântico de Moisés, mas amplamente desenvolvido em todas as escrituras proféticas. O leitor poderá consultar Ezequiel 38 e 39, onde temos o juízo de Gogue e Magogue, o grande inimigo do Norte, que se levantará, no fim, contra a terra de Israel e ali encontrará a sua queda e destruição ignominiosa.

Poderá também consultar Joel 3, que começa com as palavras de consolação para o Israel do futuro. "Porquanto eis que, naqueles dias e naquele tempo, em que removerei o cativo de Judá e de Jerusalém, congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá ;e ali com elas entrarei em juízo, por causa do meu povo e da minha herança, Israel, a quem eles espalharam entre as nações, repartindo a minha terra." Verá desta forma como as vozes dos profetas se harmonizam perfeitamente com o cântico de Moisés, e de que modo tão completo, tão claro e irrefutável, tanto num caso como no outro, o Espírito Santo expõe e estabelece a grande verdade da restauração de Israel, com a sua supremacia e glória.

E, por fim, quão verdadeiramente deliciosa é a nota final do cântico! Quão magnificamente ele coloca a pedra de remate sobre a superestrutura! As nações hostis são todas julgadas, seja qual for o título ou estilo em que apareçam em cena, quer seja Gogue e Magogue, o Assírio, ou o rei do norte—todos os inimigos de Israel serão confundidos e relegados à eterna perdição, e então ressoa aos ouvidos esta doce nota: "JUBILAI, O NAÇÕES, COM O SEU POVO, PORQUE VINGARÁ O SANGUE DOS SEUS SERVOS, E SOBRE OS SEUS ADVERSÁRIOS FARÁ TORNAR A VINGANÇA, E TERÁ MISERICÓRDIA DA SUA TERRA E DO SEU POVO."

O Fim do Admirável Cântico

Aqui termina este cântico maravilhoso, uma das mais belas, completas e enérgicas expressões no Livro de Deus. Começa e termina com Deus, e abrange, em toda a sua compreensiva extensão, a história do Seu Israel terrestre, no passado, no presente e no futuro. Mostra a disposição das nações em direta relação com o

propósito divino a respeito da descendência de Abraão. Revela o juízo final de todas as nações que têm atuado ou que ainda atuarão em oposição ao povo escolhido; e, em seguida, quando Israel é plenamente restaurado e abençoado, segundo o concerto feito com os seus pais, as nações salvas são convocadas para se regozijarem com eles.

Quão glorioso é tudo isto! Que esplêndido círculo de verdades se apresenta à visão das nossas almas no capítulo 32 de Deuteronômio! Bem pode dizer-se: "Deus é d Rocha, cuja obra é perfeita. "Aqui o coração pode descansar, em santa tranqüilidade, venha o que vier. Nas mãos do homem tudo pode acabar em pedaços; tudo que é meramente humano pode e há de resultar em irremediável fracasso e ruína; mas "A Rocha" permanece para sempre, e a "obra" da mão divina brilhará em perfeição eterna para glória de Deus e perfeita bênção do Seu povo.

Tal é, pois, o cântico de Moisés; tal é o seu fim: alcance e aplicação. O leitor inteligente não necessita que se lhe diga que a Igreja de Deus, o corpo de Cristo, o mistério do qual o bem-aventurado apóstolo foi feito ministro, não encontra lugar neste cântico. Quando Moisés escreveu este cântico, o mistério da Igreja estava escondido no coração de Deus. Se não vemos isto, somos de todo incompetentes para interpretar ou até mesmo compreender as Sagradas Escrituras. Para uma mente simples, ensinada exclusivamente pela Escritura, é tão claro como a luz do sol que o cântico de Moisés tem por tese o governo de Deus, em relação com Israel e as nações; por sua esfera a terra; por seu centro, a terra de Canaã.

"E veio Moisés e falou todas as palavras deste cântico aos ouvidos do povo, ele e Oséias, filho de Num. E, acabando Moisés de falar todas estas palavras a todo o Israel, *disse-lhes: Aplicai o vosso coração a todas as palavras* que hoje testifico entre vós, *para que as recomendeis a vossos filhos, para que tenham cuidado de cumprir todas as palavras desta lei.* Porque esta palavra não vos é vã; antes, *é a vossa vida*; e por esta mesma palavra prolongareis os dias na terra, a que, passando o Jordão, ides para possuí-la" (versículos 44 a 47).

Assim, desde o princípio ao fim, através de todas as porções desse precioso livro de Deuteronômio, encontramos Moisés, esse amado e honrado servo de Deus, insistindo com o povo sobre o solene dever de implícita, ilimitada e cordial obediência à Palavra de Deus. Está nisto o precioso segredo da vida, paz, progresso, prosperidade, de tudo. Nada mais tinham a fazer senão *obedecer*. Bem-aventurada tarefa! Ditoso e santo dever! Que seja também o nosso, prezado leitor, nestes dias de conflito, e confusão em que a vontade do homem predomina de um modo tão terrível. O mundo e a assim chamada igreja arrojaram-se juntos, com aterradora rapidez, ao longo da obscura senda da vontade própria — uma senda que tem de terminar na negrura das trevas para sempre. Tenhamos isto sempre em vista, e procuremos com ardor seguir o caminho de simples obediência a todos os preciosos mandamentos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Desta forma os

nossos corações serão mantidos em doce paz; e ainda que possamos parecer aos homens deste mundo, e até mesmo dos crentes professos, antiquados e de espírito apoucado, não nos afastemos, nem tanto como a espessura de um cabelo, do caminho indicado pela Palavra de Deus. Que a palavra de Cristo habite abundantemente em nós, e a paz de Cristo domine em nossos corações, *até ao fim!*

Verás diante de ti a Terra, mas não Entrarás nela

E digno de nota, e verdadeiramente impressionante ver como o nosso capítulo termina com outra referência ao trato do governo de Deus com o Seu amado servo Moisés. "Depois, falou o **SENHOR** a Moisés, *naquele mesmo dia*",—o próprio dia em que ele pronunciou o seu cântico aos ouvidos do povo — "dizendo: Sobe o monte de Abarim, o monte Nebo, que está na terra de Moabe, defronte de Jericó, e vê a terra de Canaã, que darei aos filhos de Israel por possessão. E morre no monte, ao qual subirás; e recolhe-te ao teu povo, como Arão teu irmão morreu no monte de Hor e se recolheu ao seu povo. Porquanto prevaricastes contra mim no meio dos filhos de Israel, nas águas da contenção, em Cades, no deserto de Zim, pois me não santificastes no meio dos filhos de Israel. Pelo que verás a terra diante de ti, *porém, não entrarás nela, na terra quedarei aos filhos de Israel*" (versículos 48 a 52).

Quão solene e subjugador é o governo de Deus! Certamente, o simples pensamento de desobediência deveria fazer tremer o coração. Se um servo tão eminente como Moisés foi julgado por falar imprudentemente com os seus lábios, qual será o fim dos que vivem de dia para dia, semana a semana, mês em mês, ano para ano, em deliberado e habitual descuido dos mais claros mandamentos de Deus, e positiva e tenaz rejeição da Sua autoridade?

Oh, se tivéssemos uma mente humilde e um coração contrito e quebrantado! Isto é o que Deus busca e em que Se compraz; é com os tais que Ele pode fazer a Sua bendita morada. "Mas eis para quem olharei: para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra" (Is 66:2). Que Deus, em Sua infinita bondade, conceda mais e mais deste mesmo espírito a todos os Seus filhos amados, por amor de Cristo!

CAPÍTULO 33

A BÊNÇÃO PROFÉTICA DE MOISÉS, HOMEM DE DEUS

Uma Comparação com Gênesis 49

"Esta, porém, é a bênção com que Moisés, homem de Deus, abençoou os filhos de Israel antes da sua morte."

É muito interessante e consolador ver que as últimas palavras do legislador foram puramente palavras de bênção. Temos tratado dos seus vários discursos, essas solenes homílias esquadrihadoras e profundamente tocantes dirigidas à congregação de Israel. Temos meditado sobre esse maravilhoso cântico com as suas notas alternadas de graça e de governo. Porém, agora somos convidados para escutar palavras da mais preciosa bênção, palavras do mais agradável conforto e consolação, palavras que fluem do próprio coração do Deus de Israel e que traduzem os Seus amorosos pensamentos a respeito deles e mostram como Ele antevê o seu glorioso futuro.

O leitor observará, sem dúvida, uma notável diferença entre as últimas palavras de Moisés relatadas em Deuteronômio 33 e as últimas palavras de Jacó mencionadas em Gênesis 49. É desnecessário dizer que ambas são escritas pela mesma pena, ambas divinamente inspiradas; e por isso, ainda que diferentes, não estão e não podem estar em contradição; não há, não pode haver discordância entre duas partes do Livro de Deus. Isto é uma verdade cardinal, um princípio vital e fundamental para todo cristão devoto, todo verdadeiro crente — uma verdade a que nos devemos agarrar tenazmente e que devemos fielmente confessar perante os ignorantes e insolentes assaltos da infidelidade.

Não vamos, evidentemente, entrar em uma minuciosa comparação dos dois capítulos; isto seria impossível por agora, por várias razões. Somos obrigados a ser concisos e breves o quanto possível. Mas existe um ponto importante de diferença que pode ver-se imediatamente. Jacó dá a história dos atos de seus filhos, alguns, infelizmente, tristíssimos e humilhantes. Moisés, pelo contrário, apresenta os atos da graça divina, quer com eles ou a respeito deles. Isto explica imediatamente a diferença. Os atos pecaminosos de Ruben, de Simeão e Levi são relatados por Jacó, mas inteiramente omitidos por Moisés. É isto uma discordância? De modo nenhum; mas harmonia divina. Jacó considera os seus filhos segundo a sua história pessoal; Moisés considera-os em relação com o pacto de Javé. Jacó apresenta-nos o fracasso humano, fraquezas e pecado; Moisés mostra-nos a fidelidade divina, a bondade e a benignidade. Jacó conta-nos as ações humanas e o juízo das mesmas; Moisés revela-nos os desígnios divinos e as puras bênçãos que deles emanam. Graças e louvores ao nosso Deus, os Seus desígnios, as Suas bênçãos e a Sua glória estão acima e além de todo o fracasso humano, pecado e loucura. Os Seus

propósitos serão, por fim, plenamente cumpridos, e isto para sempre; então Israel e as nações serão plenamente abençoados, e se regozijarão juntamente na abundante bondade de Deus e celebração do Seu louvor de mar a mar e desde o rio até às extremidades da terra.

A Bênção de Cada Tribo

Pouco mais faremos agora que transcrever as diversas bênçãos das tribos. Estão repletas da mais preciosa instrução e não requerem uma extensa exposição.

"Disse, pois: O SENHOR veio de Sinai e lhes subiu de Seir; resplandeceu desde o monte Paraã, e veio com dez milhares de santos; à sua direita havia para eles o fogo da lei. Na verdade, *amas os povos*" — origem preciosa, infalível de todas as usas futuras bênçãos! — "todos os seus santos estão na tua mão" — verdadeiro segredo da sua perfeita segurança! —; "postos serão no meio, entre *os teus pés*" — a única atitude segura e própria para eles, para nós, para cada um, para todos! —, "cada um receberá das tuas palavras." — Bendita dádiva! Precioso tesouro! Toda a palavra que procede da boca do Senhor é muito mais preciosa do que o ouro e a prata; mais doce do que o mel e os favos. —

Ruben e Judá

"Moisés nos deu a lei por herança da congregação de Jacó. E o Senhor foi rei em Jesurum, quando se congregaram os cabeças do povo com as tribos de Israel. Viva Rúben, e não morra; e que os seus homens sejam numerosos."

Nada é dito aqui da inconstância de Ruben, nada sobre o seu pecado. A graça predomina; as bênçãos fluem em rica abundância do amoroso coração d'Aquele que Se deleita em abençoar e de Se rodear de corações trasbordantes do sentimento da Sua bondade.

"E isto é o que disse de Judá: Ouve, ó SENHOR, a voz de Judá, e introduze-o no seu povo; as suas mãos lhe bastem, e tu lhe sejas em ajuda contra os seus inimigos." Judá é a linha real. "Visto ser manifesto que nosso Senhor procedeu de Judá" (Hb. 7:14), ilustrando assim, de uma maneira realmente maravilhosa, como a graça divina se eleva, em sua majestade, sobre o pecado humano, e triunfa gloriosamente sobre as circunstâncias que revelam a completa fraqueza humana. "Judá gerou de Tamar a Perez e a Zerá!" Quem senão o Espírito Santo poderia ter escrito estas palavras? Quão claramente demonstram que os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos! Que mão humana teria introduzido Tamar na linha genealógica do nosso adorador Senhor e Salvador Jesus Cristo? Nenhuma. O selo da divindade está impresso de um modo notável sobre Mateus 1:3, assim como está posto sobre cada cláusula do Sagrado Volume desde o princípio ao fim. Bendito seja o Senhor, porque á assim!

"Judá, a ti te louvarão os teus irmãos; a tua mão será sobre o pescoço de seus inimigos; os filhos de teu pai a ti se inclinarão. Judá é um leãozinho; da presa subiste, filho meu. Encurva-se e deita-se como um leão e como um leão velho; quem o despertará? O cetro não se arredará de Judá, nem o legislador de entre os seus pés, até que venha Siló; e a ele se congregarão os povos. Ele amarrará o seu jumentinho à vide e o filho da sua jumenta, à cepa mais excelente; ele lavará o seu vestido no vinho e a sua capa, em sangue de uvas. Os olhos serão vermelhos de vinho, e os dentes, brancos de leite" (Gn 49:8-12).

"E vi na destra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos. E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos? E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele. E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele. E disse-me um dos anciãos: Não chores; eis aqui *o Leão da tribo de Judá*, a Raiz de Davi, que venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos. E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro animais viventes, e entre os anciãos um *Cordeiro*, como havendo sido *morto*, e tinha sete pontas e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra" (Ap 5:1-6).

Quão altamente favorecida é a tribo de Judá! Certamente, figurar na linha genealógica da qual veio nosso Senhor é uma grande honra; e, contudo, sabemos—porque nosso Senhor mesmo no-lo tem dito—que mais bem-aventurada coisa é ouvir a Palavra de Deus e guardá-la. Fazer a vontade de Deus, guardar em nossos corações os Seus preciosos mandamentos leva-nos moralmente mais perto de Cristo do que o próprio fato de pertencer à Sua parentela segundo a carne (Mt 12:46-50).

Levi é Mencionado, mas não Simeão

"E de Levi disse: "Teu Tumim e teu Urim [luzes e perfeições] são para o teu amado, que tu provaste, em Massá, com quem contendeste nas águas de Meribá; *aquele que disse a seu pai e a sua mãe: Nunca o vi. E não conheceu a seus irmãos, e não estimou a seus filhos, pois guardaram a tua palavra e observaram o teu concerto.* Ensinaaram os teus juízos a Jacó e a tua lei a Israel; levaram incenso no teu nariz e o holocausto sobre o teu altar. Abençoa o seu poder, ó SENHOR, e a obra das suas mãos te agrade; fere os lombos dos que se levantam contra ele e o aborrecem, para que nunca mais se levantem" (versículos 8 a 11).

O leitor notará o fato de que Simeão não é mencionado aqui, embora seja tão intimamente ligado com Levi em Gênesis 49. "Simeão e Levi são irmãos; as suas espadas são instrumentos de violência. No seu secreto conselho, não entre a minha alma; com a sua congregação, minha glória não se ajunte; porque, *no seu furor mataram varões e, na sua teima, arrebatarem bois.* Maldito seja o seu furor, pois era

forte, e a sua ira, pois era dura; eu os dividirei em Jacó, e os espalharei em Israel" (versículos 5 a 7).

Ora quando comparamos Gênesis 49 com Deuteronômio 33, observamos duas coisas, a saber: responsabilidade humana, por um lado; e soberania divina, por outro lado. Além disso, vemos a natureza e os seus atos; a graça e os seus frutos. Jacó vê Simeão e Levi muito unidos em natureza e mostrando os caminhos e o temperamento da natureza. Tanto quanto lhes diz respeito, ambos mereciam a maldição. Mas em Levi, vemos os gloriosos triunfos da graça soberana. Fora a graça que habilitara Levi, nos dias do bezerro de ouro, a cingir a espada e defender a glória do Deus de Israel. "Pôs-se em pé Moisés na porta do arraial e disse: Quem é do SENHOR, venha a mim. Então, se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi. E disse-lhes: Assim diz o SENHOR, o Deus de Israel: Cada um ponha a sua espada sobre a sua coxa; e passai e tornai pelo arraial de porta em porta, e mate cada um a seu irmão, e cada um a seu amigo, e cada um a seu próximo. E os filhos de Levi fizeram conforme à palavra de Moisés; e caíram do povo, aquele dia, uns três mil homens. Porquanto Moisés tinha dito: Consagrai hoje as vossas mãos ao SENHOR; porquanto cada um será contra o seu filho e contra o seu irmão; e isto para ele vos dar hoje bênção" (Ex 32:26 - 29).

Onde estava Simeão, nesta ocasião? Estava com Levi nos dias da vontade própria, da terrível cólera e cruel ira; porque não no dia de intrépida decisão por Javé? Estava pronto a sair com seu irmão para vingar o insulto a uma família, porque o não estava para vindicar a honra de Deus, insultado como foi pelo ato idólatra de toda a congregação? Dirá alguém que não era responsável? Veja o tal como levanta uma tal questão. A chamada de Moisés era feita a toda a congregação; só Levi respondeu; e recebeu a bênção. Manteve-se a favor de Deus, em um dia sinistro e mau, e por esta causa foi honrado com o sacerdócio — a mais alta dignidade que lhe podia ser conferida. A chamada era feita a Simeão bem como a Levi, mas Simeão não respondeu. Há nisto alguma dificuldade? Para um simples "teólogo" pode haver; mas para um cristão devoto, não existe nenhuma. Deus é soberano; opera como Lhe apraz e não dá conta a ninguém dos Seus atos. Se alguém se sente disposto a perguntar: "Por que é Simeão omitido em Deuteronômio 33?" A resposta simples é esta: "Quem és tu, ó homem, que a Deus replicas?" Em Simeão vemos os atos da natureza julgados; em Levi vemos os frutos da graça premiados; em ambos os casos vemos a verdade de Deus vindicada e o Seu nome glorificado. Assim tem sido sempre; assim é e assim será. O homem é responsável; Deus é soberano. Devemos nós conciliar estas duas posições? De modo nenhum; é-nos ordenado crer nelas; estão já conciliadas, visto que aparecem lado a lado nas páginas de inspiração. Isto é bastante para todo o espírito piedoso; e quanto aos sofistas, cedo terão a sua resposta definitiva ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Para mais comentários sobre a tribo de Levi, recomendamos ao leitor os Estudos sobre o livro de Êxodo, capítulo 32 e Estudos sobre o livro de Números, capítulos 3, 4 e 8.

Benjamim

"E de Benjamim" — o filho da sua destra — "disse: O amado do SENHOR habitará seguro com ele; todo o dia o Senhor o protegerá, e morará entre os seus ombros."

Lugar bendito para Benjamim! Lugar bendito para todo o amado filho de Deus! Quão precioso é o pensamento de habitar em segurança na presença divina, em consciente proximidade do verdadeiro fiel Pastor e Bispo das nossas almas permanecendo dia e noite sob o abrigo das Suas asas protetoras.

Prezado leitor, procura conhecer mais e mais a realidade e bem-aventurança do lugar e porção de Benjamim. Não te contentes com nada menos que o gozo da presença de Cristo, com o sentimento permanente do parentesco com Ele e da Sua presença. Certifica-te disso, pois é teu privilégio. Que nada te prive disto. Mantém-te sempre ao lado do Pastor, descansando no Seu amor, deitado em verdes pastos e guiado a águas tranqüilas. Permita o Senhor que tanto o autor como o leitor destas linhas possam conhecer a profunda bem-aventurança desta verdade, nestes dias de vazia profissão e vão palavreado! Possamos nós conhecer a preciosidade inefável de profunda intimidade com Ele mesmo! Esta é a grande necessidade nos dias em que caiu a nossa sorte—dias de tanta intriga intelectual com a verdade mas de tão pouco conhecimento e verdadeira apreciação de Cristo. José

"E de José disse: Bendita do SENHOR seja a sua terra, com o que há de mais excelente nos céus, com o orvalho e com o que há no abismo, que jaz abaixo, e com as mais excelentes novidades do sol, e com as mais excelentes produções da lua, e com o mais excelente dos montes antigos, e com o mais excelente dos outeiros eternos, e com o mais excelente da terra, e com a sua plenitude, e com a benevolência daquele que habitava na sarça, a bênção venha sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos. Ele tem a glória do primogênito do seu boi, e as suas pontas são pontas de unicórnio; com elas ferirá os povos juntamente até às extremidades da terra; estes, pois, são os dez milhares de Efraim, e estes são os milhares de Manassés" (versículos 13 a 17).

No primeiro volume desta série, Estudos sobre o Livro de Gênesis, tivemos ocasião de tratar pormenorizadamente da história de José. Não vamos, portanto, entrar nela aqui. Diremos, contudo, que José é um tipo notável de Cristo. O leitor notará o modo positivo como Moisés fala do fato de ele haver sido separado de seus irmãos. José foi rejeitado e lançado numa cisterna. Passou, em figura, pelas águas profundas da morte, e desta forma alcançou o lugar de dignidade e glória. Foi tirado do cárcere para ser governador da terra do Egito e mantenedor de seus irmãos. O ferro penetrou na sua lama, e ele foi obrigado a provar a amargura do

lugar da morte antes de entrar na esfera da glória. Notável tipo d'Aquele que foi pregado na cruz, posto no sepulcro, e está agora no trono da Majestade do céu.

Não podemos deixar de ficar admirados com a plenitude da bênção pronunciada sobre José, tanto por Moisés, em Deuteronômio 33, como por Jacó em Gênesis 49. As expressões de Jacó são extraordinariamente belas: "José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte" — excelente e bela figura! — "seus ramos correm sobre o muro. Os flecheiros lhe deram amargura, e o flecharam, e o aborreceram. O seu arco, porém, susteve-se no forte, e os braços de suas mãos foram fortalecidos pelas mãos do Valente de Jacó (*donde é o Pastor e a Pedra de Israel*), pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-poderoso, o qual te abençoará com bênçãos dos céus de cima, com bênçãos do abismo que está debaixo, com bênçãos dos peitos e da madre. As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais, até à extremidade dos outeiros eternos; elas estarão sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça do que foi separado de seus irmãos" (versículos 22 a 26).

Magnífico curso de bênção! E tudo isto fluindo dos seus sofrimentos e com base neles! Desnecessário é dizer que todas estas bênçãos terão a sua realização na experiência de Israel dentro em pouco. Os sofrimentos do verdadeiro José formarão o fundamento imperecível da bem-aventurança futura dos seus irmãos na terra de Canaã; e não só isto mas a onda de bênção, profunda e plena, se estenderá dessa terra altamente favorecida, embora presentemente desolada, em potência refrigerante para toda a terra. "Naquela dia, também acontecerá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental e metade delas até ao mar ocidental; no estio e no inverno sucederá isto" (Zc. 14:8). Brilhante e bem-aventurada perspectiva para Jerusalém, para a terra de Israel, e para toda a terra! Que lamentável erro aplicar tais passagens da Escritura à dispensação do evangelho ou à Igreja de Deus! Como tudo isto é contrário ao testemunho da Sagrada Escritura, ao coração de Deus e ao pensamento de Cristo.

Zebulom e Issacar

"E de Zebulom disse: Zebulom, alegra-te nas tuas saídas; e tu, Issacar, nas tuas tendas. Eles chamarão os povos ao monte; ali oferecerão ofertas de justiça, porque chuparão a abundância dos mares e os tesouros escondidos na areia."

Zebulom deve alegrar-se na sua saída e Issacar na habitação das suas tendas. Será gozo em casa e fora dela; e haverá poder para agir também sobre os outros — para chamar o povo ao monte a fim de oferecer os sacrifícios de justiça. Tudo isto baseado no fato de que eles próprios chuparão a abundância dos mares e os tesouros escondidos na areia. Assim é sempre em princípio. É nosso privilégio regozijarmo-nos no Senhor, venha o que vier, e extrair dessas eternas origens e tesouros escondidos que se encontram n'Ele. Então estaremos em estado de alma

próprio para chamar outros a provarem que o Senhor é bom; e não só isto, mas para apresentarmos a Deus aqueles sacrifícios de justiça que Lhe são tão agradáveis.

Gade, Dã, Naftali e Aser

"E de Gade disse: Bendito aquele que faz dilatar a Gade, que habita como a leoa e despedaça o braço e o alto da cabeça. E se proveu da primeira parte, porquanto ali estava escondida a porção do legislador; pelo que, veio com os chefes do povo, executou a justiça do SENHOR e os seus juízos para com Israel. E de Dã disse: Dã é leãozinho; saltará de Basã. E de Naftali disse: Farta-te, ó Naftali, da benevolência, e enche-te da bênção do SENHOR, e possui O Ocidente e o Meio-dia. E de Aser disse: Bendito seja Aser com seus filhos, agrade a seus irmãos e banhe em azeite o seu pé. O ferro e o metal será o teu calçado; e a tua força será como os teus dias. Não há outro, ó Jesurum, semelhante a Deus, que cavalga sobre os céus para tua ajuda e, com a sua alteza, sobre as mais altas nuvens! O Deus eterno te seja por habitação, e por baixo de ti estejam os braços eternos; e ele lance o inimigo de diante de ti e diga: Destrói-o. Israel, pois, habitará só e seguro, na terra da fonte de Jacó, na terra de cereal e de mosto; e os seus céus gotejarão orvalho. Bem-aventurado tu, ó Israel! Quem é como tu, um povo salvo pelo SENHOR, O escudo do teu socorro, e a espada da tua alteza? Pelo que os teus inimigos te serão sujeitos, e tu pisarás sobre as suas alturas" (versículos 20 a 29).

Na verdade, podemos dizer que os comentários humanos são aqui desnecessários. Nada pode exceder a preciosidade da graça que é revelada nas linhas finais do nosso livro. As bênçãos deste capítulo, assim como o cântico do capítulo 32, começam e terminam com Deus e os Seus caminhos maravilhosos com Israel. É confortante e animador, além de toda a expressão, no final de todos os apelos, de todas as exortações, todos os avisos solenes, todas as declarações fiéis, todas as anotações proféticas quanto ao fracasso e pecado, juízo e ira governamental, depois de tudo isto, escutar expressões como aquelas que acabamos de citar. É na verdade um fim magnífico para este bendito livro de Deuteronomio. A graça e a verdade brilham com invulgar esplendor. Deus será ainda glorificado em Israel, e Israel será plena e para sempre abençoado em Deus. Nada poderá impedir isto. Os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento. Ele cumprirá cada sílaba da Sua preciosa Palavra a Israel. As últimas palavras do legislador dão o mais claro e completo testemunho de tudo isto. Tivéssemos nós apenas os quatro versículos finais do precioso capítulo que temos estado a considerar, e eles seriam amplamente suficientes para provar, fora de toda a dúvida, a restauração futura, bênção, supremacia e glória das doze tribos de Israel na sua própria terra.

Certo é—ditosamente certo—que o povo do Senhor pode tirar instrução, conforto e encorajamento das bênçãos pronunciadas sobre Israel. Bendito seja

Deus, nós sabemos o que é estar farto de benevolência e cheio de bênção do Senhor. Podemos sentir conforto com a segurança de que a nossa força será como os nossos dias. Também nós podemos dizer: "O Deus eterno é a nossa habitação, e por baixo estão os braços eternos." Podemos dizer tudo isto e muito mais. Podemos dizer o que Israel nunca pôde nem nunca poderá dizer. As bênçãos e privilégios da Igreja são todos celestiais e espirituais; mas isso não nos impede de achar conforto nas promessas feitas a Israel. O grande erro dos crentes professos é aplicarem exclusivamente à Igreja o que do modo mais claro se aplica ao povo terrestre de Deus. Uma vez mais temos de instar com o leitor para que esteja precavido contra este erro grave. Não deve o mínimo receio de deixar à descendência de Abraão o lugar e a parte que os desígnios e as promessas de Deus lhes têm assinalado; pelo contrário, é só quando estes são claramente compreendidos e reconhecidos plenamente que podemos fazer uso inteligente de todo o cânone do Velho Testamento. Podemos estabelecer como princípio fundamental que ninguém pode, de modo algum, entender ou interpretar a Escritura se não reconhecer claramente a grande distinção entre Israel e a Igreja de Deus.

A MORTE DE MOISÉS

Este breve capítulo forma um pós-escrito ao livro de Deuteronômio. Não se nos diz quem foi empregado como instrumento nas mãos do Espírito e por Ele inspirado; porém, isto é um assunto de pouca importância para o estudioso devoto da Sagrada Escritura. Estamos plenamente persuadidos de que o pós-escrito é tão inspirado como o resto do livro, e o livro como o Pentateuco, e tanto o Pentateuco como o conjunto do Livro de Deus.

"Então, subiu Moisés das campinas de Moabe ao monte Nebo, ao cume de Pisga, que está defronte de Jericó; e o SENHOR mostrou-lhe toda a terra, desde Gileade até Dã, e todo o Naftali, e a terra de Efraim, e Manassés; e toda a terra de Judá, até ao mar último; e o Sul, e a campina do vale de Jericó, a cidade das Palmeiras até Zoar. E disse-lhe o SENHOR: Esta é a terra de que jurei a Abraão, Isaque e Jacó, dizendo: A tua semente a darei; mostro-a para a veres com os teus olhos; porém para lá não passarás. Assim, morreu ali Moisés, servo do SENHOR, na terra de Moabe, conforme o dito do SENHOR. Este o sepultou num vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-peor; e ninguém tem sabido até hoje a sua sepultura."

Em nossos estudos sobre o livro de Números e Deuteronômio, tivemos ocasião de nos espriar sobre o soleníssimo e, podemos acrescentar, subjugador fato citado na passagem reproduzia. Não será preciso portanto acrescentar muita coisa a esta parte final. Queremos apenas recordar ao leitor que, se quiser ter um completo conhecimento de todo o assunto, deve encarar Moisés sob um duplo ponto de vista, isto é, oficialmente e pessoalmente.

Ora, considerando este amado homem em seu posto oficial, é bem claro que não estava dentro do seu cargo conduzir a congregação de Israel à terra prometida. O deserto era a sua esfera de ação; não lhe pertencia dirigir o povo através do rio da morte para a herança que lhes estava destinada. O seu ministério estava relacionado com a responsabilidade do homem debaixo da lei e do governo de Deus, e por isso nunca poderia levar o povo a desfrutar a promessa. Estava reservado ao seu sucessor fazer isto. Josué, um tipo do Salvador ressuscitado, era o instrumento designado por Deus para conduzir o seu povo através do Jordão, e estabelecê-los na posse da herança que divinamente lhes era dada.

Tudo isto é claro e profundamente interessante; mas devemos considerar Moisés pessoalmente tanto como oficialmente; e aqui devemos também encará-lo sob um duplo ponto de vista, como sujeito ao governo e objeto da graça. Nunca devemos perder de vista esta importante distinção, a qual se acha em toda a Escritura e é notavelmente ilustrada na história de muitos do amado povo do Senhor e dos servos mais eminentes. O assunto do governo e da graça requer a

mais profunda atenção do leitor. Havemo-nos detido sobre ele repetidas vezes no decurso dos nossos estudos; porém, as nossas palavras não podem expor adequadamente a sua importância moral e imenso valor prático. Consideramos este tema como um dos mais graves e oportunos para ocupar a atenção do povo do Senhor nos tempos atuais.

O governo de Deus proibiu, com firme decisão, a entrada de Moisés na terra prometida, por muito que ele o desejasse. Falara imprudentemente com seus lábios; não glorificou a Deus aos olhos da congregação nas águas de Meribá, e por isso foi impedido de cruzar o Jordão e pôr pé na terra prometida.

Consideremos isto atentamente, prezado leitor crente. Procuremos compreender plenamente a sua força moral e aplicação prática. É certamente com a maior ternura e delicadeza que nos temos de referir ao fracasso de um dos mais amados e ilustres servos do Senhor; mas este fracasso foi relatado para nosso ensino e solene admoestação, e portanto devemos prestar-lhe a nossa mais sincera atenção. Devemos recordar sempre que também nós, embora debaixo da graça, estamos sujeitos ao governo divino. Estamos neste mundo em um lugar de solene responsabilidade sob um governo com o qual se não pode proceder levemente. Decerto, somos filhos do Pai, amados com infinito e eterno amor—amados mesmo como Jesus é amado. Somos membros do corpo de Cristo, amados, acariciados e nutridos segundo o perfeito amor do Seu coração. Aqui não há questão de responsabilidade, não existe possibilidade de fracasso; tudo está divinamente determinado, divinamente seguro; mas estamos também sujeitos ao governo divino. Nunca esqueçamos, nem por um momento, isto. Guardemo-nos de idéias parciais e perniciosas a respeito da graça. O próprio fato de sermos objetos do favor e amor divino, filhos de Deus, membros de Cristo, deve induzir-nos a prestar a mais reverente atenção ao governo divino.

Para empregar uma ilustração tirada dos negócios humanos, diríamos que os filhos de sua Majestade, o Rei deveriam, mais que os outros, precisamente porque são filhos, respeitar o seu governo, e se, por qualquer causa, transgredissem as suas leis, a dignidade do governo seria posta em destaque fazendo recair sobre eles o devido castigo. Se lhes fosse permitido, por serem filhos do rei, transgredir impunemente os decretos do governo de sua Majestade, isto equivaleria simplesmente a expor o governo ao escárnio público e a dar motivo a que todos os súbditos fizessem o mesmo. E se é assim no caso do governo humano, quanto mais no caso do governo de Deus! "De todas as famílias a vós somente conheci; *portanto*, todas as vossas injustiças visitarei sobre vós" (Am 3:2). "Porque já é tempo que *comece* o julgamento *pela casa de Deus*; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus? E, se o justo apenas se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador? (1 Pe 4:17-18). Fato solene! Solene interrogação! Possamos nós considerá-la atentamente!

Mas, como havemos dito, Moisés era objeto da graça assim como do governo; e certamente a graça resplandece com brilho especial no cume de Pisga. Ali o venerável servo de Deus foi autorizado a permanecer na presença do seu Senhor, e, com olhar límpido, contemplar a terra da promessa em todas as suas belas proporções. Foi-lhe permitido vê-la desde o ponto de vista divino — vê-la não simplesmente como possuída por Israel, mas como dada por Deus.

E então? Morreu e foi reunido ao seu povo. Morreu não como velho fraco e consumido, mas ainda em todo o vigor e virilidade da perfeita natureza humana. "Era Moisés da idade de cento e vinte anos quando morreu; os seus olhos nunca se escureceram, nem perdeu ele o seu vigor." Que admirável testemunho! Fato raro nos anais da nossa raça caída! A vida de Moisés foi dividida em três períodos importantes e fortemente acentuados de quarenta anos cada. Passou quarenta anos em casa do Faraó; quarenta anos "atrás do deserto"; e quarenta anos no deserto. Vida maravilhosa! História cheia de incidentes! Quão instrutiva! Quão sugestiva! Quão rica em suas lições desde o princípio ao fim! Quão profundamente interessante é o estudo de uma tal vida! Segui-lo desde a margem do rio onde se encontra como menino desvalido até ao cume de Pisga, onde estive em companhia do seu Senhor, para admirar com límpida visão a formosa herança do Deus de Israel; e vê-lo também no monte da transfiguração em companhia do seu honrado conservo Elias, "falando com Jesus" sobre o maior assunto que jamais despertou a atenção dos homens ou dos anjos. Homem altamente favorecido! Bem-aventurado servo! Maravilhoso vaso!

E agora ouçamos o testemunho divino a respeito deste amado homem de Deus: "E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o SENHOR conheceu face a face; nem semelhante em todos os sinais e maravilhas, que o SENHOR O enviou para fazer na terra do Egito, a Faraó, e a todos os seus servos, e a toda a sua terra."

Que o Senhor, em Sua infinita bondade, abençoe o nosso estudo sobre o livro de Deuteronomio! Que as suas lições preciosas sejam gravadas sobre as tábuas dos nossos corações com a pena eterna do Espírito Santo e produzam o seu próprio resultado na formação do nosso caráter, governando a nossa conduta e moldando o nosso caminho através deste mundo! Procuremos sinceramente buscar trilhar com espírito humilde e passo firme a senda estreita de obediência até que os dias da nossa peregrinação hajam terminado!

C.H.M.